



10 ANOS DE POSEDUC/UERN

Docentes, estudantes e egressos/as narrando sua história

Arilene Maria Soares de Medeiros

Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama

Joaquim Gonçalves Barbosa

O r g a n i z a d o r e s





UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas

Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

Chefe da Editora Universitária - EDUERN

Francisco Fabiano de Freitas Mendes



Conselho Editorial das Edições UERN

José Elesbão de Almeida

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Maria José Costa Fernandes

José Cezinaldo Rocha Bessa

CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO NA FONTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Bibliotecária: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

10 Anos de POSEDUC/UERN: docentes, estudantes e egressos/ as narrando sua história [recurso eletrônico]. / Arilene Maria Soares de Medeiros; Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama; Joaquim Gonçalves Barbosa (Orgs.). - Mossoró, RN: Edições UERN, 2022.

478 p.: PDF.

ISBN: 978-85-7621-390-1 (E-book).

1. Educação - Ensino. 2. Educação - Pesquisa. 3. Docência universitária. 4. Narrativas - Educação. I. Medeiros, Arilene Maria Soares de. II. Nakayama, Bárbara Cristina Moreira Sicardi. III. Barbosa, Joaquim Gonçalves. IV. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. V. Título.

UERN/BC

CDD 371.102

Arilene Maria Soares de Medeiros
Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama
Joaquim Gonçalves Barbosa
O r g a n i z a d o r e s

10 ANOS DE POSEDUC/UERN:

**Docentes, estudantes e
egressos/as narrando sua história**



Mossoró-RN
2022

10 ANOS DE POSEDUC/UERN: DOCENTES, ESTUDANTES E EGRESSOS/AS NARRANDO SUA HISTÓRIA

© 2022 *Copyright* by Arilene Maria Soares de Medeiros, Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama e Joaquim Gonçalves Barbosa(Organizadores)

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Aos docentes, discentes e egressos/as que aceitaram o desafio de participar desta obra, narrando sua história no e com o Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN).

À professora Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), *Campus Sorocaba*, pela participação tanto na condição de autora quanto na de organizadora desta obra.

Ao professor Júlio Ribeiro Soares, Coordenador do POSEDUC/UERN, por acreditar e empenhar-se na viabilização desta obra.

À professora Meyre-Ester Barbosa de Oliveira, Diretora da Faculdade de Educação (FE/UERN), pela participação como prefaciadora da obra.

Aos profissionais que atuam na Editora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (EDUERN), pela atenção e pela agilidade.

Su ma r 10

PREFÁCIO • 11

Meyre-Ester Barbosa de Oliveira

APRESENTAÇÃO • 15

Arlene Maria Soares de Medeiros

Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama

Joaquim Gonçalves Barbosa

**ESCRITA DE SI E INVESTIGAÇÃO NARRATIVA: A REFLEXIVIDADE
AUTOBIOGRÁFICA ENQUANTO MOVIMENTO DE FORMAÇÃO • 23**

Bárbara C. M. Sicardi Nakayama

Parte I

HISTÓRIA(S) E CRESCIMENTO DO POSEDUC

**VIDAS QUE SE ENCONTRAM: CAMINHO TRILHADO ATÉ O
POSEDUC • 47**

Anaylla da Silva Lemos

**OS 10 ANOS DO POSEDUC: (RE)VIVENDO OS BASTIDORES DESSA
HISTÓRIA • 55**

Arlene Maria Soares de Medeiros

**DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO POSEDUC: UM PERCURSO MEDIADO
POR ENSINO, PESQUISA E GESTÃO • 72**

Júlio Ribeiro Soares

**ENTRE PASSOS E ESPAÇOS, DETALHES DE UMA VIDA, HISTÓRIAS
QUE VIVI • 85**

Marecilda Bezerra de Araújo

**CAMINHOS TRILHADOS NA CONSTRUÇÃO DO MESTRADO EM
EDUCAÇÃO, DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE (2009 -2011) • 99**

Maria Antônia Teixeira da Costa

ACREDITAR PARA REALIZAR: CHEGUEI NO MESTRADO! • 116

Maria Beatriz Fernandes

**A UERN COMO INSTITUIÇÃO FORMADORA E TRANSFORMADORA:
ENTRELACE DE SONHOS E VIVÊNCIAS • 131**

Mie Nakayama Dantas da Silva

PERGUNTAS MAIORES DO QUE EU... • 142

Míria Helen Ferreira de Souza

**É TEMPO DE TRAVESSIA: CAMINHO AO POSEDUC, UM PERCURSO QUE
NÃO SE FAZ SOZINHO • 154**

Mônica Barbosa Canuto

Parte II

Casos de Êxito e Empoderamento no POSEDUC

**REVISITANDO MEMÓRIAS: NARRATIVA DE MINHA TRAJETÓRIA
ACADÊMICA E PROFISSIONAL • 173**

Adrielly Benigno de Moura

**DE EGRESSO A PARTICIPANTE NA GESTÃO DO POSEDUC-UERN: O
QUE MINHA RELAÇÃO COM ESSE PROGRAMA TEM A DIZER? • 189**

Allan Solano Souza

**MINHAS MEMÓRIAS: OLHARES, SENTIDOS, SABERES E EXPERIÊNCIAS
VIVIDAS NO POSEDUC/UERN • 205**

Antonia Rilzonete de Castro Batista

**FAZER-SE PESQUISADOR: REFLEXÕES E VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO
POSEDUC/UERN • 221**

Bruno Layson Ferreira Leão

**DE CRISÁLIDA À BORBOLETA: O POSEDUC COMO ESPAÇO DE
METAMORFOSE • 238**

Clédna Kalyne Medeiros Dantas Alves

**VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA TRAJETÓRIA DO PROCESSO
FORMATIVO ▪ 254**

Geniclébia de Oliveira Augusto

POSEDUC/UERN DEZ ANOS: O PERCURSO QUE VIVI ▪ 266

Joaquim Gonçalves Barbosa

**FUI E AINDA SOU: PERCURSOS DISTINTOS EM BUSCA DE ENTENDER O
SABER ENSINAR O OUTRO A LER ▪ 283**

Karina Maria da Silva Souza

**MEANDROS FORMATIVOS: DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO POSEDUC/
UERN – A HISTÓRIA QUE SE FAZ ENTRE SUJEITOS, CONTEXTOS E
VIVÊNCIAS ▪ 290**

Luzitana Saraiva de Oliveira Almeida

**REMEMORANDO CAMINHOS QUE TRILHEI A PARTIR DA ESCRITA
REFLEXIVA DA NARRATIVA ▪ 306**

Maria Margaret da Silva

**NARRATIVAS DE UMA MESTRANDA EM FORMAÇÃO:
RESSIGNIFICANDO OLHARES E APRENDIZADOS ▪ 321**

Tayná da Silva Sales

Parte III

NARRATIVAS E ESCRITA DE SI NO POSEDUC

**DE TIRA E DE NÓ O TAPETE É UM SÓ: NARRATIVAS FORMATIVAS DE
UMA AGULHA DE PALOMBAR ▪ 335**

Edna Maria de Oliveira

MEMÓRIAS DE MIM: TECENDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA ▪ 348

Eletrissandra Rodrigues Reis

**COAUTORIZAÇÃO DE SI EM PROCESSO E DEVIR: VIVÊNCIAS COM O
POSEDUC ▪ 364**

Érica Renata Clemente Rodrigues

**MEMÓRIA DAS TRAJETÓRIAS FORMATIVA E PROFISSIONAL: DOS
CAMINHOS PERCORRIDOS AO SONHO REALIZADO ▪ 376**

Francicleide Cesário de Oliveira

**ENTRE FIOS E MEADAS: MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE ▪ 393**

Iandra Fernandes Caldas

**SOMOS O QUE CONTAMOS: MEMÓRIAS DE MINHA FORMAÇÃO,
GRADUAÇÃO E INGRESSO NO POSEDUC/UERN ▪ 410**

Selma Mendonça Bezerra

**QUANDO MEUS PASSOS CAMINHAM ENTRE TRAJETÓRIAS,
NARRATIVAS E AUTOBIOGRAFIA ▪ 424**

Sérgio Ricardo Moura Mendes

**RASCUNHOS DE SI: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS
(TRANS)FORMADORAS ▪ 433**

Serjane de Queiroz Vale Dantas

**ESCRITA DE SI NO PROCESSO FORMATIVO: REFLEXÕES SOBRE O
CONSTITUIR-SE PESQUISADORA NO ÂMBITO DO POSEDUC/UERN ▪ 446**

Thayse Mychelle de Aquino Freitas

**O POSEDUC EM MINHA VIDA: ENTRELAÇAMENTOS, ESTRANHAMENTOS
E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS ▪ 463**

Valdicley Euflausino da Silva

**DO SONHO À REALIDADE: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA
DURANTE O MESTRADO ACADÊMICO NO POSEDUC/UERN ▪ 468**

Zenileide Rejane de Azevedo

PREFÁCIO

Meyre-Ester Barbosa de Oliveira

Fisicamente, habitamos um espaço,
mas, sentimentalmente,
somos habitados por uma memória.

José Saramago

A epígrafe extraída da crônica “Palavras para uma Cidade”, do livro “O Caderno”¹, de José Saramago, na qual o autor narra, com certo tom de nostalgia, algumas reminiscências sobre a cidade de Lisboa, onde residiu grande parte de sua vida, alude à relação afetiva que construímos, direta ou indiretamente, não apenas com as pessoas, mas fundamentalmente com o contexto e o espaço nos quais estamos inseridos. Essa simultaneidade entre o ser e o espaço é que tornaria possível a transformação recíproca: “O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar.” (SARAMAGO, 2009)

A memória, que para Saramago articula espaço e tempo, seria também o “lugar” no qual residimos, ilhados entre dois mares: um que denominamos passado e o outro, futuro. Seria então a memória pessoal que nos permitiria

¹ ‘O caderno’ é um livro, de autoria de José Saramago, que reúne textos/crônicas publicadas em seu blog, entre 2008 e 2009, constituindo um diário intelectual e sentimental do autor. (Cf. SARAMAGO, José. O caderno. Companhia das Letras, 2009).

navegar no mar do passado, memórias que por sua vez remetem a um “espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo” aberto a um permanente vir a ser.

Me parece ser este o espírito da obra prefaciada - inventariar as relações entre pessoas, objetos e contextos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a fim de não apenas registrar o marco da primeira década, mas também de prospectar o futuro de um Programa de Pós-graduação incrustado no semiárido nordestino e que tem como finalidade acadêmica e científica a formação de pesquisadores em Educação para atuar em contextos locais. Concebo-a, assim, como um chamado ético-político que evoca os sujeitos que têm/tiveram suas vidas enredadas nesse espaço/tempo à responsabilidade de rememorar o percurso histórico e formativo do programa por meio de suas narrativas, com o intuito de (re)construir as experiências desses sujeitos nas suas relações consigo, com o outro, com a pesquisa e com o programa.

Para tanto, os organizadores da obra instigaram docentes, discentes e egressos, a uma atividade crítico-reflexiva sobre as aprendizagens, experiências e vivências no POSEDUC. Não se trata apenas de dar a voz aos sujeitos, mas de ouvi-los, a partir de uma narrativa que remete ao passado, mas sempre pautada por um olhar do presente, num movimento que é simultaneamente regressivo e progressivo (PASSEGI, 2010)², mediado pela linguagem, posto

² PASSEGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

que é sempre interpretação, produção de sentidos. Nessa acepção, recorrer à memória não significa compreendê-la como um arquivo no qual é possível acessar ao passado, mas como um processo de reconstrução marcado pelo incessante movimento de lembrar, esquecer e recriar. Assim, no processo de rememorar os percursos, outros sentidos são atribuídos a estas experiências, uma vez que o espaço (auto)biográfico é por excelência *um campo de negociação de sentidos, um território de disputa de significados*³.

Como resultado desse empreendimento, temos uma obra composta por produções que ensaiam diversas formas/modos de ler/escrever/narrar os itinerários formativos, incluindo dimensões políticas, sociais, culturais, históricas, de gênero e de raça de suas trajetórias que não se hegemonomizam, mas que tensionam e produzem/evidenciam singularidades intersubjetivas, sempre potentes de outros devires. Essas vozes hibridizadas entrecruzam memórias, emoções e afetos perpassados por leituras outras, que recompõem a partir de diferentes perspectivas a trajetória do/no programa, exprimindo *a travessia transformadora que é ao mesmo tempo individual e coletiva*.

Um olhar flutuante sobre os textos nos permite evidenciar *o caráter subjetivo da narrativa*, que deixa emergir os andaimes dos percursos, *descortinando possibilidades sobre a formação através do vivido*, constituindo uma memória que é ao mesmo tempo individual e coletiva, já que *não serão apenas minhas lembranças, mas também daqueles que comigo trilharam os caminhos de sua construção*. Nesses percursos mediados pelo *ensino, pesquisa e gestão*

³ A fim de estabelecer uma interlocução com os autores, uso no prefácio alguns excertos dos textos que compõem a obra e que aparecerão em itálico para marcar a hibridação dos discursos.

emergem *recordações, vivências singulares e aprendizagens de si*, que geram, por meio da *autoescuta*, o *empoderamento* e o reconhecimento dessas mulheres/homens como autoras/es dos textos e de suas próprias vidas e a compreensão de que *o sujeito se transforma enquanto narra*. E assim, esse *mergulho para perscrutar o seu íntimo - a descoberta de que sou um ser em formação constante - se dá como construção diária tecida nos fios da vida*.

É nesse entrecruzamento de lugares, pessoas e sentimentos que são tecidas as narrativas, *através de um olhar munido de afeto pelo caminho percorrido*, o que, segundo as autoras/res, *permitiria se reconhecer no processo*. É em tudo isso que reside a beleza e a relevância da obra.

14 Ao compreender que a continuidade de um texto polifônico depende do leitor que o lê, na medida em que “a leitura participa da própria criação, já que é um diálogo com o texto” (HELLMANN, 2010, p.10)⁴, deixamos ao leitor o duplo convite, de dar continuidade, via interlocução e produção de novos/outros sentidos/memórias; mas igualmente o de assumir a responsabilidade e a continuidade do legado, compreendido numa perspectiva derridiana, como memória filosófica, no sentido de reafirmação, único modo de mantermos viva a herança, nesse caso, *do sonho coletivo de interiorização da pós-graduação stricto sensu*.

Viva o POSEDUC! Que venham as próximas décadas!

Mossoró, 25 de novembro de 2022.

Meyre-Ester Barbosa de Oliveira

Diretora da Faculdade de Educação - FE/UERN

⁴ HELLMANN, Risolette Maria. O olhar pós-moderno: uma leitura de Palomar. **Anuário de Literatura**, vol. 15, n. 1, 2010, p. 49.

APRESENTAÇÃO

Arlene Maria Soares de Medeiros
Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama
Joaquim Gonçalves Barbosa

Esta obra tem como objetivo registrar os 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), assumindo como finalidade reviver o percurso histórico e formativo vivenciados por docentes, discentes e egressos/as do referido programa, neste período. O POSEDUC se apresenta como um marco de formação acadêmica e profissional com forte inserção social na região em que está inserida. Já formou mais de duzentos mestres que atuam na Educação Básica ou no Ensino Superior no Rio Grande do Norte e outros estados da região Nordeste, além de grande número de egressos/as que puderam continuar, e muitos continuam, seus estudos em cursos de doutoramento em Programas reconhecidos pela CAPES, na região e no país.

À luz das narrativas de docentes, discentes e egressos/as, a história do POSEDUC pôde ser resgatada a partir do olhar e da relação que os sujeitos participantes dessa história tiveram ou, ainda, tem com ele. As narrativas, neste sentido, se apresentam como recurso de escrita que possibilita a expressão e afirmação do sujeito e, no presente caso, carregada de sentidos que, entrecruzando, oportunizam tornar visíveis as marcas, os andaimes e os êxitos, de uma construção histórica de tamanha proporção para os sujei-

tos envolvidos e para a região. Nossa aposta é, que, pela leitura das narrativas aqui apresentadas, o leitor possa visualizar o POSEDUC em sua relevância tanto para os sujeitos que narram quanto para a região que, de modo particular, está situada no interior do estado do Rio Grande do Norte, no nordeste brasileiro.

A produção das narrativas aqui apresentadas se deu no interior do VII SIMPOSIO POSEDUC, em homenagem ao centenário de Paulo Freire, tendo como tema **Educação libertadora e autonomia no ensino remoto**, mais propriamente no Grupo de Trabalho 04 cuja temática foi a proposição de debate e resgate histórico do POSEDUC por ocasião dos 10 anos de existência. O referido GT coordenado por nós ficou definido através de três eixos temáticos: História(s) e crescimento do POSEDUC; Caso de êxito e empoderamento no POSEDUC; Narrativas e escrita de si no POSEDUC, todos tendo como questão de fundo o Programa como de pertença de formação acadêmica e formação de si como sujeito. Como forma de provocação para escrita das narrativas, apresentamos algumas questões que poderiam servir como dispositivo provocador e direcionador da escrita. Foram elas: que história escolho narrar? O que esta história fez comigo enquanto pesquisadora e/ou profissional da Educação? O que faço agora com esta história?

Entendíamos que, em geral, um texto narrativo apresenta três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Quanto a isso, poderia assemelhar-se a qualquer outro texto. No entanto, foi proposto que essas partes não deveriam ser subdivididas como em um trabalho estruturado em seções, mas, sim, compor um relato em sequência. Assim, o texto deveria iniciar-se com uma apresentação, seguida do desenvolvimento da reflexão a qual, por sua vez, deveria

estar organizada em temas que correspondessem às vivências, aprendizagens que escolheu pautar e compartilhar. Não foi apresentado um gabarito ou roteiro fechado para se compor a própria narrativa. Ficou em aberto para optar por apresentá-la cronologicamente, a partir de temas ou assuntos, grau de relevância ou outro critério de escolha dos/as narradores/as. Entendíamos que essa é a beleza e a potência das narrativas: nelas se revelam nossas opções acerca do que vemos, do que somos e do que optamos por colocar em diálogo. Dessa maneira, o eixo central da narrativa devia referir-se ao processo reflexivo sobre as aprendizagens, experiências e vivências no POSEDUC, este contribuindo de forma significativa para operar mudanças no sujeito em questão e em sua prática.

Esta obra expressa experiências, acontecimentos tecidos no decorrer dos 10 anos do POSEDUC. É narrando sobre o POSEDUC que conseguimos projetá-lo para além da UERN, tornando público um movimento que passa por fases (criação, implementação e consolidação). É narrando sobre o POSEDUC que muitos terão a oportunidade de conhecer sua história, suas dificuldades e conquistas institucionais e pessoais dos sujeitos envolvidos. É narrando que o POSEDUC será lembrado em seus dez primeiros anos de vida. É história contada à luz das narrativas dos sujeitos envolvidos. São muitos ditos sobre o POSEDUC, os quais trazem as marcas, as aprendizagens, as singularidades de seus/suas autores/as.

Trinta e uma narrativas compõem esta obra, a qual se soma a duas outras obras que também tiveram como objetivo registrar a história do POSEDUC, a saber: ***Interiorizando a Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação no Rio Grande do Norte: desafios e perspectivas*** (2010);

Cooperação acadêmica no Ensino e na Pesquisa em Educação (2017), ambas organizadas pelos docentes Arlene Maria Soares de Medeiros e Joaquim Gonçalves Barbosa. A primeira explicita os bastidores do processo de criação do POSEDUC, os debates construídos, os movimentos engendrados coletivamente no interior da Faculdade de Educação. A segunda procura demonstrar e registrar a cooperação acadêmica por meio do Doutorado Interinstitucional (DINTER em Educação) entre a UERN e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) entre Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), UERN, Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL), reportando-se a uma fase próspera do POSEDUC na qual busca parceria na formação e na pesquisa acadêmico-científica.

18

Quem são os/as narradores/as dos 10 anos do POSEDUC? Esta obra está constituída basicamente por mulheres, compreendendo um universo de 82% da produção das narrativas. Quanto à formação dos/as narradores/as, 67% tem formação em Pedagogia, seguidos dos cursos de Letras e Geografia com 6% em cada um deles; 9% dos/as narradores/as com duas formações. Dentre as linhas de pesquisa do POSEDUC com maior participação na produção das narrativas foi Políticas e Gestão da Educação, totalizando um percentual de 64%, a de Formação Docente e Profissional Docente com 21% de participação e, por último, a linha de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, com 15%.

A presente obra está composta de três partes. Antecedendo tais partes, encontra-se a excelente contribuição da professora Bárbara Sicardi Nakayama, que propõe, através da narrativa de seu percurso vivido e institucionalmente

enraizado, apresentar os constructos e a epistemologia que dão sentido as narrativas autobiográfica, de modo particular, no campo da formação e da pesquisa formativa.

Na primeira parte da obra, ***História(s) e crescimento do POSEDUC***, os/as autores discorrem em uma perspectiva histórica que realça os bastidores da criação/implementação do POSEDUC, entendendo-a como construção coletiva que contou com a força e determinação dos/as docentes pesquisadores/as da Faculdade de Educação e de outras Unidades Acadêmicas, do apoio institucional da UERN. O crescimento do POSEDUC alia-se ao processo da pesquisa (inter)institucional por meio do apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (SUPERIOR), induzindo a interação entre programas consolidados e em fase de consolidação, o que gera formação pós-graduada de excelência. Além disso, há reflexões de como chegaram ao POSEDUC, que investimentos pessoal e profissional fizeram, desvelando trajetórias, experiências, questionamentos existências e sonhos. Das nove narrativas que compõem esta parte da obra, três são escritas por docentes do POSEDUC, quatro por mestrandas e duas por egressas.

Na segunda parte, ***Casos de êxito e empoderamento no POSEDUC***, os/as autores/as trazem à tona, em grande medida, as condições concretas de existências que estão perpassadas pela pobreza, fome e miséria, cujo horizonte de melhoria de vida é a educação. O POSEDUC entra como possibilidade de êxito e empoderamento dos sujeitos, em que revelam descobertas e assumem posturas autorais. Estão presentes narrativas que falam desde a escuta do processo e seus sentidos; a reafirmação de si no POSEDUC; de egresso que atua no programa; do profundo processo de

formação e afirmação na vida, não só acadêmica, entendendo o Programa como espaço/tempo de metamorfose. Enfim, criação de si tanto na perspectiva acadêmica, quanto existencial. Do conjunto de onze narrativas, duas são feitas por docentes do POSEDUC, sendo que um é também egresso; cinco por egressos/as, inclusive três já cursam seu doutoramento e quatro por estudantes.

Na terceira e última parte da obra, ***Narrativas e escrita de si no POSEDUC***, os/as autores/as trazem as memórias de si, as quais são revividas por meio relatos e experiências formativas e profissionais, refletindo sobre o POSEDUC como uma conquista de si, como um processo de co-autorização de si. É o POSEDUC se transformando, para muitos/as, no sonho concretizado. Onze narrativas compõem essa parte, sete são de egressos/as, sendo que duas egressas já são doutoras e duas doutorandas, quatro de estudantes.

Considerando todo processo de proposição, criação e produção de narrativas por partes dos envolvidos com o POSEDUC, esta obra se encontra à disposição de todos/as. Esperamos que apreciem, por um lado, o registro das marcas e dos sentidos vividos pelos sujeitos e, por outro, as marcas, os sentidos, potencialidades, complexidade e envigadura que é o POSEDUC/UERN. Ainda uma outra contribuição que almejamos com a presente obra é experimentar e evidenciar a produção de narrativas como potência de escrita capaz de resgatar e (re)viver a significação para si das experiências vividas, como também, o resgate da história social e educacional de uma instituição, no caso o POSEDUC/UERN. Que o prazer da leitura os conquiste como a nós conquistou o prazer da invenção, criação e apresentação do presente trabalho. Boa leitura a todos e todas!

Referências

MEDEIROS, Arilene Maria Soares de; BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org). *Cooperação acadêmica no ensino e na pesquisa em educação*. 1.ed. Mossoró: EDUERN, 2017.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares de; BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.) *Interiorizando a pós-graduação stricto sensu em Educação no Rio Grande do Norte: desafios e perspectivas*. 1. ed. Mossoró: Edições UERN, 2011.

SOARES, Magda. *Metamemória-memória: travessias de uma educadora*. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1990.

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interações*. Nº. 18, pp. 204-228 (2011). Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>



ESCRITA DE SI E INVESTIGAÇÃO NARRATIVA: A REFLEXIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA ENQUANTO MOVIMENTO DE FORMAÇÃO

Bárbara C. M. Sicardi Nakayama¹

A tarefa de redigir este texto para integrar o livro que celebra os 10 anos do POSEDUC me alavanca para um movimento de resgate e reflexão sobre as experiências de vida e formação que constituem a profissional que sou hoje. Assim, escrevo imbuída pelo desejo de partilhar as aprendizagens mobilizadas por ocasião da leitura das narrativas que integram esta obra na perspectiva de convidar os leitores a realizarem comigo um exercício de reflexividade sobre si e sua própria história formacional a partir das tramas que se compõem pelos atravessamentos que as escritas aqui publicadas promovem e juntos pautarmos questões que alicerçam a investigação narrativa. Trata-se do esforço de apresentar o entrelaçamento ente as histórias de vida e as marcas institucionais e formacionais que vão sendo registradas no percurso.

O exercício aqui realizado se firma, portanto, na abordagem biográfica que considera toda prática social

23

¹ Pós-doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Docente do Departamento de Ciências Humanas e Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFSCar, Campus Sorocaba. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN). E-mail: barbara@ufscar.br

(humana), seja ela escolar ou não, enquanto experiência educativa. Esse é um conceito pautado na Sociologia Compreensiva e se firma no campo da Educação e a investigação narrativa adota esse princípio para se constituir como campo e espaço de investigação. Dessa forma, toda prática social é educativa, carregada de valores, percepções, posicionamentos políticos, escolhas, ideias, enfrentamentos e de (in)formações.

Mas afinal, o que entendemos por espaço (auto)biográfico? Esse espaço é estruturado a partir de princípios epistêmicos no que diz respeito à aprendizagem, à formação, à existência humana, ou seja, se configura como um campo de negociação de sentidos, um território de disputa de significados, assim como é um espaço que também se alicerça a partir de princípios metodológicos. Existe um jeito de produzir conhecimento sobre si e sobre os outros, existe um rigor peculiar a esse espaço, a essa maneira de compreender as relações humanas e compreender o processo educativo. Logo, o espaço (auto)biográfico se configura a partir da combinação de aspectos conceituais, políticos e metodológicos.

Enquanto campo de investigação, o espaço (auto)biográfico busca se alicerçar por meio de diferentes gêneros biográficos e autobiográficos que a partir de dispositivos e estratégias pautam a escrita e a escuta de si. Neste movimento, contamos com autores que nos auxiliam a compreender que o estudo das trajetórias e os percursos biográficos vão permitir o desvelar do interlocutor e dos processos de aprendizagem de quem narra. Desse modo, precisamos de fundamentos que nos auxiliem a melhor compreender como realizar uma escuta sensível e clínica de processos de aprendizagem, assim como de referenciais que nos deem

suporte para a realização de pesquisas nesta perspectiva, legitimando-a cientificamente.

Pensada nesta perspectiva, a formação humana se realiza, portanto, numa tríplice relação entre autoformação, hetero ou ecoformação e co-formação. Autoformação é o movimento que cada sujeito promove para constituir-se; hetero ou ecoformação se dá por meio das interações numa simbiose entre singularidades e pluralidades; co-formação se realiza por meio das interações que estabelecemos com os outros e a partir das corresponsabilidades compartilhadas entre os pares pela formação do grupo em termos sistêmicos. Vista deste modo, a formação não é entendida de maneira linear ou unidirecional. Ela se dá por meio das relações tantas que se estabelecem para compor as experiências formativas nas práticas educativas.

Resgatar e atribuir sentidos a estas experiências, de alguma maneira acaba por colocar em evidência as suas potencialidades e indicam possibilidades de aprimoramento de ações. Assim, a escrita sobre o percurso profissional que trilhei é também impulsionada pelo desejo de alçar novos voos a partir das aprendizagens decorrentes das esferas de atuação relacionadas a atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, as quais destaco aqui aquelas que considero neste momento mais significativas.

O critério aqui utilizado para a escolha das situações a serem narradas considera como requisito pautar os acontecimentos que, pela sua significação, são entendidos como “divisores de águas”, pois delimitam etapas da vida em que me percebo mudando de atitude e/ou pensamento. Assim, cada uma das situações será nomeada em função de suas características e significações particulares, integrando dimensões da vida acadêmica, profissional e familiar.

Por fim, cabe ainda dizer que a estrutura textual será também encadeada com comandas que objetivam adensar as relações entre a minha profissionalidade no campo da Formação de Professores, sem perder de vista as dimensões de atuação nas esferas do Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão no Ensino Superior.

O que ocorreu em minha infância e juventude que contribuiu para que eu me constituísse na profissional que sou hoje?

Sou a terceira filha de um imigrante italiano que veio ao Brasil à procura de melhores oportunidades de trabalho. Era tapeceiro artesão e diuturnamente ficava em sua oficina para nos proporcionar uma vida melhor. Minha mãe cuidava sozinha da rotina da casa, garantindo o cuidado com roupas sempre limpas, alimentação saudável, acompanhamento de tarefas escolares e sempre que possível participava de maneira sempre afetuosa das brincadeiras de menina que compunham a nossa rotina recheada de bonecas, panelinhas, casinhas de tecido, cantigas de roda, lousa, giz e alguns poucos livros. Zelava por nossa frequência incondicional à escola (pública) assim como pelo cumprimento das lições e obtenção de boas notas nas provas. Os fins de semana sempre nos reservavam a alegria de estarmos juntos, geralmente no entorno da mesa produzindo pães, bolos e muito macarrão, garantindo aprendizagens e trocas compartilhadas de saberes e sabores da vida. Com meus pais, aprendi, desde cedo, que estar inteiro em um projeto, assim como o bom planejamento e empenho na realização dos compromissos, aliados ao trabalho colabo-

rativo, potencializam as chances de nos realizarmos pessoal e profissionalmente.

Minhas irmãs mais velhas eram professoras alfabetizadoras e talvez por inércia fiz o magistério - antigo CEFAM. Via nelas boas referências profissionais e tive a chance de também com elas me apropriar de estratégias de ensino voltadas para a alfabetização e numeralização numa perspectiva contextualizada. As questões relacionadas às condições de trabalho perpassavam sempre as conversas e era evidente em suas casas o quanto do trabalho da escola não terminava no fim de um dia de aula. Papéis, diários, latas de lápis de cor e borracha, cadernos, livros, cartolinas, tesouras e mais uma infinidade de materiais didáticos compunham as estantes e mesas de trabalho.

A graduação em Pedagogia na UFSCar me oportunizou, ainda em curso, o primeiro contato com a sala de aula na suplência docente. Foram muitas as oportunidades para assumir aulas no Ensino Fundamental. Compartilhar conhecimentos com profissionais mais experientes, ter acesso à literatura clássica da área da Educação e, a partir das aulas de metodologia, compor um “portifólio” com possibilidades de aulas são marcas bastante presentes desse período. O sentimento e o desejo de querer acertar compunham a minha busca por aprimorar conhecimentos e técnicas que me possibilitassem bem conduzir a gestão da aprendizagem em sala de aula.

Concluí a graduação já aprovada em concurso público e assim assumi o cargo para dar aula como alfabetizadora na rede municipal de São Carlos em uma escola de periferia numa turma com 42 crianças. A experiência só não foi mais desastrosa, porque também havia sido aprovada no mestrado e lá tinha a chance de dialogar com outros

profissionais que haviam “sobrevivido” ao primeiro ciclo da docência. Minha orientadora do mestrado trabalhava com “casos de ensino” como estratégia de aula e produção de dados – algo relativamente novo naquele contexto. Desse modo, percebi pela primeira vez na “escrita” a chance de pautar os meus dilemas da prática pedagógica.

Quais recordações referência me constituem e me encaminham para o campo da formação de professores?

A graduação foi decisiva para promover meu encontro com o campo da formação de professores. À época, meu pai já havia falecido e minha mãe dividia comigo o que recebia de sua pensão para que eu pudesse me manter em São Carlos. Logo no primeiro ano, em busca de algum tipo de subsídio, tive a chance de participar como bolsista de um grande projeto diagnóstico da rede municipal de ensino de São Carlos, compilando dados referentes aos seus servidores. Uma das dimensões do projeto voltava-se para a composição de um mapa da formação profissional dos professores e foi aí que fui fisgada e passei a buscar outras oportunidades na universidade relacionadas a essa temática. Assim, também enquanto bolsista tive a chance de participar de encontros de formação continuada de professores oferecidos à rede pública estadual. Reconheço em ambas situações, para além de questões formativas em termos profissionais relacionadas ao campo da pesquisa e da extensão, oportunidades de permanência na universidade com vistas a conclusão de meu curso.

O ingresso no mestrado em Educação, na linha de pesquisa Metodologia de Ensino, me inseriu no bojo das

discussões teóricas sobre formação docente que à época colocavam em xeque a potencialidade da racionalidade técnica. Tive acesso a literaturas internacionais, cursei um número expressivo de disciplinas e, movida pelo desejo de bem conhecer o campo, mergulhei nos estudos, deparando-me com a abordagem multirreferencial como oportunidade de pautar a subjetividade e as relações humanas no processo de produção do conhecimento.

Foi no doutorado em Educação que pude efetivamente desenvolver uma pesquisa numa abordagem que se propõe a romper com a lógica da razão instrumental. Mesmo diante de leituras incipientes sobre a multirreferencialidade e o então chamado método biográfico, pude pautar a voz dos formadores de professores a partir de suas experiências de vida e formação num movimento quase que hercúleo no contexto de uma linha de pesquisa que integrava um campo ainda em consolidação - a Educação Matemática. Destaco ainda outra grande aprendizagem desse período e que hoje compõe minha lógica de trabalho, que é o conceito de parceria e colaboração que preconiza a dinâmica do PRAPEM - grupo de pesquisa ao qual estive vinculada e que oportuniza a troca de saberes entre pesquisadores, mestrandos, doutorandos e profissionais do ensino em serviço.

Nesse sentido, as recordações charneiras que me constituem integram experiências que pautam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão, inclusão e gestão, assim como o necessário adensamento teórico como condição para a produção de conhecimento e a parceria colaborativa como princípio da formação docente.

A história da abordagem (auto)biográfica é muito recente, sobretudo se olharmos para a ciência clássica. Na

década de 1980, essa discussão sobre a necessidade de produzir conhecimento nas perspectivas sócio-histórica, existência, de pautar a escuta e a escrita de si, intensifica-se na Europa e no Canadá. A partir do início dos anos 2000, há uma expansão de investigações em relação às temáticas de pesquisa vinculadas à profissão, à profissionalização e à identidade profissional docente e, com isso, alguns grupos se consolidam em São Paulo, no Rio Grande do Sul, na Bahia e no Rio Grande do Norte.

Na década de 1980, o discurso era: “Temos que dar voz ao professor”. A abordagem (auto)biográfica não diz que tem que dar a voz, mas tem-se que ouvir a voz. O professor, a mulher negra, os gays, os indígenas, a população quilombola, os pobres, todos eles têm voz. A diferença é que as suas vozes não são as vozes desejáveis como parâmetro, como referência. Esta é a diferença. Dessa forma, esses grupos se fortalecem porque eles têm como atitude e como escolha atribuir um maior valor às vozes que não são ouvidas. As pessoas têm vozes. Esse é o marco desses grupos.

Trabalhar com narrativas na pesquisa e no ensino é partir para a desconstrução e (re)construção das próprias experiências, tanto do professor e do pesquisador como do sujeito da pesquisa. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta.

Outro aspecto importante a se destacar diz respeito ao fato de o trabalho com as narrativas ser profundamente formativo. Essa compreensão, provavelmente, é que tem feito a pesquisa qualitativa tornar-se, mesmo sem a intenção precípua de fazer uma intervenção, em uma alternativa de formação, em pesquisa-formação. Ao mesmo tempo que o sujeito organiza suas ideias para o relato – quer escrito, quer oral – ele reconstrói sua experiência de forma reflexiva.

A opção feita pela utilização das narrativas aponta, portanto, para uma concepção de pesquisa em que os objetivos desta e da formação estão imbricados, exigindo, assim, uma negociação entre os sujeitos desse processo: pesquisadores e autores. Por esse motivo, entende-se que as designações “biografia educativa” ou “narrativa educativa” talvez sejam mais adequadas para o processo de construção de narrativas centradas na formação e nas aprendizagens de seu ator-autor. Nessa perspectiva, o interesse da biografia educativa está menos na narrativa propriamente dita do que na reflexão que permite a sua construção (JOSSE, 2004). É nessa perspectiva que Passeggi e Souza (2016, p.11) indicam:

As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizados de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções.

Na atualidade, temos a abordagem (auto)biográfica se expandindo e especialmente vemos que América do Sul, América do Norte e Europa possuem centros de pesquisas muito bem estruturados na relação com a temática. A comunidade de pesquisadores tem se ampliado e os programas de pós-graduação têm formado pesquisadores nessa abordagem, que vão para novos programas de pós-graduação fortalecendo os vieses do biográfico nas linhas de pesquisa.

Como eu me constituo na relação com o campo de investigação de formação de professores?

A conclusão do mestrado me oportunizou ingressar na docência do ensino superior e atuar diretamente na formação de professores em diferentes cursos de licenciatura e instituições. Novamente me vi professora iniciante, agora num novo contexto de atuação.

Na Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, pude efetivamente me firmar como formadora de professores, atuando nos cursos de licenciatura e na pós-graduação *lato sensu*. Embora movida por tamanho entusiasmo no que diz respeito ao campo da formação e atuação docente, diariamente enfrentava desafios decorrentes da rotina e demandas institucionais que eu ainda não dominava. O embate com as perspectivas de profissionais de diferentes áreas que por vezes manifestavam o entendimento das disciplinas pedagógicas como perfumaria me incomodava e, muitas vezes, me vi caindo nas ciladas conceituais que os colegas me apresentavam. Em função de meu posicionamento sempre contundente em defesa da formação docente, assumi na instituição cargos de gestão.

Pude atuar enquanto Coordenadora de Estágios dos cursos de Pedagogia e Matemática da UMESP, coordenando atividades organizacionais e administrativas, concebendo e atualizando os prontuários dos alunos, emitindo cartas de apresentação, avaliando contratos das atividades, mantendo contato com os Supervisores de Estágio para acompanhar e avaliar o desenvolvimento das atividades, assim como desenvolvendo projetos de parcerias com agências educacionais, zelando pelo registro das ações desenvolvi-

das e encaminhando os documentos relativos à finalização dos estágios à Secretaria Acadêmica da Universidade.

Também tive a chance de assumir o cargo de assessora de Ensino da Vice-Reitora Acadêmica da UMESP, atuando diretamente na coordenação de projetos de Educação Continuada de professores, no acompanhamento de processos de Reconhecimento de Cursos oferecidos pela instituição, na formulação e revisão de Projetos Pedagógicos dos cursos à luz das Diretrizes Curriculares definidas pelo Ministério da Educação, na discussão de políticas para a regulamentação das ações voltadas para a realização dos Estágios Profissionais e dos Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação nas diferentes Faculdades, na programação de dinamização de ações formativas dos Coordenadores de Curso, na busca de parcerias com as Secretarias de Educação dos Municípios e Estado de São Paulo, na dinâmica dos grupos de Planejamento Estratégico, Avaliação Institucional e Câmara de Graduação de Sequenciais da UMESP, dentre outras atividades.

A UMESP ainda me oportunizou a chance de, enquanto docente, integrar a equipe de planejamento, implementação, acompanhamento e avaliação dos cursos de Pedagogia, Letras e Ciências Sociais na modalidade EaD, trabalhando diretamente com o desenvolvimento de materiais didáticos (guias de estudos impressos, audiovisuais e digitalizados) para a EaD, com a elaboração e coordenação de projetos e atividades no âmbito EaD, teleaulas, aulas-atividades, produção coletiva de instrumentos de avaliação no ambiente de EaD e acompanhando o trabalho de tutores e monitores vinculados aos projetos dos diferentes cursos.

Decorrem de todas essas experiências aprendizagens relacionadas à gestão de processos educativos diver-

sos, seja no âmbito das aulas da graduação, seja nos espaços e contextos de avaliação, planejamento, produção de materiais, entre outras esferas que compõem a atividade profissional docente. A experiência profissional vivida na UMESP me alavanca para a Metodista do Sul - IPA, oportunizando também a vivência em contextos de coordenação de curso, docência na graduação e pós-graduação *lato sensu* e o trabalho de assessoria na Pró-Reitoria de Graduação. Em outro estado, percebi a força da cultura local na organização institucional e na definição das premissas curriculares, contribuindo para o entendimento do conceito de inserção social.

Por fim, em 2008 chego a UFSCar com a motivação de ajudar a construir um *campus* recém-criado e consolidar os cursos de graduação, criar o programa de pós-graduação em Educação, estreitar as relações institucionais com a comunidade, fomentar verbas para instrumentalizar laboratórios de ensino, concorrer a editais, entre outras atividades que integram a vida na universidade pública. Apreender a lógica da universidade pública foi e tem sido um movimento existencial. O compromisso com o serviço público na relação com a ideia de autonomia consiste num risco de nos perdermos diante de tantas (e tantas) demandas, ao mesmo tempo que nos outorga a autoria.

Foi na UFSCar que pude efetivamente me compreender (e então me constituir) docente pesquisadora formada por professores. Desde meu ingresso na instituição, tenho firmado minhas ações na indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e gestão, de modo a compor minhas atribuições com disciplinas da graduação e pós-graduação, projetos de extensão, coordenação de curso, atividades de investigação e coordenação do Núcleo de Estudos e Pesquisas so-

bre Narrativas Educativas, Formação e Trabalho Docente - NEPEN, assim como coordenando projetos institucionais voltados para o fortalecimento e valorização da formação docente, tais como o LIFE - Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores, OBEDUC - Programa Observatório da Educação e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID.

O NEPEN tem se debruçado sobre o estudo de movimentos de constituição e desenvolvimento profissional na perspectiva de compreender as singularidades desses processos. A partir das articulações e discussões havidas por ocasião do processo de construção da proposta do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar - *Campus* Sorocaba, integra docentes-pesquisadores da própria instituição, docentes-pesquisadores de outras IES, alunos de graduação e pós-graduação e professores da rede municipal e estadual de Educação Básica de Sorocaba e região, numa perspectiva de trabalho com características colaborativas que contribuem para consolidar o campo investigativo da formação de professores. As pesquisas desenvolvidas até então nesse núcleo se fundamentam, sobretudo, na abordagem (auto)biográfica para realizar estudos acerca da formação docente, de modo a reforçar o entendimento de que a singularidade e a subjetividade das narrativas possibilitam ao sujeito em formação, a partir de um trabalho sobre sua memória, relacionar diferentes dimensões e saberes da aprendizagem profissional. A proposta deste projeto na interface com pesquisadores de diferentes IES se dá em decorrência das aproximações teóricas e dos trabalhos que já vêm sendo realizados na perspectiva da abordagem (auto)biográfica e de parcerias que têm viabilizado estudos sobre processos de iniciação e de inserção docente.

A atuação da UFSCar na formação de professores, seja na formação básica, por meio dos cursos de licenciatura, seja na formação continuada de professores em exercício, por meio de atividades de extensão e pesquisa, precisa adquirir o *status* que a sociedade atual requer da educação. Para tanto, além dos aperfeiçoamentos que têm sido implementados na estrutura organizacional dessa universidade e aqueles resultantes das reformas curriculares e, ainda, dos esforços individuais de docentes e departamentos acadêmicos, é fundamental que se criem condições de infraestrutura para que essa universidade dê um salto de qualidade na formação de professores. A necessidade dessa infraestrutura é apresentada neste projeto a partir de uma caracterização preliminar das demandas para o desenvolvimento de ensino, extensão e pesquisa relacionados à formação de professores, de modo a ampliar sua contribuição para a melhoria da qualidade do trabalho pedagógico que se desenvolve na educação básica e é nessa perspectiva que o LIFE-UFSCar se constitui a partir de um projeto intitulado “Parceria colaborativa universidade e escola para a gestão curricular e formação cidadã com equidade”. A perspectiva de trabalho a ser dinamizado no LIFE-UFSCar pauta-se na abordagem colaborativa e busca promover a análise de vivências de atividades apoiadas em materiais didáticos e de manipulação para a aprendizagem dos diferentes componentes curriculares na Educação Básica. Organizado a partir de dois subprojetos, o Projeto LIFE-UFSCar se propõe a criar laboratórios voltados para a produção de material didático em cada um dos seus *campi*, considerando, ainda, a partir dos mesmos pressupostos e princípios norteados da formação de professores na instituição, as especificidades e a própria história de cada

campus. No âmbito dos dois laboratórios, são desenvolvidas ações procurando fomentar discussões e trocas para que os educadores possam assumir seu papel de protagonistas na construção do sucesso escolar dos alunos. Preveemos a elaboração de projetos assim como a realização de seminários que integrem os estudos e as produções acadêmicas e a realidade escolar em diferentes contextos, tendo em vista que este se constitui também em um dos objetivos da universidade. A proposta está orientada a constituir uma estrutura para que os professores em formação inicial possam desenvolver práticas de ensino e pesquisa em concordância com os Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de licenciatura oferecidos nos dois *campi*.

O OBEDUC em rede - Rede Colaborativa de Práticas na formação de professores que ensinam matemática: múltiplos olhares, diálogos e contextos propôs a criação de uma rede colaborativa entre três programas de pós-graduação que possuem características distintas, respectivamente: da Educação, da Educação Matemática e da interdisciplinaridade. O objetivo geral procurou compreender, problematizar e evidenciar o potencial da rede de colaboração entre práticas de ensino, pesquisa e extensão no processo de constituição profissional do professor que ensina matemática. Esse objetivo se desmembrou em quatro objetivos específicos: mapear a multiplicidade de práticas propostas no âmbito dos cursos de licenciatura; promover a integração entre professores do Ensino Fundamental, docentes do Ensino Superior e licenciandos; propor ações de formação de professores voltadas à articulação de diferentes práticas, as quais viabilizam possibilidades investigativas, estudos teórico-metodológicos, análise e elaboração de recursos didáticos e produção de narrativas educativas e, por últi-

mo problematizar o processo formativo das práticas, suas articulações e aprendizagens. Para tanto, o projeto previu a integração das atuações no campo da pesquisa como ações no ensino e extensão, que estão divididas em quatro ações: 1. Atividades desenvolvidas nos grupos de estudos e pesquisas dos três núcleos; 2. Oferecimento de dois tipos de cursos de extensão e/ou atividades complementares (local e integrado entre os núcleos); 3. Realização de eventos com o objetivo de socializar as atividades desenvolvidas no projeto, o fortalecimento da rede colaborativa entre a formação inicial e continuada e a integração com outros grupos ou núcleos de formação de professores; e 4. Reuniões das equipes dos núcleos. Espera-se que os resultados contribuam para compor conhecimentos sobre as diferentes práticas na formação de professores no movimento de articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura. Também se buscou compreender como se estabelece o processo de formação ao longo da vida, em especial na inserção à docência e suas implicações.

O PIBID - Parceria colaborativa entre Universidade e escola: contribuições para a formação de professores tem por objetivos articular e coordenar atividades de prática de ensino, estágio supervisionado, conteúdos curriculares e extracurriculares com ações colaborativas junto aos professores de escolas públicas estaduais e municipais de São Carlos, Sorocaba, Araras e seus alunos, tendo em vista a iniciação à docência dos licenciandos da UFSCar, a formação continuada de professores em serviço na escola pública e a promoção da melhoria do ensino e aprendizagem na Educação Básica, por meio de ações que contemplem os objetivos gerais do edital PIBID/CAPES e as propostas Curriculares estadual e municipal em vigor. O projeto procura

destacar os aspectos específicos relativos ao processo de iniciação à docência e pretende aprofundar e consolidar os conceitos de colaboração e interdisciplinaridade. Para tanto, o projeto vincula-se ao Núcleo de Formação de Professores da UFSCar e ao LIFE, em que esses conceitos constituíram os dois pilares da iniciação à docência.

Todas essas experiências integram o trabalho relacionado ao ensino, pesquisa, extensão e gestão na universidade e desencadearam em mim o entendimento de que produção de conhecimento se dá em rede. Se a educação está hoje inserida num mundo de cultura digital, a profissionalidade docente está também mergulhada nas conexões, multimodalidades e hipermodalidades propiciadas pelas TDIC. No espaço/tempo da cultura digital em que vivemos, torna-se essencial que os professores também se apropriem das TDIC em experiências autênticas, tanto no próprio processo de aprendizagem quanto em sua prática pedagógica. Pensar a formação de professores no contexto atual é considerar os princípios da interdisciplinaridade, colaboração e conhecimento em rede digital como premissas.

É a partir dessas experiências formadoras que conto para mim mesma a minha própria história e me mobilizo a integrar o coletivo de escritas que compõem as produções da obra que aqui se apresenta.

Quais referenciais teóricos compõem a trama narrativa aqui apresentada?

A pesquisa (auto)biográfica é uma abordagem que nos coloca na relação com o outro, que nos ajuda a entender que a nossa existência somente é existência com os outros. Refletindo nessa perspectiva, isso nos empodera, nos

valoriza, e é um indicativo muito positivo ao assumirmos a condição de professor - não enquanto trabalhador solitário, mas alguém que na sua singularidade se constitui na relação com os outros, o que nos fortalece enquanto categoria.

A compreensão das implicações pessoais e das marcas construídas na trajetória individual, através de relatos escritos e imagéticos sobre a aprendizagem pessoal e coletiva da profissão com base na vivência escolar, revela-se como um fértil exercício de formação e de pesquisa, na medida em que possibilita ao sujeito em formação compreender-se como autor e ator do seu percurso formativo. A ampliação da concepção e da prática do trabalho com as narrativas de formação ganha outro estatuto, a partir da compreensão que foi sendo construída e das contribuições advindas dos trabalhos de Nóvoa e Finger (1988), Josso (2004) e Souza (2006), por considerar que os respectivos autores vêm aprofundando e sistematizando diferentes aspectos epistemológicos e metodológicos sobre as pesquisas com histórias de vida, memórias de escolarização, autobiografias docentes e processos de formação, a partir das experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida pelos sujeitos em formação.

A utilização das narrativas educativas, como possibilidade formativa, relaciona-se com aprendizagens existenciais construídas no itinerário escolar e com as marcas da prática docente expressas pelos saberes da profissão e sobre a profissão. A opção por essa perspectiva de trabalho vincula-se ao conceito de formação como uma construção de sentido de si próprio (PINEAU, 1983), o que nos permite superar, na medida do possível, a noção de formação como centrada em tempos e espaços ritualizados. A construção

e o conhecimento de si propiciados pela narrativa inscrevem-se como um processo de formação porque remetem o sujeito a uma pluralidade sincrônica e diacrônica de sua existência, frente a análise de seus percursos.

As itinerâncias, as aprendizagens e o desejo do conhecimento, como uma das possibilidades da constituição pessoal e profissional, são o caminho que buscamos para melhor compreendermos o fenômeno educativo, especificamente no que tange ao processo de constituição da profissionalidade dos professores. Um educador em construção expressa uma reflexão sobre tempos e espaços de formação. Tempos marcados na memória e nas histórias acerca do sentido da vida e da profissão. Espaços que são entrecruzados nas itinerâncias e nos desafios da aprendizagem profissional. Esse movimento reflexivo nos permite melhor compreender nossa trajetória de escolarização e formação, bem como as cristalizações impressas na memória, frente às representações que são construídas no cotidiano sobre o trabalho docente. Ampliá-los é uma dimensão do ato de viver e aprender com os diferentes sujeitos e processos que nos constituem.

A dimensão formadora das experiências deixa marcas e imprime reflexões sobre o vivido. É com base nessas marcas que estamos construindo e reconstruindo o “modo de textura” da vida e da profissão, em grande parte somando, partilhando, aprendendo, ensinando, crescendo e nos transformando com as mudanças, com os ganhos e perdas revelados no espaço familiar, com os amigos, os alunos, com nossos colegas de trabalho, com os tempos, espaços, dispositivos e rituais que vão se engendrando em nossas memórias e histórias pessoais e profissionais em constante reafirmação da implicação conosco e com os outros.

A fertilidade apresentada pelo trabalho com as narrativas de formação possibilita superar as dimensões técnicas e instrumentais da formação inicial, constituindo-se numa perspectiva singular para o trabalho centrado na memória de escolarização e nos dispositivos e rituais que são engendrados nas experiências formadoras. Para formar professores numa perspectiva diferenciada e consoante com as indicações das atuais tendências da Educação, o formador precisa agregar conhecimentos (disciplinares, pedagógicos e didático-pedagógicos da matéria de ensino) e atitudes que permitam que os futuros profissionais sejam capazes de atuar nesse cenário de maneira a transformá-lo, ou seja, não somente como atores que representam papéis sociais, mas como autores de suas práticas educativas que possam atribuir (novo) sentido à aprendizagem.

42

No bojo das aprendizagens mobilizadas por esta escrita, fui instigada a buscar conexões entre a obra de Freire e seu legado para a pesquisa autobiográfica. A escrita de cartas, diários e memoriais foi também pautando toda a minha formação profissional, desde o curso de magistério, Pedagogia, Pós-Graduação e hoje delineia minhas escolhas, compõe minhas estratégias formativas e investigativas e configura-se como uma maneira de perceber e me colocar no mundo.

As Cartas Pedagógicas de Paulo Freire recolocam a educação no espaço coloquial e afetivo e toda a sua obra promove o essencial da educação: o diálogo que compartilha e provoca, revelando um patrimônio de ideias, práticas e valores que se conectam com os pilares da pesquisa autobiográfica, a prática da história de vida, da pesquisa, da formação e do ensino. As cartas pedagógicas freireanas anunciam a escrita de si como forma de escuta sensível da vida

e possibilidade de pautar nossas experiências enquanto acontecimento antropológico. Assim, o movimento da escrita se configura enquanto estratégia que oportuniza a consciência de si, propulsora de acontecimentos biográficos, de reinvenção e de (re)existência. A ética pedagógica é ética da vida em Freire e é atitude epistemopolítica do biográfico!

A reflexão sobre a própria experiência vivida e o seu compartilhamento comunicativo, a transcrição de diálogos construídos a partir da memória histórica e de experiências pedagógicas, o registro da memória das memórias para construir um texto autobiográfico com densidade histórica e autocrítica e o testamento final do compromisso com a vida revelam afinidades entre as ideias freireanas e os pilares da abordagem autobiográfica.

É na ousadia que buscamos formas de reinvenção de nós mesmos e,

43

se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção (FREIRE, 2000, p. 67).

A oportunidade de trilharmos a formação docente a partir da escuta e escrita de si se apresenta, portanto, como uma condição de composição e partilha que considera e se pauta nas singularidades intersubjetivas e nas potencialidades que se expressam mediante as pluralidades que integram o conjunto das ações e produções.

Que a boniteza deste encontro comemorativo dos 10 anos do POSEDUC nos marque e inspire a continuar nossa caminhada acadêmica e profissional, pautando a educação

enquanto ato político, de modo a exaltar a humanidade, a ética, o diálogo, as singularidades, as gentilezas, as amorosidades e os afetos.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

PASSEGGI M. C. F. B; SOUZA, E. C. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Investigación Cualitativa*, 2(1). 2016. pp. 6-26.

PASSEGI, M. C.; SOUZA, E.C.; VICENTINI, P.P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.

PINEAU, Gaston. *Produire as vie: autoformation et autobiographie*. Montreal: Edilig, 1983.

SOUZA, E. C. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

Parte I

História(s)
e Crescimento
do POSEDUC



VIDAS QUE SE ENCONTRAM: CAMINHO TRILHADO ATÉ O POSEDUC

Anaylla da Silva Lemos¹

“A verdadeira coragem é ir atrás de seus sonhos...”

Cora Coralina

Sonhar... Um verbo cheio de implicações como responsabilidades, medos, desejos e coragem como afirma na epígrafe acima Cora Coralina. Dentre todas as possibilidades que me trouxeram ao POSEDUC, uma delas foi realizar um sonho. Falar sobre esse percurso requer conhecer um pouco sobre minha trajetória de vida, é conhecer a fundo as minhas motivações, anseios e desejos. Espero que esse escrito possa trazer a alguém motivos para seguir e persistir em seus sonhos.

As narrativas consistem em contar histórias, fatos reais ou imaginários, explorar experiências, ações e como aponta Sahagoff (2015), é uma possibilidade de compreender a existência da vida humana. Indo de encontro com os que Sahagoff (2015) destaca, aqui nesse escopo temos como objetivo descrever os caminhos percorridos até que a tão sonhada aprovação fosse alcançada.

Bom, antes de tudo irei apresentar-me, sou Anaylla da Silva Lemos, tenho atualmente 25 anos, sou graduada em

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: anayllalemos@alu.uern.br

Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Técnica em Segurança do Trabalho. Antes de ingressar no mestrado, tive uma trajetória de muitas conquistas e muitas lutas. Sinto necessidade de destacar aqui algumas pessoas que foram essenciais em minha vida, meus pais. Sou filha de Ailton Pereira de Lemos e Anailde Mendes da Silva, ambos não tiveram as mesmas oportunidades que eu e meus dois irmãos, de podermos nos dedicar somente aos estudos.

Fazendo algumas recordações para esse escrito, destaco que sempre escutei dos meus pais que a coisa mais importante em nossas vidas é o estudo. Outra frase que me lembro bem é: “a única coisa que posso oferecer de melhor a vocês é o estudo e poder formar vocês em uma universidade”, e assim foi. Os meus pais foram peças fundamentais para que eu pudesse chegar onde estou.

48

O processo da Educação Básica permeou o ensino particular e o ensino público, destaco essa parte da minha história, pois foi onde eu vi que mesmo diante de algumas dificuldades, eu era uma pessoa privilegiada, por poder dedicar-me somente a estudar. Na escola pública, deparei-me com várias realidades que até então eram desconhecidas no âmbito da escola privada, como a jornada de trabalho e estudo. Mas, foi nesse espaço onde mais cresci e tive a oportunidade de questionar algumas questões educacionais. Foi no espaço escolar público que iniciei meu primeiro processo formativo, através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), formei-me em Técnica de Segurança no Trabalho, foi nesse período em que o desejo de docência foi surgindo, pois, foi despertado o primeiro sonho: ser professora.

Após o término do curso, decidi não ingressar no mercado de trabalho, pois, meu sonho maior era a tão sonhada Universidade. Então, iniciei os estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Foi no ano de 2016, que a sonhada aprovação veio. Passei no curso de Pedagogia pela UERN, foi um misto de sensações, choro e alegria, neste momento não realizei apenas um sonho meu, mas um sonho que foi alimentado pelos meus pais desde quando criança. Lembro que quando passávamos em frente ao prédio da UERN, escutava meu pai dizendo “estude, para poder vir estudar aqui”, e assim foi, conseguimos.

No início do curso, surge a oportunidade de fazer pesquisa por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com estudos voltados para a qualidade da/na educação orientado pela professora Dra. Marcia Betânia de Oliveira. A partir do PIBIC, o desejo de fazer pesquisa, de questionamentos, de buscar compreender as questões que circundam a educação brasileira. Foi por meio do PIBIC que o desejo pelo mestrado foi crescendo cada vez mais.

Um marco importante foi que em 2017 ocorreu a minha participação no V SIMPOSEDUC, nesse momento cursava ainda o terceiro período do curso de pedagogia. No evento conheci autores e pesquisadores, participei como monitora do evento e pude apresentar o meu primeiro trabalho escrito intitulado de “Contribuição da Disciplina Pesquisa Educacional para Formação Inicial em Pedagogia”.

Na graduação o contato com a pesquisa foi iniciado por meio do PIBIC, em seguida passei aproximadamente dois períodos do curso no Programa de Educação Tutorial (PET), em que vivenciei experiências fantásticas, poder participar das atividades de ensino, pesquisa, extensão, par-

ticipação dos Círculos de Cultura realizados pelo programa de extensão do LEFREIRE. Durante toda a graduação o sonho de ingressar no mestrado ia crescendo e se fortalecendo a cada história de vida dos professores da Universidade. Foi um momento rico em experiências formativas em que pude ir amadurecendo a cada dia o meu desenvolvimento de formação inicial. O curso de pedagogia nos possibilita vivenciar diversos espaços de formação, busquei aproveitar todos que eu podia com o intuito de conhecer as facetas que o curso proporcionava.

Antes de iniciar a partilha sobre minha trajetória propriamente dita do mestrado, quero nesse escrito destacar e agradecer a professora e orientadora Dra. Marcia Betânia de Oliveira. No segundo período fui convidada pela professora para integrar a pesquisa PIBIC que ela orientava. Foi a partir desse momento em que a professora se tornou uma peça fundamental no meu processo formativo, sempre incentivando e nos questionando sobre a pesquisa ou sobre como pensávamos as questões de currículo. Diante disso estabelecemos uma relação de orientadora e orientanda que foi construída na graduação e traçou os caminhos da vida até o ingresso no mestrado.

No ano de 2020, muitas emoções foram presentes, ano da formatura, ano de tentar a seleção do mestrado e ano da tão sonhada festa de formatura. Realmente este ano prometia muitas coisas. Em 2020, iniciei meu primeiro trabalho como professora em uma escola de rede privada. Experimentei a jornada que muitos dos meus colegas de ensino médio já enfrentavam, trabalhar e continuar estudando, confesso que é bem desafiador. No mesmo ano, estava escrevendo minha monografia, um dos projetos mais desa-

fiadores da minha experiência enquanto aluna. Foi também em 2020, que enfrentamos a Pandemia do COVID-19.

Com a pandemia tivemos que ficar todos em quarentena e assim, o trabalho remoto foi bem cansativo, mas foi a partir dele, que tive a oportunidade de poder estudar para a seleção do mestrado, que foi adiada devido a esse contexto de isolamento. Entretanto, o sonho continuava vivo, aproveitei esse momento e estudei os textos indicados com um grupo de estudos coordenados pela professora Ma. Iasmin Marinho.

Foram alguns encontros para partilharmos alguns conhecimentos sobre os textos que a seleção estava solicitando. Então, no dia 23 de setembro de 2020 iniciamos a realização da prova do mestrado. Nesse momento, o coração estava cheio de alegria e gratidão a todas as vidas que se encontraram para que esse momento fosse possível.

51

Após a prova escrita e ver que tinha sido aprovada nesta etapa e na fase do envio do projeto sentia que a realização do sonho e do desejo que teve início na graduação crescia cada vez mais e estava bem perto de se realizar. Mas, sempre foi um passo de cada vez. E chega o dia de defender o projeto submetido à seleção.

Durante a entrevista uma ansiedade tomou conta de mim, muitas lembranças surgiam e uma delas era sempre os meus pais. E mais uma vez meus pais estavam do meu lado, torcendo para que tudo fosse perfeito, e foi. Ao defender minhas ideias e meu ponto de vista sobre meu objeto de estudo senti que estava no caminho certo.

Na entrevista os professores que estavam avaliando meu trabalho foram dois professores na qual fui aluna na graduação. Os dois docentes, professor Dr. Allan Solano e

a professora Dra. Marcia Betânia de Oliveira contribuíram para que meu projeto pudesse melhorar e foi um momento bem oportuno para meu crescimento e pensar sobre algumas questões que meu projeto trazia.

Após todo o processo de seleção, no dia 30 de novembro de 2020, saiu meu nome na lista de aprovados para realização da inscrição no mestrado. O que pensar desse momento? Realmente eu não tenho palavras que possam expressar quais as sensações que eu tive nesse dia. Mas, em minha mente só restava a palavra gratidão, confesso também que o sentimento do medo surgiu também. Pois, o que é novo sempre nos causa um certo receio. Porém, destaco que saber que alcancei um sonho e vê-lo tornando realidade o medo acaba tornando-se algo insignificante.

52

Gratidão aos professores do curso de Pedagogia que sempre foram os mais incentivadores para que os alunos pudessem focar em sua formação inicial, bem como na formação continuada, gratidão aos meus pais por sempre defenderem e se esforçarem para que eu estudasse. Gratidão aos meus professores do ensino médio da escola pública que diante de todas as dificuldades sempre entregavam o seu melhor nas aulas.

Com aprovação no mestrado e na linha de pesquisa procuro pesquisar sobre o processo do Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Curricular Comum, no município de Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte (RN). Já estamos há exatamente um ano de estudos e aprofundamento em metodologias e conceitos sobre a pesquisa. Recebi também a notícia de poder cursar o mestrado com bolsa, e isso, ajuda demais, pois, poderei dedicar-me exclusivamente ao desenvolvimento da pesquisa.

O mestrado proporcionou a experiência de participação do V Colóquio LusoAfro Brasileiro de questões curriculares. O evento foi de suma importância para o engrandecimento e amadurecimento da escrita no projeto. Apresentamos um trabalho em que tinha pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo, como o coordenador da atividade que estava na Colômbia. No momento, compartilhamos sobre conhecimentos curriculares, bem como as aproximações e os distanciamentos entre as políticas de currículo.

Atualmente no mestrado vivencio o processo de escrita para qualificação do projeto. Já se passou quase um ano que vi a lista de alunos selecionados para ingressar nessa experiência. Durante esse período já cursei algumas disciplinas e momentos ricos e de engrandecimento na escrita. E ao refletir sobre o mestrado vejo que são apenas dois anos que se passam rapidamente. Encontrei com professores que nos fortalecem a cada dia, que nos encorajam a superar nossos limites e medos.

Além do processo da escrita para qualificação iniciaremos o estágio de docência, em que aguardo com muita ansiedade para poder traçar essa nova etapa em minha carreira profissional. O estágio de docência, vai possibilitar um novo olhar para o ensino na aula da Universidade, destaque que será uma nova porta de conhecimento que o POSEDUC proporciona ao seus alunos.

O POSEDUC, possibilitou-me cursar disciplina em apoio com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Com professores que só tinha encontrado por meio dos escritos e publicações realizadas, mas foi através do mestrado que a oportunidade surgiu. Nessa disciplina tivemos a oportunidade de dialogar não só com alunos mestrando, mas com pessoas que já ultrapassaram essa fase

formativa e que já estão no doutorado. Tínhamos encontros semanalmente e a cada dia é uma nova oportunidade de conhecimento que as professoras tanto da UERN quanto da UERJ nos proporcionam.

Com o mestrado, vejo uma oportunidade crescimento profissional e pessoal, vejo que posso conhecer novos lugares que vejo que posso conhecer e trilhar por novos lugares/caminhos que somente a educação é capaz de proporcionar aos estudantes que se dedicam e lutam por seus sonhos. Espero vivenciar ainda mais novas experiências e saberes.

Espero que esse breve resumo sobre os caminhos traçados para o mestrado possa inspirar alguém a sonhar e buscar realizar esse sonho, pois como diria Friedrich Nietzsche “nada é tão nosso quanto nossos sonhos.”

Termino essa narrativa citando uma música da banda Vocal Livre “[...] e ao olhar para trás, tudo que passou, venho agradecer quem comigo estava [...] Mas eu sei, não é o fim, é só o começo da jornada”.

Referências

SAHAGOFF, Ana Paula. Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana. *Anais XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação*. Disponível em: < https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf > Acesso em: 16. out. 2021.

OS 10 ANOS DO POSEDUC: (RE)VIVENDO OS BASTIDORES DESSA HISTÓRIA

Arilene Maria Soares de Medeiros¹

Sou mossoroense. Nasci no ano em que o homem foi à lua, uma das maiores conquistas espaciais da humanidade. Esse fato modificou profundamente a relação do homem com o universo e, também, com a ciência. Ingressei na carreira do magistério público do estado do Rio Grande do Norte em 1988, por via do concurso público, ano histórico para o povo brasileiro: promulgação da Constituição Federal (CF), vigente até hoje em nosso país. É dessa CF, em seus Artigos 205 e 206, que nasce - de maneira mais enfática - o direito à educação como dever do Estado e da família, bem como os princípios de uma educação pública, democrática, laica e de qualidade para todos/as. Fui professora da Educação Básica, atuando no Ensino Fundamental Anos Iniciais em uma escola periférica (bairro Belo Horizonte) da cidade de Mossoró. Após sete anos, precisamente em fevereiro de 1995, ingressei no Ensino Superior como docente da Faculdade de Educação (FE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), onde permaneço até hoje. À época, a FE tinha dois departamentos acadêmicos.

55

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), professora da Faculdade de Educação (FE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), atuando na graduação e na pós-graduação *stricto sensu*, com estudos na área das Políticas e Gestão da Educação. E-mail: arilenemedeiros@uern.br

Fui convocada para atuar junto ao Departamento de Psicologia e Administração Escolar, já que o concurso prestado foi na área de Fundamentos da Educação. Nesse período, já cursava o Mestrado em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Foram muitas histórias vividas na FE e muitas mudanças curriculares do curso de Pedagogia presenciadas. Recordo-me ter passado por três. Quantos debates e aprendizagens! Aqui não cabe narrar minha história sob o prisma da Faculdade de Educação, para não fugir do foco “Os 10 anos do POSEDUC”.

Com muito orgulho, sou filha de trabalhadores. Minha mãe é proveniente da cidade de Caraúbas e meu pai (*in memorian*) de Campo Grande, ambas no RN. Minha mãe estudou na UERN e se formou em Pedagogia (Orientação Educacional). É aposentada da rede pública estadual do Rio Grande do Norte. Meu pai era comerciante autônomo, que transportava mercadoria da Bahia, do Pernambuco e da Paraíba para o Rio Grande do Norte, como também levava sal marinho daqui para lá. Cresci vendo toda semana meu pai partir de casa, para trabalhar em seu caminhão. Tinha muito medo de meu pai ir e não mais voltar. Sofria com suas viagens. Talvez, esse tenha sido meu maior medo quando criança. Meu contexto familiar foi marcado por muito trabalho e dedicação de meus pais para manter a casa e seus quatro filhos. Quantas histórias lindas e emocionantes, minha mãe e meu pai! Também sofremos com as perdas, inclusive de uma irmã, aos quinze anos de idade.

De toda minha vida escolar, passei quatro anos estudando no Colégio Sagrado Coração de Maria (Ensino Fundamental Anos Finais), uma escola tradicional (centenária) da rede particular de Mossoró, dirigida pelas Irmãs Franciscanas. Eu e meus irmãos estudávamos com bolsa de estu-

dos que minha mãe conseguia com os políticos (Deputados Federais, Senadores, Deputados Estaduais) do estado, para que pudéssemos prosseguir nossos estudos.

Ainda muito jovem, aos 15 anos de idade, escolhi ser professora, quando optei por fazer o Magistério de nível médio. Logo após a conclusão do ensino médio, fiz o vestibular para o curso de Letras da UERN, em 1986, ano em que a universidade foi estadualizada. Ingressei no curso em 1987 como sendo a primeira turma da tão sonhada e desejada universidade pública². Vejam que fui me constituindo pessoa e profissional diante de grandes acontecimentos sociais, políticos, econômicos e educacionais, que marcaram o mundo, o Brasil e o Rio Grande do Norte. De 1987 até o presente, a UERN fez e faz parte da minha história, quer como aluna, quer enquanto docente.

A partir de agora, pretendo dedicar-me a narrar minha relação com o POSEDUC. Estou ansiosa por fazê-lo. Essa narrativa objetiva (re)viver os bastidores de uma história a partir de minha experiência como uma das mentoras, coordenadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da UERN, no decorrer desses 10 anos. Alguém pode se questionar: por que a professora Arlene e não outro/a professor/a da FE para ser a primeira coordenadora do POSEDUC (2011-2014)? Creio que tudo se relaciona com os bastidores do processo, com as discus-

² Em 10 de setembro de 1986, ocorreu a estadualização da UERN pela Assembleia Legislativa do RN. A estadualização foi a saída para a Universidade não fechar suas portas, dadas as péssimas condições de trabalho (salários atrasados, infraestrutura). Após o processo de aprovação pela Assembleia Legislativa do RN, o prefeito de Mossoró Dix-Huit Rosado encaminhou “em 12 de setembro de 1986 o ofício 208/86 com o Projeto de Lei que autoriza a transferência da FURRN ao Governo do Estado”. Disponível em: <https://www.uern.br/estadualizacao30anos/>

sões que vinham se acumulando muito anterior ao I Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN, em 2009. Por praticamente uma década, a FE estava se organizando e checando as possibilidades de dar um grande passo acadêmico: criação de sua pós-graduação *stricto sensu*. Foi no mencionado evento que conseguimos efetivamente materializar uma direção consistente do que poderia se constituir o Programa de Pós-Graduação em Educação, após um estudo minucioso dos currículos dos professores doutores em Educação da FE e da UERN³. Fazer essa incursão histórico-acadêmica é tentar, na medida do possível, recuperar os dez anos de existência do POSEDUC sob duas perspectivas que se confundem e se complementam dialeticamente: coordenação e docência. Até parece que nunca sai da gestão. Permaneço até o presente momento como representante da linha de Políticas e Gestão da Educação junto à Coordenação do Programa.

Em 2010, o Departamento de Educação constituiu e aprovou a comissão para dar prosseguimento à elaboração da proposta do Mestrado em Educação, uma vez que, no I Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN (SIMPOSEDUC), havíamos definido área de concentração⁴

³ Para detalhamento desse processo, sugiro consultar a obra **Interiorizando a Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação no Rio Grande do Norte: Desafios e Perspectivas**, organizada por mim e pelo professor Joaquim Gonçalves Barbosa, publicada pelas Edições UERN, em 2010.

⁴ De onde surgiram os Processos Formativos em Contextos Locais? De dois aspectos: 1) necessidade de diferenciar-se do conjunto dos programas da região Nordeste, principalmente dos mais próximos, como: UFRN (Educação), UFC (Educação Brasileira), UECE (Formação de Professores), UFPB (Educação Popular), para imprimir uma identidade acadêmica; 2) pesquisas e produções do possível corpo docente do curso sinalizavam a necessidade de aprofundamento em torno das idiossincrasias locais diante das políticas e diretrizes globais, nacionais e locais para educação, formação, políticas e gestão.

e possíveis linhas de pesquisa e docentes envolvidos. Tal comissão contou diretamente com a participação dos seguintes docentes: Jean Mac Cole Tavares Santos (UERN), Maria Antônia Teixeira da Costa (UERN/aposentada), Messias Holanda Dieb (hoje docente da UFC), mas muitos outros docentes se encontravam completamente imersos no processo de construção do POSEDUC, como: Ana Lúcia Aguiar, Anadja Marilda Gomes Braz, Ivonaldo Leite (a distância, porque já não era professor da UERN), Ailton Siqueira de Sousa Fonseca. Obviamente, a lista não para por aqui, no entanto, ficamos nela para não delongar muito. O convite, para que assumisse a Coordenação do POSEDUC, foi da professora Maria Antônia Teixeira da Costa via e-mail, que falava em nome da comissão, pois me encontrava afastada das atividades acadêmicas para gozar uma licença prêmio de seis meses, no ano de 2010.

No meu retorno da licença, eu e o professor Messias Holanda Dieb ficamos responsáveis pelo preenchimento da Apresentação de Propostas de Cursos Novos (APCN), a qual foi encaminhada à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) em agosto de 2010, baixando diligência em dezembro do mesmo ano⁵. A diligência foi resolvida com a inclusão dos docentes Gilson Ricardo de Medeiros Pereira e Maria da Conceição Lima de Andrade, que tinham acabado de retornar às atividades na UERN mediante um novo concurso público. Eles tinham muito o que contribuir, pois vinham de uma experiência na pós-graduação *stricto sensu*, na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). À época, os professores Mil-

⁵ A diligência consistia em rever o nome de uma docente que, segundo a CAPES, não preenchia os requisitos para atuar na pós-graduação *stricto sensu*.

ton Marques de Medeiros (*in memorian*) e Pedro Fernandes Ribeiro Neto eram o Reitor e o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPEG) de nossa instituição, respectivamente. A professora Maria Auxiliadora Alves Costa era a diretora da Faculdade de Educação e a Chefe do Departamento de Educação era a professora Verônica Maria Araújo Pontes. Contávamos com grandes profissionais para nos dar cobertura institucional. Não estávamos sozinhas. Nos raros momentos em que encontrava o Reitor, ele me chamava e dizia: “professora, a UERN precisa de um Mestrado em Educação”. De fato, o mestrado era algo sonhado e esperado por todos/as. Em virtude disso, tivemos o apoio de todas as partes (Administração Superior, Direção da Faculdade, Chefia Departamental, professores externos à UERN com quem dialogávamos, principalmente Joaquim Gonçalves Barbosa, que sempre esteve conosco desde o começo). Foi o momento de grande efervescência acadêmica no interior da FE. Talvez, outro momento igual ou superior a esse somente quando estivermos prontos/as para a criação do Doutorado em Educação.

Em fevereiro de 2011, obtivemos a resposta de sua aprovação pela CAPES, órgão do governo brasileiro que aprova, financia e avalia a pós-graduação *stricto sensu*. A partir de então, o POSEDUC era uma realidade no interior da UERN e da Faculdade de Educação. Era o sonho coletivo de tantos tornando-se uma grande conquista educacional da UERN e região. Todos nós sabemos o quão grandioso foi esse acontecimento acadêmico, principalmente por representar a interiorização da pós-graduação *stricto sensu* em educação no nosso estado. Em abril de 2011, divulgamos o primeiro edital, com a abertura de quinze (vagas), distribuídas entre as duas linhas de pesquisa: Formação Humana e

Desenvolvimento Profissional Docente e Políticas e Gestão da Educação. O início das aulas aconteceu em agosto do mesmo ano, com a presença do renomado professor José Alberto Correia, da Universidade do Porto/Portugal, para conversarmos sobre os *Processos Educativos em Contextos Locais*, área de concentração do POSEDUC. Contávamos com cinco (05) bolsas de estudo.

Em novembro de 2011, recebemos uma ligação do professor Pedro Fernandes Ribeiro Neto, que se encontrava em Brasília para participar de uma reunião na CAPES, informando que tinha mais cinco (05) bolsas para o POSEDUC. Desse modo, ultimava-nos: “pegar ou largar”. Tínhamos que dar resposta naquele momento. Caía em si, não como estudiosa da gestão educacional, mas como alguém que estava atuando na área, admitindo que coordenar é tomar decisões, mesmo que (des)agrade a tantos. É correr riscos e enfrentar os desafios. É sair da zona de conforto, inclusive, enfrentando e (sobre)vivendo as desestabilizações internas decorrentes das decisões. Inicialmente, conversamos com a coordenação ampliada do POSEDUC⁶ e depois com o Colegiado. Para o POSEDUC receber essas bolsas, foi realizado um novo processo seletivo (especial, somente para bolsistas). A decisão não foi tão simples quanto parece, uma vez que questionávamos: como acolher novos pós-graduandos se as disciplinas já estavam em processo (da metade para o fim)? Como equacionar esse problema? Quem iria trabalhar com essa (nova) turma? Foram muitos questio-

⁶ O Regimento do POSEDUC explicita em seu “ART. 7º - A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação será exercida pelos membros eleitos, nos termos do inciso I do artigo anterior, e será integrada pelo Coordenador, o Vice-coordenador e por um representante de cada uma das linhas de pesquisa do Programa pertencente ao respectivo colegiado”.

namentos em torno dessa questão. Após longas conversas, acordamos que os novos alunos deveriam ser incluídos na primeira turma e os docentes das disciplinas (obrigatórias e optativas) veriam como contornar a situação, observando as peculiaridades de cada um. Foi um ano bastante singular, com dois processos seletivos. Era o novo acontecendo numa velocidade jamais vista. Foi um rico aprendizado para todos nós. A partir de então, o POSEDUC passou a contar com dez (10) bolsas de estudo, o que perdurou até 2019. Com a posse de Jair Messias Bolsonaro como Presidente da República, a pesquisa brasileira passou a sofrer grandes cortes de recursos financeiros, inclusive as bolsas de estudo foram os principais alvos. O POSEDUC perdeu 50% de suas bolsas, restando-nos apenas cinco (05).

62

O POSEDUC foi o quinto Programa de Pós-Graduação da UERN. Tínhamos Dilma Rousseff na Presidência da República e Fernando Haddad no Ministério da Educação, cuja política era de expansão, e não de diminuição da oferta da pós-graduação *stricto sensu*, muito menos de corte de verbas para ciência e tecnologia. A implementação do Mestrado em Educação da UERN ficou sob a nossa responsabilidade. Partimos do zero e fazíamos com muita responsabilidade e zelo, inclusive, cumprindo “à risca” o Regimento do Curso, pelo menos, durante os dois primeiros anos. Por essa razão, em alguns momentos, fomos bastante criticadas. O foco das críticas à nossa gestão residiu basicamente em torno de três aspectos fundamentais: credenciamento docente, autonomia do POSEDUC e articulação entre pós-graduação e graduação.

Quanto ao primeiro aspecto, com apenas seis meses de funcionamento do curso, já havia conversa, no âmbito do Colegiado, sobre credenciamento docente. Foram muitos

embates e desgastes. Não tínhamos nem incorporado efetivamente a dinâmica da pós-graduação *stricto sensu* e os colegas já estavam pensando em credenciar docentes. Perguntava-me: por que tanta pressa? O que implicaria credenciar novos docentes em pleno processo de implementação do Programa/Curso e de avaliação pela CAPES? Tínhamos receio de que novos credenciamentos pudessem dificultar, sobretudo, o processo de avaliação do Programa. Nas reuniões da área junto à CAPES e do Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (FORPREd), o credenciamento docente sempre foi uma pauta tensa e complexa, dada a sua estreita aproximação com a avaliação. Para não esquecer, destaco: todo credenciamento repercute na avaliação. Sabíamos que o credenciamento docente era necessário, mas também entendíamos que novos credenciamentos iriam exigir uma maior produção acadêmico-científica e, de fato, nossa produção nunca foi autossuficiente. Por essa razão, permanecemos como Programa nota três (3) até hoje.

O debate em torno do credenciamento docente se dava em virtude da postura da coordenação, que procurava prorrogar esse processo para o final do segundo ano de funcionamento, quando tivéssemos cumprido o ciclo da primeira turma e mais próximos da própria política e dinâmica da pós-graduação. Fomos bastante cautelosas. O primeiro credenciamento docente aconteceu em agosto de 2013, com a inclusão de docentes Francisca de Fátima Araújo Oliveira, Giovana Carla Cardoso Amorim, Júlio Ribeiro Soares, Sandro Soares de Souza e Sílvia Maria Costa Barbosa. Em 2014, o professor Joaquim Gonçalves Barbosa se credenciava como colaborador, tornando-se, em agosto

de 2015, o professor visitante do POSEDUC. De 2013 para cá, vários outros credenciamentos docentes aconteceram.

Em relação ao segundo ponto, muitos colegas do Departamento de Educação questionavam os motivos pelos quais as decisões do POSEDUC ficavam restritas ao seu pequeno colegiado. O mote do debate era: qual o limite da autonomia do POSEDUC? Como se percebe, tudo era novidade. Por ser novo, faltavam a clareza e o entendimento do que significava a existência de um Programa de Pós-Graduação na FE, que contava com docentes de outras Instituições de Ensino Superior (UFRN e UFPB, com os professores Betânia Leite Ramalho e Ivonaldo Neres Leite, respectivamente), outros *Campi* (Natal, com a professora Araceli Sobreira Benevides) e outras Unidades Acadêmicas (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, com o professor Ailton Siqueira de Sousa Fonseca). Muitas conversas (in)formais aconteceram sobre esse ponto, para minimizar os conflitos e desfazer possíveis mal-entendidos entre nós. Sabíamos que a autonomia do Programa precisava ser assegurada, conforme estabelece seu Regimento Interno. As demandas do dia a dia eram gigantescas, somadas às necessidades de defender os cuidados com o credenciamento docente e a autonomia. Foi um período de grande agitação interna e externa. O POSEDUC era novidade e não tínhamos receita de como fazê-lo. Assim, íamos aprendendo ao fazer e, ao mesmo tempo, fazendo ao aprender. Foi uma construção árdua e tensa, porém, vindo de fora, gratificante.

Quando ficou esclarecido que o POSEDUC tinha autonomia (relativa) para decidir sobre suas questões administrativas, financeiras e pedagógicas, veio a demanda da articulação entre a graduação e a pós-graduação. Nós tam-

bém fomos muito questionadas quanto às relações existentes entre esses dois níveis de ensino no interior da FE. Nos momentos de debate, perguntava-me: de qual articulação estavam falando? Como poderia ser feita? Sempre enxergamos uma articulação entre graduação e pós-graduação sob vários pontos de vista: epistemológico, da pesquisa e do ensino. Sobre o primeiro, percebemos que a graduação e a pós-graduação estão preocupadas com a formação ampla, voltada para atender os espaços escolares e não escolares. Essa articulação epistemológica foi assegurada na proposta do Mestrado em Educação, desde seu nascedouro. O campo da formação inicial do pedagogo estava em diálogo com o campo de pesquisa dos/as pós-graduandos/as em Educação. Do ponto de vista do ensino e da pesquisa, a articulação também vinha e vem acontecendo. Indagamos: como e de que forma?

- Com os/as mestrandos/as sempre realizando o Estágio de Docência (obrigatório para bolsistas e voluntário para os demais) na graduação;
- com os estudantes da graduação participando dos eventos e seminários que os docentes e discentes do POSEDUC realiza(va)m;
- com os estudantes da graduação participando dos Grupos de Estudos e Pesquisa da FE, por meio de suas pesquisas de Iniciação Científica (IC);
- com mais docentes da FE participando do corpo docente permanente do POSEDUC;
- com a diretora (Maria Auxiliadora Alves da Costa), os docentes (efetivos e substitutos) e os técnico-administrativos da FE/DE sendo discentes do POSEDUC.

Com isso, pretendemos reforçar que a articulação entre a graduação e a pós-graduação sempre foi uma preocupação constante de nossa parte. É óbvio que, como se trata de um processo de construção, podemos sempre aprimorá-la.

O professor Ailton Siqueira de Sousa Fonseca foi o primeiro vice-coordenador do POSEDUC e a professora Ana Lúcia Aguiar, a segunda. Mais uma vez, contamos com grandes profissionais. Aos dois, minha profunda admiração e respeito. A primeira secretária do POSEDUC foi Melina Maria Alves de Melo, companheira da coordenação por dois anos, sempre muito atenta. Ela é da área do Direito. Trouxe-nos muitas contribuições que nos ajudaram a arrumar o nosso quebra-cabeça no início de tudo. A segunda secretária foi/é Adiza Cristiane Avelino Bezerra, a qual tem dominado bastante o fazer cotidiano da Pós-Graduação *stricto sensu* e vem dando seu melhor junto às coordenações do POSEDUC (Gilson Ricardo de Medeiros Pereira - 2014-2016; Maria Edgleuma de Andrade - 2016-2020; e Júlio Ribeiro Soares - 2020-). O que seria das coordenações do POSEDUC se não tivessem uma secretária exemplar? Adiza é uma secretária reconhecida dentro da UERN por sua competência, pela agilidade dos processos e pela atenção com a funcionalidade do Programa. Costumo dizer que as coordenações são peremptórias, mas a secretária pode (e deve) ser permanente, para assegurar estabilidade ao funcionamento do programa. Adiza tem proporcionado essa estabilidade.

Do ponto de vista da docência, a atuação era/é menos tensa do que na coordenação. Trabalhamos muito em colaboração, principalmente, na condução das discipli-

nas obrigatórias e optativas, com Ivonaldo Leite⁷, Joaquim Barbosa⁸, Allan Solano Souza⁹ e Ciclene Alves da Silva¹⁰. Desde o início, o POSEDUC vem reforçando essa prática colaborativa no ensino. Dessa experiência colaborativa, fica a lição de que somos diferentes, mas sensatos o suficiente para não querermos impor nossas perspectivas teórico-metodológicas como verdades absolutas na sala de aula. Afinal, o que é verdade? Nessa matéria e em tantas outras, assumo-me habermasiana, porque entendo que a verdade não é um processo já dado, fixo, uniforme, cristalizado, mas uma construção intersubjetiva realizada por aqueles que compartilham da (inter)ação (MEDEIROS, 2007). Penso que essa perspectiva de trabalho fortalece a colaboração, a democracia e a participação na sala de aula. Não se trata apenas de adotar metodologias participativas, mas também de assumir uma postura epistemológica que confronte a relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível, porque “o conhecimento não é construído pelo indivíduo solitário” (BANNELL, 2013, p. 29-30). Não precisamos pensar igual ao outro para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo,

⁷ Trabalhando a disciplina optativa Tópicos Especiais da Educação I: Educação e Desenvolvimento Local.

⁸ Lecionando as disciplinas Seminário de Pesquisa em Políticas e Gestão da Educação, Seminário de Dissertação e Tópicos Especiais em Educação I: Gestão Educacional e Perspectivas Epistemológicas Contemporâneas.

⁹ É preciso registrar que esse professor foi aluno da primeira turma do Mestrado, inclusive, meu orientando. Juntos, já trabalhamos as disciplinas Educação e Cidadania, Seminário de Pesquisa em Políticas e Gestão da Educação, Seminário de Dissertação, Gestão Educacional em Contextos Locais, Políticas Públicas da Educação e Tópicos Especiais em Práticas Educativas I: Estado, Educação e Poder, tendo nesta última a professora Ciclene Alves da Silva como colaboradora.

¹⁰ Antes mesmo de seu credenciamento como docente permanente do POSEDUC, a referida professora participava das pesquisas e das ações extensionistas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Estado, Educação e Sociedade (GEPEES), que estavam sob a minha coordenação.

aliás, as diferenças não atrapalham, apenas aguçam nossa condição de ser docente. Portanto, é na construção das práticas (inter)subjetivas que vamos nos construindo como docentes, sem esquecermos que cada um/a vai se fazendo de um jeito bastante particular.

Decerto, nossas práticas colaborativas estão sendo aprimoradas e, ao longo do tempo, tornando-se mais ousadas, conforme experiência publicada pela *Revista Internacional de Educação Superior* (SOUZA; MEDEIROS, 2022). Nessa experiência, à luz da ideia de imaginação sociológica de Wright Mills (2009), procuramos propiciar uma escrita individual e coletiva dos pós-graduandos, com autoconfiança e inovação na pós-graduação *stricto sensu*. Foi uma rica experiência colaborativa entre docentes e discentes.

Em 29 de agosto de 2021, o POSEDUC completou seus 10 anos. Lembro-me de sua aula inaugural, no Auditório da Faculdade de Ciências da Saúde (FACS), lotado de docentes, discentes, Pró-Reitores da UERN e convidados externos. Para reavivar esse momento “longínquo”, comecei citando os versos do poema “Eu sou do tamanho do que vejo”, de Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa):

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...

Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo

E não, do tamanho da minha altura...

Dez anos se passaram. Não sou a mesma, nem o POSEDUC é o mesmo, mas continuo acreditando que somos do tamanho que vemos as coisas. Portanto, vejo o POSEDUC grande, com possibilidades de avançar e romper fronteiras.

Cresci com o POSEDUC, atuando como coordenadora-professora-orientadora-pesquisadora¹¹, e o POSEDUC também cresceu. Destaco a seguir aspectos a partir dos quais podemos observar seu crescimento:

- De 2013 até 2020, foram defendidas duzentas e vinte (220) dissertações nas três linhas de pesquisa do programa, de acordo com a página oficial do POSEDUC¹², sem considerar os anos 2019, 2020 e 2021.
- Atualmente, congrega vinte (20) professores, um crescimento de 100% do seu corpo docente permanente, já que começou com 10 profissionais da UERN e 02 colaboradores. Dos dez que começaram, temos a seguinte realidade: duas se aposentaram (Anadja Marilda Gomes Braz e Maria Antônia Teixeira da Costa), um foi para o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) (Ailton Siqueira de Sousa Fonseca), seis pediram descredenciamento (Araceli Sobreira Benevides, Betânia Leite Ramalho, Gilson Ricardo de Medeiros Pereira, Ivonaldo Neres Leite, Maria da Conceição Lima de Andrade e Jean Mac Cole Tavares Santos) e três permanecem (eu e as professoras Ana Lúcia Aguiar e Normandia Mesquita de Medeiros Farias).
- Foi criada a Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Inclusão e Diversidade.

¹¹ É possível perceber que essa narrativa se atém à coordenação e à docência, ficando para outra oportunidade esmiuçar a condição de pesquisadora e orientadora.

¹² <https://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-disserta%E7oes-2017>.

- Houve um aumento da nossa produção acadêmica e inserção social, com projetos de extensão e eventos.
- Mudanças no Regimento Interno, com comissão específica para esse fim, dentre outros.

Por ora, estamos aguardando a avaliação da CAPES para darmos um voo mais ousado: a criação do curso de doutorado.

Assim termino a minha narrativa: o POSEDUC tem 10 anos e Davi Medeiros Barbosa, meu filho, que nasceu no turbilhão da implementação do POSEDUC, completou em dezembro de 2021 seus nove (09) anos. Há uma diferença de um ano e quatro meses entre os dois. O primeiro me fez crescer profissionalmente, oferecendo-me experiência, aprimoramento, maturidade e reconhecimento acadêmico. O segundo me faz uma pessoa melhor, mais humana e sensível, porque, além da rica experiência da maternidade, somente tenho amor para dar. Portanto, posso afirmar que hoje sou, como pessoa e profissional, melhor do que antes.

Referências

BANNELL, Ralph Ings. *Habermas & a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MEDEIROS, Arlene Maria Soares; BARBOSA, Joaquim Barbosa. *Interiorizando a pós-graduação stricto sensu em Educação no Rio Grande do Norte: desafios e perspectivas*. Mossoró: Edições UERN, 2011.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares. *Administração Educacional e Racionalidade: o desafio pedagógico*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2007.

MILLS, Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SOUZA, Allan Solano; MEDEIROS, Arilene Maria Soares. Metodologias colaborativas na pós-graduação *stricto sensu* em educação. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, v. 08, p. 1-22, 2022.

DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO POSEDUC: UM PERCURSO MEDIADO POR ENSINO, PESQUISA E GESTÃO

Júlio Ribeiro Soares¹

72

Mais especificamente no âmbito da Faculdade de Educação da UERN, 2021 ficará marcado nos anais como o ano do décimo aniversário do seu Programa de Pós-Graduação em Educação. Mas, que sujeito sou eu na história do POSEDUC e da Faculdade de Educação? Antes de começar a responder a pergunta elaborada por mim mesmo, convém ressaltar que todas as questões aqui abordadas são atravessadas, em algum nível, por categorias teóricas que fazem parte do escopo da minha formação. Com isso, quero ressaltar que não pretendo tratar exclusivamente da minha experiência como professor da Faculdade de Educação e, por extensão, do Programa, mas tentar enfatizar como essa experiência tem se convertido em uma dimensão subjetiva, atravessada por valores e uma infinidade de significações.

Assim, retomando a questão anteriormente colocada, isto é, respondendo sobre quem sou eu na história do POSEDUC e da Faculdade de Educação, poderia começar dizendo que essa história teve início em março de 1996, quando tomei posse na então Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), sendo lotado como Professor Auxiliar do

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). E-mail: julioribeiro@uern.br

Departamento de Psicologia e Administração, setor responsável pela área de conhecimento para a qual prestei concurso, isto é, Filosofia e Psicologia da Educação.

No entanto, ao tentar estabelecer uma delimitação temporal e subjetiva para responder à questão (que sujeito sou eu na história do POSEDUC e da Faculdade de Educação?), uma vez que somos seres que vivem as mudanças do seu tempo, diria que essa história teve início ainda na graduação em Pedagogia, entre 1991 e 1994 na UFRN, quando fui aluno da professora Estela Campelo na disciplina *Processo de Alfabetização* e seu bolsista de iniciação à pesquisa, também em um projeto na área de alfabetização. Foi a partir dessa experiência, como bolsista de pesquisa, que passei a participar de eventos acadêmicos com a finalidade de apresentar trabalhos com os resultados do projeto de pesquisa que vinha sendo realizado. Para a época, essa era uma situação quase rara, tendo em vista a ínfima quantidade de bolsas destinadas a estudantes de graduação, isto é, de iniciação à pesquisa, pelo menos em pedagogia e educação. Em outras palavras, esse é o momento em que, subjetivamente, começo a me constituir de maneira consciente, intencional e também afetiva como pesquisador.

Quando a então URRN anuncia o concurso em 1995, a professora Estela Campelo foi a pessoa que me avisou e muito incentivou para que eu me inscrevesse no referido concurso. Embora houvesse vagas para uma área chamada Instrumentalização Pedagógica, que contemplava uma das disciplinas que mais me encantou na graduação, isto é, a disciplina de alfabetização, no concurso fiz opção pela área de Filosofia e Psicologia da Educação. O motivo dessa escolha é que também me identificava muito com essas duas disciplinas, inclusive por se configurarem como bases

fundamentais de muitos dos estudos que se desenvolvem em alfabetização para se compreender a complexidade do processo de aprendizagem.

Enfim... Um semestre após o ingresso na URRN como professor, isto é, no segundo semestre de 1996, inicio o curso de especialização em Pesquisa Educacional, na própria Faculdade de Educação. A Professora Francisca Otília Neta era a coordenadora. Volto, portanto, a desenvolver atividade de pesquisa, sendo dessa vez sob a orientação da professora Anadja Braz. O que os cursos de graduação e de especialização têm a ver com o enlace da minha história com o POSEDUC? A resposta é simples: o sentido da atividade de pesquisa. Em síntese, isso quer dizer que, embora possa-se realizar pesquisa em qualquer nível de escolaridade, é na pós-graduação, sobretudo em nível *stricto sensu*, que ela se constitui como *atividade dominante*² do processo formativo. Quer dizer também que a formação de um/a pesquisador/a é um caminho relativamente longo e cheio de muitos desafios que podem variar de econômicos a tantos outros tipos, como pedagógicos, científicos e até subjetivos, afinal esse é um processo que não se descola em momento algum das necessidades afetivas e motivações das pessoas que enveredam pela trilha dessa escolha.

Os desafios econômicos a se enfrentar são dos mais importantes em um processo de formação, como no caso da pesquisa. Afinal, como pontuado por Marx e Engels

² A atividade dominante, também chamada de atividade principal ou atividade-guia, é uma importante categoria da Psicologia Histórico-Cultural/Teoria da Atividade de Leontiev. É por meio da atividade dominante, segundo Leontiev (1978, p. 292-293 - tradução livre), que “se diferenciam tipos novos de atividade”, “se formam ou se reorganizam os seus processos psíquicos” e também é dessa atividade que dependem “mais estritamente as mudanças psicológicas fundamentais da personalidade”.

(1999, p. 39), no clássico estudo da Ideologia Alemã, “para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais”. A produção de meios para a satisfação dessas necessidades mínimas é essencial para a existência humana e, por isso, são concebidas como ato histórico fundamental da vida de quem escolhe as veredas da pesquisa. Mas somente o aspecto econômico não dá conta de atender as exigências da formação. Ainda se faz necessário ter apoio pedagógico para alcançar a formação, uma vez que, no mínimo, é necessário frequentar aulas, congressos, seminários, além de obter orientação para a construção da pesquisa. Ninguém se forma sozinho. Como enfatiza Freire (1996, p. 69), “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. E, por último (sem que isso signifique uma sequência), os desafios científicos de ordem metodológica, que precisam ser construídos com muito rigor teórico sem se distanciarem da realidade. Esses desafios não podem ser concebidos de forma isolada, como se cada um fosse autônomo. Eles se entrelaçam de modo que a forma como se enfrenta um tem muito a ver com a maneira de experimentar os demais.

75

No meu caso, assim como tem acontecido com tantas outras pessoas, principalmente nos dias de hoje, o contato com a pesquisa começou na graduação de forma embrionária. Nesse momento, obviamente, ela não consistiu, do ponto de vista psicológico, em uma atividade principal do processo formativo. Esse é um processo mais específico da pós-graduação, tendo em vista a centralidade que ela (a pesquisa) ocupa nos cursos de mestrado e doutorado. Quanto aos desafios (econômicos, pedagógicos, científicos e subjetivos), todos eles tiveram que necessariamente ser enfrentados, uma vez que, do ponto de vista da historicidade,

nenhum fenômeno humano deve ser naturalizado, pois são essencialmente forjados nas relações sociais, especialmente nas relações de trabalho que configuram as sociedades de classes.

O principal problema da naturalização está, como diz Silvia Lane, em desconsiderar o ser humano como ativo, produto e produtor da sociedade historicamente constituída. A naturalização impede a compreensão dos fenômenos sociais e históricos, a partir da materialidade da vida humana, fundada no trabalho (GONÇALVES e BOCK, 2018, p. 138).

76

Esse preâmbulo se fez necessário para situar contextualmente, nesta narrativa, um pouco da gênese do sujeito que hoje sou na Faculdade de Educação e, de maneira especial, no POSEDUC. Contudo, me dispensio de falar sobre o percurso da minha formação pós-graduada no mestrado, no doutorado e no pós-doutorado, pois esse não é o propósito do artigo.

Assim sendo, passo a discorrer, a partir desse momento, sobre um pouco da minha experiência docente no POSEDUC, com a finalidade de atender ao que estou chamando de “um percurso mediado por ensino, pesquisa e gestão”. Começo dizendo que esse percurso começou após a conclusão do doutorado em maio de 2011³, quando retorno para a Faculdade de Educação e, em 30 de agosto de 2013, solicito credenciamento ao POSEDUC como professor permanente. Dentre as diversas variáveis intervenientes desse credenciamento, talvez a mais genuína tenha a ver com o interesse em dar continuidade aos estudos dos pro-

³ Foi também no ano de 2011 que o projeto do Programa foi aprovado pela Capes e autorizado a funcionar.

cessos educacionais em uma perspectiva teórica e metodológica da psicologia sócio-histórica.

O ingresso no POSEDUC significava e ainda significa uma oportunidade acadêmica que poderia me vincular de forma relativamente permanente a pesquisa e, assim, continuar desenvolvendo esse tipo de atividade, principalmente em parceria ou em rede com outros pesquisadores e estudantes/orientandos. Isso posto, uma das expectativas em relação ao POSEDUC era articular ensino e pesquisa de uma forma em que essas atividades pudessem ter certa organicidade, ou seja, uma organização pedagógica em que questões de ensino e pesquisa fossem desenvolvidas, buscando articulações possíveis entre elas.

Afinal, parece um tanto estranho que em uma instituição de educação a pesquisa não esteja próxima ou articulada, de alguma maneira, a atividade de ensino, o famoso “carro-chefe” das instituições escolares. Para isso, uma das ações inicialmente pensada e implementada foi a criação do Grupo de Pesquisa Educação e Subjetividade (GEPES). Embora o papel formativo do Grupo possa vir a ser assunto em outro artigo, convém dizer que, mais que articular formalmente pessoas (professores e alunos) que já vinham participando de encontros e aulas, foi o GEPES que permitiu a realização de atividades de ensino e de pesquisa, de forma conjunta e complementar em alguma medida.

Mesmo trazendo o ensino e a pesquisa para o centro do debate sobre a política de educação, convém alertar que a vida na pós-graduação é ocupada também por muitas outras demandas acadêmicas e científicas que estão além do ensino e da pesquisa. Professores universitários, em especial aqueles que atuam em programas de pós-graduação, participam da realização de muitas atividades acadêmicas

e científicas em suas instituições e, com a mesma “obrigação” e responsabilidade, em outras instituições, principalmente universitárias. Aliás, é necessário ressaltar com muita ênfase que são recorrentes os chamados ou convites a professores universitários para atuarem em outras instituições, sempre de forma voluntária.

Não há, portanto, intenção em afirmar que a atuação docente na pós-graduação é circunscrita às demandas do ensino e da pesquisa. Contudo, ressalto que a intenção deste manuscrito sobre o meu percurso histórico no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN é, em primeiro lugar, dar ênfase à pesquisa, por se configurar como uma das mais significativas atividades desenvolvidas no mestrado, considerando sua necessária articulação com o ensino. Em segundo, é abordar um pouco da minha participação na gestão de diversas atividades relacionadas ao mestrado.

Isso posto, listo abaixo as pesquisas de mestrado que foram realizadas sob a minha orientação entre 2013-2021, tendo como perspectiva teórico-metodológica o referencial da psicologia sócio-histórica. Por limitação de espaço neste artigo, não é possível detalhar seus objetos de estudo, ressaltando as principais perguntas e objetivos que delinearam cada pesquisa, mas os títulos já denotam, de alguma forma, o tipo de assunto investigado por cada mestrando e mestranda, na construção de cada trabalho, sendo possível identificar temas como educação infantil, formação de professores, adolescência e escolarização, atividade docente na educação básica, pedagogia hospitalar, afetividade. Enfim, essa é a lista:

Pesquisa	Autoria
O bem-estar docente na educação infantil: uma análise sócio-histórica do seu processo de constituição	Rosivania Maria da Silva
A formação docente mediada pelo Pibid: uma análise dos sentidos e significados constituídos por professores/supervisores	Cláudia Alves da Silva
A mediação subjetiva do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio na formação continuada do professor	Umberto de Araújo Medeiros
A dimensão subjetiva da iniciação à docência: um estudo sobre as significações produzidas no início da carreira docente	Evandro Nogueira de Oliveira
Educação infantil: sentidos e significados do cuidar e educar na pré-escola	Luzimara Alexandre da Silva
Significações de adolescentes do ensino médio: a mediação da escola na constituição da perspectiva de futuro	Ayllana Araújo Pinto Tavares
Autoridade pedagógica: um olhar à luz da psicologia sócio-histórica	Bruna Jucilene Carlos Gonzaga
Educação infantil: imaginação e criatividade na atividade pré-escolar	Gislayne Cinara da Silva
Pedagogia hospitalar: um estudo sobre relações afetivas	Hemaúse Emanuele da Silva
A formação continuada e sua significação para professoras da educação infantil	Márcia Núbia da Silva Oliveira
Mediação afetiva na constituição da prática pedagógica de professores de ciências	Zenaide Maria da Silva Santiago

Além das pesquisas que foram ou têm sido orientadas por mim, também vale apresentar, mesmo rapidamente, sem muitos detalhes, os projetos de pesquisas que foram ou vêm sendo desenvolvidos no período de minha atuação no POSEDUC:

- A dimensão subjetiva da vivência escolar na pandemia (pesquisa institucional: 2021);
- Psicologia e processo educacional: significações de professores sobre adolescência e escolarização (pesquisa institucional: 2018-2020);
- A dimensão subjetiva do processo educacional: estado da arte na pesquisa em psicologia e educação (pesquisa interinstitucional, realizada em estágio de pós-doutorado, com bolsa do Procad/Capes - PUCSP/UERN: 2017-2018);
- Tecendo redes de colaboração no ensino e na pesquisa em educação: um estudo sobre a dimensão subjetiva da realidade escolar (pesquisa interinstitucional, realizada com apoio do Procad/Capes - PUCSP/UFPI/UERN/UFAL: 2014-2020);
- Empoderamento do professor: estudo dos aspectos subjetivos das histórias de enfrentamento e êxito no trabalho docente (pesquisa institucional: 2014-2015);
- Trabalho docente e desenvolvimento profissional: estudo sobre a dimensão subjetiva das formas de enfrentamento às dificuldades vividas por professores do ensino fundamental em sala de aula (pesquisa institucional: 2012-2014).

Além das atividades de pesquisa (e de certa maneira também de ensino, por não apresentarem, em princípio, conteúdos diferentes), vale ainda destacar que o meu percurso no POSEDUC tem se constituído, em segundo lugar, também por atividades relacionadas ao campo da gestão. Não me refiro exclusivamente à gestão administrativa, ocupando o cargo de coordenador ou vice-coordenador do

Programa, embora essa condição esteja contemplada na definição do que é gestão. A intenção é revelar um pouco da minha participação nos processos de gestão das atividades acadêmicas, principalmente a partir de 2020, quando retornei de um período de vacância institucional iniciado em julho de 2017. Nesse período, não me desvinculei do Programa, mas mudei de professor permanente para colaborador, em 2018, após a defesa das dissertações dos meus últimos cinco orientandos naquele momento.

Dentre as atividades da gestão, excetuando aquelas que podem ser classificadas quase como atividades de rotina do Programa, dada sua previsibilidade, a exemplo de bancas de seleção de alunos regulares e especiais, qualificação e defesa, comissões internas e externas, as mais significativas, a partir de 2020, têm sido aquelas que estão relacionadas ao processo de estruturação e reestruturação do Programa, cuja finalidade é a inovação dos processos formativos. Assim sendo, dentre as ações de gestão acadêmica das quais participei ou tenho participado de sua construção e implementação, convém destacar:

- Plano Estratégico de Desenvolvimento do Programa (período 2021 a 2024);
- Plano de Autoavaliação do Programa (período 2021 a 2024);
- Regulamento Interno do Programa de Estágio de Pós-Doutorado;
- Atualização do Regimento do Programa (*em estágio de construção*).

Diversas outras ações do campo da gestão acadêmica e administrativa, que ocorrem cotidianamente,

poderiam ser mencionadas. No entanto, conforme dito anteriormente, julgo que são essas que se destacam significativamente, por se configurarem como diferenciadas para o desenvolvimento do Programa. Pensando a partir de Vigotski (2000), diria que a história do Programa, seja ela marcada por avanços ou retrocessos, não é a história apenas de uma só pessoa. O Programa não se desenvolve sozinho, sem a participação efetiva das pessoas nas atividades que fazem parte de sua existência, o que inclui professores, estudantes e até mesmo egressos. Inclui também as políticas públicas de educação, o que significa defini-las, quando justas, como meio de fomento a diversas atividades de pesquisa, como bolsas de estudo a alunos e atendimento a muitas outras necessidades peculiares da pós-graduação. Por todas essas questões, o POSEDUC tem sido um espaço de muito aprendizado também no campo da gestão, por oportunizar a participação em atividades que só são possíveis porque são coletivas.

Para concluir, acho que é preciso colocar aqui o que, em minha opinião, se delineia como desafio para o Programa e, conseqüentemente, para mim; quiçá, para o coletivo. Os desafios do desenvolvimento do Programa são delineados por sua missão acadêmica e científica⁴, além de seus objetivos. Entretanto, esses elementos não se constituem de forma descolada da história que configura o cenário da educação em geral, e da pós-graduação, em particular, nas universidades do País.

⁴ Constitui-se como missão acadêmica e científica do POSEDUC: “a formação de pesquisadores em Educação para atuar no campo da investigação científica, do magistério, da inovação educacional e demais atividades relativas ao desenvolvimento de processos formativos em contextos locais” (Regimento - no prelo).

Não se pode desconsiderar, portanto, os impactos pedagógicos e sociais da pandemia na educação e na sociedade, em sua totalidade. Muitas dificuldades tiveram que ser enfrentadas e ainda se faz necessário estar reinventando muitas das ações (que fazem parte das nossas rotinas) para que elas sejam efetivadas, como o revezamento de servidores em ambiente de trabalho, o uso de equipamentos de proteção ao contágio de vírus, uso de equipamentos tecnológicos para aulas remotas etc.

E ainda é preciso enfrentar o obscurantismo que avança a passos galopantes sobre a educação e a ciência. Sem a valorização da pesquisa científica, a pós-graduação torna-se inócua. Com a fragilização da pós-graduação, por ser coibida de desenvolver pesquisa científica, a ciência torna-se obsoleta, ultrapassada e deixa de existir.

Pensando, portanto, na missão acadêmica e científica do Programa (a qual tem por finalidade uma formação em nível de excelência, para que o/a mestre em educação titulado pelo POSEDUC/UERN também possa atuar profissionalmente com excelência no campo da educação), é possível imaginar que as ações que constituem uma formação assim almejada não são construídas em um instante qualquer ou com um plano cujas metas não estejam claramente voltadas para esta finalidade. Esse é um tipo de missão que demanda muito tempo e compromisso político para se estabelecer, além de que as ações sejam efetivas e postas em prática de forma imediata, sem esperar que o tempo melhore de alguma maneira, ou em algum lugar, para agir.

A excelência de um curso de pós-graduação está essencialmente na solidez das estruturas políticas e curriculares que regem o seu processo formativo, por meio

da oferta de atividades de ensino e de pesquisa consolidadas, cujas características se denotam pelo prestígio acadêmico das produções científicas e pelos impactos na realidade em que seus pesquisadores atuam, sejam alunos, professores ou egressos.

O assunto sobre missão e excelência acadêmica tem estreita relação com atividades cruciais da Universidade, como pesquisa, ensino e gestão, uma vez que o sentido da excelência não existe fora de nenhuma delas. Caso essas atividades fossem excluídas da universidade, certamente a formação acadêmica tornaria-se inócua e vazia. Por isso, é necessário que essas atividades sejam política e estrategicamente coerentes com o desenvolvimento do humano e contribuam com a superação de todos os meios de exclusão social e alienação.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, M. G. M.; BOCK, A. M. B. A importância da ruptura epistemológica - nosso caminho com Silvia Lane. In: *Silvia Lane: uma obra em movimento*. São Paulo: EDUC, 2018.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1999.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*. São Paulo, XXI, n. 17, Julho, 2000.

ENTRE PASSOS E ESPAÇOS, DETALHES DE UMA VIDA, HISTÓRIAS QUE VIVI

Marecilda Bezerra de Araújo¹

N o processo de narração de si, lembramos das nossas experiências, reconstruímos cenas diante do que aconteceu, configuramos novos conceitos e colocamos a experiência em uma sequência de acontecimentos que constroem a vida individual e coletiva, de modo que contar histórias implica estados intencionais e preserva a identidade do grupo ou mesmo do indivíduo que vivenciou determinada ação. Nesse sentido, a narração de si se constrói por meio das experiências, lembranças e da memória (relato), compreendendo um processo de (auto) conhecimento e revelação de tudo que foi vivenciado, construído.

Nessa perspectiva, o relato de minhas vivências, fragmentado nesta narrativa, configura-se a partir de meus percursos formativos em diferentes espaços e tempo. Afirmando pertencer a uma família muito humilde, de mãe professora e pai agricultor analfabeto, sendo a mais velha dentre os seis filhos desse casal, que na década de 1970 enfrentava grandes dificuldades sociais e econômicas para dar resposta às necessidades básicas de sua prole. Durante toda a década de 1970, o Brasil enfrentava uma ditadura militar como forma de Governo. Momento em que se aplicava a

85

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - POSEDUC. Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGED. marecilde@hotmail.com

censura em todos os meios de comunicação, tortura e exílio de alguns brasileiros. Nasci nessa época, no município de Parelhas-RN, porém, residi no município de Equador-RN até meus oito anos de idade.

Em seguida, morei na cidade de Parelhas, estudei sempre em escola pública e me envolvi nos grupos religiosos e na prática de esportes, como atletismo e voleibol. É evidente como esse engajamento em diferentes grupos fez a diferença na minha vida enquanto jovem, tornando-me mais autêntica, dinâmica e corajosa diante dos desafios e dos obstáculos que a vida me colocava a todo instante. Percebi que ser jovem não era algo fácil, mas tive o prazer de viver intensamente minha adolescência e, mais tarde, minha juventude. Foi um tempo maravilhoso!

Souza (2004, p. 72) afirma que escrever sobre si mesma, aproxima o sujeito de uma dimensão chamada “auto-escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que adquiriu ao longo da vida, através do conhecimento de si”. Dessa forma, as recordações e as referências configuram-se como lembranças e organizações de vivências singulares que circunscrevem a experiência, externando e reconstruindo a partir da singularidade da pessoa o seu processo de formação, assim como a sua identidade pessoal.

Ao término do Primeiro Grau, precisei decidir o que faria no Segundo Grau, pois tínhamos como opções o magistério, o técnico em contabilidade e o curso científico. A Lei n. 5692/71 fixou, nesse período, as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus em âmbito nacional, principalmente a obrigatoriedade do ensino de 1º grau (8 anos), constituído pela junção dos antigos primário e ginásio e pela genera-

lização do ensino profissionalizante no nível médio ou 2º grau.

Nesse ínterim, escolhi o magistério. Foi um curso muito bem feito, com professoras maravilhosas (no quadro de docentes, tínhamos somente mulheres), que me deixavam entusiasmada com a docência e sempre pensando: “Quando eu for professora, quero ser igual a elas”. Essa frase foi repetida muitas vezes e tenho a convicção de que todos os dias me esforço para alcançar esses voos.

O ingresso no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia se deu em sequência ao término do magistério em 1994. Fiquei muito feliz por adentrar na universidade, apesar de todas as dificuldades, pois a perspectiva de uma família grande é de que os primeiros filhos consigam um trabalho para ajudar nas despesas de casa. Considerando os 172 km que eu percorria todos os dias durante a ida e a volta da universidade, bem como a necessidade de me alimentar, de algum material xerografado ou até mesmo em adquirir livros, foram algumas das dificuldades encontradas para dar continuidade a vida acadêmica. Contudo, o esporte havia me ensinado a vencer barreiras e encontrar soluções criativas para as diferentes circunstâncias que a vida me apresentava. Foi assim que aprendi a fazer redes de dormir, um trabalho artesanal que eu poderia realizar em casa e conciliar com os estudos. Com isso, consegui gerar uma pequena renda para custear as despesas com a universidade e ajudar em casa.

A prática que o magistério proporcionava quando frequentávamos as escolas nos nossos estágios foi sendo aprimorada na graduação. Em meio a tantos conteúdos curriculares com suas cargas horárias e trabalhos exaustivos de leitura, o ensino era ministrado com bons professores,

discussões e seminários. O curso apresentava em sua organização curricular a estrutura de habilitações em: Administração Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional. Escolhi a Supervisão Escolar.

O ensino superior brasileiro na década de 1990 era voltado para o ensino profissionalizante. Havia pouco espaço para a formação humanística e científica do acadêmico, o que muitas vezes se reflete na atualidade, mediante a influência do capitalismo exacerbado, que coloca no sujeito recém-graduado a necessidade de adentrar o mercado de trabalho. As poucas instituições de ensino superior que tinham interesse em associar o ensino e a pesquisa enfrentavam as políticas de governo com ênfase no ensino técnico e profissionalizante.

Desse modo, adentrei na pesquisa acadêmica propriamente dita no trabalho de conclusão de curso, mais conhecido como TCC, que provocou angústias e inseguranças diante do escrever. Aliás, o que eu iria escrever? A palavra pesquisa ainda era embrionária, falando-se mais em um tema para discorrer. O dilema estava entre a escolha desse tema e os fundamentos da escrita científica, que até então estavam muito distantes de nossas leituras e discussões no dia a dia da sala de aula.

Muitas dúvidas e vontade de pesquisar passeavam em meus pensamentos, que, associados às narrativas da minha mãe diante de seu cotidiano escolar, fomentavam o desejo de ler mais e observar o interior da escola. Tecíamos algumas discussões em casa, em volta da mesa, a respeito do que estava presente na teoria e na prática quanto aos problemas educacionais enraizados na educação brasileira, como evasão, distorção de série/idade, exclusão social, relação família-escola, formação de professores, gestão es-

colar, ausência de políticas públicas, entre outros aspectos que interferem nos resultados do ensino-aprendizagem.

No último ano do curso de Pedagogia, em 1996, consegui ser aprovada no concurso para professora do município de Parelhas-RN, onde residia. Convocada para assumir o cargo no mesmo ano, a alegria, o entusiasmo e a realização preenchiam o meu ser ao tomar posse do cargo de professora efetiva no ano de 1997. Fui encaminhada para a Unidade Escolar XV, na comunidade Boqueirão, zona rural, em uma vila de pescadores. A Barragem do Boqueirão estava a uma distância de 4 km da cidade, que eu percorria todos os dias de bicicleta, o meu primeiro meio de transporte.

Falar da Unidade Escolar XV Boqueirão é escrever outra narrativa autobiográfica. Porém, não poderia perder a oportunidade de mencionar neste espaço que essa experiência foi um verdadeiro despertar para o meu ser professora, sobretudo pelas vivências com aquelas crianças de sala multisseriada na terceira maior barragem do estado do Rio Grande do Norte, por onde atravesssei várias vezes de canoa, sem saber nadar. Buscava conhecer um pouco da história de meus primeiros e queridos alunos. Pensava que era difícil trabalhar com quem não conhecia, por isso, a necessidade de investigar para melhor desempenhar minha docência. Essa experiência foi significativa para minhas práticas como professora e profissional da educação, por todo o percurso. Ainda hoje, recorro ao lócus dos meus alunos para conhecer seus modos de vida e melhor atuar nas suas formações como sujeitos intelectuais e sociais.

Ao iniciar o ano letivo seguinte, fui comunicada pela então Secretária Municipal de Educação que seria transferida para uma escola de 1º ao 9º ano, para ser professora de Matemática, História e Artes. Fiquei pensativa sobre como

ensinaria disciplinas para as quais eu não era habilitada. Em nossos encontros pedagógicos e em dias de estudos, que aconteciam uma vez por bimestre, discutíamos os fatores que interferiam direta e indiretamente no processo de ensino-aprendizagem, principalmente reflexões em torno de nossa formação acadêmica. No final desse mesmo ano, convidaram-me para assumir a supervisão escolar dessa instituição, trabalhando diretamente com professores de 1º ao 9º ano. Aceitei o convite, pois sempre enfrentei mudanças, entendendo que sou uma professora em formação e a caminho. Permaneci, então, por 12 anos consecutivos na função de supervisora na Escola Municipal Arnaldo Bezerra.

No ano de 2000, fui novamente aprovada no concurso público para professora no município vizinho, Jardim do Seridó-RN, convocada e designada a trabalhar no turno noturno, de 6º ao 9º ano, com as disciplinas de Ciências e Artes, em uma escola de bairro menos favorecido quanto aos aspectos econômicos e sociais. Sentia-me provocada a discutir novamente as questões a respeito da formação do professor. Como ensinaria disciplinas para as quais não tinha formação adequada? Como ficariam as aprendizagens daqueles sujeitos de direitos? Essa era uma história que se repetia em minha vida profissional, a exemplo do município de Parelhas-RN. Sou graduada em Pedagogia e habilitada para lecionar na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental menor, modalidades para as quais também tinha concorrido à vaga no concurso público. No entanto, o desafio estava posto e eu o enfrentava, mesmo que na resistência! No ano seguinte, passei a desempenhar minhas atividades na supervisão escolar da Escola Municipal Professora Maria de Lourdes.

Narrar minhas histórias me fomenta a questionar o significado de minhas vivências, ações e aprendizagens. De acordo com Souza (2004), a escrita da narrativa abre espaços e oportuniza aos sujeitos em processo de formação falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinando possibilidades sobre a formação através do vivido.

Para Josso (2008, p. 19), o estudo sobre histórias de vida é: [...] “uma mediação do conhecimento de si na sua existencialidade que oferece, para a reflexão do seu autor, oportunidades de tomada de consciência dos vários registros de expressão e de representação de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a sua formação”.

Em 2002 no município de Jardim do Seridó, fui convidada a assumir a gestão de uma escola de ensino fundamental, localizada no centro da cidade, nos turnos matutino e vespertino. Permaneci na direção da Escola Municipal de Calpúrnica Caldas de Amorim até o ano de 2005. Essa foi minha primeira experiência com a gestão escolar. Na pesquisa intitulada “Autobiografia: A Escola e os caminhos de uma Gestão Democrática”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão da Educação Municipal Mec/Seb/Pradime, ficou evidente, por meio da análise de documentos e dos sujeitos envolvidos na coleta de dados, que, a partir da implementação e consolidação do Conselho Diretor e da construção do primeiro Projeto Político-Pedagógico desta instituição, a escola apresentava uma gestão democrático-participativa, mesmo que a direção fosse um cargo indicativo do poder executivo. Paralelo à construção do PPP, foi elaborado também o Regimento Interno da escola, na busca de autorização para o seu funcionamento por

parte da Secretaria Estadual de Educação, junto ao órgão da inspeção escolar.

Nesse caminho, realizei sempre cursos de especialização, capacitação e formação em serviço, trilhando novos conhecimentos como professora, coordenadora pedagógica, gestora, Secretária Municipal de Educação e formadora de professores nos cursos Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO), Formação pela Escola, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e nos grupos de estudo, discutindo a construção e a implementação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Esse percurso se concretizou em muitas idas e vindas, na conciliação de minhas atividades entre os dois municípios, Parelhas-RN e Jardim do Seridó-RN.

92

O caminho trilhado como Secretária Municipal de Educação no município de Jardim do Seridó-RN, no período de 2008 a 2016, fomentou o desejo de adentrar a Pós-Graduação *Stricto Sensu* em nível de mestrado. Foi então que enfrentei o processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campos* Mossoró-RN. Aprovada na linha de Políticas e Gestão da Educação, com o projeto voltado para a formação de gestores municipais de educação na região do Seridó. No entanto, esse objeto foi sendo ampliado até perceber, nas rodas de conversas com meus colegas de curso, minha orientadora, professora Dra. Arilene Medeiros, e o professor Dr. Joaquim Barbosa, que meu objeto de investigação era o Sistema Municipal de Educação.

As disciplinas obrigatórias no primeiro semestre foram fundamentais para a compreensão dos pressupostos

epistemológicos e metodológicos da pesquisa científica. As aulas expositivas e dialogadas, bem como as rodas de conversas entre os pares, forneceram contribuições teóricas para com a arte de pesquisar e a construção do conhecimento. O POSEDUC fomenta o sujeito a ser um pesquisador que pensa, percebe, sente, expressa interesse pelo assunto que deseja pesquisar.

O mestrado era um novo cenário, diferente do campo de trabalho de minha atuação profissional. Mesmo precisando conciliar uma rota entre os municípios de Jardim do Seridó, Parelhas e Mossoró, o trabalho, a universidade e a pesquisa, sentia-me realmente no espaço acadêmico, instigada a descortinar a pesquisa científica e me aproximar da ciência. Enfrentava problemas em acompanhar as discussões e reflexões diante dos aportes teóricos e metodológicos que fazem parte do cotidiano do pesquisador, talvez pelo cansaço em percorrer mais de 1000 km por semana, pela ausência de tempo para as leituras, pois não consegui meu afastamento dos vínculos empregatícios.

Percebia que havia colegas no curso que eram mais próximos da ciência, da pesquisa e de seus procedimentos metodológicos. Refletia que, pelo meu caminho de atuação profissional, estava inserida no campo da experiência com a escola de educação básica, lócus de muitas das pesquisas dos meus colegas de curso. Esse fato fazia efervescer as discussões em sala de aula mediante os referenciais teóricos e bibliográficos orientados para as leituras, base de sustentação teórico-metodológica de nossas pesquisas. Considerava-me distante do mundo acadêmico, porém pertencente ao chão da escola.

Isso me fazia refletir diante das possibilidades que o graduado poderia escolher: seguir para o campo de atu-

ação profissional ou continuar o percurso acadêmico em nível da pós-graduação, principalmente nos cursos *stricto sensu*, estudando, compreendendo e avaliando os métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica, com o objetivo de construir novos conhecimentos e ajudar na formulação de políticas públicas para com os problemas que permeiam o dia a dia das pessoas e da sociedade, proporcionando a satisfação das necessidades humanas.

Os professores do POSEDUC mostravam a relação entre Sujeito/Pesquisador na busca de argumentos, formulação de críticas, proposição de soluções para problemas, questões que precisavam estar em sintonia com os propósitos, objetivos ou metas delineadas no respectivo projeto de pesquisa. Cada professor (a) teve seu legado diante da autonomia, pertinência no caminho percorrido pelos pesquisadores desde a escolha do objeto até a interpretação dos dados.

94

Na concepção de Gonzalez (2003), o acadêmico é aquele que aprende a refletir sobre a importância da elaboração de trabalhos científicos, papel fundamental das universidades para incentivar e proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento da pesquisa, despertando a capacidade de senso crítico e a sensibilidade do pesquisador.

Os encontros presenciais semanalmente foram fundamentais para a definição do objeto de minha dissertação: “Organização do Sistema Municipal de Educação de Jardim do Seridó-RN: tensões entre o legal e o real”, e para a escolha da pesquisa qualitativa compreendida na clareza, rigor, domínio de conceitos, teoria e método. Em outras palavras, existe um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em nú-

meros, mas na interpretação de um determinado fenômeno. As fontes encontradas tornavam minha pesquisa mais singular em sua especificidade, respeitando os aspectos históricos, sociais e culturais em que o objeto e os sujeitos envolvidos na pesquisa estavam inseridos.

Para Minayo (2003) a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora defende que qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo.

Desse modo, a participação nos eventos científicos promovidos pelo próprio POSEDUC - UERN ou orientados pelos professores do referido programa representava a possibilidade de demonstrarmos nossas pesquisas em andamento. Além disso, permitia a troca de saberes diante da pesquisa científica em educação e nos colocava frente às discussões teórico-metodológicas das diferentes abordagens de fenômenos a serem investigados no campo social. Nessa perspectiva, o programa fortalece a articulação entre a graduação/pós-graduação, pesquisa e extensão, consolidando a pesquisa científica no âmbito da expansão da base científica local, regional e nacional.

Em se tratando da participação nesses eventos, vinha o incentivo por parte dos professores quanto às publicações nos simpósios, congressos e periódicos, divulgando nossas pesquisas. A esse respeito, participei dos seguintes eventos: V encontro Fineduca (2017), Educere (2017), seminário aberto com o tema “Os desafios da gestão democrática no contexto dos sistemas municipais e das escolas” (UERN, 2018), XXIV Encontro de pesquisa educacional do

Nordeste (EPEN, 2018), Seminário de Cooperação Acadêmica (UFRN/UFG, 2018), I Colóquio Nacional em Êxito Escolar, Empoderamento e Ascensão Social (UERN, 2018), Conferência Nacional Popular de Educação (2018), entre outras atividades acadêmicas que tematizavam as discussões de interesses para minha formação como pesquisadora e meu objeto de investigação.

Terminei o mestrado em 2018 e já vislumbrava as publicações dos capítulos de minha dissertação. Com zelo e rigor metodológico de minha querida orientadora, Dr^a. Ariene Maria Soares de Medeiros, conseguimos a submissão na revista *Práxis Educacional* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e no periódico *Espaço Público* da Universidade Federal de Pernambuco.

Destaco as contribuições e motivações que o POSED-CU - UERN tem com o egresso do referido programa. Convida-o para participar de eventos na própria universidade, viabilizando um processo de informações e desenvolvimento do conhecimento, proporcionando também, desta forma, um espaço para desenvolvimento de pesquisas, troca de experiências. Ademais, o acompanhamento de egresso aqui é entendido sob a ótica de Teixeira (2015), ou seja, como a avaliação dos resultados produzidos por uma determinada instituição de ensino superior na prática profissional e acadêmica de seus ex-alunos, que efetivamente titularam em curso de pós-graduação *stricto sensu*.

O doutorado veio logo em seguida ao término do mestrado. Consegui aprovação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 2019, na linha de Fundamentos Filosóficos e Históricos da Educação, onde encontrei espaço para meu projeto de pesquisa, que discorre sobre a cultura e práticas educativas de um Grupo Escolar no início

da primeira República. A mudança de linha de pesquisa me deixou angustiada, mas o desafio de enfrentar o novo me motiva para a realização desta pesquisa e do sonho almejado. Eis que estou a caminho!

Na complexidade dessa realidade, descobri-me como pesquisadora em construção no campo educacional. Na busca por novos conhecimentos, fortaleci minhas reflexões e aprimoramento dos saberes e fazeres, como professora, coordenadora pedagógica, gestora ou Secretária Municipal de Educação. Essa trajetória foi percorrida em vinte e três anos de (re)construção de minhas práticas alinhadas pelas formações continuadas e acadêmica mediante cada realidade vivenciada.

Portanto, minha entrada na educação como profissional não poderia ter sido melhor. Vivenciei a educação do campo de maneira curta, mas intensa, na sala de aula de 6º ao 9º ano, na supervisão escolar e na gestão escolar e municipal, as quais me colocaram na formação em serviço diante do processo reflexivo sobre o percurso de minha vida profissional. A trajetória acadêmica foi melhor estruturada e fortalecida na Pós-Graduação, no mestrado POSEDUC (UERN-Mossoró), que me formou pesquisadora quanto às questões referentes ao planejamento, organização, procedimentos e rigor metodológico da pesquisa científica.

Nessa alegria e esperança, trago a certeza de que valeu a pena percorrer diferentes caminhos, adentrar novas águas e descobrir o verdadeiro significado da profissão de ser professora e pesquisadora. Como diz Freire (1996), inquieto, incompleto, não determinado, mas esperançoso em face de tantas possibilidades de fazer a educação e a pesquisa acontecerem.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Apuntes acerca de algunos conceptos básicos de investigación cualitativa sapiens. *Revista Universitaria de Investigación*, año 4, n. 1, p. 107-132, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, M. da C. (Org.). *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 23-50

98

MINAYO, Marília Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUZA, Eliseu Clementino. *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2004.

TEIXEIRA, Gislaine Cristina dos Santos. *Desenvolvimento de uma sistemática para acompanhamento de alunos e egressos sob a perspectiva da gestão de projetos*. 14 Dissertação de mestrado, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

CAMINHOS TRILHADOS NA CONSTRUÇÃO DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO, DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (2009 -2011)

Maria Antônia Teixeira da Costa¹



o iniciar esta narrativa voltei aos anos de 1996 quando cheguei em Mossoró, RN e ingressei como docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e recordei-me de mim mesma, de quem eu era, quem eu sou, das dificuldades enfrentadas, das aprendizagens, das contribuições, da minha trajetória profissional. E de lá para cá, escrevo em outubro de 2021, já passados mais de 25 anos dessa chegada e 10 anos da criação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Educação da UERN, regozijo-me por fazer parte dessa história. Por isso, agradeço ao convite que me foi feito para participar do VII Simpósio de Pós-Graduação em Educação (SIMPOSE-DUC), especificamente do Grupo de Trabalho: “10 ANOS DE POSEDUC-UERN”.

Nesse sentido, o presente texto propõe-se a refletir sobre os caminhos percorridos para a criação do Programa de Pós-Graduação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC-UERN), especificamente do Mestrado em Educação. Para isso, busco em minhas memórias, consideradas, por mim, como lembranças e, como diz

¹ Professora aposentada da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail:

Halbwachs (2013), elas não serão apenas minhas lembranças, mas também daqueles que comigo trilharam os caminhos de sua construção.

Nesse intento, após me situar, abordar sobre o lugar de onde venho, quem sou e sobre parte da minha trajetória profissional, reflito sobre atividades realizados entre os anos de 2006 até 2011. Para tanto, recorri às anotações dos meus cadernos de reuniões, e-mails trocados entre os membros da Comissão para Criação do Mestrado em Educação, ao livro: “Interiorizando a Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação do Rio Grande do Norte (2011)” e ao texto da Avaliação de Proposta de Cursos Novos (APCN).

O processo de criação da Pós-Graduação em Educação em Educação da UERN está estritamente ligado à própria história da Faculdade de Educação e da UERN e inicia-se com os primeiros professores, em meados de 1960. Especificamente, quando falo em uma ação mais concreta, posso afirmar que esse processo começa a ser concretizado com o estudo do professor Ivonaldo Neres Leite, em 2006, sobre as condições para a criação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* e prossegue, em 2009, até sua aprovação em setembro de 2011. Considerando a experiência vivenciada na construção da proposta no Mestrado em Educação posso afirmar que a esperança e a luta de professores permitiram a concretização de uma proposta (concebida por alguns como “impossível”) e a ampliação de intercâmbios e produções acadêmicas, trabalhos coletivos, novas possibilidades formativas, para mim e para os demais, eu creio.

O desvelar de mim: quem sou, de onde falo e de onde venho?

Eu sou Maria Antônia Teixeira da Costa, filha de uma professora primária e de um eletricitista, funcionário público da cidade de Touros. Neta de uma afrodescendente (parte materna) com quem aprendi a ler e a escrever, a amar a natureza, e bem cedo aprendi o valor de lutar por ideais, sou uma pessoa, sou mãe, sou uma educadora, uma profissional, sou Pedagoga com habilitação em Orientação educacional, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Curso concluído em janeiro de 1986.

Ainda no Curso de Pedagogia fui Sócia Aspirante da Associação de Orientadores Educacionais do Rio Grande do Norte e de 1989 a 1990 fui tesoureira dessa mesma instituição onde a representei em alguns Congressos Nacionais de Professores, Educadores e Trabalhadores em Educação. Fiz parte do processo de transformação das Associações de Professores, de Orientadores e Supervisores em um Sindicato. A minha formação fora dos bancos escolares foi imprescindível para a pessoa e profissional que sou. Fui também tesoureira da Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte de 1998 a 1999.

Iniciei minha carreira profissional como professora do magistério 2º grau, concursada em 1987. Exerci também a função de Orientadora educacional. Em 1990 iniciei meu Curso de Mestrado em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ao concluir, realizei concurso para UERN, fui aprovada e a maior parte de minha vida profissional foi nesta Instituição. Cheguei à UERN em 1996 e fui professora de História da Educação Brasileira,

além da disciplina de Políticas Públicas para a Formação do Professor, ministrada na Especialização em Educação.

De 2000 a 2003 realizei o Doutorado em Educação, na UFRN. Ao retornar à UERN, fui coordenadora do Grupo de Pesquisa: Formação e Profissionalização do Professor da UERN; coordenadora da Comissão de Currículo do Curso de Pedagogia; bolsista de produtividade de pesquisa da UERN e, em 2007, coordenei o Curso Pedagogia da Terra; participei da Comissão para Criação do Mestrado em Educação e, ao ser aprovado o Curso, fui professora e orientei alguns alunos. Aposentei-me da UERN em março de 2015 e, mesmo aposentada, ainda orientei duas alunas que concluíram suas dissertações em 2017. Eis um breve resumo de quem sou e de onde falo.

Por onde caminhei na comissão para criação do mestrado em educação (2003 a 2010)

102

Muitos caminhos foram trilhados para que a Comissão para Criação do Curso de Mestrado em Educação da UERN pudesse preencher o Aplicativo de Proposta de Cursos Novos (APCN), em virtude das exigências que eram postas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dentre as quais destaco: infraestrutura UERN e da Faculdade de Educação, com condições favoráveis; número de oito doutores e com produção bibliográfica, com projetos de pesquisa, de extensão, orientações de alunos na graduação e especialização.

O primeiro momento que vem à minha memória quando recordo de uma atividade concreta para a Criação do Mestrado aconteceu em 02 de fevereiro de 2006. Apesar de outras Comissões com essa finalidade já terem

sido instituídas, fui convidada pelo professor Ivonaldo Leite, presidente da Comissão, para participar de uma reunião nesse dia. Estavam presentes à reunião os professores: Brígida Felix, Arilene Medeiros, Carlos Alberto, Francisco José e eu. O professor Ivonaldo Neres Leite, Presidente da Comissão, apresentou o resultado de seus estudos sobre as condições da Faculdade de Educação e da UERN para se preencher o APCN. Ele fez um breve relato de como compreendia a situação da criação do Mestrado e afirmou que não deveríamos preencher um documento como o APCN sem a compreensão do que é um Programa de Pós-Graduação. Para ele era necessário a realização de eventos, convidar representantes de área, avaliar as potencialidades internas, verificar quantos doutores, de fato, a Faculdade de Educação poderia contar (havia 07 doutores, porém 02 sem terem ainda validado seus diplomas); melhorar a infraestrutura onde o Curso iria funcionar, pois geralmente o representante de área visita o local para dar seu parecer; contratação de uma consultoria e só deveríamos preencher o APCN quanto tivéssemos esses requisitos atendidos. “Preencher o documento não é o problema, o problema é ter o conteúdo para colocar lá dentro”, disse o professor Ivonaldo Neres Leite. Ele verificou que a Faculdade como um todo não abraçou a ideia da criação do Curso, a exemplo de que a maioria dos coordenadores de Grupos de Pesquisa não participava das reuniões para esse fim; o apoio Institucional à nossa proposta de Criação do Mestrado não estava explicitada, o que foi uma dificuldade. Mesmo assim, alguns professores eram favoráveis que fosse preenchida o APCN. A avaliação realizada pelo professor Ivonaldo Neres sobre a proposta do Mestrado foi muito precisa, bem refletida e

elaborada, foi uma avaliação acertada. Tenho uma vaga lembrança que ele não continuou na referida comissão.

Após essa reunião lembro de um silêncio sobre a Criação do Mestrado no coletivo da Faculdade de Educação, nos anos de 2007 e 2008, mas em mim estava instalada a necessidade de melhorar minha produção bibliográfica, participação em eventos e ter as condições para ser uma professora do Curso que se pensava em criar. Assim sendo, fiquei preocupada com a situação de isolamento em que vivíamos e o que vislumbrava adiante. Ora, eu havia concluído meu Doutorado em 2003, o que fazer? Para eu participar de alguma atividade da pós-graduação como por exemplo, banca de tese de doutorado, era exigido a vinculação a um Programa de Pós-graduação, e nossa Especialização em Educação não estava configurada como um Programa.

A Faculdade de Educação da UERN, no ano de 2007, passava por muitos dificuldades e desafios: problemas na infraestrutura, um Curso de Pedagogia reformulado, um Curso de Pedagogia da Terra. Éramos 35 professores da Faculdade e, destes, 07 eram doutores, 12 mestres, 15 especialistas. Muitos professores afastados para cursarem seus doutorados, muitos professores substitutos, poucos projetos de pesquisa e quase nenhuma extensão. Não havia o número de doutores suficiente para o preenchimento do APCN, e os que tinham o título de Doutorado, a produção era insuficiente, inclusive eu. A lição do resultado de estudo do professor Ivonaldo Neres sobre a criação da Pós-graduação em Educação foi um alerta para muitos de nós professores, não poderíamos mais continuar no isolamento. Houve uma certa mobilização individual e coletiva para produção bibliográfica. Eu fiquei desanimada, mas foram chegando novos professores doutores, cito o professor Jean Mac Cole

com bom ânimo, vivacidade e uma grande vontade para criar o Mestrado.

Passados dois anos, no início de 2009, por volta do mês de abril, foi instituída uma Comissão Central para Criação da Pós-Graduação em Educação da UERN, com os seguintes professores: Jean Mac Cole Tavares dos Santos, Arilene Maria Soares de Medeiros, Messias Holanda Dieb, Verônica Maria de Araújo Pontes. Os estudos para a criação do Mestrado foram retomados e fortalecidos com o retorno de alguns colegas que estavam cursando o Doutorado. Do mês de abril de 2009 até dezembro foram inúmeras reuniões realizadas, estudos dos currículos dos professores doutores, mobilizações para escrita de livros e publicações, intercâmbio com colegas de outras universidades, preparação e realização de I Simpósio de Pós-Graduação da UERN. Destaco algumas reuniões e eventos com um breve resumo do que foi discutido.

105

Aconteceram algumas reuniões em maio, uma delas foi com alguns membros da Comissão e o Diretor da Faculdade quando retomamos os pontos levantados pelo professor Ivonaldo Neres. O Diretor deixou claro que a criação do Mestrado era um dos objetivos principais.

No dia 15 de maio de 2009, realizamos pela primeira vez reunião com Messias Dieb Holanda, professor do Campus de Assú que iria somar conosco em várias frentes, uma delas na Comissão para Criação da Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Nesse dia. Discutimos acerca das possibilidades para a criação do Mestrado em Educação. Eu historiei a perspectiva de construção do Mestrado, apresentei os encaminhamentos já realizados junto com Jean Mac Cole e solicitei a apreciação do professor Messias Dieb. Os pontos enfatizados por Dieb foram: a contratação de uma assessor-

ria; uma área de concentração com os doutores em duas linhas de pesquisa; analisar e identificar uma identidade própria, para isso dizia ele: “é preciso responder a seguinte pergunta: em quais pontos os cursos de mestrado são semelhantes e em quais se diferem?” Sugeriu que os professores doutores, deveriam utilizar a Revista Expressão, que ele coordenava desde 2004, com a finalidade de publicação. Foi sugerido e acatado que toda quarta-feira haveria reunião da Comissão. As reuniões realizadas no mês de maio mostraram algumas necessidades urgentes a serem encaminhadas, caso desejássemos consolidar a criação do Mestrado: diminuir a carga horária dos professores; definir a área de concentração do Curso, definir qual seria o corpo docente; contratar um professor consultor, consultar a Pró-Reitoria de Recursos Humanos sobre a possibilidade da contratação de um professor visitante.

106

Em junho de 2009 o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* (especialização em Educação) completou 10 anos, um ponto chave e argumento essencial para a criação do Mestrado em Educação. A Especialização, em seus 10 anos de existência, formou mais de 150 profissionais, sendo esse resultado, uma peça chave como argumento para a criação do Mestrado. Os trabalhos foram se ampliando e os contatos estabelecidos entre professores das Universidade Federais do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, colegas que nos apoiaram nessa jornada.

Nesse caminhar, agora era ampliar esse apoio junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UERN. Marcamos uma audiência e em 23 de junho e fomos conversar com o Pró-Reitor sobre as necessidades postas para a criação da Pós-graduação *Stricto Sensu*. Estavam presentes a reunião Jean Mac Cole, eu e outro colega professor.

Após explanação de como estava o processo para criação do Mestrado, solicitamos a redução da carga horária dos doutores que iriam compor o quadro do Curso; dedicação exclusiva para alguns doutores, recém chegados à UERN; um bolsista para a secretaria do Mestrado; participação de professores em eventos, a melhoria da estrutura física da Faculdade de Educação.

A resposta do pró-Reitor foi um “balde de água fria” em todos nós, pois a situação, segundo ele, era delicada: não havia dinheiro para contratar assessoria para preencher o APCN, não tinha como atender sobre a participação de professores em eventos, não via a necessidade de ter bolsista para secretariar as ações da Comissão, nem teria como diminuir a carga horária dos doutores que iriam fazer parte do quadro do Curso, pois seria necessário contratar professores substitutos e a Universidade não dispunha de recursos para isso. Um único ponto positivo foi a possibilidade de se analisar a dedicação exclusiva de duas doutoras da Faculdade de Educação. Sobre a estrutura física, o Pró-Reitor falou que havia um edital aberto da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte (FAPERN) e os Grupos de Pesquisa poderiam participar, eram 10 mil para cada grupo e no total tínhamos 25 grupos de Pesquisa. Vale lembrar que durante o processo de criação passamos por dois Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação. Saímos da reunião preocupados, mas não desistimos de lutar.

Outro momento marcante que merece destaque aconteceu em 29 de julho de 2009, em uma reunião do Conselho Administrativo da Faculdade de Educação foi lido um texto com exposição de motivos sobre a necessidade da relotação do professor Messias Holanda Dieb do Campus de Assú para Mossoró e foi aprovada por unanimidade. Esse fato

em muito contribuiu para o nosso fortalecimento como grupo, como corpo de docentes para o Mestrado. Percebi, com essa aprovação, que os professores estavam acreditando na possibilidade da aprovação da Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Outro ponto abordado foi a informação de que as inscrições para I Simpósio de Pós-Graduação estavam abertas e que os participantes poderiam escreverem seus resumos até 31 de julho de 2009. O mês de julho e agosto foram de atividades intensas, em particular a organização do I Simpósio da Pós-Graduação.

No dia 18 de agosto de 2009 aconteceu uma reunião do Conselho Administrativo da Faculdade de Educação (CONSAD), com a finalidade principal de discutir sobre a criação do Mestrado em Educação da UERN. Foram escolhidos três nomes para o preenchimento do APCN: equipe de elaboração da proposta - Prof. Dr. Messias Holanda Dieb (FE / Mossoró), Prof. Dr. Jean Mac Cole Tavares Santos (FE / Mossoró) e eu, Profa. Dra. Maria Antônia Teixeira da Costa (FE / Mossoró). O professor Messias Dieb foi indicado e eleito como Coordenador da equipe e outra equipe de colaboradores da proposta foi composta por: Profa. Dra. Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro (FE / Mossoró), Profa. Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros (FE / Mossoró), e a Profa. Dra. Verônica Pontes. Foi discutido também a proposição da realização de um Salão de conversa com o debate sobre o Histórico da UERN, situação atual com as potencialidades e os limites, os Grupos de Pesquisa, a área do curso, linhas e ementas. Eram várias frentes de trabalho, a professora Arilene Medeiros com a organização do I Simpósio, eu e Jean Mac Cole com a escrita de um texto sobre a história da Faculdade e da formação de professores, orientações de trabalhos dos alunos para a participação no I Simpósio,

o projeto de Pesquisa que eu coordenava, denominado: A contribuição das disciplinas pedagógicas para a formação do professor nas Licenciaturas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Nos dias 26, 27 e 28 de agosto de 2009 aconteceu O I Simpósio de Pós-Graduação e Educação da UERN, momento ímpar de debates com professores como Jean Robert Polan, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Sônia Maria, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Eles, com a coordenação da professora Ana Lúcia Aguiar dialogaram sobre a pesquisa colaborativa e sua importância para contribuir com o desenvolvimento profissional do professor, a influência sobre o ensino e as suas preocupações de pesquisa; as diferenças entre a pesquisa colaborativa e a pesquisa-ação. Vários professores e alunos da graduação e da Especialização em educação apresentaram trabalhos. A Conferência de encerramento teve como tema: “A Pesquisa nos Programas de Pós-Graduação em Educação e suas repercussões na educação Básica”, proferida pelo prof. Jacques Therrien, da Universidade do Estado do Ceará. Também aconteceu um Salão de conversa com o tema: “A Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da UERN: caminhos, desafios e possibilidade”. O Salão contou com a presença de professores: Helena Amaral Fontoura (UERJ); Sônia Maria da Silva Araújo (UFPA); Jacques Therrien (UFC); Rui Martinho Rodrigues (UFC); Bruno Pucci (UNIMEP) e Joaquim Gonçalves (UMESP), além de colegas da Faculdade de Educação e alunos (PROJETO DE CRIAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 2010). O conteúdo, a aprendizagens do I Simpósio foram sistematizados na obra: “Interiorizando a Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação no Rio Grande do Norte, publicado pela UERN em

2011. Sem sombra de dúvidas, a realização do I Simpósio de Pós-Graduação da UERN foi um divisor de águas para a concretização do nosso objetivo, bem como momentos que me deixaram cheia de esperança e com muita energia para continuar a luta.

Em outubro de 2009 aconteceram várias reuniões entre a Comissão, corpo docente, demais professores e foram levantados vários encaminhamentos: os professores que iriam compor o corpo docente deveriam assumir uma turma na graduação e uma disciplina na Pós; marcar audiência com o Reitor; a sala onde funcionou a secretaria do Simpósio funcionaria como Secretaria da Comissão e do futuro Mestrado; professores deveriam melhorar sua produção; definir quais professores irão compor o quadro, estudar o APCN da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), de Ouro Preto e da Universidade Federal de Tocantins (UFT); a professora Arilene Medeiros ficou com a tarefa de escrever um texto sobre a subjetividade; os professores que participam da Comissão precisam de carga horária para o Mestrado; Comissão pleiteia a dedicação Exclusiva das professoras doutoras recém chegadas à Faculdade de Educação; as reuniões foram redimensionada para toda terça e quarta; Jean Mac Cole e eu ficamos com a tarefa de escrever o histórico do Curso de Pedagogia e da Faculdade de Educação.

No final de novembro de 2009 tivemos boas notícias quanto a resposta da participação da professora Betânia Leite Ramalho, como professora colaboradora do Programa. Além de aceitar, ela se dispôs a ler o documento para o APCN e conversar com a Equipe de elaboração do documento. E dia 22 de dezembro de 2009 realizamos a última reunião do ano, no que se refere à elaboração do documen-

to com as informações necessárias ao preenchimento do APCN.

Os trabalhos foram retomados no ano de 2010 e em março o documento estava pronto (numa primeira versão) e foi intitulado: “PROJETO DE CRIAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PosEduc,” resultado de mais de um ano de trabalho coletivo, construído por muitas mãos, muitas mentes e corações.

A Equipe de elaboração do Projeto aguardava a data para o preenchimento do Documento e no dia 04 de abril recebi um e-mail do professor Messias Dieb, encaminhado também a Jean Mac Cole e tratava das datas para o preenchimento do APCN. Conforme a Portaria nº 5 de 2010, publicada no Diário Oficial da União nós teríamos de 06 de abril a 03 de julho de 2010 para inscrever a nossa proposta, preencher o documento *on-line*, na página da CAPES. A equipe ficou tranquila, pois teria tempo para fazer os ajustes necessários.

A Equipe de elaboração deu prosseguimento aos trabalhos e planejou 03 dias de atividades para encaminhar ações imprescindíveis à Proposta, cito, a aprovação, a reunião com o corpo docente e a vinda da professora Clarilza Prado. Eu estava preocupada, pois era difícil ter *quórum* nas reuniões da Faculdade, porém os professores compareceram à reunião do dia 06 de abril de 2010 e o Projeto para Criação do Mestrado foi aprovado pelo Conselho Administrativo da Faculdade de Educação (CONSAD). No dia seguinte, 07 de abril, houve reunião com todo o corpo docente do POSEDUC para algumas orientações sobre a vinda da professora Clarilza Prado. E no dia 08 de abril de 2010, na Sala dos Conselhos da UERN, recebemos a professora Clarilza Prado, representante da CAPES, que estava rea-

lizando atividades na UFRN e conseguimos sua vinda à UERN. A reunião foi iniciada com a palavra do prof. Pedro Fernandes - Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação que agradeceu à professora a atenção dela que, diante de tantos compromissos na UFRN, veio a Mossoró nos atender. O pró-Reitor apresentou as condições de pesquisa da UERN, falou das bolsas de pesquisa, dos eventos, da capacitação docente e que dos 960 professores da Instituição 120 eram doutores. Citou também os três Cursos de Mestrados que funcionavam naquele ano na UERN: Letras em Pau dos Ferros; Física no Campus Central, em associação parcial com a UFERSA, e o de Ciências da Computação, no Campus Central em associação ampla, com a UFERSA. Também presente à Reunião, o Vice-Reitor, professor Aécio Cândido, falou da importância da vinda da professora e que reforçou o apoio Institucional para a proposta do Mestrado em Educação. Em seguida, o professor Messias Dieb, coordenador da Comissão para Criação do Mestrado fez a apresentação da proposta e fundamentou a necessidade daquele curso, em especial pela história da Faculdade de Educação na formação de professores. Apresentou, de maneira sucinta e geral, a proposta em construção, como: os objetivos do curso, área de concentração, linhas, formas de ingresso no curso; credenciamento de professores; disciplinas obrigatórias e eletivas e o corpo docente do curso com a respectiva formação. A professora Clarilza Prado considerou o projeto significativo, enfatizou que estava claro o apoio Institucional, fez algumas sugestões sobre o Projeto e tirou dúvidas sobre a questão das publicações e suas classificações. As palavras finais da professora Clarilza deixou a todos nós com muita esperança. Após a conversa, a professora foi convidada pelo Pró-Reitor, a conhecer a Faculdade de Educação. Ao

chegar lá, por volta das 11 horas do dia 08, ela foi recebida pela Diretora da Faculdade, a Chefe do departamento de Educação, vários professores e funcionários. Foi uma boa experiência e certamente fez diferença quanto à aprovação do nosso APCN.

De maio e até meados de junho de 2010 a equipe realizou algumas alterações no Projeto de Criação do Programa de Pós-Graduação em educação, nível de Mestrado e finalmente a proposta foi preenchida no dia 24 de junho de 2010, pelos professores Messias Holanda Dieb e Arilene Maria Soares de Medeiros. A Área de Concentração foi definida como “Estudos dos processos formativos em contextos locais”, com duas linhas de pesquisa: “Formação Docente, Práticas Pedagógicas e Subjetividade” e “Gestão e Políticas da Educação”. Agora era tocar em frente e esperar o resultado.

Aprendizagens com o processo de criação do mestrado em educação

Foram muitas lições que aprendi no processo de criação do Mestrado, algumas ficarão comigo e outras socializo adiante:

- a) É preciso tentar e não desistir - Mesmo que as condições para a realização de uma proposta de Projeto do novo Curso de Pós-Graduação não estejam 100% definidas, é preciso tentar, até mesmo para gerar uma demanda, uma necessidade, um olhar dos órgãos financiadores para aquela Região onde está sendo solicitada a criação de uma Pós-Graduação *Stricto Sensu*;

- b) O tempo é imprescindível - Para se propor a criação de um Mestrado Acadêmico em uma universidade é preciso tempo, é preciso uma história, experiências acumuladas na Pós Graduação *Lato Sensu* (Especialização), uma determinada produção bibliográfica, Projetos pesquisa e de extensão;
- c) O fazer coletivo é essencial - Percebi que não se pode construir um projeto acadêmico de maneira individual, precisamos sempre uns dos outros. O fazer coletivo na Universidade é de extrema importância, foram muitas mãos que criaram o Mestrado, da UERN e de outras Universidade, não se pode viver isolado como vivíamos; o trabalho colaborativo tornou-se uma constante entre os colegas professores do Curso, seja nas bancas avaliadores, bem como nas publicações conjuntas.

O mês de setembro de 2010 chegou e com ele, no dia 13, o resultado da Proposta do Programa de Pós-Graduação - *Stricto Sensu* da UERN encaminhado à CAPES: foi aprovado. Foi uma grande festa na Faculdade, muito risos, muitos abraços. Foi acreditando na possibilidade de aprovação que nós, da Comissão, não desistimos diante das dificuldades iniciais. Foram momentos de descrença e crença; apoio e não apoio, desânimo e ânimo, desesperança e esperança. Foram dias de trabalhos intensos, de sentimento de impotência, de tristezas e alegrias. As lembranças que ficaram do processo vivenciado na Comissão para Criação do Mestrado em Educação retomam de maneira viva dentro de mim e a certeza da missão cumprida. Parabéns aos 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Referências

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares; BARBOSA, Joaquim Gonçalves (ORG.). *Interiorizando a Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação no Rio Grande do Norte: Desafios e Perspectivas*. Mossoró, UERN, 2011.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. *Projeto de Criação do Programa de Pós-Graduação em Educação - Poseduc*. Mossoró, 2010.

ACREDITAR PARA REALIZAR: CHEGUEI NO MESTRADO!

Maria Beatriz Fernandes¹

116

Seria clichê iniciar falando que estar no mestrado é um sonho? Acredito que sim, mas não poderia começar de outra forma, já que a referida proposição é realmente verdade. Tal sonho é tamanho, que a ficha nem caiu ainda. Entretanto, buscando “[...] definir esse espaço branco de onde falo” (FOUCAULT, 2008, p. 19), proponho nestas breves palavras que aqui redigirei, traçar um pouco de meu percurso formativo e das condições que permitiram chegar até aqui. Compreendendo assim como Toricelli e Grando (2011), que as narrativas são possibilidades de exprimir os sentidos que cada indivíduo produz ao longo de sua vida.

Foucault (2008, p.20) em seu livro *A arqueologia do saber*, disse: “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo”. O que farei então, se não direi quem sou? Essa é a grande questão. *Quem somos nós hoje?* Até que este texto chegue até você querido leitor, muitas transformações já terão acontecido, desta forma eu seria pretenciosa se lhe dissesse que direi quem sou. Além disso, realmente, Foucault estava certo. Não é possível permanecer o mesmo. Não é possível dizer que a mesma pessoa que começou a esboçar estas ideias e sentimentos permanecerá

¹ Mestranda em Educação - POSEDUC/UERN, Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica -FAVENI, Graduada em Pedagogia - CAPF/UERN. E-mail: beatrizfernandes98@hotmail.com

da mesma forma, somos seres que se transformam constantemente, e, ainda bem, seria um caos viver na linearidade.

Sem mais delongas, apresento-me, eu, Maria Beatriz Fernandes, 23 anos, filha de um pedagogo que foi o primeiro a concluir um curso do ensino superior na família e tinha a educação como prioridade para seus filhos, a idealização de que seria nos estudos que conseguiriam lograr o êxito em uma sociedade tão injusta e desigual. Compreendi cedo o que meu pai falava e ao ver sua dedicação ao ofício, percebi que mesmo diante das dificuldades que enfrentaria, era aquilo que queria para meu futuro.

Talvez um pouco diferente dos colegas de turma do ensino médio, era a única que dizia abertamente: “quero ser professora!”. Contudo, incontáveis vezes me desmotivaram desta profissão. Até mesmo os meus professores incentivavam a buscar outros caminhos. Mal sabiam eles os planos que idealizava para meu futuro. No íntimo guardava esse sonho do mestrado, mas deixava o desejo bem escondidinho, pois não tinha conseguido nem chegar na universidade ainda, quanto mais ser aluna de uma pós-graduação. Preferi ir vivendo uma etapa por vez, aproveitando os deleites que cada fase da vida me proporcionava.

O ingresso em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Pau dos Ferros (CAPF) em agosto de 2016, confirmou minhas expectativas sobre a profissão que havia escolhido. Vivi o curso intensamente, desfrutei de tudo que a universidade poderia me oferecer. Coloquei como propósito não perder as oportunidades que aparecessem e construir um caminho que pudesse levar a dar passos mais largos. Neste percurso, encontrei alguns professores que encorajaram a ir além de onde estava, motivaram-me a não parar apenas na gradua-

ção e incentivaram-me a permanecer no processo de estudo e aprendizagem contínua.

Foi assim que comecei a perceber que o sonho de uma menina matuta, que vinha literalmente da roça, da zona rural de uma pequena cidade localizada no interior do Rio Grande do Norte, poderia se tornar realidade. E percebi que o primeiro passo para quem deseja alguma coisa na vida é acreditar. Quando ainda era adolescente e ficava imaginando um dia no mestrado, sonhando com essa possibilidade, não tinha ainda nem dimensão do tanto de coisas que teria que passar e do quanto seria árduo, porém, gratificante. Entretanto, foi o acreditar que manteve vivo este desejo.

O ano de 2020 chegava e trazia consigo muitas expectativas. Era a defesa da monografia, a colação de grau, a seleção para o Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC), a realização de concursos. Mas como se tudo isto não fosse suficiente para uma jovem com ansiedade, no início de 2020 um vírus invisível ganhou o mundo. O 'coronavírus' como foi chamado, se alastrou em nosso meio social com uma rapidez inexplicável e acometeu diversas pessoas, ceifando com milhões de vidas. Como forma de tentar amenizar essa situação passamos a viver em isolamento. E o que na verdade começou com uma quarentena de alguns dias, foi se prolongando até o que hoje perdura por quase dois anos. E como isso alterou minha trajetória? EM TUDO!

Inicialmente, o sentimento foi de angústia por não ter conseguido realizar o sonho da defesa de monografia presencialmente e devido a pandemia, ocorreu de modo virtual. Parecia um pesadelo com tudo ao meu redor desmoronando. Comecei a questionar e a duvidar do futuro

incerto que se apresentava diante de meus olhos. Hoje percebo que apesar dos problemas que enfrentamos, foram as condições impostas pelo período vivenciado que deram as possibilidades de chegar até aqui.

Primeiro porque a seleção do mestrado foi adiada, a incerteza sobre a situação em que estávamos vivenciando estendeu os prazos programados. Neste meio tempo, o PO-SEDUC lançou edital de seleção para alunos especiais e a modalidade de oferta era virtual, o que caiu perfeitamente para uma aluna que estava saindo da graduação e não conhecia o ritmo de estudo de uma pós-graduação. E mais, conseguir cursar a disciplina *Estado, Educação e Poder*² de dentro de minha casa, sem precisar se deslocar por 3h até Mossoró, foi uma grande oportunidade.

Nesse meio tempo em que cursava esta disciplina, o processo de seleção de alunos regulares para o Mestrado retornou com algumas mudanças para atender as exigências da pandemia, a prova seria de modo virtual, a entrega do projeto e do currículo também seriam pela internet. A cada encontro remoto do componente que estava cursando, o coração acelerava um pouco mais com a possibilidade de que o sonho se tornasse realidade. Mas ao mesmo tempo, ao ver na turma alguns colegas que também estavam concorrendo a vaga, batia uma pequena aflição, questionando em meu interior quem conseguiria, já que não tinha vagas para todos.

Confesso que o percurso da seleção foi um tanto suado, mas nada na vida vem tão fácil. É preciso que tenhamos dedicação e força de vontade. E como dito anteriormente, é

² Disciplina cursada como aluna especial no semestre 2020.2, ofertada pelos docentes: Prof. Dr. Allan Solano, Prof. Dra. Cicleme Alves e Prof. Dra. Arilene Medeiros

preciso acreditar. Nunca deixar de acreditar! Foquei na preparação e nas leituras para a prova, e, consegui a aprovação, viria então a próxima etapa. Formulei e estruturei uma pergunta de partida que desse fôlego e fizesse o coração do projeto pulsar. Opa! Me levou para a próxima fase; agora uma das piores coisas que começou a me assolar e até hoje ainda tenho dificuldades, que é controlar a ansiedade. Pense em uma coisa difícil! No entanto, estudei, organizei minha fala e parti para a defesa de meu projeto. Restava-me apenas aguardar.

Cada etapa com seus nervosismos e singularidades, mas a verdade é que quando chegamos na defesa do projeto, o sentimento é de que tudo que você poderia ter feito, você fez, só não sabe se é suficiente. Lembro-me saindo da defesa com os olhos cheios de lágrimas, fechando a câmera para que não percebessem.

120

Não é para menos, o processo foi longo e quando cheguei em um dos momentos cruciais, senti que poderia ter ido melhor, não consegui articular as respostas como queria. Começou a passar um filme em minha cabeça, a ansiedade invadiu o peito e toda a carga que carreguei no percurso da seleção, caiu como uma bomba na emoção e não me contive. Naquele momento, afastei o notebook para o lado, baixei a cabeça, chorei. Chorei e entreguei nas mãos de Deus o meu caminho. O que podia fazer, eu fiz.

Algumas horas após a entrevista, meu telefone tocou, era Luzitana, que também estava concorrendo a uma vaga no POSEDUC. Ela tinha acabado de sair da entrevista. Compartilhamos as angústias, estávamos insatisfeitas com o nosso desempenho, mas ainda não tínhamos resultado. Demos o nosso máximo e agora restava aguardar.

Até que chegou o dia do resultado final, não queria criar expectativas, mas não podia deixar de acreditar. Para tentar não me concentrar tanto nisso, responsabilizei-me por alguns afazeres na casa do meu avô. Era uma manhã ensolarada, estava sozinha lá e afastada de tudo. Sem ninguém por perto. Apenas eu com meu celular e o canto dos pássaros ao fundo proporcionando uma melodia suave e pacificadora.

Aproveitei o momento para fazer umas leituras, entretanto, não sei se vocês já passaram por isso (espero que não) mas pessoas ansiosas não ficam muito tempo focada em uma atividade, o cérebro parece que tem uma carga de energia jogando diversos comandos e desviando a atenção.

Assim, mesmo sabendo que os demais resultados da seleção haviam sido publicados apenas no final do dia, não consegui mais me concentrar. Deixei a leitura de lado e entrei no site do POSEDUC, precisava conter a ansiedade que apertava o peito. Quando a página carregou, o coração acelerou, a mão tremeu. Estava lá a lista. Cliquei. Os olhos brilharam. Larguei o celular no chão e, de novo, chorei. Eu era a mais nova mestranda na família! O marco de início de uma trajetória.

Desde então, tantos conhecimentos temos construído até aqui! Diante de uma pandemia, ter a oportunidade de cursar o mestrado de casa é realmente algo que não explicamos. Sei que os encontros presenciais não se comparam, mas os custos para morar em uma cidade distante, muitas vezes pesam não apenas no orçamento, mas também no desgaste físico e psicológico. A possibilidade de cursar este primeiro ano de forma remota abriu oportunidades que eu nem imaginava para um mestrado. Como o caso do intercâmbio.

Quem nunca se imaginou realizando alguma viagem para outro país? Estudando em uma universidade estrangeira? Claro que tinha vontade, mas nem nos sonhos mais bonitos achava que um dia teria uma chance dessa. E ainda mais, viajar sem sair de casa! Muitas vezes as universidades públicas são criticadas, a própria UERN sofre com pressão da classe alta querendo sua privatização. Não veem, ou melhor, não querem ver o quanto esta instituição tem favorecido para promoção do desenvolvimento econômico local e possibilitado oportunidades de melhorar a vida de milhares de estudantes.

Eu sou um fruto da UERN, sou um fruto da escola pública. Estou agora no POSEDUC, um programa de pós-graduação que oferece um ensino de qualidade e gratuito, por isso, sinto-me no dever de defender e lutar para que mais pessoas, assim como eu, possam ter a oportunidade de desenvolvimento profissional e pessoal.

É um misto de sentimentos todas as oportunidades que o POSEDUC tem oferecido. Quando meu orientador acadêmico Prof. Dr. Allan Solano, lançou a proposta de realizar o intercâmbio juntamente com minha colega Mie Nakayama, por meio do Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-americano (PILA), foi de certa forma uma surpresa. Muitos estudantes sonham em estudar em outro país, eu era uma dessas sonhadoras, todavia, nunca pensei que um dia essa oportunidade fosse de fato aparecer. O POSEDUC é uma caixa de surpresas!

Quando fizemos a inscrição para o PILA, eu e Mie conversamos para escolhermos a disciplina juntas, pois assim teríamos uma a outra para se ajudar, tendo em vista que não tínhamos nem noção de como seria essa experiência. O medo do diferente, em trilhar caminhos que até então

ninguém nos 10 anos do POSEDUC tinha feito. Seríamos as primeiras do programa a realizar uma internacionalização. Decidimos cursar *Investigación en Liderazgo y Educación*, por ser um tema que se aproximava da discussão de nossos objetos de estudo. Esta disciplina era ofertada pela Prof. Dra. Gabriela Saucedo na *Universidad Militar Nueva Granada*, em Bogotá/Colômbia.

O resultado saiu e apareceu uma complicação na minha inscrição por conta de alguns outros documentos que foram exigidos. Pensei em desistir, se não deu certo, então não iria tentar mais. No momento estávamos cursando o primeiro semestre do mestrado e já estava sentindo uma carga muito grande. O ritmo de estudo é algo que nos mantém ativos, que nos dá prazer, é fascinante discutir sobre os processos políticos e estruturais de nossa educação, mas a dedicação exige muito de nosso psicológico e às vezes pensamos que não somos capazes. E foi assim que me encontrei, começando a questionar se seria capaz de realizar as mudanças no projeto de minha dissertação, de acompanhar as disciplinas, de produzir.

Diante de todos os questionamentos, lembrei: é preciso persistir, é preciso acreditar. Assim, organizei os documentos exigidos, enviei e alguns dias depois recebi a confirmação da inscrição. Porém, quando chegou o e-mail para realizar o cadastro institucional e ter acesso como aluna aos materiais da disciplina, mais uma vez ocorreu um problema, a chave oferecida pelo sistema para acesso na plataforma não era válida. Entrei em contato com a universidade, e, cordialmente, me atenderam. A Nury Julieth, que era técnica da instituição, realizou uma chamada de vídeo pelo *Google Meet*, exclusivamente comigo, dando o suporte e au-

xiliando. Chegou a entrar em contato com o engenheiro do *site* da universidade para conseguir solucionar a situação.

Com tudo pronto, restava apenas aguardar o início das aulas que estavam programadas para acontecer durante todo o dia, por 6 (seis) sábados. Apesar de empolgada, encontrei algumas dificuldades, uma delas foi a questão do fuso horário, como a diferença da Colômbia para o Brasil são de 2h, o tempo de pausa para a alimentação era diferente. Por exemplo, para eles o almoço ocorria às 13h, o que correspondia aqui no Brasil às 15h. Uma outra dificuldade estava relacionada à compreensão, principalmente no início, confesso que foi difícil acompanhar a velocidade com que falavam. Por mais que fosse uma língua que se aproximava do português, mas possui algumas, senão muitas, diferenças. O mais interessante é que quando terminavam as aulas, eu continuava escutando tudo em espanhol e a vontade era de falar também em espanhol.

O intercâmbio permitiu não apenas a construção de conhecimentos científicos, mas também, o compartilhamento de vivências culturais, foi uma experiência riquíssima, sem igual. A professora Gabriela Saucedo era muito dinâmica, promovia atividades de interação com a turma buscando que todos participassem. Alguns dos temas estudados iam em uma direção contrária àquilo que venho aprofundando desde minha graduação, no entanto, achei extremamente importante conhecer a defesa de outros pontos de vista e referenciais.

Como meu objeto de estudo é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), minhas reflexões questionam sobre essa Nova Gestão Pública baseada em resultados e em imposições de padrões administrativos de alta eficiência e eficácia, enquanto nesta disciplina cursada na

Colômbia, percebi uma forte defesa aos modelos empresariais. Mesmo que não concebiam diretamente a escola como uma empresa, mas defendem um modelo de serviço que atenda a perspectiva dos consumidores, das exigências do mercado de trabalho. Em um dos encontros foi citado diretamente que deveria se fazer um levantamento dos conhecimentos e habilidades necessários exigidos pelos empregos do futuro e a escola deveria formar os alunos para atenderem a estas perspectivas.

Percebi que as discussões estavam embasadas por uma defesa da excelência educativa e em meio às reflexões propostas na disciplina, reconheci a importância de conhecermos outras concepções teóricas. O POSEDUC me deu esta oportunidade. As construções me permitiram que compreendesse também sobre a importância da liderança no contexto educativo, até então, não tinha parado para pensar em como toda a escola é envolvida e depende diretamente desse processo.

Percebi que liderar vai além de pronunciar palavras bonitas, requer exemplo e que este, parta primeiramente do líder. Ele é o responsável por fazer com que as dificuldades não sejam empecilhos para desmotivar, para estagnar uma situação e atrapalhar o avanço. Do contrário, um líder, deve ser capaz de mobilizar, de contornar as dificuldades, de fazer com que o grupo se sinta motivado a desenvolver um bom trabalho. Mostrar as dificuldades, pois não se pode esconder a realidade, mas além disso, evidenciar que é possível superá-las, motivando, trabalhando em conjunto, no coletivo.

Quando refletimos sobre a qualidade da educação, foi possível perceber que muitas vezes a gestão escolar está tão preocupada em atender aos princípios burocráticos e

se esquece de desenvolver estratégias para a promoção do objetivo principal das instituições escolares - oferecer as condições propícias de aprendizagem, isto é, garantir que os estudantes aprendam.

Um dos autores estudados, Joaquín Gairín, destacou sobre a importância de uma educação para a transformação da sociedade. Conforme Gairín (2014), se quisermos uma mudança em nossa sociedade, precisamos modificar hoje o sistema educativo, não adianta ficar estagnado esperando pelo plano perfeito, é preciso tecer pequenas mudanças que incentivem os professores, que ofereçam condições dignas de trabalho e que permitam aos alunos uma formação integral. Uma formação para a cidadania, para a sociedade, para mobilizar e implementar as mudanças que o mundo tanto precisa.

126

Por fim, além das discussões em torno da liderança e da qualidade no contexto educativo, destaco os momentos de realizações de trabalho em grupo, a forma calorosa e acolhedora de nossos colegas colombianos. Sempre prestativos, buscando explicar algo que eu e a Mie não tínhamos entendido direito, realizando encontros virtuais para nos ajudar e compartilhando um pouco da cultura deles conosco, como também bastante curiosos para conhecerem nossa cultura, nossa língua e nosso país. Enviamos fotos dos pontos turísticos do Nordeste e eles ficaram encantados com tanta maravilha natural. Compartilhamos também algumas expressões, como a palavra “eita”, que usamos em alguns momentos de aflições nas aulas. Foi uma oportunidade incrível, inexplicável. Só se sabe, vivendo.

Outra experiência que merece e deve ser destacada aqui, foi a oportunidade de participar do Estágio de Docência na disciplina Estrutura e Funcionamento da Educação

Básica ministrada pelo Prof. Dr. Allan Solano no 3º período do curso de Pedagogia, no *Campus* Central da UERN. O estágio é uma etapa obrigatória para bolsistas, contudo, no momento em que foi enviado o Plano de Trabalho para o professor, ainda não tinha saído o resultado da seleção e somente no atual momento (novembro de 2021) que tem avançado o processo de implementação da bolsa. Logo, no período em que teve início as reuniões para planejamento do estágio, em julho de 2021, esta não era uma fase obrigatória para mim, entretanto, meu orientador lançou o desafio e desafios existem para serem vencidos.

Estar no mestrado nos permite sonhar em ser professores universitários e a oportunidade do estágio de docência me proporcionou sentir um primeiro gostinho deste sentimento. Confesso que provocou em mim também um conflito interno, pois saí da graduação diretamente para o mestrado e me deparar com a situação de conduzir uma aula no ensino superior foi desafiador. Precisei lutar com meu psicológico de que não estava mais na condição de aluna e interiorizei que seria capaz de proporcionar momentos de aprendizagem, oferecendo condições para que pudéssemos refletir diante dos temas propostos e avançarmos juntos ao longo da disciplina.

Posso dizer que foi uma experiência que me mostrou ainda mais a importância da coletividade. Desde os primeiros momentos como estagiárias do Prof. Dr. Allan, eu e Mie sentimos esta característica do trabalho em equipe. Nosso orientador nos deu a liberdade para planejarmos e mediar-mos as aulas, nos apoiou e nos conduziu em momentos de incerteza, segurou em nossa mão nos momentos de apertos e nos incentivou quando achávamos que não iríamos alcançar nossos objetivos.

Cada momento foi muito importante, desde os planejamentos, a execução e avaliação. No início senti um pouco de aflição diante da responsabilidade com a disciplina, precisava apresentar uma discussão clara para os alunos, não bastava apenas ler os referenciais e achar que entendeu determinado assunto, era preciso ter e demonstrar realmente domínio de conteúdo. Lembro de um dos primeiros textos que discutia sobre a regulação e trazia uma contextualização do neoliberalismo. Eu já tinha estudado o neoliberalismo na graduação e na disciplina especial cursada no POSEDUC, mas fiquei pensando em como o assunto foi pesado para compreender e comecei articular formas que pudessem chegar mais suaves.

O sentimento de aluna ainda estava/está forte dentro de mim, então começava a ver possíveis dúvidas que eu teria e que tive quando vi o assunto pela primeira vez e já fui articulando algumas falas nesta direção. Como também, juntamente com Mie, organizamos um *quiz* por meio do *Kahoot* para fixar alguns conceitos básicos. A dinamicidade sempre ajuda neste processo de revisitar noções recém formuladas.

Além de tudo isto, destaco a imensa contribuição de trabalhar em equipe, porque essa foi a sensação durante todo o estágio. Eu e Mie, atuamos como parceiras e o professor Allan em todos os momentos esteve nos apoiando e nos ajudando. Não fizemos meras divisões do trabalho, construímos juntos o nosso planejamento e desenvolvimento. Mie enquanto companheira de estágio, já com experiência de sala de aula, me ajudou a quebrar alguns paradigmas construídos previamente sobre o processo de ensino.

Juntas percebemos a importância do processo avaliativo, notamos o quão difícil é formular uma avaliação e cor-

rigi-la, ainda mais diante um ensino remoto que nos oferece diversas possibilidades, mas que deixa de ofertar o primordial, que é o contato humano. Por mais que estejamos na tela com os alunos, não conseguimos identificar o que muitos deles estão passando e isso foi algo que muito nos inquietou. Sentíamos a falta desse contato visual, desse calor humano que nos mostra quando algo não está tão bem.

No mais, a experiência foi única. Enquanto aluna do POSEDUC, percebi que o estágio deveria ser via de regra para todos, bolsistas ou não, pois proporciona um amadurecimento enquanto pesquisador, além de possibilitar aprofundar nas discussões e na escolha do campo de atuação, visto que é um primeiro contato com a docência no ensino superior. No início podemos nos ver um pouco apertados com as responsabilidades que precisamos assumir, mas ao chegar no final, percebemos o quanto o tempo é fugaz.

Este mesmo sentimento de rapidez estou vivenciando na fase atual do mestrado, em que se aproxima a qualificação e a velocidade da passagem dos dias e das horas é até misteriosa. Comparo como se fosse areia que se esvai entre os dedos de forma imperceptível. Apesar do misto de sentimentos e até mesmo da sensação de incapacidade diante das dificuldades, que muitas vezes desmotiva e nos coloca para baixo, continuo firme, defendendo que só se conquista algo, acreditando e dando o primeiro passo, persistindo, indo além.

Já vivi muitas experiências no POSEDUC e olha que ainda não tem nem um ano que estou no programa. Ainda espero vivenciar muito mais até o final da pós, sei que será um divisor de águas na minha vida, porque na verdade já está sendo. Assim como disse no início, não há como permanecer a mesma. O POSEDUC é a possibilidade de quali-

ificação profissional, de reflexão dos processos inerentes à educação e de mudança de vida.

Referências

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FronterasEducativas. Dr. Joaquín Gairín: “La gestión Educativa para el siglo XXI”. *Youtube*, 30 de maio de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gMzGvbrHOMg&ab_channel=FronterasEducativas Acesso em: 28 de outubro de 2021.

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interações*. Nº. 18, pp. 204-228 (2011). Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

A UERN COMO INSTITUIÇÃO FORMADORA E TRANSFORMADORA: ENTRELAÇE DE SONHOS E VIVÊNCIAS

Mie Nakayama Dantas da Silva¹

N o decorrer do Ensino Médio, em uma escola da rede pública estadual da cidade de Mossoró/RN, ingressar em uma universidade não integrava perspectivas de grande parte da turma. Mas fazia parte do meu ideário para os anos subsequentes. Vinda de uma família de professores, a educação fez parte da minha construção pessoal, ética e profissional. O curso de Pedagogia foi a escolha que já era parte de minhas brincadeiras de infância, no desejo de marcar vidas, nos sonhos para um futuro e uma carreira no contexto educacional.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) foi a escolhida para o meu ingresso na vida acadêmica. A instituição é um ícone na interiorização do Ensino Superior no Estado do Rio Grande do Norte, um elemento essencial para o desenvolvimento da educação na cidade de Mossoró e região, por formar grande parte dos professores que atuam na educação básica de Mossoró e cidades circunvizinhas. Para nós, mossoroenses, motivo de orgulho e de valorização da nossa terra.

Recordo-me de pensar que não deveria prestar vestibular em nenhuma outra instituição, mantendo o foco

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: miesilva@alu.uern.br

naquela que escolhi. Os nomes dos aprovados, divulgados à época em jornal impresso e lidos na rádio da cidade, compunham um cenário de expectativas. Aguardávamos ansiosamente pelo dia e horário em que o resultado seria publicado. No dia em questão, a notícia da aprovação chegou por diferentes fontes: amigos, vizinhos, familiares. Não consigo descrever a sensação, apenas me recordo do sentimento de felicidade ao saber que ingressaria na universidade que pus como meta de vida.

Ao ingressar no curso de pedagogia (2005-2009), na UERN, tivemos a oportunidade de ampliar horizontes e construir concepções epistemológicas essenciais à atuação como educadora. Concomitante à graduação, vivenciamos a docência na rede privada de ensino. Foram anos de vivências, aprendizagens e superações que constituíram quem sou profissionalmente e como pessoa. A práxis pedagógica, que fez parte do meu percurso acadêmico, me proporcionou vivenciar a experiência de atuar como docente concomitantemente ao período de graduação, o que me possibilitou aplicar em meu contexto profissional os estudos desenvolvidos na academia. A conclusão do curso não apontava o fim do ciclo de aprendizagem e/ou de relação com a universidade. Os professores tiveram um papel inspirador no desejo de buscar a pós-graduação. Um corpo docente de mestres e doutores me abriu a visão de que a pesquisa é intrínseca à docência. Como afirma Freire (2011, p. 30-31), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo”. O professor é um pesquisador por natureza, está em sua essência.

Apesar de a rotina profissional me afastar dessa concepção e sufocar as expectativas de continuidade nos estudos na pós-graduação *latu sensu* e, conseqüentemente, *strictu sensu*, o sentimento de que faltava algo me inquietava. Esse sentimento me impulsionou a retornar à UERN cerca de 10 anos após a conclusão da graduação. O mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC/UERN), compreendido pessoalmente como sonho/meta/objetivo, tornou-se cada vez mais necessário e ansiado. Ao refletir sobre o percurso a ser trilhado rumo a esse objetivo, compreendi que seria preciso fazer concessões diante da minha realidade profissional. Foram escolhas que me moveram, que apontaram para aquilo que almejava. Foi necessário estabelecer as prioridades e realizar ajustes que proporcionassem o tempo requerido pelo processo de construção de uma pesquisa acadêmica.

Inicialmente, ingressando como aluna especial na disciplina “Políticas Públicas da Educação”, ministrada pelo professor Dr. Allan Solano Souza e pela professora Dra. Arilene Medeiros, me redescobri como aluna e como pesquisadora. As leituras, discussões e o ambiente acadêmico trouxeram à tona dúvidas, curiosidades, reflexões e a necessidade de pesquisar a realidade que me circunda como profissional da educação. As inquietações que surgiram a partir das temáticas cresceram e se transformaram em um projeto de pesquisa, posteriormente submetido ao programa.

Nesse percurso, tive a oportunidade de observar a relação orientador/orientando e sua significância. Compreendendo-a como uma relação pedagógica dinâmica e que promove aprendizagens mútuas, ficou explícito que orientadores e orientandos compartilhavam experiências de

troca de saberes, opiniões, reflexões, perspectivas acerca dos objetos de estudo. Conheciam-se enquanto pessoa e profissionais, o que me fez desejar participar de algo assim, que me motivasse dessa forma, me desse a base e o impulso para construir algo que contribuísse de alguma forma com a sociedade. Essa troca, assim como toda relação humana, consiste em um processo de interação e subjetividade, desenvolvido em níveis e aspectos individuais (VIANA, 2008).

Ao participar da seleção para aluna regular do Mestrado em Educação do POSEDUC/UERN, em 2020, refleti acerca dos aspectos observados anteriormente, identificando nos professores supracitados características primordiais para o desenvolvimento de um trabalho significativo, apontando-os como opção de orientadores. Propus ao programa um projeto de pesquisa que traz como objeto de estudo o processo de eleições diretas para diretores escolares, envolvimento no contexto da gestão democrática, que nos proporciona um olhar reflexivo acerca das nossas vivências dentro do contexto escolar.

O processo de seleção transcorreu em meio à pandemia provocada pelo SARS-COV2 (ZIZEK, 2020). Contexto complexo e de incertezas. O processo em si nos trouxe diferentes aprendizagens acerca do desenvolvimento da escrita acadêmica e a necessidade de tecer argumentos que defendessem nosso posicionamento e pontos de vista, subsidiados em referenciais coesos e de argumentação alicerçada nos princípios éticos da pesquisa.

Ingresso no Mestrado em Educação em 2021 disposta a vivenciar essa experiência em sua totalidade. A aprovação é o início de um percurso de desafios e transformações pessoais e profissionais. Muitas inquietações se fizeram presentes no período de estruturação e delineamento da

pesquisa. Como afirmam Quivy e Van Campenhoudt (1998, p. 31), “uma investigação é, por definição, algo que se procura”. E para encontrar esse algo, é necessário ter clareza acerca do objeto investigado. Inicialmente, o nosso objeto de estudo se configurava de maneira turva, em meio a diferentes temas que tangenciam o debate. Contudo, ele foi tomando forma e se apresentando de maneira mais nítida. Um processo complexo e subsidiado pela estrutura e suportes oferecidos pelo programa.

Dentre as diferentes possibilidades de ampliação e construção de conhecimentos proporcionados pelo POSE-DUC/UERN, neste relato enfocarei a vivência do intercâmbio acadêmico com universidades latinas e a experiência do estágio docência. O enfoque se dá pela amplitude dos desafios propostos e pela marcante experiência vivenciada.

Ao receber o informe do nosso orientador, o professor Dr. Allan Solano Souza, acerca do Programa de Intercâmbio Acadêmico Latino-Americano (PILA), aceitei a proposta de cursar uma disciplina em nível de mestrado em uma universidade estrangeira. A língua espanhola, considerada “irmã” da língua portuguesa, integrava o desafio. Ler, ouvir e interagir em uma outra língua é uma experiência ímpar e construtiva. Com isso, identificamos uma disciplina que se aproximava do nosso objeto de pesquisa: *investigación en liderazgo y educación*, na *Universidad Militar Nueva Granada - UMNG* (Bogotá/Colômbia). As expectativas geradas apontaram para questões como: a comunicação, as diferenças entre os contextos políticos e sociais, o formato virtual de interação, as contribuições da temática para a pesquisa proposta ao programa.

No contexto remoto, todo o processo de inscrição transcorreu via e-mail, intermediado pela Diretoria de Rela-

ções Internacionais e Interinstitucionais (DAINT/UERN). Ao iniciarmos as aulas virtuais, recepcionados pela docente Dra. Gabriela Saucedo, nos deparamos com discussões enriquecedoras e contextualizadas. A professora demonstrou cuidado em promover uma comunicação clara e facilitadora da aprendizagem, assim como nos envolveu nos tópicos em debate, questionando a realidade brasileira e/ou compreensão pessoal acerca dos temas. A receptividade dos colegas de turma enriqueceu a experiência e promoveu a troca de conhecimentos, com os quais realizamos atividades em grupo e interagimos em diferentes ambientes virtuais, possibilidades proporcionadas pelo ensino remoto.

As discussões apontaram para realidades próximas, apesar de distantes geograficamente, acerca de aspectos educacionais como avaliações externas, dificuldades enfrentadas pelas escolas no ensino remoto e estratégias de liderança no campo educacional nos países representados (Brasil, Colômbia e México). Tivemos a oportunidade de dialogar acerca de temas relevantes para nossa pesquisa, como a gestão democrática da escola pública e o processo de eleição de diretores.

Viver essa experiência internacional coloca em destaque a ideia de Mills (2009), ao afirmar que “a vida intelectual, [...] não está confinada a nenhuma nação. As mentes dos intelectuais foram formadas por um processo essencialmente internacional, e seu trabalho é essencialmente um tráfego internacional”. O contato com autores latino-americanos, documentos de organizações internacionais, diferentes concepções acerca de elementos-chave de nossa pesquisa, muitas vezes divergentes de nossas perspectivas, proporcionaram a ampliação de horizontes e o aprofunda-

mento de conhecimentos, processos dicotômicos que constroem a visão de um pesquisador.

Como trabalho final, foi proposto botar em discussão a relação estabelecida entre o objeto estudado e os temas discutidos no decorrer da disciplina. Apresentei elementos que apontam para um crescente esvaziamento de candidaturas ao cargo de gestor escolar no *lócus* da pesquisa, apresentando que, em nossos estudos, buscamos identificar os fatores que influenciam esse esvaziamento. Dados os poderes do cargo, o elemento de “liderança” é intrínseco às suas funções como gestor. Isso nos leva a refletir sobre os conceitos de liderança e atribuições exigidas do diretor da escola.

No contexto escolar, Cetzal, Mac e Muñoz (2018) destacam as atribuições do diretor, como líder, diante dos desafios da educação no Século XXI. Eles descrevem os elementos essenciais para o desenvolvimento do trabalho desse profissional: liderança compartilhada e domínio da comunicação e do trabalho colaborativo; visão ampla e realista da realidade que o rodeia; envolver e motivar a equipe de profissionais que compõe a instituição, promovendo um trabalho dinâmico e colaborativo. Esses elementos estão intrínsecos ao cotidiano do líder em um ambiente educacional e focam em ações pedagógicas que promovem uma aprendizagem significativa.

A participação nos estudos *investigación en liderazgo y educación* promoveu reflexões relevantes e ampliação do conhecimento sobre os elementos condicionantes da liderança educacional. Assim como proporcionou a participação no IV Congreso Internacional de Educación “Formación de Maestros: prácticas, saberes y transformaciones sociales”, realizado em formato virtual, em que apresentamos uma análise das pesquisas acadêmicas de mestrado

e doutorado da área da educação sobre a eleição de diretores em diferentes contextos no Brasil. Um momento enriquecedor, em que tivemos a oportunidade de refletir sobre a educação com diferentes nacionalidades.

Paralelamente a esse processo, desenvolvemos atividades de estágio docência em uma turma de 3º período da graduação em Pedagogia, na disciplina Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. Por estar atualmente em função de suporte pedagógico na rede estadual de ensino, a experiência me fez redescobrir a docência. Estar em sala de aula, mesmo que no formato virtual, reacendeu antigos desejos de lecionar na educação superior. O contato com os discentes, suas expectativas, anseios e necessidades, me remetem às palavras de Freire (2011, p. 26): “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”. Os debates, questionamentos, participação e até mesmo a apatia de alguns nos apresentam o processo complexo da aprendizagem. Conhecer os alunos, especialmente no formato remoto, se tornou um desafio inquietante. Envolvê-los e motivá-los a participar, obter opiniões e conceitos prévios, construir novos conhecimentos e ampliar horizontes, apontam para o papel ícone do professor em sala de aula.

Morin (2003) nos apresenta que lecionar não se constitui na transmissão de conhecimentos. Ele aponta como objetivo da educação o ensinar a viver, em que os conhecimentos são transformados em *sapiência* (engloba sabedoria e ciência), envolvendo o indivíduo em seus aspectos individuais e coletivos. Nessa perspectiva, buscamos desenvol-

ver os temas de forma vivencial e aproximada da realidade dos discentes, colocando em foco como tais conhecimentos influenciam e influenciarão sua práxis pedagógica. O diálogo transversal de conhecimentos proporciona a desconstrução/reconstrução do ser em um movimento constante e participante, em que “a aprendizagem da compreensão e da lucidez, além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada (regenerada)” (MORIN, 2003, p. 53).

Essa perspectiva supracitada nos move à reflexão da prática formativa, na qual o contexto acadêmico constitui espaço de debate, de construção de conhecimento, de desenvolvimento intelectual. O estágio docência pôs em destaque a relação íntima entre pesquisador/professor, retomando o ideário freireano apresentado no início do nosso relato.

Nesse caminhar acadêmico de (re)descobertas, nos reinventamos. Desconstruímos velhos conceitos e construímos novas perspectivas, desenvolvemos a ação de planejar e replanejar, avaliar e reavaliar, a estabelecer o diálogo com os pares em uma troca de saberes dinâmica. Apesar de em determinados momentos termos percorrido caminhos solitários de escrita, também percorremos caminhos repletos de companheirismo e coletividade.

A narrativa aqui apresentada expõe experiências ímpares proporcionadas pelo POSEDUC/UERN que nos oportunizaram crescimento pessoal e profissional, além de desenvolver maturidade acadêmica. Escrever esse relato me fez refletir sobre as mudanças ocorridas no meu “eu” no decorrer desse processo. Como afirma Mills (2009, p. 94), “só compreendemos nossos próprios sentimentos e nossas próprias ideias escrevendo-os”. Descrever os caminhos percorridos nessa íntima relação com o mestrado nos pro-

porciona o exercício da produção, do relato, do registro, das observações realizadas, desenvolvendo o que o autor chama de “hábitos auto-reflexivos”, apontamentos que nos movem à compreensão e amplitude das marcas e transformações promovidas pelas experiências/vivências aqui relatadas.

Nossa trajetória acadêmica, profissional e pessoal se entrelaça ao POSEDUC/UERN. Um caminhar que promove crescimento, amadurecimento e autoconhecimento. As experiências vividas e as oportunidades promovidas nesse espaço de aprendizagem nos direcionam a compreendermos o papel libertador da universidade e a atuação mobilizadora da pesquisa. As contribuições do programa em minha realidade transcendem o campo acadêmico, perpassam pelos espaços sociológicos e políticos, de interação com o outro, com a comunidade, com o meio no qual estou inserida.

Da graduação ao mestrado, da docência à pesquisa, da universidade para a vida, em seus 53 anos de existência, a UERN marca vidas e transforma realidades.

Referências

CETZAL, Rubí Surema Peniche; MAC, Cristóbal Crescencio Ramón; MUÑOZ, Victor Manuel Rosario. El liderazgo escolar entendido desde el directivo y el profesorado en educación superior. *Revista Internacional de Organizaciones*, n. 21. p. 85-108, dez. 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá. A relação orientador-orientando na pós-graduação *stricto sensu*. *Linhas críticas*, Brasília, v. 14, n. 16, p. 93-109, jan./jun. 2008.

QUIVY, Rymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc. *Manual de investigação em ciências sociais*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998. Tradução: João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho.

ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Tradução Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020.

PERGUNTAS MAIORES DO QUE EU...

Míria Helen Ferreira de Souza¹



s vezes, preciso parar um pouco de ser eu mesma e buscar enxergar no céu acima de minha cabeça, respostas para indagações que me atormentam. Fico a dialogar intimamente sobre questões que suponho serem comuns a todos os viventes/educadores: O que faço aqui no mundo? Em que contribuo para que a minha vida e a dos outros seja melhor? Como posso proliferar o vento do amor nas pessoas que transitam nas salas de aula?

Na minha condição de incompletude, retorno ao ínfimo estado de eterna aprendiz da vida e apenas tento ler qualquer coisa com destino a um rumo certo. Leio o que está escrito, pintado, a estrutura das nuvens, os sons que adentram os sentidos, o que toca na pele e, no fim de tudo, construo concepções próprias sobre o saber adquirido em instantes que fazem com que eu sinta que existo.

Esse mergulho no interior daquilo que tenho de mais humano, ou seja, o ato de sentir, impulsiona a descoberta do eu vil e vulgar, surpreendente e amável que reside em cada um. É um processo de descoberta que dói, mas que também realiza. Refaço-me e satisfaço-me com a inquietude da pergunta, que na visão de Clarice Lispector, “é mais

¹ Professora Mestra do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Egressa do Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: miriahelen@uern.br.

importante que a resposta” (BORELLI, 1981, p. 78) e retomo as lembranças dos experimentos que dão sentido à existência. A partir desse momento, dispo-me de todas as (im) possibilidades que me afrontam e passo a narrar detalhes de experiências das quais tenho sido protagonista.

Narrar é desescrever-se. Pauto isso na consideração de que o que está dito/escrito aqui não requer comprovação ou julgamento (GALVÃO, 2005), somente expressa vivências de um tempo que respinga cotidianamente no espaço e contexto sócio-histórico da autora que se (re)forma quando as (de)formações se precipitam e exigem que as histórias sejam revisitadas (TORICELLI; GRANDO, 2011).

A autora deste texto é pedagoga, docente da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN desde o ano de 2010. Egressa do mestrado em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC/UERN. A história que escolhi para narrar aqui são desenhos de uma formação para a docência com traços tatuados em um jeito de ensinar/aprender desde a consciência do *eu* criança até os dias atuais. Os dados são produtos da dissertação de mestrado intitulada *Literatura e Formação Humana: nas Entrelinhas das obras infantis de Clarice Lispector*, vinculada à linha de pesquisa Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, apresentada ao POSEDUC da UERN, *Campus* Central, no ano de 2014.

Filha de um salineiro e de uma professora da rede estadual de ensino do município de Mossoró, aprendi a ler aos cinco anos de idade, de modo natural, com a minha avó que mesmo não sendo letrada, escrevia com pedaços de giz branco no chão de cimento queimado, palavras do mundo que conhecia. Junto a isso, o ingresso na escola per-

mitiu-me viver o prazer íntimo em saborear o gosto de grafar as palavras no caderno e atribuir sentido às vibrações que delas emergiam, fato maior do que qualquer experiência negativa que pudesse ser vivida no ambiente da sala de aula, pois o mérito obtido no percurso sinalizou a aquisição de aprendizados pessoais, mesmo enfrentando situações que me levavam a questionar sobre como coser relações se o diálogo era proibido em um local que tem a função de socializar os indivíduos.

Satisfaço-me ao constatar que consegui viver no universo que existe dentro e fora do muro da escola. Aprendi que há um mundo girando dentro de mim que não se farta de sentir e de crescer, assim como diz Clarice Lispector: “O que alarga uma vida é a vida interior, são os pensamentos, são as sensações, são as esperanças inúteis. [...] O que alarga a vida de uma pessoa são os sonhos impossíveis. Os desejos irrealizáveis” (BORELLI, 1981, p. 21).

Assim, no mergulho para perscrutar o meu íntimo, descobri a paixão pela infância na adolescência e isso levou-me a cursar o Magistério. Como aprendiz de professor, vi que as crianças precisavam de experiências que o curso do Magistério, por vezes, não ensinava e, ainda, que as histórias literárias lidas/contadas expressam sempre novas emoções e geram a possibilidade de enxergar que há pedacinhos de vida em seu teor, os quais necessitam ser relatados para que o aprendiz sinta a condição plurissignificada que possui numa sociedade também marcada por apatias.

Posso afirmar que vivi decepções nos primeiros contatos com a realidade da sala de aula, na condição de estagiária do Magistério. No entanto isso não me conteve. A poesia desencantada que perambulava nos espaços de

ensino me impulsionou a acreditar que seria uma profissional diferente.

Essa experiência inicial foi como mola propulsora na busca por um processo formativo que pudesse somar outros saberes necessários ao ser docente e, nesse prospecto, licenciiei-me em Pedagogia pela UERN, momento que singularizou, de modo plural, possibilidades de efetivar-me como profissional da educação. Mesmo diante da resistência da década de 80 em contribuir com uma formação além do âmbito da profissionalidade, secundarizando os aspectos humanos residentes na profissão de professor, a graduação propiciou meu ingresso como professora na rede privada de ensino, ainda na condição de graduanda e a aprovação no concurso público para docente da rede estadual de ensino, aspectos que despertaram um gigante adormecido dentro de mim, pois foi a partir das experiências como docente que estabeleci uma relação estreita com o processo de aprendizagem de meus alunos frente à poesia da leitura, ou seja, da “*outra voz* [...] a voz das paixões e das visões” (PAZ, 1993, p. 140). Participar disso, revelou-me que ler a palavra, o gesto, o sentimento, o eu e o outro, representa o eco silencioso capaz de alimentar as singularidades humanas e corrobora a formação humana em todas as suas dimensões.

Na condição de funcionária pública, experienciei também outros setores da escola como a supervisão escolar e, por um período de treze anos, assumi a gestão de uma escola da rede estadual de ensino mossoroense, espaço em que realizei o estágio obrigatório como supervisora pedagógica quando ainda era graduanda de Pedagogia da UERN.

Experienciando a escola em movimento, mesmo como estagiária, segui focalizando projetos que viessem a disseminar a liberdade de ouvir a voz que não fala, mas, no silêncio dos traçados, ressoa sentidos especiais, afinal, aos sujeitos da escola, apontam-se os caminhos, assim como transita-se neles em busca de outros sentidos para o próprio ser/fazer, já que é preciso saber “o que é que de valioso para nossas vidas recordamos de nossas experiências escolares e acadêmicas?” (BATALLOSO, 2012, p. 150).

Sem querer respostas definitivas para tantas inquietações, especializei-me em Gestão do Sistema do Ensino/UERN no período em que estava gestora na educação básica, com o intuito de aprender sobre aspectos que precisam ser funcionais no chão da escola, porque as propostas de seus agentes devem corresponder à vontade de realizá-las.

Após vivenciar por vinte anos a educação básica, ingressei na docência no Ensino Superior, inicialmente como professora substituta no curso de Pedagogia, Campus Central/UERN e, ao ser aprovada em concurso público em 2010, lecionei por quatro anos consecutivos no Departamento de Educação do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros/RN. Em seguida, retornei para lecionar na Faculdade de Educação/UERN, em Mossoró.

Dos (des)caminhos por onde transitei, mantive a perseguição incansável em aproximar-me de respostas às questões que são maiores do que eu e isso lançou-me a um novo trajeto: desvendar perguntas implícitas nas perguntas que me faço. Não cato somente respostas, pois não quero explicações que finalizem a minha caçada. Quero uma constelação de novas perguntas que me transporte ao céu das incertezas, porque a imagem que o meu espelho retrata é de que hoje não sou quem era ontem... Sou um ser em

formação constante. Um ser que vem se formando sob as mais diversas perspectivas, de modo que, nas ininterruptas viagens rumo ao desconhecido impresso na educação básica e superior, eis que me senti motivada a ingressar no Mestrado em Educação pela UERN com o propósito de discutir a leitura enquanto mediadora do processo de formação e autoformação.

Os anseios em contribuir para uma educação que vislumbre o investimento na condição humana dos alunos, por meio do acesso à literatura, foi o pontapé para despertar o interesse em investigar, inicialmente, sobre quais atividades são desenvolvidas pela docência no espaço da biblioteca e qual a contribuição destas para a competência leitora dos estudantes do Alto Oeste Potiguar, por meio de programas de leitura. Todavia, a indecisão sobre o objeto a ser pesquisado inquietava a alma impaciente que, por vez se aquietou no momento da aula inaugural, quando a vontade súbita de pesquisar algo inédito enchia minha cabeça de ideias.

Depois de viajar na imensidão dos pensamentos e refletir acerca dos anseios que apresentavam possibilidades de me sentir inteira, surgiu o encontro com os livros de Clarice Lispector destinados ao trabalho com crianças. Lembrei-me da gama de segredos, caminhos, descaminhos, magias, desafios e aprendizados neles contidos e assumi a função de estudar/pesquisar sobre as contribuições das obras infantis clariceanas no processo de formação leitora e humana das crianças.

Temas como formação, práticas pedagógicas e leitura, sob as tessituras do processo formativo, são amplamente discutidos nos espaços de ensino, pois, no trato com eles, cria-se e recria-se um mundo que é resultado de práticas

sócio-interativas e não somente fruto de projeções individualizadas. Tais aspectos ovacionaram a relevância dessa investigação ao meio científico do POSEDUC/UERN, haja vista atrair a atenção de educadores que visam à ampliação do exercício de suas funções nos espaços de ensino, já que a universidade também é responsável pela formação humana/profissional/leitora de seus alunos. Posso afirmar que esta foi a expectativa gerada mediante o ingresso no programa de mestrado que, ao longo dos dias, foi se desmembrando na certeza de que dialogar com as incertezas proporciona o prazer da aprendizagem e a aprendizagem do prazer de ser, ler, interpretar e vivenciar ações que corroboram o processo formativo de quem está sempre a se fazer.

148

Nesse cenário entre ser professora e aprender sobre o que sou, a vivência no mestrado sinalizou aprendizagens iniciais ao descortinar que pesquisar não se reduz a um emaranhado de estudos mecânicos. A pesquisa representa um projeto de vida tecido, paulatinamente, com o envolvimento de seres de corações pulsantes, sedentos para mergulharem no infinito do inexplorado. Gente que quer se encontrar consigo e com o outro por meio da capacidade criadora de ver, ouvir e tocar os mistérios desvelados na poesia de viver. Foi assim que invadi o baú que guarda histórias e memórias que são minhas e de outras pessoas e senti a sensação de *acordar dormindo* retratando, no agora, desejos do passado que não foram percebidos devido à imaturidade que somente se desfia ao longo dos anos.

Conduzir com prudência o que poderia ser encontrado nos mistérios desse baú, arriscando-me a perder-me nos labirintos das intempéries humanas também foi outra expectativa, desse modo, transporte-me para uma locali-

dade que me proporcionou alegria e crescimento pessoal: a cidade de Grossos/RN, no Rio Grande do Norte, local de nascimento de meu pai, palco de diversos momentos de minha infância e contexto de morada de egressos/veteranos dos cursos de graduação e pós-graduação da UERN.

Em uma de suas escolas públicas, encontrei-me com a difícil realidade de olhá-la criteriosamente, pois quase não havia registros sobre sua história. Esse achado levou-me a viver o ideal de que o ser humano é condenado a sentir e sofrer esperança, como ocorre com os personagens das tramas literárias de Clarice Lispector, especialmente quando se dispõe a pesquisar sobre o que incomoda as estranhas. Contudo, pude elaborar o pensamento de que pesquisar é aprender o que não sei e ensinar o que aprendi. Isso faz de mim uma pesquisadora que enfrenta o desafio de olhar, de forma especial, para as trilhas que se abrem e, com cuidado, escolher um caminho sem esquecer que este deve ter como proposta fundante o “exercício para aprender a pensar cientificamente, com criatividade, organização clareza e, acima de tudo, *sabor*” (GOLDENBERG, 1997, p. 15).

No trajeto vivenciado como mestranda do POSEDUC/UERN, as trilhas foram tracejadas com a consciência de que a pesquisa abre veredas, pois não existe caminho que se abra diante do pesquisador sem ser pela investigação. As leituras e releituras vivenciadas nos momentos formativos conscientizaram-me de que “pesquisar não é apenas procurar a verdade” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 1), já que todas as oportunidades de formação precisam ser abraçadas com o desejo de conhecer perspectivas que não se limitam a uma simples curiosidade, mas que representam um projeto de aprendizado cheio de vida, pois, tudo

é ideia, tudo se materializa espiritualmente (LISPECTOR *apud* BORELLI, 1981).

Analisar a concepção de que cada instante vivido é o retrato das nuances de tudo que pinte propiciou o entendimento de que a história vivida no POSEDUC/UERN tem servido como respaldo para a minha prática como docente e, por ser assim, sigo tentando modelar o que sei e o que não sei até que esse saber/não saber revire-se no mais sutil invólucro de meus pensamentos. Observo isso quando de frente aos alunos do curso de Pedagogia do Campus Central ou de outras licenciaturas, dos programas formativos, dos projetos de ensino, extensão e pesquisa, tenho exposto as aprendizagens potencializadas durante o tempo de mestrado e as simbologias que em mim ficaram tatuadas após o seu término.

150

Há ênfase na dissolução da ideia de que na educação temos muito o que fazer, mesmo quando os discursos políticos são fatalmente voltados ao indiferentismo com a educação pública. É contra isso a minha luta para que a formação leitora seja vislumbrada desde a infância, porque lendo e pensando sobre o que pensa, o sujeito descruza os braços e assume-se enquanto humano político (FREIRE, 1996).

Em tempos atuais, o investimento na condição de dignidade do profissional docente no solo brasileiro vem sendo atropelado por questões gerenciais que desconsideram as necessidades humanas cada vez mais em evidência. Embora tenha que enfrentar diversas dificuldades de cunho econômico, pessoal e com relação à própria organização da escola, é preciso querer manter o entusiasmo pelas questões pedagógicas e “querer bem aos educandos” (FREIRE, 1996, p. 141) imersos numa realidade que é social,

mas repleta de especificidades advindas dos que a compõem.

Apropriar-se de detalhes requeridos pela docência não é uma tarefa fácil, porém o que me encanta é a constatação de que nem a ciência com toda a sua rigorosidade metódica sabe tudo sobre o que diz saber. Tal projeção tem força nos debates teóricos recorrentes no mestrado em educação da UERN, por este possuir o objetivo de constituir uma formação humana e profissional docente autônoma, que agregue experiências formadoras qualificadas a contribuir com a constituição de outros sujeitos. Para tanto, é desnecessária a utilização de procedimentos científicos uniformes, pois aos professores em formação inicial/continuada é delegado o direito de sentirem-se “livres para inventar os métodos capazes de responder às suas questões” (GOLDENBERG, 1997, p. 57).

151

Agora, ciente da impossibilidade de dar nomes a tudo que vi sem antes conhecer, embarcada nessa viagem cheia de curvas sinuosas como é a docência, e com a clareza de que não posso desfazer sozinha o que já está tecido, tenho exercitado uma espécie de “mastigação mental” (IANNONE, 1986, p. 23) que nada mais é do que “Pensar. Pensar devagarinho, com atenção, como se estivesse comendo um bolo gostoso e tentando guardar na memória da língua cada pedacinho da massa, do recheio, da cobertura” (ibidem). Desse modo, tenho como intuito seguir pelas sendas sem desconsiderar os estudos científicos, mas cuidando para que a originalidade do que faço não se perca no vazio de palavras e atitudes sem sentido, mas interliguem-se à multidimensionalidade das coisas, dos fazeres e dos viveres.

Encerro, afirmando que as revelações aqui narradas não aconteceram com o amparo de um método nutrido de portas cerradas. Foi uma construção diária que se teceu, dia após dia, como os fios da vida. Assim também é no PO-SEDUC/UERN, já que em seus preceitos não há um gabarito para formar o professor ou revelar como ele nasce para a docência. A tessitura disso vai ocorrendo na reflexão das lembranças marcantes e dos momentos doloridos vivenciados no processo de escolha da profissão, na força para derrubar os muros que transpõem a passagem.

No mais, quero dialogar e aprender com os segredos que ainda não me foram desvelados, porque as perguntas continuam maiores do que eu. Quero pensar certo (MORIN, 2010) e ter sabedoria para enxergar com os olhos do coração as indagações manifestadas no mistério das palavras escritas nas tramas lispectorianas por sugerirem que arrumar é achar a melhor forma.

Mantenho-me aqui, enquanto fruto de um programa de mestrado em educação, docente, pesquisadora e gente que busca elaborar os próprios caminhos para explicar/entender as reticências contempladas nos fenômenos que quero revelar sem perder de vista a articulação entre a ciência, a poesia e a realidade. Sempre recomendo o que parece ser fim, porque o ponto final desse texto nunca significará o fim do que tenho para dizer, mas o início de uma outra procura.

Referências

BATALLOSO, Juan Miguel. Educação e condição humana. In: MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição da. (Orgs.) *Os sete saberes necessários à educação do*

presente: por uma educação transformadora. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GALVÃO, C. Narrativas em Educação. *Ciência e Educação*. 2005. v.11, n 2, p. 327-345.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento, e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interacções*. Nº. 18, pp. 204-228 (2011). Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>

É TEMPO DE TRAVESSIA: CAMINHO AO POSEDUC, UM PERCURSO QUE NÃO SE FAZ SOZINHO

Mônica Barbosa Canuto¹

“Digo! O real não está na saída nem na chegada!
Ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”

Guimarães Rosa

154

E escrever narrativas sempre foi um desejo presente em mim, mas iniciar esse desafio pelos escritos da minha própria vida gera um misto de sensações que me remetem à pessoa que eu era e a quem vou construindo ao longo da minha caminhada. Buscarei ser fiel ao percurso formativo que me conduziu ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN) e, desde já, peço perdão se sentimentos e emoções, em alguns momentos, perpassarem meus escritos. “Ao utilizar as narrativas como estratégia formativa, identificamos uma dupla função: de (meta)reflexão para o sujeito, ao escrever; e de relato dos problemas e dos sucessos enfrentados na profissão docente” (TORICELLI; GRANDO, 2011, p. 208). É assim que me encontro neste momento: refletindo!

A minha história se inicia aos vinte e cinco dias de setembro de mil novecentos e oitenta, no interior do Ceará.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). E-mail: monicabarbosa@alu.uern.br

Nasci em Fortaleza, mas cresci e vivo em Cascavel. Sou filha de Maria Digna Barbosa e Francisco Cimar Façanha Canuto (*in memoriam*), e a segunda de três filhas. Minhas irmãs são Káren Emanuelle, Ianna Gabrielle e, em 2003, chegou Gabriela, que não possui o vínculo sanguíneo, mas tem um elo mais forte, o do coração.

A imagem que eu tenho da minha mãe é de uma mulher guerreira, que veio de uma família com quatorze filhos e muitas privações. Diante de uma realidade familiar tão difícil, ela pôde estudar somente até a 8ª série. Guardo em minha memória a fala, repetida diversas vezes, de que apenas descansaria quando suas filhas chegassem aos bancos de uma universidade. Chegamos!

Preciso contar, ainda, que ela é costureira até hoje, com os seus 68 anos. Não tem o mesmo vigor de outrora, mas atua com a mesma exigência de sempre. Tudo que se propõe a fazer é com o mais alto padrão, não se permitindo serviços sem dedicação.

Já do meu pai não tenho muitas lembranças concretas, mas o que sinto por ele é muito forte até hoje. Quando penso nele, penso em um sonhador! Também veio de família grande e humilde, com nove filhos. Precisou começar a trabalhar muito cedo, porque seu pai negociava em feiras da região e o que ganhava não era o suficiente para as despesas do lar. Minha avó, vó Maria, vivia para cuidar dos filhos e deixou um ensinamento que perpassa as gerações em nossa família: ser resiliente e seguir em frente. Papai estudou até a 5ª série, mas isso não o impediu de construir o seu caminho. Ele se tornou comerciante em nossa cidade e, depois, decidiu se envolver na política municipal, candidatando-se a vereador. Infelizmente, no dia 25 de setembro

de 1988, voltando de um comício político, sofreu um acidente fatal.

Para mim, até hoje, esse dia é muito confuso e emblemático, porque é o dia do meu aniversário. Eu não entendia, recusava-me a aceitar porque Deus fizera isso comigo. Hoje, eu compreendo como um sinal de como o nosso elo era e é forte até hoje. Impossível não me emocionar quando penso nessas lembranças...

A nossa vida virou de ponta-cabeça após o falecimento do meu pai. A minha mãe não tinha apoio familiar e possuía muitas dívidas deixadas por ele. Depois de um longo período de luto, ela percebeu que precisava recomeçar. Foram muitas dificuldades, pois o comércio do meu pai teve que ser fechado e nós passamos a sobreviver do trabalho de costureira da minha mãe. Nossa casa estava sendo discutida na justiça e, enquanto isso, morávamos de aluguel. Porém, estávamos sempre juntas! Esta era outra fala muito recorrente da mamãe: estamos juntas!

Estudávamos em uma escola particular em Cascavel, conhecida como CNEC. Nesse momento, começamos a enfrentar situações novas. As mensalidades atrasavam e os constrangimentos aconteciam, mas mamãe, do jeito dela, não desistia. Ela não confiava nas escolas municipais e não esquecia do objetivo: chegarmos à universidade.

Assim, os anos foram se passando. O discurso sobre a importância de estudar era diário. Os cadernos, os sapatos e o fardamento nem sempre eram novos, mas o sonho e o desejo não perdíamos de vista. Quando estava na 8ª série, hoje 9º ano, dois professores da nossa escola, Sebastião Uchôa e Marconi Coelho Reis, começaram a organizar aulas preparatórias para o exame de seleção do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

aos sábados. Neste momento, já começo a apontar a presença de professores e amigos que me ajudaram ao longo da minha caminhada.

Essa possibilidade surgiu para mim como algo fantástico. Eu amava o meu lugar, mas desejava aprender mais e conhecer outros contextos. As aulas não eram gratuitas e, lógico, a mamãe deu um jeito de pagá-las, mesmo com os atrasos. O importante é que deu certo e eu consegui uma vaga no curso médio integrado de Turismo no IFCE, em 1995. Nesse momento, virou uma página que fez muita diferença na minha vida. Eu vi como o mundo é grande! Os três anos que passei nessa instituição me proporcionaram conhecer novas pessoas e amigos que trago até hoje. Estudei com professores geniais, dentre os quais gostaria de citar a professora de literatura, Gorete Lavor, e a professora de Língua Francesa, Francisca Rejane, pois elas deixaram em mim dois amores: a literatura e a língua francesa.

157

Não posso deixar de falar que contei com o acolhimento dos meus padrinhos, Jacinto e Creomar. Morei na casa deles por mais de dois anos, uma maneira de baratear as despesas com transporte. Ir e voltar todos os dias para Fortaleza era caro.

Chegando ao ano final do curso médio, já me inquietava o projeto da universidade. Minha irmã mais velha também estava no mesmo processo e faria o vestibular pela segunda vez. À época, pensei em fazer Jornalismo, mas, por medo de não conseguir passar, fui para Letras, escolha de que não me arrependo! 1999 foi um ano muito mágico, pois eu e minha irmã chegamos à universidade. Eu fui cursar Letras e minha irmã, Ciências Econômicas. As duas na Universidade Federal do Ceará (UFC). Imaginam a alegria?

“Para narrar, temos que lembrar os acontecimentos, as ações. Lembramos a partir do nosso olhar, que está no presente. Seleccionamos e excluimos o que vamos narrar” (TORICELLI; GRANDO, 2011, p. 210). Isso é real agora. Eu fico sorrindo enquanto escrevo este relato, lembrando do dia da nossa aprovação. Guardamos, por um longo tempo, o jornal em que saiu o resultado, como acontecia na época.

Quando falo dessas conquistas, não tenho a intenção de mostrar apenas a doçura da minha vida. Pelo contrário, ela tem muito da vida severina, mas o sentimento que me preenche hoje, refletindo sobre tudo, é de que seguimos, eu e a minha família, em frente, tirando pedras do caminho, com a fé nordestina que possuímos.

As lutas eram diárias! Iniciamos a faculdade em 1999 e, pela primeira vez, a minha mãe disse que precisávamos trabalhar. Éramos duas irmãs indo para Fortaleza estudar e a caçula, que já estava no ensino fundamental II. Agora era tempo de investir nela.

Foi aí que iniciei o meu percurso na docência. Não foi o melhor começo. Sempre fui muito tímida, por isso, não sei como me meti a ensinar. Assinei um contrato de um ano para atuar como professora temporária no turno noturno. Os alunos não gostavam de mim no início. Diziam que eu era antipática, mas mal sabiam eles que era defesa. Sobre esse primeiro momento, gostaria de destacar que me faltou um momento de escuta. Eu realmente não sabia nada de uma sala de aula, mas também não recebi orientação. Houve momentos em que pensei em desistir, mas sempre tinha aquela voz dentro de mim que dizia para seguir.

Assim segui, trabalhando e estudando. Estudava em Fortaleza e trabalhava em Cascavel. Em 2002, fui para a iniciativa privada, em duas escolas, uma em Cascavel e ou-

tra em Pacajus, com distância de 25km entre os municípios. Quando penso nessa fase, a única coisa que lamento é que eu poderia ter me dedicado mais à faculdade, no entanto, não tinha muito o que fazer, já que precisava trabalhar. Desse período, também guardo mestres inesquecíveis que aqui homenageio por meio dos queridos Dr. Henrique Beltrão e Dra. Ticiane Melo.

Nessa fase da minha vida, eu já sonhava com o mestrado, vejam só! Quase vinte anos atrás! Como não participava muito das atividades acadêmicas, devido ao trabalho e a morar no interior, eu já via isso como um empecilho. Inicialmente, projetava meu mestrado em Literatura, pois possuía grande ligação com a disciplina.

No entanto, em 2006, quando eu estava concluindo a faculdade, tive uma experiência, a qual será relatada a seguir, que não considero positiva e que me marcou por muito tempo. Com a ajuda de uma colega de trabalho, escrevi um projeto de pesquisa sobre o livro *Aves de Arribação*, do cearense Antônio Sales, com a pretensão de submetê-lo ao Programa de Pos-Graduação em Literatura Brasileira da UFC. Devido à greve dos professores, houve um descompasso nos semestres, ficando pendente, no período de inscrição, um documento meu a ser entregue, motivo pelo qual a professora coordenadora do mestrado na época foi muito rude e indiferente comigo. Não questiono a decisão de não aceitar minha inscrição, mas o tratamento foi o mais insensível, como se todo meu esforço tivesse sido em vão.

Confesso que eu não soube gerenciar bem essa situação. Hoje, eu agiria diferente, visto que já percorri um pouco mais a estrada. Essa pedra no caminho me atrasou alguns anos. Eu fiquei com raiva e pensei em não fazer mais mestrado. Continuei trabalhando incessantemente!

Fico aqui pensando em como essa “narrativa possibilita ao professor refletir sobre o seu papel social e como sujeito de sua própria história” (TORICELLI; GRANDO, 2011, p. 210), de modo que eu não quero deixar em ninguém marcas negativas, como um dia essa professora deixou em mim.

Comecei a cogitar voltar a estudar entre os anos de 2009 e 2010. Fiz especialização em Gestão Pública da Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Em 2010, fui aprovada em concurso público para professor da rede estadual do Ceará. De lá para cá, já contam 11 anos de serviço público. Mesmo diante de um sentimento muito bom de estabilidade, aquela vontade de voltar a estudar sempre me inquietou. Eu não pretendia ficar do mesmo jeito, na mesma escola, fazendo as mesmas coisas, pois isso me incomodava.

Gostaria de fazer um parêntese aqui e contar que, em meio a essa caminhada profissional que se iniciou um pouco desajeitada, eu cheguei em 2013 diferente do início, porque pude contar com pessoas de olhares e escutas atentos. São grandes profissionais e mulheres guerreiras, a quem desejo reverenciar: Vânia Moraes, Iara Valente e Maria Amélia. Sem elas, eu não seria a profissional que sou hoje.

Paralelamente ao sonho do mestrado, acompanhava-me o desejo de ser mãe. Nesse momento, este último desejo foi maior. Ainda em 2013, nasceu o maior amor que a vida pôde me proporcionar: Maria Valentina Canuto de Brito. Como eu sou feliz por ser mãe dela! Não tem como não chorar! Construí, assim, junto ao meu companheiro de vida, com quem tenho uma história que daria outro relato, um dos projetos mais lindos: a minha família.

Dois anos após o nascimento de Maria, resolvi reativar o projeto de mestrado. A essa altura, já estava há quase

5 anos atuando na coordenação pedagógica, pois, em 2011, eu tinha assumido a coordenação da escola onde eu trabalhava. Era uma realidade desafiadora, posto que cada sala de aula refletia desigualdades que se manifestavam tanto nas questões sociais quanto nas aprendizagens. Em 2013, assumi a coordenação pedagógica de uma outra escola estadual regular no município de Cascavel, cuja realidade não era muito diferente da anterior. Em ambas, eu me questionava sobre questões políticas e curriculares muito parecidas. Apesar de a escola pública possuir, aparentemente, uma abertura um pouco maior para debater concepções pedagógicas, não havia muito tempo nem espaço para tanto. Essa realidade ficou mais evidente quando as discussões sobre a construção de uma BNCC se iniciaram pelo nosso país, já que os debates apareciam como algo distante de nossa realidade.

Nesse período, eu estava em idas e vindas com a escrita de projetos de mestrado, mas não sabia exatamente como fazer. No ano de 2017, recebi o convite para coordenar uma escola de tempo integral que seria implantada no município de Cascavel-CE. Nesse momento, a oportunidade surgiu como a possibilidade de conhecer de perto uma política que já apresentava muito do Novo Ensino Médio recém-imposto pelo governo federal e a própria BNCC em vias de conclusão, pois o currículo já vinha estruturado com 30h/a destinadas à Base Comum e 15h/a referentes à parte diversificada, na qual o aluno poderia construir seu projeto de vida e traçar seu itinerário formativo através dos tempos eletivos

No meio de toda essa discussão, acabei descobrindo meu objeto de pesquisa: políticas curriculares. O próximo passo seria selecionar a instituição onde faria o mestrado.

O POSEDUC foi meio que uma conspiração do universo na minha procura. Sempre pensei em fazer o mestrado em Fortaleza, por questões geográficas. Porém, em diálogos com colegas que estavam fazendo mestrado em Mossoró, na UFERSA, fui chegando à UERN. Então, pensei: vamos investigar. Era início de 2019, acho que março, quando, navegando pelo *site* da universidade, encontrei o POSEDUC.

Já de início, gostei das linhas de pesquisa ofertadas, porque tinha a de Políticas, mas as inscrições estavam encerradas! Fiquei chateada, porém, não deixei a ideia morrer, colocando como meta ficar acompanhando e aguardar o próximo edital, de modo que assim o fiz. Eu estava vivendo uma daquelas fases em que desejava avançar, pois estava me sentindo estagnada. O trabalho na escola estava exaustivo, cheio de metas e avaliações externas a cumprir, enquanto eu só pensava em fazer mestrado.

162

Em 2020, como havia combinado comigo mesma, fiquei atenta ao *site*. Também comecei a escrita do projeto e, nesse momento, contei com a ajuda preciosa de colegas, como a minha amiga de coordenação Carine Bessa. Quando o edital do POSEDUC saiu, já estava com as ideias encaminhadas, mas logo veio a pandemia. Dessa vez, não foi uma pedra no meu caminho, foi uma crise mundial.

O interessante é que eu estava tão certa do que queria que continuei no planejamento, o que também era uma maneira de fugir das notícias naquele momento. Foquei nas leituras e na organização do projeto, mesmo com o edital suspenso. Lembro, como se fosse hoje, do e-mail que recebi do POSEDUC informando sobre as novas regras do processo. Eu ficava me dizendo: não desista! Minha família não entendia o porquê da minha escolha por Mossoró e apontava dificuldades, como o fato de que era longe e de

que eu tinha a minha filha. Eu só dizia: vamos por partes, pois as coisas vão se ajustar. E se ajustaram!

O processo se iniciou e, a cada etapa, era um sofrimento. Como em vários momentos da minha vida, nos preparativos para a entrevista, também pude contar com um amigo sensível e atento: Eduardo Henrique, que me ajuda até hoje nos ensaios dos seminários. No dia da banca, meu Deus, faltou até luz elétrica na minha casa. Porém, ela aconteceu assim mesmo, usando os dados móveis do celular. A banca era formada pelas professoras Dra. Maria Edgleuma de Andrade e Dra. Márcia Betânia, hoje, minha orientadora. Como foi difícil. Não consigo lembrar direito da entrevista, já que estava muito nervosa. Também não sei se fui muito bem, pois a ansiedade me boicou um pouco. Contudo, deu certo! Como eu fiquei grata. Era a primeira etapa de um sonho se realizando. É interessante lembrar disso quase um ano depois.

163

O período entre o resultado e o início das aulas foi de muita expectativa. Eu não conhecia ninguém. Os primeiros contatos foram feitos pela minha orientadora, Dra. Márcia Betânia, que me adicionou ao grupo de pesquisa e de orientação e passou as informações preliminares. Tudo era muito fascinante. O mestrado estava se materializando em meio ao ensino remoto. O primeiro contato real foi na reunião com o coordenador do curso, professor Dr. Júlio Ribeiro, e com o professor Dr. Allan Solano, momento em que percebi que era real, muito real.

A aula inaugural da turma aconteceu no dia 16 de março de 2021, com a participação da professora Dra. Rosanne Dias (UERJ), e tinha como tema “Regulando a docência nas políticas de currículo”. Esse primeiro contato já me trouxe os primeiros questionamentos sobre a minha vida

enquanto docente, uma vez que a palestrante trazia reflexões que até aquele momento eram novas para mim. Pensar a construção curricular como ferramenta de controle do fazer pedagógico e como limitador também de nossa formação foi uma questão que tocou bastante.

Começamos as atividades do 1º semestre do mestrado com as disciplinas: Educação e Cidadania, com o professor Dr. Hélio Júnior; Gestão Educacional em Contextos Locais, com o professor Dr. Allan Solano e a Dra. Arilene Medeiros; e Pesquisa em Educação, com a professora Dra. Márcia Betânia. Hoje, não me envergonho em confessar como fiquei insegura durante o primeiro semestre. Os debates eram tão profundos, eram tantas teorias e eu não conseguia acompanhar. Era um misto de medo, vergonha e insegurança. Então, eu criei uma estratégia de sobrevivência: fazer leituras, escutar os debates e aprender. Assim, eu segui fazendo. Somente falava quando não tinha jeito. A impressão que eu tinha era de que apenas eu me sentia dessa maneira. Apesar da angústia, percebia como o mestrado fazia sentido com o meu fazer docente, a diferença era que a partir daquele momento eu passei a enxergar coisas que antes nem imaginava. A complexidade do sistema educacional, as interferências econômicas no processo educativo, a formação docente, as aulas iam construindo um filme na minha cabeça e me envolviam e ainda envolvem cada vez mais.

Hoje, penso: como consegui ficar afastada tanto tempo? O processo formativo acontecia naturalmente a cada semana, com a leitura dos textos, e aquilo que me inquietava pessoalmente não sumia, apenas se transformava em novas inquietações que iam se desdobrando a partir das novas experiências.

Quero destacar que compartilhar foi a decisão mais acertada em meio a essa caminhada de medos e aprendizados. A aproximação com as minhas colegas de orientação Anaylla e Marta Priscila foi o apoio de que precisava. Quando começamos a conversar, mesmo que pelo Meet, conseguimos compartilhar as angústias e as inseguranças. Hoje, posso afirmar que essa parceria fez toda a diferença. Uma outra situação também me mostrou que a angústia era coletiva, quando em uma aula de Pesquisa e Educação a professora Dra. Márcia Betânia precisou se ausentar e houve um momento de desabafo. Vários colegas deram seus depoimentos a respeito dos desafios enfrentados, o que, para mim, foi muito reconfortante.

Aos poucos, ia me sentindo parte da UERN, mesmo sem nunca ter estado lá. Os professores são acolhedores e a humanidade é um fator que faz muita diferença, na medida em que se mostram profissionais, além de competentes, acessíveis. Para mim, as três disciplinas cursadas foram essenciais para a chegada ao mestrado, de modo que sem elas eu não conseguiria prosseguir. A condução dos professores também fez muita diferença. Quero destacar aqui o desafio proposto pela professora Dra. Márcia Betânia, de construir um estado da arte sobre o objeto de pesquisa, o qual foi bastante desafiador, embora tenha sido gratificante ver o trabalho concluído.

A metodologia proposta pelos professores Dr. Allan e Dra. Arilene também merece destaque, uma vez que eles exigiram, desde o início, um padrão de qualidade na disciplina que desperta em nós a vontade de realizar da mesma forma. Quando penso na minha pesquisa, pretendo realizá-la com zelo e cuidado, com fundamentação teórica e metodológica, porque é o que estamos aprendendo aqui. Os

debates travados a respeito de política, em especial a discussão sobre o livro *O poder Local*, de Dowbor, trouxeram provocações pertinentes para pensarmos acerca de como o poder local pode agir em meio às políticas e de como o conceito de participação precisa ser compreendido por nós enquanto cidadãos.

A disciplina Educação para Cidadania, ministrada pelo professor Dr. Hélio Júnior Rocha, também me possibilitou experimentar leituras, por exemplo, de obras de Edgar Morin, sobre o pensamento complexo, remetendo assim a pensar porque o currículo deve ser unificado, se somos todos tão complexos.

A postura engajada dos professores acaba nos levando a outras atividades acadêmicas na busca de aprendizados. No final do 1º semestre, surgiu a possibilidade de enviar um artigo para o Seminário Nacional do Ensino Médio (SENACEM), organizado pela universidade. Pessoalmente, nunca tinha feito nada assim, mas fui. Considerei o processo incrível, com a produção do texto, a correção com a orientadora, a organização do *slide* para a apresentação e a própria apresentação. Desse modo, não é possível chegar ao final desse processo do mesmo jeito que iniciou.

Os momentos de orientação com a professora Dra. Márcia Betânia são uma vivência a qual vale destacar. A professora, entre outras qualidades, é muito didática, fala simples e detalhadamente e não dá respostas prontas. Sua resposta mais frequente: “Depende!”. Essa fala deixa claro que a pesquisa é construída com esforço e dedicação. Sempre muito instigadora, lança muitas provocações pautadas em novas leituras.

A experiência com a participação em bancas de qualificação e defesa também é singular. Nesse momento,

o aluno se projeta no momento lá na frente do mestrado, aprende com os colegas, com as avaliações dos professores, em que tudo se configura como aprendizagem.

No 2º semestre, avalio que fui presenteada com dois desafios: o primeiro foi a disciplina de Seminários de Pesquisas em Políticas, orientada pelos professores Dr. Allan Solano e Dra. Arilene Medeiros. Eu pensei, meu Deus, como vai ser? Mas, foi excelente! A apresentação do programa da disciplina já trouxe a mensagem do construir e aprender juntos! Houve discussão sobre as primeiras etapas do texto de qualificação e sugestões para os trabalhos produzidos, tudo foi realizado coletivamente e com muito respeito. Essa disciplina me trouxe mais confiança na escrita da minha pesquisa! Somente tenha a agradecer!

O segundo desafio foi a disciplina Tópicos Especiais em Educação II, pois fomos agraciados com uma parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A disciplina é ministrada por quatro professores super competentes: Dra. Márcia Betânia, Dra. Meyre-Ester Barbosa, Dra. Rosanne Dias e Dra. Verônica Borges. Quando, um ano atrás, eu poderia imaginar ter acesso a um grupo tão diverso e tão rico? São discussões relativas ao currículo que trazem referenciais de alto nível que somente colaboram com a escrita da minha pesquisa. Nessa disciplina, tive a chance de aprofundar as leituras sobre Stephen Ball e conhecer textos que versam acerca da Teoria do Discurso de Laclau.

Nesse semestre, também vivenciei a escrita do resumo de artigo sobre o ensino médio no estado do Ceará para submissão em revista científica. A atividade foi realizada em parceria com uma colega egressa do POSEDUC, Ma. Joelma Lemos, e nossa orientadora, Dra. Márcia Betânia. Escrever junto é uma experiência também nova para

mim, em que cada uma tem um jeito de escrever, mas, aos poucos, os textos vão ganhando unidade. Estamos aguardando para saber se este foi aceito ou não, mas, independentemente do resultado, é mais um aprendizado que o programa me deixa.

Para o próximo semestre, projeto alguns desafios além da qualificação. Pretendo me inscrever no estágio docência, uma vez que é uma experiência que desejo e vejo como uma porta para possibilidades futuras.

Hoje estou aqui, desafiada na escrita desta narrativa. Quando eu trouxe a travessia de Guimarães Rosa para abrir minha história o fiz porque assim me sinto, em meio a uma travessia, uma travessia transformadora que tenho o privilégio de experimentar. Desejo ainda destacar que essa travessia não seria possível sozinha, já que contei e conto com professores, amigos e familiares que foram me acompanhando no decorrer desse caminho e que são essenciais nessa jornada, sem eles não teria chegado até aqui! Minha gratidão!

Nesse momento, mais uma vez converso com Rosa (1986, p. 218), ao reconhecer que realizar travessias exige coragem e é essa a mensagem que deixo da minha humilde narrativa: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Referências

PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista. *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interações*, n. 18, p. 204-228, 2011. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>. Acesso em: 28 out. 2021.



Parte II

Casos de Êxito
e Empoderamento
no POSEDUC



REVISITANDO MEMÓRIAS: NARRATIVA DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Adrielly Benigno de Moura¹

Falar do meu percurso acadêmico e profissional é fazer imergir e reviver as marcas de um tempo já vivido, mas quase nunca revisitado. Relatarei, através do método (auto) biográfico e da metodologia narrativa, alguns trechos da minha itinerância, como o desejo pelos estudos e a busca pelo aprofundamento teórico-prático, os quais marcaram a minha trajetória. Na narrativa (auto)biográfica, “o autor e o espectador estão reunidos na mesma figura. [...] O si mesmo é marcado pela fluidez, é marcado por um passado, um presente e um futuro que se entremeiam” (MARQUES; SATRIANO, 2017, p. 373).

Nesse sentido, levando em consideração o caráter subjetivo que uma narrativa enfatiza, o presente texto discorre não apenas sobre um percurso histórico e pessoal em si, mas também sobre a minha opção de recontar essa trajetória mediante uma narrativa aberta. Permito, assim,

173

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN); Especialista em Língua Portuguesa e Matemática numa Perspectiva Transdisciplinar pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Rio Grande do Norte (IFRN); e Graduada em Pedagogia pela UERN. Atua profissionalmente como Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação de Governador Dix-sept Rosado-RN. E-mail: adriellymoura@hotmail.com.

que as emoções (re)vividas através das memórias sejam também mencionadas, sem medos ou receio de expô-las.

De início, preciso mencionar as minhas raízes, para justificar a tessitura de quem eu sou (ou me tornei) e a minha trajetória até o Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC). Nasci em Mossoró-RN, mas cresci e vivi boa parte da minha vida no interior do estado, na cidade de Patu. Sou a filha caçula de pais humildes, de pouca escolaridade. Meu pai, Edilson Benigno de Moura, frequentou apenas o curso Mobral², mas o considero “doutor” pela sapiência de vida que tem. Depois de muitos anos trabalhando na agricultura, foi convidado para ser vigia noturno do prédio onde funcionava o núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Minha mãe, Adelita Maria de Moura, trabalhou muitos anos como auxiliar de enfermagem até ter suas estruturas físicas e psicológicas abaladas por inúmeras situações a que os profissionais de saúde estão expostos. Terminou o Ensino Médio já depois de casada e mãe de duas filhas, o que inviabilizou o seu prosseguimento nos estudos. Assim como meu pai, foi convidada a ser Auxiliar de Serviços Gerais (ASG) de uma escola estadual, na qual, além de cuidar da limpeza, realizava serviços burocráticos na secretaria, pelo fato de ter uma letra considerada bonita para os padrões da época.

Desde cedo, fui orientada por meus pais a valorizar “os estudos”, de tal modo que algumas frases pronunciadas por eles são muito importantes para mim, as quais levarei

² MOBREAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização, programa criado em 1970 pelo Governo Federal com o objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos.

sempre comigo: “Estude minha filha, essa é a herança que posso deixar para você, e ninguém pode roubá-la”; “Estude, pois filho de pobre só tem vez na vida se estudar”. Atualmente, os dois encontram-se aposentados e ainda residem no meu pé de serra - Patu -, cidade onde cresci e desejo um dia regressar para fixar morada.

De antemão, posso dizer que a UERN entrou na minha vida antes mesmo que eu tivesse a real noção do que ela representaria para mim e para tantas outras pessoas. Lembro-me do orgulho que eu sentia ao ver meu pai sair para trabalhar com aquela farda azul que tinha o brasão da universidade bordado no bolso de sua camisa, bem como da alegria em dizer: “meu pai trabalha ali” e em frequentar as cerimônias de Colação de Grau, não como convidada, mas para ajudar meu pai a fechar as inúmeras janelas e percia-nas do auditório. Sinto, com essas lembranças, nostalgia e gratidão! Depois de mencionar meu contexto familiar, elencarei, a seguir, as minhas tessituras estudantis, formativas e profissionais e, na continuidade, as minhas vivências junto ao POSEDUC.

Toda a minha trajetória estudantil foi em escolas públicas no interior do estado do Rio Grande do Norte, desde a creche ao mestrado, de modo que me orgulho de ter sido dessa maneira. O primeiro contato com a vida escolar foi na Creche Municipal Obdúlia Solano, no município de Patu (RN). Dessa época, tenho poucas recordações visuais, apenas algumas fotos guardadas em álbuns antigos na casa da minha mãe e as poucas vezes em que meu paladar re-memora o gosto do suco de maracujá com beterraba e a canja de frango preparada pela merendeira já idosa que trabalhava lá, mas que tratava todas as crianças com muito carinho.

Cursei o Ensino Fundamental (1992-2000) na mesma cidade, na Escola Municipal Francisco Francelino de Moura. Foi um período difícil, em que sofri muita discriminação e *bullying* por ser a única da turma que usava óculos e por ter o sobrenome Moura, utilizado naquela época como apelido pejorativo para pormenorizar a imagem dos que pertenciam a essa família. Dos registros fotográficos que tenho, destaco esta foto de 1993 (Foto 1), tirada tradicionalmente no encerramento do ano letivo, nesse caso, no final da segunda série primária, atualmente segundo ano do Ensino Fundamental.

Foto 1 – A estudante



Fonte: Arquivo pessoal.

Para Josso (2002, p. 40), “falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação”. Nesse sentido, destaco as minhas vivências no Ensino Médio como marcos de resistência em minha vida,

pois frequentar a escola e estudar passou a ser, de fato, uma resistência/persistência que pulsava em mim. Entre os anos de 2001 e 2003, cursei o Ensino Médio na Escola Estadual Dr. Edino Jales, período atribulado e de muitas incertezas, já que naquele momento acreditei que não teria condições de prosseguir nos estudos, pois já estava casada e com um filho no colo. Com essas novas atribuições, o tempo dedicado ao estudo ficou comprometido. Contudo, em meio a todos os percalços, consegui concluir essa etapa, sendo escolhida, ainda, para ser a oradora das turmas concluintes de 2003, evento promovido pelo município para a colação de grau das turmas de Ensino Fundamental e Médio.

Depois desse período, prestei vestibular, sendo finalmente aprovada para o curso de Pedagogia, após três anos consecutivos de tentativas. Naquele momento, a minha maior felicidade advinha não apenas do fato de ingressar em uma universidade, mas também da possibilidade de voltar a estudar. A alegria foi imensa ao adentrar naquele prédio não mais como filha de Seu Edilson (o vigia), mas como aluna regularmente matriculada. Não há palavras para expressar tamanha felicidade para mim e para a minha família, especialmente para o meu pai.

O percurso para a conclusão dessa graduação foi árduo, mas gratificante. Era uma discente ativa e, apesar de não haver projetos de iniciação científica no CAP, participei de cursos de extensão e eventos na região com apresentação de trabalhos. Assim, em 2010, concluí o curso de Pedagogia da UERN, no *Campus* Avançado de Patu (CAP)³. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tratou da Interdisciplinaridade na Construção da Identidade Docente,

³ Nessa época, esse *campus* recebia o nome de *Campus* Avançado João Ismar de Moura.

com uma proposta acerca da autoavaliação. Foi orientado pela Profa. Dra. Maria Ghisleny de Paiva Brasil, pessoa por quem tenho enorme admiração e respeito não somente pelo trabalho desenvolvido no CAP, mas também por sua trajetória de vida.

Em 14 de maio de 2010, realizei tanto um sonho meu, que era o de concluir o nível superior, quanto um antigo sonho do meu pai: ter suas duas filhas “formadas”. De fato, foi um momento muito especial e esperado por ele, enquanto vigia noturno da UERN, ver sua filha com um anel de formatura no dedo e com sua foto no quadro de concluintes exposto no corredor de seu local de trabalho (Foto 2). Agradeço imensamente a Deus por ter realizado esse desejo de meu pai, “pois o risco é o de Deus, mas o bordado é nosso” (SOARES, 1990, p. 29).

Foto 2 – Realização de um sonho



Fonte: Arquivo pessoal.

Registro também que nessa mesma noite representei, como oradora, as turmas concluintes de Pedagogia, Ciências Contábeis e Matemática (Foto 3), durante a colação de grau realizada pelo então reitor da UERN, o Senhor Milton Marques de Medeiros (*in memoriam*). Foi um momento de muito orgulho para mim, pois era a filha do funcionário daquela instituição que estava ali não mais para ajudar a fechar as janelas do auditório quando todos saíssem, mas para proferir a palavra para os presentes. De fato, não contive as lágrimas e tenho esse momento como mais um marco de resistência na minha vida, pois a conclusão de um curso superior no contexto social em que eu cresci é sinônimo de lutas diárias.

Foto 3 – Fechando as janelas da graduação



Fonte: Arquivo pessoal.

Dando seguimento à minha itinerância acadêmica, cursei a especialização em Língua Portuguesa e Matemática numa Perspectiva Transdisciplinar, pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Rio Grande do Norte (IFRN) - de 2011 a 2013 -, com um trabalho voltado para a transversalidade da ética e da cidadania na construção da identidade docente. Após algumas tentativas e participação em disciplinas como aluna especial, em 2018, fui aprovada para cursar o tão sonhado Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), percurso que detalharei mais a diante.

Minha história na docência se inicia antes mesmo de entrar na graduação, pois consegui minha primeira oportunidade de atuar como docente na Educação Infantil em uma escola privada, permanecendo nessa função por cinco anos (2005-2010). Nesse período, descobri que amo ser professora, então busquei formação através do curso de Pedagogia do CAP/UERN. Durante o tempo em que trilhava os caminhos da graduação também estava em processo de construção da minha identidade profissional, o que justificava ter realizado o meu TCC dentro de uma perspectiva de autoavaliação da minha atuação como professora.

Depois de graduada, prestei meu primeiro concurso público em 2010, para professora das séries iniciais no município de Governador Dix-sept Rosado (RN), no qual obtive aprovação e, conseqüentemente, precisei me mudar, em 2011, de Patu para Mossoró, iniciando, assim, um período de muitas mudanças e incertezas, mas também de inestimável crescimento pessoal e profissional. Ademais, em meados de 2011, submeti-me a outro concurso público, dessa vez para atuar na Rede Estadual de Ensino, no qual também consegui aprovação, iniciando a atividade docen-

te em 2013. Expresso na imagem a seguir (Foto 4) meu orgulho em vestir a camiseta da escola onde trabalhava e em viver intensamente o “ser professora”.

Foto 4 – Ser professora



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse ínterim, posso afirmar que minha vida se transformou após a conclusão do curso de Pedagogia, pois, além de estar residindo em outra cidade e já ser mãe do meu segundo filho, minha rotina profissional e de vida foram completamente alteradas. Passei a trabalhar dois horários em municípios diferentes e com turmas de Ensino Fundamental, e não mais de Educação Infantil. Nesse período, também procurei conhecer os cursos de pós-graduação que a UERN ofertava na área de educação no *Campus* Central de Mossoró. Descobri que havia iniciado em 2011 o Mestrado em Educação e tentei concorrer para uma vaga como alu-

na especial na disciplina Movimentos Sociais e Educação Popular, no semestre 2012.1, mas não obtive aprovação. Esse fato me deixou triste, é verdade, mas acendeu em mim o desejo de persistir, de modo que o POSEDUC entrou em minha vida como um desejo utópico.

Atualmente, estou vivendo outra experiência profissional, dessa vez como coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação de Governador Dix-sept Rosado (RN), realizando o acompanhamento pedagógico das escolas da Rede Municipal de Ensino. Na área acadêmica, posso dizer que permaneço resistindo ao sistema e estudando, uma vez que são inúmeras as dificuldades de acesso e permanência dos professores da Educação Básica na Pós-Graduação *stricto sensu*.

Durante meu percurso profissional, também passei pela experiência de atuar como diretora escolar, tendo em 2015 assumido a gestão da Escola Municipal Educandário Dix-septiense, na cidade de Governador Dix-sept Rosado (RN). Nessa vivência, senti a necessidade de compreender melhor as bases epistemológicas da gestão escolar e, dessa forma, prosseguir no sonho de voltar à academia em busca do Mestrado na UERN, no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), tendo em 2016 cursado a minha primeira disciplina especial, o que me impulsionou a tentar o processo seletivo como aluna regular, mas não obtive aprovação nessa tentativa. Apenas em 2018, após outra disciplina especial, é que fui aprovada para cursar o tão sonhado mestrado. Nesse período, estava vivenciando outra experiência na gestão escolar, dessa vez na Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Francisco Antônio de Medeiros, em Mossoró (RN).

Em julho de 2018, foi publicado o resultado final do processo seletivo realizado nesse ano, contendo a lista de alunos regulares e seus respectivos orientadores, sendo meu orientador o Professor Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa. Foi sob sua condução que delineei o constructo teórico e metodológico que resultou na dissertação intitulada “Consenso na gestão escolar: contribuições para o exercício democrático”, um estudo que refletiu acerca de que maneira o consenso, na perspectiva de Jürgen Habermas, contribui para o exercício da gestão democrática, assumindo como contexto o processo de tomada de decisão.

O interesse pela leitura dos pressupostos habermasianos aconteceu por meio da Profa. Dra. Arilene Medeiros. Estudiosa de Habermas, apresentou-me esse autor através de seu livro *Administração Educacional e Racionalidade: o desafio pedagógico* (MEDEIROS, 2007), com uma propriedade e uma paixão que me estimularam e me inspiraram. Foi a partir das considerações elencadas sobre Habermas, proferidas pela professora, que me encantei pela racionalidade comunicativa. É preciso mencionar o grande desafio que foi e é para mim a compreensão dos textos habermasianos, em particular a Teoria da Ação Comunicativa (HABERMAS, 1997), não somente pela complexidade, mas também pela consistência de seu fôlego intelectual, sendo necessário muitas vezes recorrer a intérpretes ou a outros autores para apreender seus pressupostos.

Foram fortes emoções vivenciadas ao longo do percurso dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), dentre as quais destaco: a alegria de ter conseguido a aprovação junto a colegas com os quais estudei em uma disciplina como aluna especial; a dor de ter que me ausentar durante um bom tempo para um tratamento de

saúde; o moroso retorno; a frustração de não viver o mesurado como sonhei, participando de eventos, apresentando trabalhos, entre outras limitações; e a euforia da qualificação em uma pandemia, a qual gerou um desestímulo que quase me neutralizou. Das imagens que podem representar o que significou minhas vivências junto ao POSEDUC, destaco a Foto 5, que representa toda a minha história tecida por muitas “mãos”, mediante enlaces e desenlaces das relações estabelecidas pelos professores(as) e amigos(as) nesse período, “como se cada uma de nós fosse bordando a sua vida, mas, sob diferentes bordados, o risco fosse sempre o mesmo” (SOARES, 1990, p. 15).

Foto 5 – Tessitura de mãos



Fonte: Arquivo pessoal.

Apesar de todos os desafios, compreendo, nesse momento, que tudo isso precisava acontecer para dar sentido a essa jornada tão sonhada, vivida e conquistada. Além da gratidão, trago comigo a certeza de um amadurecimento doído, pois em muitos momentos autorizei-me, escondi-me

e trai-me. Porém, o resultado disso foi um autoconhecimento e um redescobrimento da minha própria essência (meu perfume), fazendo-me consciente de onde vim (minhas raízes), onde estou (meu presente) e para onde pretendo ir (minhas metas e sonhos pessoais e profissionais), com a percepção de que deixarei um pouco desse perfume por onde passar.

Com a imagem apresentada anteriormente (Foto 5), agradeço a todos que estiveram comigo na realização desse sonho, especialmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa, sobretudo por ter sido sensível quando mais precisei e me apoiar durante a minha enfermidade. Além disso, por me aconselhar, orientar e acolher mesmo diante das dificuldades, usando de sua sabedoria e paciência para me mostrar que “cada um é uma grande pessoa como é”. Esse professor fez e faz toda diferença na minha vida, não somente no mundo sistêmico, mas também no mundo vivido.

A relação orientanda-orientador, apesar das minhas angústias e medos, foi sendo tecida a partir de uma postura multirreferencial e plural por parte do meu orientador, que considerou minhas lacunas formativas e emocionais, não pelo ponto de vista do negativo, mas pelas implicações presentes na minha história. A respeito do estar implicado, Barbosa (1998, p. 9) propõe que se trata de “[...] descobrir-se, permitir-se entrar em contato com o processo de transferência e contratransferência que se estabelece como condição para que a própria relação educativa se instale”. Nesse sentido, percebo que estava habituada a conviver com professores mais diretivos, então essa postura de Joaquim foi fundamental para me ajudar a compreender a

beleza e a complexidade dos acontecimentos (positivos ou não), pois é a partir da reflexão do vivido que damos sentido e significado à nossa existência.

São muitas vivências significativas que teceram meu percurso no POSEDUC e, certamente, este texto não seria suficiente para narrá-las. Para desfecho, em fevereiro de 2021, apresentei minha dissertação. Mesmo que a defesa tenha sido realizada remotamente, não deixou de ser de muita alegria para mim e minha família, pois a filha do vigilante recebeu o título de Mestre em Educação pela UERN. Hoje reflito o quanto o tempo passou rápido e, com isso, o coração fica apertado ao perceber que passei de “aluna especial” para “aluna regular” e, agora, “aluna egressa”. Foram maravilhosos e doces momentos que tive a oportunidade de viver no POSEDUC.

186

Posso afirmar que as contribuições dessa vivência junto ao POSEDUC foram além da construção da dissertação ou da conquista do título de mestra, posto que constituíram a base para a formação do “ser pesquisadora” e, ainda, me ajudaram a repensar minha postura profissional, contribuindo com a minha atuação enquanto professora da Educação Básica.

Nesse desenlace de memórias, a narrativa aqui apresentada objetivou refletir a respeito de meu percurso formativo e das experiências vivenciadas no POSEDUC, as quais contribuíram de modo significativo para operar mudanças na minha vida pessoal e profissional. Destaco a importância de (re)viver, (re)pensar e (re)visitar as memórias de minha trajetória. Gostaria muito de que esse relato servisse de estímulo para que outros profissionais da Educação Básica buscassem a pós-graduação *stricto sensu*,

com vistas a compreender e ressignificar sua atuação na escola pública.

É importante mencionar a relevância desse programa de pós-graduação, que, durante esses dez anos de existência, vem formando pesquisadores(as) para atuarem socialmente em diversas regiões do nosso país, especialmente em nosso estado. Como resultado de minha trajetória, especialmente no POSEDUC, ressalto a construção de uma autonomia pessoal, profissional e acadêmica. Diante de tudo o que foi narrado até aqui, olho para trás, observo o bordado e tento adivinhar o segredo do risco. Então, percebo que não é um risco harmonioso, de “um bordado em que cada forma se vai acrescentando à anterior e a ela se ajustando” (SOARES, 1990, p. 31). Ciente do meu inacabamento, não tenho a pretensão de saber o porvir que a vida me reserva, mas tenho a convicção de que o que virá encontrará uma mulher forte, corajosa e com desejo de viver e saborear plenamente cada acontecimento.

Referências

BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: UFSCAR, 1998. Disponível em: <https://www.multirreferencialidade.com/>. Acesso em: 10 out. 2021.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría da la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. 3. ed. Madrid: Cátedra, 1997, 507 p.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativas autobiográficas do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 23, n. 51, p. 369-386, jun.-set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231/6742>. Acesso em: 10 out. 2021.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares. *Administração Educacional e Racionalidade: o Desafio Pedagógico*. Ijuí: UNIJUÍ, 2007. 229 p. (Coleção: Fronteiras da Educação).

SOARES, Magda. *Metamemória-memória: travessias de uma educadora*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

DE EGRESSO A PARTICIPANTE NA GESTÃO DO POSEDUC-UERN: O QUE MINHA RELAÇÃO COM ESSE PROGRAMA TEM A DIZER?

Allan Solano Souza¹

A presente narrativa consiste em um relato pessoal de minha autoria, Allan Solano Souza. Sua produção me oportunizou refletir sobre alguns episódios cotidianos vividos ao longo da minha relação com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). Contudo, antes de adentrar nesses pontos, gostaria de me apresentar ao leitor como alguém que teve sua vida transformada pelo sistema público de ensino, desde a educação básica até a superior. Venho de uma família humilde, que viveu na periferia de Mossoró-RN, especificamente na Comunidade da Estrada da Raiz, local onde, provavelmente, se não fosse pela educação e por outros dispositivos sociais, eu teria me deparado com o mesmo destino que muitas crianças da minha época se depararam: drogas, prostituição, fome, abandono dos pais e do Estado.

Mas, a perseverança de um pedreiro, de uma mulher sem estudos e de dois irmãos que investiram na minha formação foi a mola propulsora para que eu pudesse

189

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: allansouza@uern.br

ter minha vida transformada ao ocupar uma cadeira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Isso fez com que eu me tornasse o primeiro membro dessa família com acesso a um diploma de nível superior, posição que me abriu as portas em vários sentidos: pessoais, profissionais, sociais, políticos e econômicos. Além disso, não posso me esquecer que fatores de ordem política favoráveis aos filhos da classe trabalhadora foram cruciais para que, na condição de filho da pobreza, eu pudesse atravessar os limites e ascender socialmente. Entre esses fatores, posso citar os governos progressistas do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2002-2009) e da presidenta Dilma Vana Rousseff (2010-2016 interrompido). Estes me oportunizaram, entre outras coisas, chegar a uma universidade pública, gratuita, de qualidade socialmente referenciada, além do acesso que me foi proporcionado a uma bolsa de iniciação científica e a uma bolsa de Doutorado Sanduíche.

A história que escolhi narrar está sistematizada em, basicamente, sete momentos distintos, que ora se entrelaçam, ora apresentam singularidades de algum episódio isolado, porém, tudo sempre em consonância com a minha vivência no Programa de Pós-Graduação em Educação ao longo desses dez anos. Isto posto, tais momentos são: 1. Seleção para aluno regular; 2. O curso de mestrado em educação; 3. A produção da dissertação de mestrado; 4. Os eventos acadêmicos; 5. Impulso à formação doutoral; 6. Seleção de professor permanente do Programa; 7. Participação na gestão do programa.

Gostaria de começar essa narrativa pedindo licença para fazer uso das palavras de Freire (1991), as quais tomo emprestadas para parafrasear da seguinte maneira: *Ninguém começa a ser pesquisador numa certa terça-feira às*

quatro da tarde. Ninguém nasce pesquisador ou marcado para ser pesquisador. A gente se faz pesquisador, a gente se forma como pesquisador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 58). Embora o uso do itálico seja recomendado para fazer referência a palavras de outros idiomas, aproprio-me como forma de expressar um sentimento que não me pertence, mas que não sei como dizê-lo de outra forma, a não ser com essas palavras.

Logo, a partir disso, podemos considerar que a formação de um pesquisador não tem um dia ou horário específicos para acontecer; esta se dá após um longo e exaustivo dia de leituras, reflexões, comparações, inferências, concordâncias e discordâncias teóricas, metodológicas, epistemológicas. Esse sujeito, o pesquisador, atravessa muitas estradas, que tanto podem se cruzar quanto podem se distanciar. É o caso daqueles que iniciam sua trajetória em projetos de pesquisas de iniciação científica; que desbravam os processos relacionados com os estudos realizados durante a graduação em nível superior; e participam de cursos de especialização, mestrado e doutorado. Por escolha particular e como parte de um ciclo de formação de pesquisadores no Brasil, principalmente na área da educação, opta-se por continuar aprendendo a pesquisar juntamente com as orientações nos Programas de Pós-Graduação.

Com base nessas palavras introdutórias, começo a narrar um pouco da minha relação com o Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Embora tal relação tenha sido oficializada apenas com a matrícula em agosto de 2011, quando integrei a primeira turma, minhas expectativas no que se refere à sua institucionalização foram bem

anteriores. Quando, no final de 2009, concluiu o curso de graduação em Pedagogia - com Habilitação para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental - já se falava nos corredores da Faculdade de Educação que havia um grupo de professores engajados, construindo uma proposta de curso de Mestrado em Educação para ser submetido à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

De modo que a Iniciação Científica - IC - havia brotado em mim o interesse e a vontade por continuar a minha formação acadêmica e científica, resolvi participar do processo seletivo para alunos do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, visto que, em Mossoró-RN, a pós-graduação em educação não estava interiorizada, e a UERN estava em processo de institucionalização da sua pós-graduação *stricto sensu*.

Como havia participado do Programa de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC (2006-2007 - CNPq; 2007-2008 - UERN, como voluntário), com financiamento do CNPq, e realizado leituras sobre o papel do PIBIC na formação dos graduandos, tinha clareza de que, após a participação nos projetos, a escolha por seguir os estudos em níveis mais elevados era o meu caminho. Por isso, considero improvável pensar a minha formação de pesquisador iniciante sem correlacioná-la com a história dos dez anos do POSEDUC/UERN.

De maneira que meu desejo em fazer um curso de mestrado era intenso, para poder seguir a carreira acadêmica, depois da IC, inscrevi-me na seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, por volta de agosto de 2009; consegui aprovação na prova escrita e no projeto de pesquisa, mas o processo foi interrompido após etapa da entrevista. Foi frustrante aquele momento, pois minha

expectativa era alta nessa seleção. Chorei, fiquei triste e decepcionado comigo e com o processo, visto que havia projetado muitas expectativas. Tomei a decisão de fazer um curso de especialização em educação ofertado pela UERN que durou doze meses (2009-2010). Ter realizado esse curso foi fundamental para que eu pudesse me inscrever, em 2010, no concurso para professor efetivo do Departamento de Educação da UERN, campus de Pau dos Ferros. Para mim, foi uma surpresa muito agradável e um fôlego a mais por ter conquistado a aprovação, mesmo que fora das vagas ofertadas no edital. Depois da frustração na seleção do mestrado em educação da UFRN, pude perceber o quanto outras coisas boas estavam reservadas, a saber: minha conclusão do curso de especialização em educação no campo temático Gestão dos Sistemas de Ensino, e a aprovação no concurso docente da UERN.

193

Em 17 de novembro de 2011, fui convocado para ocupar a vaga de uma professora aposentada no Departamento de Educação do Campus Avançado de Pau dos Ferros-RN, na área de Prática Pedagógica e Didática. Contudo, fiquei pouco tempo atuando, na medida em que meus estudos foram sendo verticalizados para a área de política e gestão da educação, ocasião em que fui me inserindo dentro do curso de Pedagogia.

Nos espaços de discussão da Faculdade de Educação da UERN, Campus Central, percebia toda a movimentação dos professores e professoras, bem como da direção, em torno da elaboração de uma proposta de Programa de Pós-Graduação em Educação, curso de Mestrado em Educação. Era notória a preocupação e a vontade dos professores em conceber um Programa para a Faculdade, na

medida em que novos doutores chegavam ao quadro de docentes.

Importante destacar que, antes da minha convocação para o quadro docente da UERN, em novembro de 2011, o curso de mestrado em Educação havia sido recomendado pela CAPES em março de 2011. Com isso, minhas expectativas com relação à oportunidade de fazer um curso *stricto sensu* em nível de mestrado, na minha cidade, sem precisar de deslocamento para a Capital, foi aumentando cada vez mais. Tanto é que aguardei ansiosamente o lançamento do edital na página virtual da UERN, até a sua publicação em 15 de abril do mesmo ano. A nossa escolha pela linha de pesquisa em Política e Gestão da Educação era inevitável, diante de toda a minha trajetória em projetos de pesquisas durante a graduação. Sendo assim, esse processo envolveu preparação para a prova escrita, visto que o referencial escolhido para a linha era bastante desafiador (AQUINO, 1999; DE FRANCO, 2003; FRIGOTTO; GENTILI, 2001; MORIN, 2000; PARO, 2001; SANTOS, 2001); avaliação do projeto de pesquisa; e sua defesa.

As etapas do processo seletivo foram bastante intensas e difíceis, tudo isso devido à alta qualidade do referencial e às exigências feitas aos candidatos à primeira turma de um programa que estava começando a dar os primeiros passos. Ainda assim, valeu a pena ter participado de cada etapa, pois consegui êxito, sendo aprovado para a linha de pesquisa que sempre almejei desenvolver meus estudos - Política e Gestão da Educação - e orientado por quem havia acompanhado todo o meu processo formativo durante a Iniciação Científica: a professora Arilene Maria Soares de Medeiros.

Recorro a alguns trechos da dissertação de mestrado, pois lá realizei algumas reflexões que demonstram, de forma muito clara, a minha relação de formação para a pesquisa no POSEDUC. Partindo das discussões nos seminários de pesquisa e no Ateliê Sociológico, reflito que o processo de construção, desconstrução e reconstrução de um objeto de estudo não é tão simples nem harmonioso, pois envolve uma dolorosa ruptura com as pré-noções presentes em nossa trajetória acadêmica, e até mesmo com a nossa relação pessoal com o objeto. Naquela ocasião, entendíamos que, para Durkheim (2004), essa ruptura é necessária para o alcance do conhecimento científico. Portanto, entendemos que será com a ajuda do conhecimento científico que, possivelmente, nos libertaremos dos pré-conceitos, sairemos do estado das coisas e observaremos os fenômenos como fatos sociais exteriores ao indivíduo.

Durante a escrita da dissertação de mestrado, pude perceber que, na reconstrução do objeto de pesquisa, foi possível observar alguns “andaimes de percursos”, que foram, aos poucos, sendo retirados de acordo com as teorias que traziam inteligibilidade ao processo reconstutivo. A ruptura se deu na medida em que abrimos mão de certas amarras que nos impediam de cogitar a possibilidade de mudanças. Foi quando nos encontramos com a percepção de Durkheim (2004) quando este aduz que, ao estudar os fatos sociais como coisas, a preocupação destas passarem de fenômenos ao conhecimento científico é uma necessidade urgente.

Essas questões puderam ser notadas desde o nosso ingresso no POSEDUC/UERN, ocasião em que apresentamos uma proposta de pesquisa sobre o funcionamento de oito conselhos municipais de educação localizados na Me-

sorregião Oeste Potiguar (Areia Branca, Baraúna, Governador Dix-sept Rosado, Grossos, Mossoró, Serra do Mel e Tibau) e de suas ações; a principal finalidade era melhorar a qualidade do ensino dessas localidades. Porém, a ideia inicial não amadureceu, porque, ao passar pela avaliação dos seminários de pesquisa e pela problematização nos grupos de pesquisa, como as intervenções do Ateliê Sociológico e com os membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estado, Educação e Sociedade (GEPEES), foram verificadas sérias dificuldades de viabilidade e exequibilidade do estudo em um curto espaço de tempo. Por essas razões, optamos por redimensionar o estudo. Diante desse quadro, formulamos a possibilidade de estudar sobre o Conselho Municipal de Educação de Mossoró e sua relação com a qualidade do ensino. Ao fazer um levantamento de trabalhos que fazem essa discussão, identificamos a inexistência de estudos com essa preocupação. Até porque pensar sobre a qualidade de ensino naquela ocasião representou, e ainda representa nos dias atuais, um grande desafio, apresentando-nos sérias dificuldades de definir parâmetros para o aferimento, bem como de relacionar a atuação do conselho desembocada diretamente nas escolas, que são os locais de produção dessa possível qualidade.

As principais contribuições naquele período de formação acadêmica no POSEDUC foram imensuráveis, principalmente no que se refere à minha imersão nas atividades de orientação – conduzidas pela professora Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros –, nos seminários de pesquisa, na participação em simpósios etc. Colocamos em “banho maria” todo esse processo a fim de qualificar e encontrar um problema de pesquisa claro, pertinente e exequível. Foi quando analisei as possibilidades de pesquisas sobre os

Conselhos Municipais de Educação e percebi que era necessário redirecionar o foco, devendo este seguir o universo de leituras realizadas durante a minha trajetória acadêmica, assim como os campos de pesquisa dos quais havia participado. Antes de chegar à versão final da dissertação, vários títulos foram levantados, especialmente depois da participação em diversas sabatinas. Uma das principais foi a que ocorreu durante o II Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN, em 2011, ocasião em que meu objeto de estudo foi analisado juntamente ao grupo de trabalho “Política e Gestão da Educação”, com grande contribuição do Professor Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa e do Professor Dr. Carlos Alberto Nascimento de Andrade. Estes me propuseram pensar mais sobre as questões de pesquisa, de modo que tais questões estivessem mais direcionadas para o processo de tomada de decisão, proporcionando a quarta versão da proposta de dissertação, intitulada “Conselho Municipal de Educação em Mossoró-RN: estudo sobre a tomada de decisão educação local (1997-2010)”, proposta essa que foi submetida ao exame de qualificação. Foi nesse exame que o trabalho tomou novo rumo, suprimindo o trecho “para os rumos da educação local”, pois tal excerto poderia levar ao entendimento de que a dissertação estaria investigando dois aspectos do Conselho, a saber: o processo de tomada de decisão e as contribuições do conselho para a educação local.

As observações apresentadas pelos Professores Dr. Antônio Cabral Neto e Dr. Gilson Ricardo de Souza foram fundamentais para definir o estudo apenas na dinâmica do processo de tomada de decisão, já que o objetivo desse trabalho era fazer esse exercício reflexivo. Foi quando a dissertação assumiu a sua quinta versão, intitulada “Conse-

lho Municipal de Educação em Mossoró-RN: estudo sobre o processo da tomada de decisão (1999-2012)”.

As atividades do “Seminário de Pesquisa em Política e Gestão da Educação” e o “Exame de Qualificação”, realizado em 27 de agosto de 2012, foram fundamentais para a definição dos rumos da pesquisa, assim como para a organização da metodologia e a construção dos dados, pois estes são formados à base de teorias, compreendendo-as a partir da sua natureza epistemológica, sem as quais haveria, talvez, a impossibilidade de se chegar a um conhecimento inteligível da realidade investigada. Caso isso não ocorresse, os trabalhos não passariam de pseudocientíficos. Finalmente, a dissertação chegou à sua sexta e última versão, intitulada “Estudo sobre a tomada de decisão no Conselho Municipal de Educação em Mossoró-RN (1997-2010)”. Essa versão foi fundamental para submeter ao processo de defesa pública, que ocorreu em agosto de 2013, ocasião em que tive a oportunidade de contar com a presença de amigos, familiares, a turma de Pedagogia da Professora Arilene, entre muitos outros expectadores. Os avaliadores foram os professores Antônio Cabral Neto, Gilson Ricardo de Souza, Fátima Araújo e Joaquim Gonçalves Barbosa, esses dois últimos na condição de suplentes. Gosto sempre de lembrar que o aprendizado que retirei desse processo para pensar as bases científicas para análise do nosso problema de pesquisa partiu dos clássicos da Teoria Política e Estado, os quais ajudaram a reformular uma compreensão mais organizada acerca da democracia moderna e contemporânea, construída com base em regras e interesses divergentes e contraditórios, porém, dialéticos. Além disso, recebi muitas contribuições dos colegas da linha de pesquisa com quem dividíamos as *angústias epistemológicas*.

O percurso formativo na pós-graduação é permeado por muitas exigências e preocupações, dentre elas a produção de trabalhos para apresentação em eventos, artigos para revistas qualificadas e, claro, a escrita da dissertação. Por um lado, esse processo se constitui como fundamental para o amadurecimento do pós-graduando, embora nem sempre esse caminhar ocorra sem a sobrecarga de trabalhos e dificuldade de organização da vida de estudo. Por outro lado, as relações interpessoais são intensificadas quando dividimos as angústias epistemológicas e a convivência proporcionada pela participação nos eventos acadêmicos, principalmente naqueles em que as associações científicas são as principais protagonistas em promover espaços de discussões sobre políticas, gestão, formação, práticas educativas, entre outras.

Durante o nosso percurso formativo no âmbito do POSEDUC, nossa trajetória foi atravessada pela forte presença e participação em eventos das principais associações científicas da nossa área, como a Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e a Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED). Foi durante minha vivência enquanto mestrando do POSEDUC que nosso gosto pelos grupos de trabalhos (GT 05 - Estado e Política Educacional - ANPED) dessas associações foi intensificado. Isso nos permitiu uma maior aproximação com pesquisadores nacionais e internacionais, que contribuíram significativamente para nossas pesquisas. Era interessante porque, a cada grupo de trabalho e sessão de mesa redonda que participávamos, nos direcionávamos para escolher aquelas atividades que mais se identificavam com os nossos objetos e isso nos impulsionava a querer estudar mais, conhecer mais e melhorar a nossa pesquisa.

Considero que todo esse percurso foi marcado por aprendizagens preliminares e potencializadoras proporcionadas por minhas expectativas, experiências e motivações desencadeadas mediante minha vivência com o POSEDUC. Essa aproximação com o Programa alimentou ainda mais a vontade de querer estudar e me transformar em um bom professor do Ensino Superior, atuante nas discussões que envolvem política e gestão da educação. Ter realizado o curso em serviço foi um grande desafio, porque tive que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, tendo que, muitas vezes, em trânsito entre Mossoró-RN e Pau dos Ferros-RN, finalizar as leituras e preparar os seminários que eram encaminhados pelos professores do POSEDUC.

Com a conclusão do mestrado em educação no POSEDUC, recebendo aprovação com louvor, em 2013, inscrevi-me na seleção do doutorado em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para ingresso em 2014. Mais uma vez, vi-me na frente do espelho escolhendo novamente o desafio de participar de uma seleção em uma instituição que outrora havia me frustrado. Mas, isso não me desesperançou, considerando que as palavras que ouvi da banca no dia da defesa da minha dissertação foram mais fortes o bastante para que eu não recuasse e seguisse em frente com o meu projeto de aperfeiçoamento profissional, e vislumbrando a possibilidade de retornar ao quadro de professores permanentes do POSEDUC.

Depois de alimentar esse meu encorajamento, participei do processo seletivo para a turma de doutorado em educação da UFRN; consegui a aprovação para desenvolver um projeto de tese que nasceu da minha dissertação de mestrado. Finalmente, aquela imagem que me perturbava desapareceu do espelho e pude seguir em frente. Em 2014,

inicie o doutorado em educação e tive a oportunidade de conseguir liberação remunerada em forma de licença capacitação para realizar os estudos na UFRN.

Durante o doutorado, fui selecionado para realização de um Estágio Científico Avançado na Universidade do Minho, mais conhecido no Brasil como Doutorado Sanduíche, sob a supervisão do Dr. Almerindo Afonso, com quem tive o prazer de ter aulas de Políticas Educativas. Durante minha estadia em Portugal, entre setembro de 2015 e fevereiro de 2016, conheci pesquisadores internacionais e tive aulas com professores catedráticos; entre eles, o mais marcante foi Dr. Licínio Lima. Ao retornar ao Brasil, defendi a minha tese sobre Responsabilização na Administração Educacional, a partir de um estudo da política de responsabilidade educacional de Mossoró-RN, marcada por processos de *accountability* e intensificação do controle de resultados das escolas.

201

Após o doutorado, além de retornar ao meu departamento de trabalho, tinha como desafio organizar artigos científicos para a publicação em revistas qualificadas. Tal critério se fazia oportuno para o credenciamento no quadro de docentes permanentes do POSEDUC, embora, quando me inscrevi no processo de credenciamento, em 2017, o edital de seleção de professores não apresentava essa exigência, apenas condicionava a publicação em um prazo de dois anos após efetivação no Programa. Assumi o compromisso de integrar o quadro docente para contribuir com a consolidação do POSEDUC, juntamente com os demais professores veteranos.

A primeira disciplina que assumi no Programa foi em parceria com a professora Arilene Medeiros, a saber, Educação e Cidadania. Na oportunidade, recebemos o de-

safio de encarar uma turma com mais de quarenta alunos e avaliá-los dentro de um semestre. Dentre os vários aprendizados, uma experiência que desenvolvemos com os alunos, acatada por todos e que gostamos de lembrar, foi a construção de painéis temáticos por linha de pesquisa. Na ocasião, os mestrandos tiveram como tarefa reunir todos os temas de pesquisa em uma exposição coletiva. O sucesso dessa experiência rendeu um relato, que foi publicado na Revista Internacional de Educação Superior da UNICAMP (SOUZA; MEDEIROS, 2021). A partir de então, já ministramos diferentes componentes curriculares, principalmente os Seminários de Pesquisas da linha. Também, disciplinas optativas, tais como: Políticas Públicas da Educação; Gestão da Educação em Contextos Locais; Estado, Poder e Educação, sempre em parceria com a Professora Arilene ou com a Professora Ciclene Alves.

Essas andanças acadêmicas vão me permitindo acumular experiências e aperfeiçoamento da docência em nível de Pós-graduação. E, como parte desse processo, não há como esquecer de destacar o quanto se aprende com as primeiras orientações dos mestrandos, as primeiras bancas internas do Programa, sempre regadas de muitas expectativas por estarmos iniciando a nossa trajetória de avaliação e formação de novos mestres e mestras em educação. Esse processo é muito desafiador, pois envolve assumir um compromisso com alguém que você certamente nunca trabalhou e que está apostando no sucesso de sua pesquisa. Ao todo, até o presente momento da escrita dessa narrativa, já concluí três orientações (Margarett Silva, Rejane Paiva, Bruno Layson) e mais três estão em andamento (Hilcélia Gomes, Beatriz Fernandes e Mie Nakayama). Em

cada orientação, aprendemos algo de diferente e que acaba se somando à minha trajetória acadêmica.

No ano de 2020, recebi um convite para compor uma chapa para eleição da próxima coordenação do POSEDUC, juntamente com o Professor Júlio Ribeiro Soares, na condição de candidato à função de coordenador, e o meu nome encabeçando a vice-coordenação para o biênio 2020-2022. Recebemos o apoio de todos os colegas, e o processo foi realizado com chapa única, tendo em vista que não houve manifestação de outros docentes em concorrer à função naquele período. Senti-me privilegiado porque, em tão pouco tempo de atuação no Programa, os colegas perceberam em mim uma potência para contribuir com a pós-graduação. Mais ainda por carregar em minha trajetória a condição de estar enquanto egresso, sendo o primeiro a chegar na gestão com um projeto coletivo de consolidação do POSEDUC, partindo do apoio dos meus ex-professores, técnico administrativo na pessoa de Adiza Cristina, e dos mestrandos a partir de sua representação no colegiado. Com essa experiência que estou vivendo, espero poder contribuir ainda mais com a vivência e o cotidiano do POSEDUC por mais anos vindouros.

Referências

AQUINO, Júlio Grappa (org.). *Autoridade e autonomia na escola*. 4. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

DE FRANCO, Augusto. *A revolução do local: globalização, glocalização, localização*. São Paulo: Cultura/AED, 2003. Disponível on-line.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

FRIGOTTO, Gaudêncio; GENTILI, Pablo. *A Cidadania Negada: políticas de Exclusão na Educação e no trabalho*. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, A. S.; MEDEIROS, A. M. S. de. Metodologias colaborativas na pós-graduação stricto sensu em educação. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 8, n. 00, p. e022015, 2021. DOI: 10.20396/riesup.v8i00.8660681. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8660681>. Acesso em: 21 nov. 2021.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

PARO, Vitor Henrique; DOURADO, Luiz Fernando. *Políticas públicas e educação básica*. São Paulo: Xamã, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a Teoria Crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Cortez, 2001.

MINHAS MEMÓRIAS: OLHARES, SENTIDOS, SABERES E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NO POSEDUC/UERN

Antonia Rilzonete de Castro Batista¹



ideia de retornar à Universidade surgiu, inicialmente, de minhas vivências profissionais, as quais requeriam, de mim, uma resposta mais precisa a respeito das políticas públicas e da democracia, isto é, um olhar mais científico/significativo e subjetivo acerca desses assuntos.

Minha trajetória profissional iniciou em 1985, no Sistema Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte, com experiência em diferentes instâncias educacionais, tais como: professora, supervisora e coordenadora pedagógica, finalizando, em 2017, com a minha aposentadoria após 32 anos de serviço público.

Iniciei meu trajeto profissional na Rede Municipal de Ensino do município de Mossoró no dia 05 de fevereiro do ano de 2004, por meio dos concursos públicos² 1/2001 e 2/2001, homologados, respectivamente, nos dias 1º de junho de 2001 e 15 de outubro de 2001, para o cargo de professor do Ensino Fundamental. Atuei, como docente, na

205

¹ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), na linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

E-mail: rilzonetebatista@gmail.com

² Esse concurso público foi realizado em dois momentos, porque o 1 de 2001, homologado no dia 1º de junho de 2001, foi anulado devido a várias questões estarem formuladas de maneira errada, sendo necessário um outro concurso, denominado 2 de 2001.

Educação Infantil e, como supervisora, no Ensino Fundamental - Anos Iniciais. Hoje, atuo, como técnica pedagógica, na Secretaria Municipal de Educação (SME).

Nas duas esferas, Estadual e Municipal, vivenciei histórias diferentes com mecanismo de gestão democrática, o Conselho Escolar. No Sistema Estadual de Educação a atuação do Conselho Escolar pelos seus membros era desconhecida, passiva. No percurso do Sistema Municipal de Ensino, conheci a outra face de um conselho ativo, participativo, colaborando com o colegiado enquanto representante do segmento de professores e, depois, presidente do conselho em menção, adentrando nesse universo de participação.

Na qualidade de técnica pedagógica da SME, envolvi, em 2014, do Curso de Formação para Conselheiros Escolares na Fase I, destinada a técnicos de Secretarias Municipais, com material pedagógico apresentado pelo Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares (PNFCE) do Ministério da Educação (MEC), com carga horária de 100 horas (totalmente virtual). No ano de 2015, cursei a Fase II do Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares (PNFCE) do Ministério da Educação (MEC).

Paralelamente a esse período, outra experiência com o Conselho Escolar foi quando recebi o convite para ser tutora do PNFCE/MEC, no curso de Formação Continuada para Conselhos Escolares. O Curso foi realizado a distância, com encontros presenciais para 41 (quarenta e um) Conselheiros Escolares, os quais incluíram profissionais da educação das Redes Estadual e Municipal, além de pais, alunos e pessoas da comunidade que, juntos, se reuniram para

estudar e refletir sobre o Conselho Escolar na democratização da escola.

Por conseguinte, em 2017, fui convidada para coordenar o Grupo de Articulador de Fortalecimento dos Conselhos Escolares (GAFCE) da Rede Municipal de Ensino de Mossoró, com ações ancoradas no Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares/MEC. O GAFCE fortalece, orienta e promove curso formativo para os 85 (oitenta e cinco) Conselhos Escolares das Unidades de Ensino municipais, entre Escolas e Unidades de Educação Infantil (UEIs), compostos por 1.314 (um mil trezentos e quatorze) conselheiros, dentre titulares e suplentes.

Outra experiência significativa com conselho, foi de presidir o Conselho Municipal de Educação do município de Mossoró nos dois biênios de 2017 a 2019 e de 2019 a 2021. Essa nova função despertou, em mim, a necessidade de dispor de outros saberes acerca dos dispositivos legais que tratam da gestão democrática e das diretrizes e normas que embalam as esferas federais, estaduais e municipais para as políticas públicas da educação.

207

O professor, enquanto profissional, expressa diferentes destrezas, informações, crenças, atitudes, inquietações e interesses durante sua carreira. Ao longo dessa trajetória, ocorrem fatos, negativos ou positivos, que contribuem direta ou indiretamente para que ele se desenvolva profissionalmente (COSTA; GONÇALVES, 2016. p. 125).

Toda essa trajetória profissional me oportunizou, enquanto professora, (re)construir-me com angústias, alegrias, inquietações e novas descobertas, as quais iniciaram lá na vivência universitária.

Na minha graduação no curso de Pedagogia em 1993, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com habilitação específica em Estudos das Disciplinas e Atividades Práticas (EDAPE), vivenciei novos saberes, olhares sociais e culturais, que me empoderaram, me fizeram crer no “poder de fazer e refazer. De criar e recriar” (FREIRE, 1987, p.46).

Desse modo, renascendo do entusiasmo e vontade, retorno à UERN no ano de 2018, para cursar o tão sonhado e temido mestrado. Fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), na linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), construindo-me, aliás, nascendo, enquanto pesquisadora, a fim de desenvolver meu trabalho empírico em duas escolas públicas da Rede Municipal de Ensino de Mossoró, em que apresentei, junto com minha orientadora, formação continuada para os Conselheiros Escolares com projeto de extensão articulado entre a Universidade e Secretaria Municipal de Educação, com vistas ao conhecimento, o qual transforma o sujeito, o faz parar para analisar, fazer sentido, “algo que o toque, que o mobilize para parar e pensar, refletir sobre suas ações e transformar sua prática” (TORICELLI; GRANDO, 2011, p. 207) para agir com trabalho colaborativo e coletivo, algo que o Conselho Escolar pode desenvolver na escola.

Falar sobre mim, exercício que busco na memória e no diário de pesquisa que construí enquanto cursava o mestrado em educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do

Norte, não foi tarefa fácil. É o momento que busco um encontro comigo mesma, movimento de resgate, de voltar, de olhar, vasculhar memórias e histórias.

Narrar esse percurso é retornar à Universidade, espaço de conflito entre o sonho e a necessidade; momento de superação, de medo, das relações sociais, das angústias, da troca de experiência, da produção de novos conhecimentos, de grandes dúvidas e do receio do (re)encontro. Busco na memória e no diário de pesquisa o espelho das minhas ações.

Aquilo que produzimos seja uma extensão nossa e vice-versa. Para que tenha sentido. Assim, aprenderíamos a nos ver naquilo que fazemos e poderíamos também exercitar sobre a aprendizagem prazerosa da novidade que é nos vermos no que fazemos, e o que fazemos ser extensão do que somos. Dito de outro modo, aprender sobre este jogo maravilhoso de lidar com o impacto do que nos é externo, social, em relação ao que nos é interno (BARBOSA e HESS 2010, p. 36-37).

209

Assim sendo, as inquietações, angústias, preocupações, curiosidades e o enorme sentimento de responsabilidade foram registrados no diário de pesquisa como estratégia de narrar minhas memórias, meus olhares, sentidos, saberes e experiências que me fazem recordar e desejar expor toda a experiência vivida no POSEDUC/UERN.

Nesse sentido, procuro a universidade depois de muitos anos. É difícil essa decisão? Sim, porém, não impossível. Nesse ambiente, encontramos professores doutores que pesquisam, estudam e debatem sobre temas que envolvem gestão democrática, qualidade da educação e políticas públicas, fazendo-nos entender que a dinâmica demo-

crática se realiza pela participação, pelo respeito ao direito do outro por meio da ética e pelo senso de justiça.

Mediante tantas fases vencidas, no ano de 2018, cursei, como aluna especial, durante o semestre 2018.1, a disciplina Tópicos Especiais em Educação I: Gestão Educacional e Perspectivas Epistemológicas Contemporâneas, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Cursar essa disciplina foi um divisor de águas na vida profissional e pessoal. Encontrei professores doutores³ que ministraram as aulas com maestria e sensibilidade, apresentando conteúdos que eu reconhecia como densos e complexos, porém, discutidos de forma leve e simples.

A metodologia colaborativa dos professores, me faziam confortável para discutir a gestão democrática a luz de diferentes perspectivas epistemológicas com autores que discutiam marxista, habermasiana e multirreferencial. Com escuta e respeito a igualdade da voz e do pensamento dos discentes, os professores trabalhavam na perspectiva da inclusão, fomentando a pluralidade reconhecida e arraigada na heterogeneidade para a construção do conhecimento.

Convém mencionar que essa metodologia colaborativa que os professores doutores usavam em suas aulas, priorizando o diálogo e primando pelo debate com respeito, valorização à opinião do outro e postura ética, levou-me

³ Arilene Maria Soares de Medeiros, professora Doutora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Joaquim Gonçalves Barbosa, professor doutor aposentado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor visitante do POSEDUC/UERN

a entender que a transformação somente acontece quando cada sujeito envolvido tem a liberdade de opinar com seus argumentos.

O medo de encontrar jovens pesquisadores, professores doutores, profissionais de outras áreas, discursos diferentes, misto de saberes, me deixaram tensa, receosa. Pensava, será que meu repertório linguístico estava adequado para os debates? Minhas interpretações sobre as pesquisas dos teóricos será a certa? Como me posicionar diante dos docentes? Turbilhões de sentimentos e pensamentos que foram desvanecidos com a metodologia e posturas dos professores. (EXCERTO DO DIÁRIO DE PESQUISA 2019).

Aludido, essa postura acadêmica dos docentes como considerável para retirar quaisquer dúvidas que poderiam existir sobre minha submissão como candidata à vaga para aluna regular no Mestrado em Educação da UERN, na linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação, no semestre 2018.2. Abraçada e agraciada pela minha sempre orientadora Profa. Doutora Arilene Maria Soares de Medeiros, me possibilitou conhecer caminhos de aprendizagens acadêmicos. Nesse universo de saberes e pesquisas, me construo e reconstruo com novas leituras e ressignificações, percebendo, analisando e admitindo que é preciso ampliar a perspectiva sobre a gestão democrática.

Nessa assertiva, o Mestrado em Educação entra como uma nova página na minha história pessoal e profissional. Adentro no universo científico como pesquisadora iniciante, sem muita compreensão teórica acerca da pesquisa e das teorias, trazendo a experiência e a formação *lato sensu*. Talvez, eu tenha ficado congelada no tempo por pensar que a pós-graduação em nível de especialização já

era suficiente. Pensamento “errôneo”, já que o saber não é restritivo nem finalizável.

Hoje, entendo quão importante é, para a vida profissional, estar debatendo dentro desse universo universitário com pesquisadores e professores doutores, que nos fazem refletir sobre autores, suas publicações e nossas práticas, “universo de trocas de experiências configura confiança, conhecimento e transformação, processo de triangulação que liga a autoconstrução à consciência proativa evidenciada na autonomia da participação” (BATISTA, 2020, p. 110).

Durante as leituras e discussões nas aulas ofertadas pelo POSEDUC/UERN e por meio da participação no Grupo de Estudos e Pesquisa em Estado, Educação e Sociedade (GEPEES), percebi o quanto me desenvolvia enquanto pesquisadora com a participação nos diálogos, debates e reflexões provocados pelos professores. O tempo que passei no mestrado me mostrou que, para estudar, não existe idade certa.

Vale ressaltar, as apresentações nos seminários das disciplinas me faziam perceber que precisamos do olhar do outro, das contribuições que me ajudaram a trilhar caminhos novos até então despercebidos em minha pesquisa.

Dito isso, adentro no meu universo e vejo que minha maneira de entender e ver o mundo, revela, em minhas memórias, a oportunidade de me encontrar, de pensar, de me escutar, me perceber como sujeito ativo. Nesse sentido, encontro e me encanto com um mundo mais iluminado pela experiência, pelos olhares e pelos saberes vivenciados, construindo novos conhecimentos no mestrado, o que possibilita entrelaçar saberes com professores e colegas,

permitindo que o diálogo coletivo me empodere como ser participante.

Tal ações permitem a ressignificação das relações, construindo-me no sentido “de que o homem ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 1967, p. 39), como sujeitos pensantes e de ação ativa, o que me fez perceber que o impossível, é possível.

Em face disso, os conhecimentos do mestrado se tornaram mais significativo, me levaram a contribuir com as políticas públicas da educação municipal enquanto presidente do Conselho Municipal de Educação. As leituras, discussões e reflexões me deram empoderamento para posicionar-me frente aos discursos que envolvem as políticas e diretrizes para que do Sistema Municipal de Ensino realize suas atividades primando pela qualidade.

Em contínuo, a pesquisa empírica, portanto, oportunizou-me levar, para os conselhos escolares, novos saberes acerca de sua prática com Projeto de Extensão: formação e empoderamento dos conselheiros escolares em Mossoró, oportunizando aos conselheiros dialogar, debater, refletir e se (re)construir. Revelo que o projeto extensionista

estimulou os conselheiros a participarem mostrando agradabilidade por estar na formação, início do processo de empoderamento. Diante disso, presencio a fala da mãe conselheira, quando relata que estava participando porque gostaria de saber como funciona o conselho, a escola, o que nossos representantes têm feito pela educação e o que a escola apresenta de bom para o filho dela para poder ajudar. Para essa atitude questionadora chamo de construção do empodera-

mento, porque essa mãe busca o conhecimento para atuar da melhor forma possível no conselho (EXCERTO DO DIÁRIO DE PESQUISA, 10/12/2019).

A postura política dos conselheiros escolares demonstra a significação que os formadores – professores doutores, mestra egressa, mestranda, técnica da SME, parceiros do projeto, fomentaram nos participantes, propiciando uma relação horizontal por meio da igualdade da vez e da voz entrelaçada com saberes científicos e comuns.

Esse processo me fez refletir sobre a construção do meu empoderamento com a experiência vivida no POSEDUC, tornando-me um “sujeito que se reconhece como possível contribuinte para a melhoria da educação e que se constitui individual e socialmente, compreendendo o sentido de sua cidadania como potencial para contribuir” (BATISTA, 2020, p. 51), com postura mais confiante, consciente do saber e do fazer com as funções que exerço em minha profissão, acrescida, também, do perfil de pesquisadora.

A memória é algo extremamente seletiva, filtra o que é realmente significativo para nós, sejam faíscas ou fragmentos duradouros de acontecimentos, sejam características frustrantes, tristes, dolorosas, alegres etc. numa tecitura plural de sentidos, participando do nosso processo construtivo subjetivo.

Trago como momentos alegres, os cafés, chocolate quente que degustava com os colegas embaixo da mangueira em frente a sala de estudos do POSEDUC. Momentos do passado, que nasce como presente as lembranças de amizade, rizadas, irmandade com pessoas que não era do meu convívio, mas que estabelecemos vínculos afetivos.

Essa interação de sentimentos passados, me acalenta no trabalho presente. Sou uma profissional mais atuante no sentido de ter consciência do fazer e do querer, pois, o meu presente foi construído “no passado sempre no ponto de vista do presente, vejo o meu passado, vejo-me, não como foi, não como fui, como a que sou me mostra ter ele sido e ter eu sido” (SOARES, 2001, p.39) uma pessoa mais escuta, ponderadora e subjetivamente bem mais confiante.

Nos caminhos percorridos, a dedicação que optei por vivenciar no mestrado foi experiência imponente evidenciada no meu empoderamento profissional e pessoal. Atitude acertada, a Universidade me recebeu de braços abertos, fui envolvida por uma orientadora com magnitude sábia nos aspectos subjetivos e cognitivos, proporcionando-me encontrar, na academia, prazer, por meio de novos saberes, amigos e culturas com a participação nos congressos.

215

Sinto-me agraciada pelos novos saberes adquiridos com todos os profissionais do POSEDUC/UERN. Fazer pesquisa empírica envolvendo professores doutores do programa foi um desafio que abraçamos e deu certo no sentido da formação continuada ter impactado positivamente os participantes conselheiros escolares.

Resgato, em minha memória, fala de um dos examinadores suplentes⁴ de minha banca de defesa, quando fui defender minha pesquisa da dissertação. O professor conclui e relata “[...] conseguiu fazer ensino, pesquisa e extensão, formação completa no mestrado”. Esse reconhecimento me faz refletir: todo esforço depositado no mestrado, não foi em vão. Porém, o resultado, apontado na fala do profes-

⁴ Allan Solano Souza professor Doutor do Departamento de Educação e do POSEDUC/UERN

sor, é fruto de orientações, incentivo, muito estudos e novos conhecimentos construídos e apoiados pelos amigos mestrandos e professores doutores do POSEDUC/UERN.

A banca avaliadora, após minha apresentação de defesa, avaliou minha pesquisa dando resultado “aprovada com louvor”, sentimentos de surpresa, alegria e gratidão. Embora tenha me dedicado com bastante empenho, renunciado a procrastinação, a momentos simples com a família, o resultado final mostrou que nada tinha sido em vão.

Dito isso, cito outro momento de surpresa e alegria, recebo e-mail do POSEDUC/UERN trazendo arquivo comunicando que meu nome estava entre os cinco egressos que foram avaliados pela Capes como “egressos exemplares em termos de missão e perfil do programa no quadriênio 2017-2020”, sinto-me lisonjeada.

216

É oportuno destacar que a vinculação de todo resultado avaliativo e de todo reconhecimento está entrelaçada ao comprometimento, profissionalismo e dedicação dos professores doutores do programa de mestrado com seus alunos, que recebem uma semente em mãos e a fazem germinar com frutos positivo. Além disso, tais profissionais também são responsáveis pela ressignificação de sentidos de todos que estão comprometidos com a pesquisa num ato de partilha e intersubjetividade.

É importante ressaltar, não encerro minha pesquisa com a defesa da dissertação como interpretação terminante do passado, reabro-me ao sentido do inacabado que me impulsiona ao desejo de contribuir qualitativamente com os Conselhos Escolares da Rede Municipal de Ensino de Mossoró, trazendo para esse órgão democrático toda a aprendizagem adquirida no mestrado. Assim sendo, revelo a professora que foi minha orientadora, o desejo de

continuar com o Projeto de Extensão, com objetivo de oportunizar aos conselheiros escolares da SME que não participaram da 1º formação, a oportunidade de conhecê-lo e participar do curso formativo.

Conhecedora da carência do saber de alguns conselheiros em relação a sua prática e da necessidade que estes apresentam em refletir sobre seu fazer advindo dos conhecimentos inter cruzados - científico e comum, que permitem o projeto de extensão, trago para Rede Municipal o projeto extensionista. Acredito que esse curso impacta os sujeitos participantes a desenvolverem saberes e agir com conhecimento e razão sobre a participação ativa.

Com sintonia e parceria entre os pares, o Projeto de Extensão foi aceito pela Proex para desenvolver formação continuada para 20 Conselhos Escolares das escolas públicas municipal trazendo a participação de 4 segmentos - diretores, professores, pais/responsáveis e comunidade local, totalizando 80 conselheiros de Unidades de Educação Infantil e Escolas da Rede Municipal de Ensino de Mossoró.

Com o novo formato, trazendo formação on-line pela plataforma *Google Meet* e pelo grupo de *WhatsApp*, além de ferramentas como *Google Forms*, *mentimeter* e *padlet*, o projeto ora mencionado visa a atender à dinâmica de participar das aulas com debates, refletindo sobre temas apresentados e respondendo às atividades em tempo e de forma vivencial com pergunta reflexiva.

É importante salientar que a experiência de novos conhecimentos dá sentido e significado ao sujeito pensante, o qual se descobre em conjunto com o outro, podendo agir com ação/reflexão/ação, alinhado ao trabalho coletivo e reconhecendo que sozinho não se fortalece.

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos, há homens que, em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 1987, p. 46).

Na concepção evidenciada nesse trecho, a troca de aprendizagem e a reconstrução em conjunto é que dá sentido ao empoderamento, o qual se desenvolve de forma consciente, entendendo que o individual se transforma na natureza diversa apresentada por todo o coletivo. Nesse sentido, a materialidade construída pelo curso extensionista dos textos apresentados leva a autonomia dos seus participantes.

Como outro ponto relevante, a memória me apresenta o sentido de união e companheirismo que os professores fomentam em seus alunos, não despertam a competitividade no sentido de ultrapassar ou trapacear os colegas. Todos estávamos no mesmo patamar de oportunidades, fomentando a amizade e irmandade dentro do curso de pós-graduação *stricto sensu*.

No meu universo, não consegui me desvincular do mestrado. Com o Projeto de Extensão, vejo-me vinculada aos professores da linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação e aos estudos e produções. São novas leituras que os professores apresentam e que me debruço, escrevendo no meu diário de pesquisa os acontecimentos ocorridos no curso formativo.

Nesse cenário, vejo-me alimentando minha memória com novos olhares, sentidos e saberes vinculados à memória de um sonho desejado e realizado de cursar o mestrado em uma universidade pública, como foi todo o meu percur-

so de estudante pobre criada pela tia que era professora e me ensinava com a pedagogia do amor.

Toda a vivência no POSEDUC/UERN me propiciou, hoje, ser uma profissional mais consciente, que busca fazer sempre o melhor, sem romantismo, mas com sentido de que toda contribuição positiva que puder contribuir dará um outro sentido a quem recebe. No desenvolver de minha subjetividade, trago parte do que aprendi com a intersubjetividade convvida no mestrado.

Como Batista (2020, p. 145) diz “atitude subjetiva, na medida em que precisa ter consciência do querer aprender o novo, refletir sobre o que já se sabe, construir e constituir-se íntima, intelectual e coletivamente, impactando de forma coesa sua comunidade, deixando suas marcas edificantes e atitudinais”, procurando interligar o cognitivo vivenciado e construído a cada leitura apresentada pelos professores colaboradores do mestrado, com o subjetivo que se construiu e transformou com o decorrer da vivência no mestrado em educação no POSEDUC/UERN.

Referencias

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. *O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo/* Joaquim Gonçalves Barbosa, Remi Hess. Brasília: Liberlivro, 2010.

BATISTA, Antonia Rilzonete de Castro. *Conselho escolar e empoderamento: articulação entre extensão Universitária e Sistema Municipal de Ensino de Mossoró-RN*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró - RN, 2020.

COSTA, Roseli Araújo Barros; GONÇALVES, Tadeu Oliver. História de Vidas: a vez e a voz dos professores. *Revista Margens*, vol. 7, n. 8, p. 123-135, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2751>. Acesso em: 20 out. 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOARES, Magda. *Metamemória - memórias: travessia de uma educadora*/Magda Soares. - 2. ed.- São Paulo: Cortez, 2001.

220

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interações*. n. 18, p. 204-228, 2011. Disponível em <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>. Acesso em: 18 out. 2021

FAZER-SE PESQUISADOR: REFLEXÕES E VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO POSEDUC/UERN

Bruno Layson Ferreira Leão¹

Como bem dizia Paulo Freire, “ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.” (FREIRE, 1989, p.31). É com esta consciência e nesse estado de entendimento e interpretação da trajetória e percurso formativo vivido que inicio a minha narrativa. Contar e interpretar vivências da formação através de um olhar munido de afeto pelo caminho percorrido é uma oportunidade ímpar. Significa olhar com ternura para o trajeto e se reconhecer no processo. Não tão somente pela via da outorga de um título, mas também como alguém que na fruição dos momentos de discussão, das leituras, das redes tecidas, das relações construídas, e na transformação interna e externa empreendida, se fez mestre.

Sou egresso do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e hoje discente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) a nível de doutorado.

¹ Graduado em Administração pela UFERSA, e com licenciatura plena em Pedagogia pela UNIASSELVI. Mestre em Educação pelo POSEDUC/UERN. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em ambas as experiências formativas me mantive em linhas de pesquisa que privilegiam as políticas públicas educacionais enquanto objeto de pesquisa. Minha inserção no campo da educação, e mais especificamente na seara das políticas públicas da educação aconteceu em um momento de dúvidas e extensas decepções com minha prática profissional referente a minha área de formação inicial. Em um ímpeto de reorganização e renúncia, decidi me dar a oportunidade perseguir um sonho antigo que datava desde o início do meu contato com a academia, que era de ser professor-pesquisador.

A opção pela educação tornou-se possível mediante o contato com a sala de aula em determinadas experiências que aguçaram a minha percepção a respeito do potencial transformador e emancipatório que esta possui. A experiência de maior destaque se deu no contato com as famílias do campo, num programa institucional da Articulação do Semi-Árido (ASA) em parceria com entidades da sociedade civil organizada, o Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC). Dentre o programa atuei como instrutor do curso de Gerenciamento de Recursos Hídricos (GRH), através do Grupo Verde de Agricultura Alternativa (GVAA)², organização sem fins lucrativos sediada na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) que me proporcionou participar de debates acerca do potencial da agricultura fami-

² O Grupo Verde de Agricultura Alternativa (GVAA) é uma ONG fundada em 30 de agosto de 1985, protagonizada por estudantes da antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) (atual Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA), por acreditar em uma agricultura que respeita o meio ambiente e as pessoas que nele vivem, contrapondo-se ao modelo convencional de agricultura. E tem por objetivo geral promover trabalhos e tecnologias adaptadas à agricultura familiar camponesa norteado pelos princípios de Agroecologia.

liar enquanto alternativa ao agronegócio, assim como de ações e iniciativas para o fortalecimento das potencialidades do trabalho do pequeno agricultor, norteadas pela formação de um senso de comunidade e de desenvolvimento sustentável, notadamente possível através dos fundamentos da Agroecologia.

Nesse sentido, a ocupação do espaço da sala de aula veio através das atividades de instrução através do GVAA com o GRH, que é uma formação necessária para a aquisição do benefício representado pelo acesso e armazenamento de água potável mediante a construção de cisternas de água pluvial nos domicílios das comunidades rurais, representando o que a ASA concebe como um processo de descentralização e democratização da água. Ao passo que entrei em contato nestas formações, sediadas nas comunidades rurais do Vale do Apodi - algumas de difícil acesso, sem infraestrutura de transportes - com pessoas dos mais diversos graus de instrução, histórias, condições de vida e acesso à informação; num espaço onde me vi enquanto professor - em uma sala simples, sem recursos tecnológicos, portando apenas alguns lápis de cor, pinceis coloridos, cartolinas e papel - descobri ali a importância da missão de ensinar àquelas pessoas a respeito de algo que elas já conheciam imensamente, e que não era estranho à sua realidade, mas que merecia um novo olhar, a ser revestido pela emancipação e celebração que só o reconhecimento daquele direito, da conquista do acesso a um bem universal, traria.

Para além disso, aquele momento reflexivo e formativo estaria imbuído de aprendizados sobre cidadania, e ademais, de construções e considerações sobre a importância da associação política, do cooperativismo, da repre-

sentação popular na busca pelos direitos e pela melhoria das condições de vida em comunidade. É nesse ínterim que a educação se tornou uma parte fundante da minha formação enquanto pessoa, visto que no momento estava ainda a fazer escolhas sobre a formação em nível superior. Foi nesse espaço que primeiramente me identifiquei como professor, ocupando o espaço de sala de aula, e me vendo como um agente de transformações, aprendendo e também mediano a aprendizagem.

Me furtando da linearidade, visto que no paço da memória os acontecimentos e a senda das vivências se entrelaçam e formam singularidades que não atendem a uma racionalidade comum, compreendo que ao narrar a minha trajetória haverá momentos em que tornarei a eventos passados, compreendendo que o discurso é permeado pelas ansiedades, dúvidas e angústias, que dentre o meu processo formativo me fizeram questionar escolhas e remontar ao passado inúmeras vezes. Não que o processo não tenha sido permeado por pequenas conquistas, e grandes felicidades, mas que as dores e dissabores precisam também ser partilhados, são parte viva da minha história e certamente são elemento de reforço à celebração de ter carpido bem o processo. Ademais, “essa ação regressiva e progressiva é o que permite falar do ‘si mesmo’ com um ‘eu refletido’, reinventado pela ação da linguagem” (PASSEGLI, 2010, p. 116), o que me habilita a pensar o hoje, o ontem e os seus reflexos no agora de maneira interpretativa. Como explana Soares (2001, p. 40, grifo da autora), “a (re) construção do meu passado é seletiva: faço-a a partir do presente, pois é este que me aponta o que é importante e o que não é; não descrevo, pois; interpreto”.

Minha participação na seleção para entrada no programa foi carregada de dúvidas e surpresas. A formação inicial em Administração era aceita dentre os requisitos de entrada, conquanto houvessem divergências singulares acerca dos fins a que se destinavam as duas áreas. A Administração de empresas, uma ciência que, em sua maioria absoluta de concepções, aporta construtos que atendem à racionalidade econômica e remontam a oportunizar a maximização do lucro das empresas como categoria central de sua organicidade - reproduzindo, consignadamente, estruturas de dominação capitalistas, e reverberando contradições no manejo das crises cíclicas imanentes a este modelo de produção e acumulação de riquezas - nada tinha a ver com a perspectiva emancipatória e libertadora da educação, enquanto referencial de autonomização cidadã e formação socialmente referenciada.

No entanto, a minha formação não necessariamente seguiu um alinhamento que se orientou à essa reprodução metabólica deflagrada pelas lógicas antropofágicas da acumulação e de reforço às métricas do capital. O esboço da criticidade às lógicas de mercado, e o olhar atento às estratégias de disseminação dos ideários neoliberais, oportunos ao campo da administração gerencial e imanentes ao capital, deram vazão a uma construção que, para além do âmbito metodológico, passou a representar escolhas de vida. Essas escolhas começaram a ser tomadas antes mesmo que me apercebesse, de forma que uma reorganização a nível de coerência interna quanto à referencialidade que possuía como pessoa, profissional, pesquisador, e entretimentos, enquanto cidadão, foi oportunizada.

Contudo, foi apenas na aprovação no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universida-

de do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) em 2019, e inserção na linha de pesquisa “Políticas públicas e gestão da educação” que se robusteceu a decisão de reorientação profissional e pessoal, e a afirmação política enquanto pesquisador, com a acolhida a um referencial crítico acerca das práticas de gestão educacional corporificadas mediante a lógica do capital. A entrada na pós-graduação foi um momento de extrema felicidade e gratidão. Naquele momento em específico, em meados do terceiro trimestre de 2019, estava vivendo um processo de adoecimento gerado pela dissociação entre os meus valores, princípios e objetivos de vida para com a minha atividade profissional, o que em suma me gerou muito desconforto e ansiedade. Me sentia à deriva.

226

Passei por toda a seleção estudando durante as madrugadas, dentre os horários de almoço, muitas vezes manchando as fotocópias dos livros pedidos para a prova escrita com lágrimas, lendo e relendo através do cansaço até compreender aquilo que estava posto e entendendo pouco a pouco como se constituía o aprender a aprender, coisa que não fazia sentido face a noção comprometida pelo liberalismo da minha profissão e a racionalidade vivida no mercado, notadamente quantitativa. Havia aprendido, erroneamente, até ali, que o valor do sujeito seria proporcional à sua capacidade de produzir. Vivi o processo todo em segredo, até o momento do resultado final, quando pude enfim celebrar aquela vitória, aquela grande conquista.

O primeiro semestre foi marcado por sabores e sensações bem diversas, um tanto agrídoces, ao que me cabe interpretar. Senti-me muito feliz com a acolhida dos colegas educadores e dos professores do programa. Quanta sensibilidade e afetuosidade pude sentir no encontro com

a minha turma, com as pessoas que como eu estavam adentrando aquele universo da pós-graduação. As aulas, nas terças e quintas, eram minha válvula de escape, meu momento feliz, onde me sentia conectado a um propósito maior. Me sentia ricamente abençoado de poder começar de novo, num lugar onde eu era querido e necessário, e o mais importante, me sentia seguro para aprender. Me sentia seguro para participar das discussões, para estabelecer pontes e tecer novos saberes.

Logo no decorrer do primeiro semestre precisei optar por me manter cursando a pós-graduação em detrimento da permanência em meu emprego, uma escolha muito difícil e que me trouxe muitas dificuldades. Estava ausente do trabalho enquanto assistia aula, o que me rendia faltas e horas negativas que em dado momento impactariam na minha permanência na empresa, assim como também trariam prejuízos ao orçamento familiar, visto que sempre detive uma parte das despesas da casa. Apesar da difícil escolha, sabia que precisava naquele momento privilegiar minha formação, o que me fez voltar o olhar para os meus propósitos e onde queria estar a médio e longo prazo, amenizando o peso da decisão. Porém, não seria apenas esta a dificuldade que encontraria no processo.

Em cerca de três meses me vi em uma situação extremamente delicada, onde precisei me ausentar de minhas atividades na pós-graduação de forma a acompanhar meu pai durante uma enfermidade que o levou a um período de internação na unidade de terapia intensiva (UTI), conseguido após ação judicial contra o Estado do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, é fácil depreender que tudo quanto estava posto e planejado tomou um lugar secundário em minha vida, inclusive a formação. Destaco que nesse espa-

ço de tempo contei com a solidariedade incondicional do meu orientador e professores, além dos colegas de orientação e turma, que não deixaram faltar esperança, afeto e carinho, além de me representarem plenamente quanto ao que foi necessário para que a ausência não representasse reprovações e perda irrestrita de todo o aprendizado que estava sendo compartilhado e construído.

Ao vencermos essa batalha em família, mais uma vez me vi tornando a frequentar aquele ambiente que me era tão querido e familiar. Já me sentia parte daquela comunidade, e em casa no programa, na Faculdade de Educação, na UERN. A conclusão das disciplinas do semestre me oportunizou a construção de produções acadêmicas a título de resumos expandidos e a participação em eventos, assim como a produção de artigos científicos que viriam a ser publicados futuramente. Dentre as disciplinas cursadas neste semestre, *Pesquisa em Educação*, *Educação e Cidadania* e *Políticas Públicas da Educação* repletas de significados, desconstruções e tessituras, foi possível reestabelecer meu contato com a pesquisa, redescobrir a episteme. Redescobri a minha posição de sujeito face a pesquisa e assumi a responsabilidade de conduzi-la com deferência, rigor e estima, em alinhamento com os pressupostos fundamentais da democracia, sociedade e cidadania, num processo crítico-reflexivo permeado pela pluralidade de argumentos, pela validação das experiências subjetivas e pelo olhar atento às transformações históricas, políticas e sociais que transformaram as relações sociais no bojo da educação.

Foi nesse espaço de redescoberta que se orientou a minha transição profissional e pessoal, realizada a partir da aquisição da formação em pedagogia, com o curso de “formação pedagógica em pedagogia” e na construção da

minha identidade dentre o processo formativo proporcionado pelo mestrado. Em virtude das orientações e sugestões do meu orientador, o professor Dr. Allan Solano Souza, meu projeto de pesquisa que intencionava, inicialmente, analisar o modelo de *accountability* implantado nas escolas da rede municipal de educação de Mossoró-RN e sua efetividade no tocante à percepção dos gestores escolares e suas realidades, tornou-se uma investigação do impacto das práticas de responsabilização nas escolas através da ótica da gestão educacional local. Assim, realizei minha pesquisa de modo a compreender e evidenciar os pressupostos que subjazem a concepção e formulação da política de avaliação circunscrita no SIAVE, o sistema de avaliação educacional do município.

Esse processo conduziu e deu condições de materialização para uma reorganização pessoal e profissional. Antes de tudo, oportunizou a descoberta e escolha epistemológica que fomentou a descoberta de um novo posicionamento político, novas mediações no processo de apreender, de observar; de delinear a estruturação, o desenvolvimento e a transformação dos fenômenos sociais, de maneira atinente à luta de classes, ao reforço da perspectiva democrática. Segui rumando, assim, ao reconhecimento da minha necessidade de rompimento com a lógica de reprodução sistêmica das estratégias de dominação e com a centralidade do capital, para dar lugar à emancipação através de uma formação social e cidadã.

Foi nesse sentido de reorganização interna de significados, posições e valores que se consubstanciou a minha construção enquanto pesquisador, e que se materializam as escolhas sobre meu objeto de pesquisa, bem como a forma de observá-lo, através do materialismo histórico-dialé-

tico. A escolha desta postura epistemológica e política me foi ofertada (a considero antes de tudo um regalo, um presente) pelo professor Allan, que viu esta possibilidade de construção e suscitou que esse encontro com a teoria e método marxista poderiam ser frutíferos para a condução da minha pesquisa. E de fato, as categorias do materialismo histórico-dialético, em sua infinidade de possibilidades, tornaram possível a disposição da criticidade e deram robustez à observação do objeto, ao passo que não tão somente integraram o corpo de uma postura epistemológica frente ao método e ao fazer qualitativo na pesquisa, mas, como uma postura política, referenciada nas lutas de classe, num senso contra-hegemônico.

No início do primeiro semestre de 2020, em decorrência da pandemia de COVID-19, as atividades presenciais no âmbito da pós-graduação foram suspensas, e fomos surpreendidos com as transformações decorrentes da maior crise de saúde pública experimentada a nível mundial na contemporaneidade. Estas mudanças impuseram às nossas realidades o ensino remoto como forma de manutenção das atividades desenvolvidas no ensino e pesquisa. O prospecto era totalmente desfavorável, e para além das agruras das perdas, das angústias trazidas pelo isolamento, o trabalho intelectual também havia sido atingido, tornando insalubres as condições para manter não só a pesquisa, mas as atividades que ela demanda, como as leituras, o pensamento crítico e a escrita.

Foi durante os primeiros meses da pandemia que vi a situação financeira familiar se acirrar, o que me fez cogitar por várias vezes o trancamento ou desistência do programa, e sair em busca de emprego. Num momento tão complicado, nos vimos sem estabilidade financeira, assim

como sofrendo com os efeitos negativos cada vez mais fortes do isolamento social vivido. Naquele momento a esperança veio da mão estendida por parte dos meus pais, parentes próximos e amigos, que me impulsionaram a seguir mesmo em meio às dificuldades, e proveram os recursos necessários para continuar os estudos, mesmo numa situação em que a manutenção das condições de vida estavam cada vez mais complexas.

Foi nesse momento tão delicado que vivi a experiência da qualificação, onde novas perspectivas se descortinaram em relação a meu trabalho de dissertação. A fala da professora Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros e do professor Dr. Antônio Cabral Neto foram como um farol em meio àquela nebulosidade enfrentada na condução do processo formativo que tanto me exigia. Ambos os professores trouxeram contribuições ímpares, denotando a importância do aprofundamento da discussão sobre as reformas estatais e a Nova Gestão Pública, assim como acerca do gerencialismo e a *accountabilty*, elucidando a importância e a bravura de seguir desenvolvendo uma investigação com certo grau de ineditismo.

Relembro com afetuosidade as colocações que a professora Arilene fez, de uma sensibilidade e precisão sem tamanho, e mais precisamente sobre o fato dela ter me mostrado que a minha pesquisa já detinha um pressuposto a ser explorado, e que não me distraísse, lançasse o olhar para aquilo que já estava posto e trabalhasse com afinco a arquitetura jurídica do sistema de avaliação, que aquele meu trabalho não acabaria ali, haviam fortes indicativos de permanência dos estudos a nível de doutorado. O professor Cabral, por sua vez, prontamente me mostrou caminhos ainda não acessados, indicando leituras e formas

para o aprimoramento de conceitos que ainda careciam de maior força. Deu encaminhamentos valiosos sobre o método, reforçando que a posição de sujeito deveria estar inscrita na discussão de forma mais forte, e que no conversar dos autores, o eu-pesquisador precisava encontrar espaço para se inserir, além dos importantes apontamentos sobre as categorias do método e como elas já despontavam na escrita.

Ainda em êxtase com esse momento, em cerca de 15 dias recebemos, eu e meu orientador, a notícia de que nossa primeira produção havia sido aceita na Revista Linhas Críticas, e seria publicada logo mais. Esta pequena vitória que muito me marcou, representou além de apenas um número para o currículo Lattes, para mim aquilo era um sinal de que os bons frutos viriam, e que o processo formativo exigia antes de tudo entrega e confiança no seu fluir.

232

Nesse momento, apesar de me reconhecer como pesquisador, ainda sofria com as dúvidas e angústias que a não-inserção na sala de aula me traziam. Ainda não me percebia enquanto professor. A ausência desta vivência na escola me preocupava, visto que me sentia não qualificado para estabelecer as contundentes análises críticas que meu objeto de estudo me desafiava a fazer, numa relação completamente imbricada em aspectos políticos e sócioeconômicos que demandavam rigor e zelo, além de uma profunda imersão no contexto da Rede Municipal de Ensino local.

Foi nesse ínterim que a oportunidade de cursar o *Estágio de Docência* em uma disciplina da licenciatura em Pedagogia da UERN surgiu. Com a regência do meu orientador, a disciplina *Estrutura e Funcionamento da Educação Básica*, presente no 3º semestre do curso, foi meu es-

paço formativo da prática da docência no Ensino Superior. A oportunidade me permitiu, dentre as 40h investidas em sala de aula, consolidar o conhecimento a respeito da estrutura da Educação Básica, seus eixos normativos e a consolidação de seus instrumentos jurídicos, redescobrimo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e também a própria Carta Magna de 1988, no tocante ao direito à educação e a forma como este direito fundamental, universal e inalienável tem sido previsto num contexto histórico nacional.

Nesse mesmo período tive contato com o edital de seleção para alunos regulares do PPGEd da UFRN, o programa de pós-graduação em educação da instituição. Logo me surgiu a excitação e o brilho nos olhos com a possibilidade de seguir nessa trajetória, desbravando o campo da educação, dando continuidade à minha pesquisa de mestrado, que na época ainda estava em fase de conclusão. A participação no processo seletivo foi uma decisão tomada conjuntamente, acionei minha família nesse processo, e ponderamos a possibilidade, sabendo dos sacrifícios e das demandas mais ostensivas que a seleção, mediante a finalização do mestrado em curso, e ainda as minhas atuais atividades laborais, que demandavam 44h semanais do meu tempo.

Meu orientador foi crucial nesse processo, dando-me o apoio necessário para viabilizar a participação no processo, e sempre criando espaço em sua agenda para me esclarecer todo o necessário, além de me ajudar a destrinchar todos os aspectos burocráticos contidos nesta incursão. Era mais que um objetivo essa aprovação. Era um grande sonho. A possibilidade de seguir diretamente do mestrado na UERN, uma instituição que me acolheu tão prontamente, para o doutorado em uma segunda instituição que sempre

possuí interesse em ser aluno, e ademais, seguindo os passos do meu orientador, no mesmo programa de pós-graduação, era aquilo que eu aspirava. Contudo, sabia que esse sonho custaria caro. Ainda assim, não pensei em desistir.

Em meados de abril de 2021 precisei fazer um compromisso gigantesco comigo mesmo e com esse objetivo, e com as graças da vida, tive todo o apoio necessário do meu orientador, revendo, lendo, esclarecendo minhas ideias, e me ajudando a melhorar meu projeto de tese; e também da minha família, compreendendo minhas ausências, me dando o espaço necessário, e acreditando nos meus sonhos com uma força que talvez eu jamais faria. Navegando pelo processo seletivo, enfrentei também a coleta de dados para minha pesquisa de dissertação, além da análise, e organização final da escrita.

234

No dia 19 de maio recebi a notícia de que havia sido aprovado na fase de análise do projeto. Estava dado mais um indicativo de que precisava encontrar forças e fazer escolhas, concessões, e investir de mim tudo que possuía em finalizar a escrita mantendo a devida qualidade, e atendendo os prazos necessários. Era uma corrida contra o tempo, e nenhum momento poderia ser desperdiçado. Me recordo com clareza o cansaço, a ansiedade. Com mais clareza ainda recordo a força de vontade, a inspiração que vinha ao meu encontro nas madrugadas de solidão.

Em continuidade ao processo seletivo para o doutorado, a defesa do projeto foi marcada para o dia 9 de junho. Mais um desafio se enunciava. Os professores do POSEDUC foram indispensáveis nesse momento de tamanha importância, e além de se comprometerem na leitura atenta dos projetos aprovados pelos colegas de programa, também disponibilizaram gentilmente seu tempo em nos condu-

zir no preparo para as entrevistas. Esse gesto marcou-me imensamente dentre a trajetória no POSEDUC, e sobretudo, está entre as vivências de maior acolhida, de maior sensação de pertença.

No dia 7 de julho, mais precisamente às 13h, estava descansando pouco após o almoço quando recebo a ligação do meu esposo, parabenizando-me pela conquista. HAVIA SIDO APROVADO NO DOUTORADO! Lembro que a sensação era intensa a ponto de requerer a caixa alta na escrita. O resultado era preliminar, entretanto, não haviam dúvidas. A vaga era minha! Lembro com muita felicidade de partilhar, com lágrimas nos olhos, essa notícia. Fiz uma série de ligações: meu orientador, meus amigos, minha família num geral. Fui inundado pela felicidade! Porém, os desafios não haviam acabado, ainda restavam etapas a concluir. Minha pesquisa precisava ser concluída com rigor e zelo, e o tempo urgia.

235

Lembro de nesses quinze dias que distavam do meu prazo final de entrega da dissertação viver os mais diversos sentimentos. Foi um processo de despersonalização, em alguns aspectos. Havia momentos que as mãos e braços doíam de tanto digitar, a mente totalmente cansada me pedia por descanso, contudo, a cama não era convidativa. Sabia que tinha que seguir lutando se quisesse conseguir consolidar a minha vitória. Devia isso a mim mesmo e a todos que acreditaram que eu seria capaz. Me recordo da entrega do texto final, dos ajustes feitos, do envio para a banca, e da sensação de saber que conheceria minha orientadora do doutorado na banca de defesa, como examinadora externa. Me recordo de sentir um misto de felicidade com receio, medo, e ao mesmo tempo, uma plenitude estranha por saber que tinha chegado lá. Tudo havia dado certo.

A defesa, no dia 16 de julho, foi um momento extremamente marcante. Rememoro que no dia anterior dormi já de madrugada, aos prantos, sem conseguir raciocinar, sem entender o motivo do choro. Hoje sei, era alívio. Me vi naquele dia inundado por todos os sentimentos possíveis, e notadamente pelo êxtase de finalizar aquele processo tão árduo, porém imensamente gratificante. A gratidão é o sentimento que me mobilizou naquele momento, que tomou conta de mim.

É com essa mesma gratidão que encerro esse escrito, e que hoje encontro na memória “alguém que *a que sou* vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo *aqui* e o *agora*” (SOARES, 2001, p. 37, grifos da autora). Hoje, doutorando pelo PPGE/UFRN e egresso do POSEDUC, reconheço nesta narrativa o poder indelével que a formação que me foi ofertada dispôs em minha vida, em minha trajetória, e sei que do meu futuro, profissional e pessoal, muito ainda será marcado pela transformação e emancipação conquistada em meio a este processo formativo. Apesar de querer seguir percorrendo, com muita fé nesse futuro, compreendo que esta será a pauta de outras narrativas, a serem tecidas nas décadas adiante, num registro do impacto positivo que o POSEDUC representou em minha vida, e definitivamente, na comemoração de muitas décadas de programa que virão adiante.

Referências

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989, p. 31

PASSEGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (org.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

SOARES, Magda. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DE CRISÁLIDA À BORBOLETA: O POSEDUC COMO ESPAÇO DE METAMORFOSE

Clédna Kalyne Medeiros Dantas Alves¹

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Raul Seixas

238

Este texto consiste em uma narrativa que engloba rastros da minha memória formativa desde os primeiros anos escolares até o encontro com o POSEDUC, momento de transformação - de *crisálida a borboleta* -, revisitando cada fase do processo formativo. Por esse viés, penso o cotidiano e mergulho na diversidade que o compõe. Em um percurso não linear, destaco as referências, os encontros, os desencontros e, ainda, o florescer da mulher, da mãe e da educadora. É nesse emaranhado de lugares, pessoas e sentimentos que encontro a oportunidade diária de potencializar o desejo de seguir em *metamorfose*.

Reencontrar “velas” internas e abri-las ao mundo parece desnudar o corpo, mas dignifica o lugar de fala e de produção do conhecimento. Conforme o movimento denominado por Michel de Certeau (2014) de “operação historiográfica” - que pode muito bem ser entendido como a operação científica e seus componentes, quais sejam, “um lugar social”, “uma prática” e “uma escrita” -, o “lugar”

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: clednakalyne@hotmail.com

é aquele que “interdita” e “permite”. Assim, sigo pelos espaços que superaram a interdição e permitiram minhas vivências como educadora.

O enredo que se apresenta tem como fio condutor o meu nascimento. O ano era 1979, em Mossoró-RN. Segunda filha em uma família composta por cinco pessoas, tive pais professores - Francisco José Dantas (*in memoriam*) e Ivonete Medeiros Dantas, ambos de famílias numerosas e de origem humilde, mantidas com trabalhos ligados à agricultura de subsistência.

Rememorar o espaço e os tempos vividos reacende várias imagens, entre elas, a forte relação com a educação. Dentre tantas brincadeiras, a “escolinha” sempre se fazia presente, articulando-se fortemente pela presença dos educadores em casa. A minha mãe sempre foi muito carinhosa com seus alunos, prestativa e caprichosa com seus adereços de sala de aula. Lembro-me dos períodos comemorativos, quando embalava pequenas lembranças para cada um de seus alunos. Achava tudo aquilo muito mágico, pois, mesmo em uma época de dificuldades, o plano anual era de juntar garrafas para vender e no dia das crianças ter como ofertar o lanche e o presente aos seus alunos, o que foi feito durante todos os anos da docência da “tia Ivonete”, como carinhosamente muitos alunos chamam até hoje.

Meu pai, educador físico, era totalmente apaixonado por futebol, por isso, sempre acompanhava as crianças na organização dos torneios e no transporte delas de um lado a outro da cidade. Além das aulas com crianças, atuava no Ensino Superior e, assim, sempre estava realizando seus planejamentos. Entre as saudosas memórias de infância, uma tem lugar especial. Ele gostava de realizar seus planejamentos no silêncio, porém, em uma casa com crianças

e adolescentes, sempre tinha barulho. Então, lembro-me bem de encontrá-lo, quando eu, muitas vezes, acordava para beber água na cozinha, em absoluto silêncio, sentado na mesa de encerado colorido com motivos florais, com um copo de água do lado, suas fichinhas de planejamentos, canetas e livros.

Sempre percebi muito zelo no fazer e ser docente dos meus pais. Acredito que isso possa ter, de alguma forma, influenciado na minha escolha profissional, mesmo diante de muitas idas e vindas, considerando as oportunidades empregatícias que se fizeram presentes em alguns momentos, como atendente de consultório médico e vendedora.

Além das experiências na educação formal, nesse caminhar, destaco os personagens que compõem o meu ser, o meu fazer e o meu existir. A narrativa nos proporciona esse olhar que não se desvela como único, mas é atravessado por uma composição multirreferencial². Nessa perspectiva, desde muito cedo, percebo o desejo de enveredar pelo campo docente, tendo em vista a vivência e a admiração pelos educadores/pais que embalaram a minha infância e adolescência com seus labores professorais.

A preocupação com a escola sempre foi constante para meus pais. No princípio, estudei em escola particular, com bolsas de estudo, porém, depois de um certo tempo, pela impossibilidade de manter os custos de três filhos na rede privada, seguimos para a Rede Pública de Ensino,

² Abordagem epistemológica apresentada e estudada durante o Mestrado em Educação (POSEDUC), que se faz, a partir do pensamento multirreferencial/plural (ARDOINO, 1998), como paradigma que se contrapõe ao modelo cartesiano de pensar e fazer ciência, quando propõe uma leitura plural de diferentes sujeitos, objetos, pontos de vista, assim como a utilização de linguagens apropriadas às situações vividas e sentidas.

momento no qual a Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel nos acolheu de maneira singular.

Figura 1 – Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel



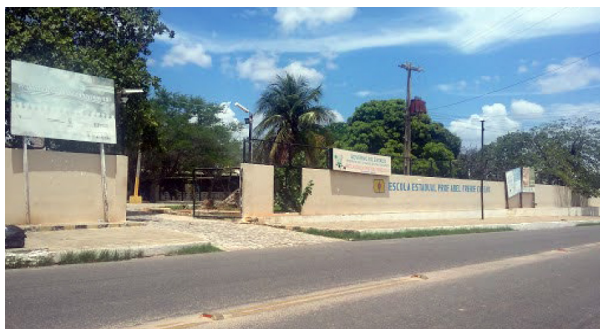
Fonte: Disponível em: <https://br.worldorgs.com/cat%C3%A1logo/mossor%C3%B3/escola/escola-estadual-monsenhor-raimundo-gurgel>

A Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel está situada na Rua Jaem Menescal, s/n – Bairro Lagoa do Mato. A escola ficava próxima à casa dos meus pais e ainda era/é vista como referência no bairro e na cidade de Mossoró. Destaca-se pela infraestrutura e oferta de vagas, o que se confirma, pois uma grande quantidade de primos meus já estudava lá e sempre seguíamos para as aulas em grupos. Conta, também, com professores excelentes e com a confiança da comunidade, mesmo com os perigos que a assolavam.

Muitos momentos marcaram a vida nessa escola. Além do aprendizado de conteúdos, foi nela que aconteceram algumas das descobertas da adolescência, como o amor, o medo, os amigos, as festinhas e tantas outras coisas que se confabulavam no período. Contudo, ao término do ginásio (Ensino Fundamental), precisei mudar de escola,

pois, na ocasião, o Ensino Médio não era ofertado naquela instituição. Segui, então, para a Escola Estadual Abel Freire Coelho.

Figura 2 – Escola Estadual Abel Freire Coelho



Fonte: Disponível em: <https://br.infoaboutcompanies.com/Catalog/Rio-Grande-do-Norte/Mossoro/Ensino/Escola-Estadual-Professor-Abel-Freire-Coelho>.

A Escola Estadual Abel Freire Coelho está situada na Rua Doutor João Marcelino, s/n - Nova Betânia, na cidade de Mossoró-RN. A própria localização da escola já insinua uma grande mudança, pois ficava distante da casa dos meus pais e, assim, havia a necessidade de rever a mobilidade. Algumas vezes, conseguíamos carona para a ida, mas o retorno tinha que contar com outros mecanismos. Nesse movimento cotidiano, decidíamos entre desbravar a cidade em uma longa caminhada no final da tarde ou seguir de ônibus, aumentando o percurso pelo bairro Bom Jesus, somente para passear pela cidade e chegar pelo outro lado do ponto de ônibus, o que parecia uma aventura mágica. Lembro-me também dos dias de chuva, em que, na turma, apenas uma ou outra pessoa conseguia seguir no ônibus com o material de todas as outras em uma sacola,

enquanto as demais seguiam no divertido e sofrido banho até em casa.

Em meio a tantas experiências que ali se fizeram, além das já citadas, ressalto a participação em feiras de ciência e o uso do laboratório de química, como também a atuação dos educadores, com suas singularidades, que permitiram o crescimento naquele momento. Entre tantos educadores maravilhosos no Ensino Médio, destaco o professor Carlúcio (*in memoriam*), pelo seu jeito envolvente de dar aula e pela paixão que emanava em seu fazer. Esse educador conseguia transformar e encantar com seu modo simples de ensinar, apresentando cada instrumento do laboratório de química e traçando experiências que encantavam, o que influenciou de maneira decisiva na carreira de muitos alunos. A Figura 3 apresenta um dos momentos em que alunos e professores estiveram juntos na Escola Estadual Abel Freire Coelho.

243

Figura 3 – Turma de 1996 da Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho - ao centro professor Carlúcio



Fonte: Arquivo do grupo de *whatsapp* Abel Coelho - turma de 1996.

Apesar de não ter tanta habilidade com a química, a excelência com que o professor Carlúcio dava aula nos envolvia naquele mundo de vidraria do laboratório. Lembro-me da necessidade de conhecer o nome de cada um daqueles instrumentos, os quais ainda soam em meus ouvidos, bem como das escritas alongadas que eram solicitadas, com o intuito de que memorizássemos nomes que ainda vêm à mente quando penso no laboratório do Abel: pipetas, *beckers*, *erlenmeyers*, provetas, buretas e tantos outros.

Mesmo que o encantamento pelo laboratório fosse possível, não foi por ele que me encantei verdadeiramente, pois, no meio do caminho, muitas peculiaridades me afastavam da química. Era preciso muita dedicação e, naquele momento, outras demandas surgiam, entre elas, uma oportunidade de trabalho. Passei a trabalhar em um consultório médico como atendente, sendo essa necessidade de emprego mais urgente em minha vida.

Entreposta entre trabalho e estudo e, ainda, sem uma perspectiva futura, segui na escolha de fazer vestibular para um curso que oferecesse a menor concorrência, tendo em vista o pouco tempo delimitado para estudos. A inscrição foi feita para o curso de Geografia e, nessa indicação, ocorreu a aprovação. A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) parecia um novo mundo, com muitas pessoas com histórias, ideias e comportamentos diferentes. Aquele fervilhar de pessoas me atraía. Eram muitas novidades ao mesmo tempo e um novo espaço formativo se apresentava sem que eu sequer me desse conta do que era tudo aquilo. Os quatro anos no curso de Geografia possibilitaram-me um amadurecimento típico da idade,

acrescido também das responsabilidades de quem trabalha, estuda e precisa ser fiel aos seus compromissos.

A graduação proporcionou muitos avanços, entre eles, as raras oportunidades de participar de eventos e de projetos de extensão. As Figuras 4 e 5 apresentam momentos de participações em projetos e eventos na universidade.

Figura 4 – Evento na Faculdade de Geografia



Fonte: Arquivo pessoal.

245

Figura 5 – Universidade Solidária – Portalegre-RN
(ano 2000)



Fonte: Arquivo pessoal.

Esses movimentos dentro da própria universidade manifestam um desejo de aproximação com a pesquisa,

além de ativar os sentidos, mesmo diante de tantas adversidades, desafio que instiga a seguir novas rotas. A Faculdade de Geografia trouxe amadurecimento e crescimento pessoal, nesse sentido, destacamos a formatura como propulsora de muitos outros momentos.

Figura 6 – Formatura do curso de Geografia (UERN, 2001)



Fonte: Arquivo pessoal.

No Departamento de Geografia, encontrei professores incríveis que fizeram toda a diferença na minha escolha profissional, entre eles, posso destacar a professora Amélia Cristina. Recém-chegada à UERN, no período, ressignificou muitas perspectivas sobre o curso, como a ideia de ensino de Geografia, quando professora do Estágio. Naquele momento, precisei rever a ideia de ensino-aprendizagem e ir além da mera reprodução. Lembro que, para ensinar coordenadas geográficas, tomei como base o jogo batalha naval e reproduzi em uma cartolina a malha de coordenadas, indicando o nome dos alunos. Acredito que, com aquela turma de 5ª série, consegui rever minhas ideias e começar a traçar, mesmo que não soubesse do que se tratava, a

minha verdadeira história como educadora. Talvez aquele tenha sido o *momento charneira*, que, para Josso (2010), é marcante pela reorientação e pelo confronto consigo mesmo, envolvendo, assim, maneiras de pensar e transformar o espaço educativo vivido.

Outra experiência que me tocou de maneira profunda foi conviver, durante vinte dias, nos quais estive distante da família, com um grupo de estudantes de diversos cursos no projeto Universidade Solidária, vivência única e cheia de predicados que carregarei para toda a vida. Sair do mundo e se posicionar a partir da necessidade dos outros, reconhecer experiências de vida distintas, buscar soluções junto com outras e diversas pessoas e ampliar o olhar, a mente e, principalmente, a percepção é ir além do seu mundo e ver que ele é maior do que se possa imaginar e que cada um pode e deve contribuir.

Acredito que existe uma marca forte da UERN em minha vida, que vai se consolidando além das minhas expectativas, pois é isso que sinto. Todos os caminhos me levam à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como propulsora do meu desenvolvimento, caminhando junto em cada momento. É necessário destacar que não existe uma linearidade em minha história. Muitos foram os desencontros, mas, como a marca estava latente, em uma ou outra hora, ela ressurgia. Contudo, vale a pena destacar alguns momentos de vivência em outros espaços.

Após a graduação, aconteceu o choque de realidade. Havia poucas perspectivas de entrar na vida docente, de modo que, por essa impossibilidade de lecionar e pelas necessidades financeiras, busquei outras alternativas de trabalho e remuneração. As possibilidades de retorno para a Educação se distanciavam cada vez mais. No ano de 2001,

trabalhando no comércio, casei-me. Logo após o nascimento do meu primeiro filho, fui demitida e assumi o ofício de secretária em uma associação. O que parecia ser um grande desastre tornou-se um impulso para o ingresso na especialização em Educação Ambiental, oferecida pelo curso de Geografia da UERN, *Campus* central. Paralelamente ao trabalho em uma Associação de Anestesiologistas, no ano de 2002, iniciaram-se as aulas da especialização. Durante um tempo, deu certo, mas, logo depois, precisei afastar-me do trabalho, tendo em vista a incompatibilidade de horários e objetivos. Recebi, então, o convite para trabalhar em uma renomada escola privada da cidade de Mossoró. Com a especialização, outros convites da rede particular de ensino surgiram. Em certo período, cheguei a trabalhar em três escolas particulares. Sobre a especialização, vale a pena lembrar o longo período para a conclusão, pois, em meio a esse turbilhão diário, outros fatos que envolveram família e saúde me tiraram o foco naquele momento de dificuldade. Entretanto, concluí com a pesquisa intitulada “Educação Ambiental na visão dos professores de quinta série da Escola Estadual Francisco Sales Cavalcante”, sob a orientação da Professora Doutora Mayra Ribeiro.

Esse retorno a lugares, pessoas e momentos possibilita um passeio pelo meu espaço formativo, que não se representa em um espaço/tempo único, mas em uma continuidade, perpetuada não apenas por situações de êxito, mas também por momentos de dificuldades. Entre eles, destaco o momento em que prestei concursos públicos para o cargo de professora da rede pública de ensino, considerando as redes estadual e municipal, e estava recebendo a convocação. O ano era 2009. Na ocasião, estava com um filho de sete anos e aguardava a chegada do segundo filho, além de

estar envolvida com a construção de um negócio próprio com meu marido - um Centro de Formação de Condutores.

A convocação para assumir o cargo de professora nas redes municipal e estadual aconteceu praticamente no mesmo período. Na rede estadual, fui encaminhada para uma escola pequena, considerada modelo - Escola Estadual AlfaVille. No mesmo ano e logo depois, fui convocada para a rede municipal de ensino, ficando lotada na Escola Municipal Raimunda Nogueira do Couto, a maior estrutura escolar do município no período. Por causa da gravidez, não demorou muito e logo precisei me afastar para gozo de licença-maternidade e, com o retorno, associei a labuta diária nas escolas com as responsabilidades maternas.

No ano de 2011, fui convidada a assumir um cargo administrativo na Escola Municipal Alcides Manoel, permanecendo até o final do ano de 2012. Fragilizada pela perda do meu pai no ano de 2012 e trabalhando em dois turnos, tentei o remanejamento para uma escola mais próxima da minha residência e, no ano de 2013, fui removida para a Escola Municipal Manoel Assis. Nesse período, a escola foi convidada a fazer parte do PIBID e, assim, fui indicada para o processo. Passei pelo processo seletivo e me tornei professora supervisora do Programa, atuando como agente formadora na iniciação à docência, em 2014.

A vivência como professora supervisora do PIBID Geografia da UERN *Campus* central, no período compreendido entre março de 2014 e março de 2018, apresentou muitos avanços e recuos. A princípio, sustentou a minha crença acerca da necessidade de tempo para pensar, fazer e ser na docência, assim como pela experiência ímpar vivida, de caráter formativo, questionador e crítico. Larrosa (2002, p. 21) nos coloca em reflexão sobre o que realmente

pode nos fazer sentido quando defende que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Isso posto, foi no PIBID Geografia que encontrei a experiência além do que se passa, bem como o toque que fomenta novas perspectivas de ser e viver.

A itinerância na UERN foi inspiração para o processo formativo, sendo vista como *oásis que me abriga e refresca a minha sede de saber*. Retornar a esse espaço que nesse momento contemplo leva à reflexão sobre vários momentos de crescimento contínuo (ALVES, 2019). Foi por essas e tantas outras reflexões que envolvem a ideia daquilo que me tocou que consegui, com a ajuda do Professor Otoniel (Departamento de Geografia), organizar um projeto e passar pelo processo seletivo do POSEDUC (2017). Para muitos parecia uma loucura, pois como uma professora com dois vínculos, três filhos, ajudando o marido com a empresa, iria conseguir dar conta de um mestrado? Pasmem! Ela conseguiu e hoje se orgulha muito de tudo isso. A metamorfose é uma dádiva e somente quem se permite passar por esse processo conhece o quanto é significativo (ALVES, 2019).

Tive o alegre reencontro com a professora Mayra Ribeiro, que, pela segunda vez, me acolhe com todo carinho, oportunizando *beber de várias fontes*, convidando a seguir uma viagem por novas rotas do conhecimento, entre elas: a multirreferencialidade, que permitiu alavancar meu campo de visão perante o mundo, o eu e os outros; ressignificar a ideia de autoformação e sentidos da formação; e, ainda, revisitar espaços e tempos distintos a partir de dispositivos vários que receberam um novo olhar, atento aos detalhes e significados. O peregrinar pelo POSEDUC proporcionou

um desencadear de muitas ideias, reflexões e mudanças de atitudes. Nesse sentido, ir além do que todos esperam, conhecer novas perspectivas epistemológicas, metodológicas e ainda estar envolvida e implicada no processo potencializaram um crescimento em todas as esferas da vida.

Por meio desse processo de uma reflexão implicada e crítica, deu-se a tessitura da nossa pesquisa no Mestrado POSEDUC, no período compreendido entre os anos de 2017 e 2019. Considerando os aspectos que dão sentido ao movimento formativo e toda a conjuntura que perfaz o agir docente, compreendemos a minha experiência formativa no papel de professora supervisora no Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto Geografia, entre os anos de 2014 e 2018, envolvendo ação, reflexão e reconstrução de si na relação com a docência. Nesse processo, os dispositivos acionados na pesquisa possibilitaram perceber a potência do PIBID a partir da rememoração e compreensão da itinerância formativa, das narrativas dos sujeitos e dos etnotextos e rastros digitais.

Esse mergulho através da pesquisa no Mestrado em Educação potencializou o exercício de uma hermenêutica existencial e formativa. Foi esse movimento enredado pelas experiências vividas e sentidas, destacando o momento formativo no PIBID, que o considero extremamente potente. Nada obstante, reconheço a necessidade de um processo autoformativo, cabendo àqueles que participam dos processos a criação de ambiências formativas proporcionadoras de reflexão constante, de caminhar para si e de ressignificar o *fazerser* docente. Esse movimento ressignificou a minha vida, pois promoveu, desde então, reflexões que envolvem a autonomia, a alteridade e a ressignificação, movimento espiralar constante na vida.

O POSEDUC oportunizou o ver-se em momentos diferentes, potencializando a ambiência da metamorfose, envolta de vários agentes determinantes externos, em que encontro o meu lugar de existência e percebo a rica transformação. Metaforicamente, encontro na metamorfose da borboleta as etapas dessa evolução, desde *ovo a larva*, após *lagarta* que se transforma em *pulpa* e *crisálida*, depois na *borboleta* que, nesse momento, ganha asas e alça voos próprios, complexos e sempre com direito a retorno e reconhecimento de seu lugar em um espaço conquistado.

Referências

ALVES, Clédna Kalyne Medeiros Dantas. *Cartografia de si: processo formativo do PIBID Geografia em perspectivas plurais*. 2019. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EDUFScar, 1998. p. 42-49.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução: José Claudio e Júlia Ferreira. Natal: Edufrn; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002.

SEIXAS, Raul; COELHO, P. Metamorfose ambulante. *Krig-ha, Bandolo*, 1973.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA TRAJETÓRIA DO PROCESSO FORMATIVO

Geniclébia de Oliveira Augusto¹

Meu nome é Geniclébia de Oliveira Augusto. Nasci em Mossoró-RN e cresci na zona rural de Governador Dix-Sept Rosado. Foram vinte e quatro anos vivendo no sítio Lagoa de Paus, em um contexto sociocultural humilde, mas com valores essenciais que foram a base para a minha formação pessoal e profissional. Ao longo deste texto, compartilho algumas das minhas vivências na área educacional, enfatizando a minha trajetória no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC). Para tanto, faz-se necessário compreender um pouco a minha vida.

Desde pequena, eu já sabia que queria ter uma profissão, porque via na formação superior uma maneira mais “fácil” de conseguir um emprego e eu tinha o desejo de ajudar financeiramente a minha família, em especial, a minha mãe, que mora comigo. Em outras palavras, para mim, a educação consistia na possibilidade de alcançar meu objetivo profissional. Todos os dias, quando acordava e vestia o fardamento para ir à escola, pensava na almejada formatura. A minha educação escolar foi toda em escola pública - da educação infantil até a pós-graduação. Eu adoro estudar, então, quando chegava da escola, tomava banho, almoçava e realizava as atividades, porque sabia que,

¹ Mestra em Educação. Professora na rede municipal de ensino de Mossoró-RN.

agindo dessa maneira, eu iria me beneficiar. Nunca fui uma criança que fazia birra para ir à escola ou para realizar as tarefas escolares, pois a minha mãe me educou para entender que estas eram minhas responsabilidades, de maneira que eu as assumia.

Quando eu pensava em profissão, vinha-me à cabeça Medicina Veterinária, já que convivía com muitos animais no sítio e acompanhava de perto os esforços do meu avô para salvar a vida deles; às vezes, ele conseguia, outras não, o que me deixava triste. Diante disso, fiz o meu primeiro vestibular, que foi para Veterinária. Meses depois, saiu o resultado e, com ele, a frustração: não fui aprovada! Foi nesse momento que eu tive a oportunidade de trabalhar em uma escola de educação infantil, experiência que me fez perceber a minha vocação para ensinar. Fiz, assim, o vestibular para Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no qual fui aprovada. Naquela ocasião, compreendi que Deus estava me preparando para assumir a profissão que estava em seus planos, e não nos meus, pois Ele sempre sabe o que é o melhor para nós. Eu me identifiquei de imediato com a Pedagogia e sou muito feliz por fazer parte de uma área tão importante, que é a educação. Há cinco anos, sou servidora pública do município de Mossoró-RN e sinto que trabalhar com a educação básica me faz rever o que vivi na época de estudante, porém, dessa vez no lado docente. Quando estou na sala de aula, tento dar o meu melhor, para que os meus alunos tenham uma educação de qualidade, mas, mesmo fazendo a minha parte, sei que não depende somente de mim. Eu sou apaixonada pela minha profissão e considero uma pena que ela não tenha o devido reconhecimento.

Como eu conheci o POSEDUC? Durante a graduação, eu fui bolsista de Iniciação Científica nos anos de 2011-2012 e participei do projeto de pesquisa intitulado “Professor e autoridade pedagógica: estudo sobre as condições simbólicas do exercício profissional do magistério”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tinha o professor dr. Gilson Ricardo de Medeiros Pereira como coordenador. Além disso, fiz parte do Ateliê Sociológico Educação & Cultura como membro, participando dos debates e das discussões dos temas propostos. Os autores lidos eram Aquino (1999), Bauer (2002), Bourdieu (1992, 1997), dentre outros. O Ateliê era um grupo de pesquisa que tinha como responsáveis o professor Gilson Ricardo e a professora Maria da Conceição Lima de Andrade, do qual participavam também os seus orientandos (discentes da graduação e da pós-graduação).

O grupo seguia um cronograma de apresentações e discussões das pesquisas em desenvolvimento e também dos textos sobre temas relevantes para esses trabalhos. As leituras realizadas para os debates eram materiais riquíssimos, uma vez que, ao mesmo tempo que traziam contribuições para as discussões no Ateliê, auxiliava na pesquisa que estava sendo desenvolvida por mim. E o POSEDUC? Nesses encontros, conheci o POSEDUC, pois os orientandos de pós-graduação do professor Gilson e da professora Maria da Conceição eram alunos do mestrado em Educação, tendo sido a primeira turma do programa no ano de 2011. Assistir as apresentações das pesquisas deles me despertava o interesse em cursar o mestrado. No entanto, antes, eu precisava vivenciar a graduação, conhecendo universo acadêmico por meio das pesquisas.

Ao término do contrato com o CNPq, participei de outra seleção para um novo projeto, dessa vez com a professora Arilene Maria Soares de Medeiros. A pesquisa “Investigando a escola pública sob a perspectiva da família” aconteceu nos anos de 2012-2013, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte (FAPERN), vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Estado, Educação e Sociedade (GEPEES). No ano de 2014, meu contrato terminou, mas eu continuei no projeto como voluntária, pois pretendia dar continuidade ao trabalho que vinha realizando. Vejo as minhas participações nos projetos de pesquisa como uma preparação do que ainda estava por vir: o mestrado em Educação.

Ao concluir a graduação, em 2015, participei da seleção de Especialização em Educação, Práticas de Ensino e Recursos Didáticos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e fui aprovada. Eu não queria me desligar da academia e isso me fez dar continuidade à minha formação. O processo de formação como especialista ocorreu durante dois anos e eu estava sempre participando dos eventos com as minhas produções. Nesse período, desenvolvi projetos educativos na escola onde trabalho, os quais tinham como objetivo principal a aprendizagem dos alunos.

No ano de 2016, resolvi dar uma pausa na minha formação continuada. Não queria fazer mestrado nesse ano, pois havia sido convocada para assumir o cargo de professora na rede municipal de ensino do município de Mossoró. Então, escolhi vivenciar a minha profissão e poder colocar em prática o que tinha aprendido nas minhas formações (graduação e especialização). Nessa época em que eu me dediquei à escola, elaborei projetos que foram

desenvolvidos na instituição onde trabalho e que também foram apresentados em eventos tanto da rede municipal quanto da universidade.

Não consegui ficar longe da universidade por muito tempo e, nos anos de 2018 e 2019, cursei como aluna especial as disciplinas Políticas Públicas da Educação e Gestão Educacional em Contextos Locais, ambas ministradas pela professora dra. Maria Edgleuma de Andrade, do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da UERN. Durante as aulas, os debates dos textos eram momentos de muito aprendizado, que fizeram despertar ainda mais meu interesse em participar do processo seletivo para aluna regular do programa. No segundo semestre de 2019, participei da seleção para aluna regular e obtive êxito.

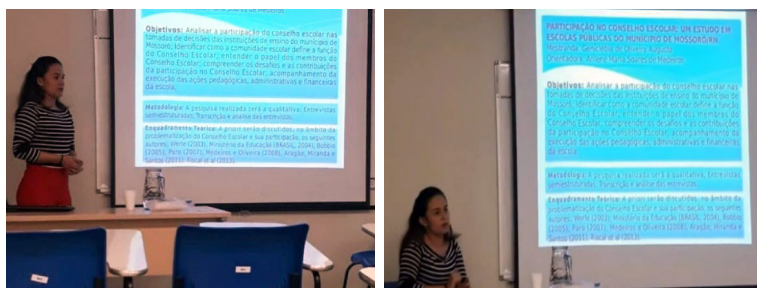
Em agosto de 2019, iniciava a realização de mais um sonho. Tinha muitas expectativas sobre o meu percurso durante o curso. Sabia que iria adquirir aprendizados com as aulas, as leituras e os eventos, bem como os profissionais que atuam no curso contribuiriam para meu fazer docente, melhorando ainda mais a minha prática como pedagoga e como pesquisadora. Mais uma vez, eu estava sendo orientada pela professora Arilene Medeiros, que foi uma das responsáveis pelo meu gosto pela pesquisa e com quem trilhei a jornada no POSEDUC. Além disso, ela me orientou em uma das pesquisas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) de que participei, bem como orientou meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Antes de a pandemia do novo coronavírus se instalar no mundo, eu tive a oportunidade de participar de eventos e de um projeto de extensão no formato presencial. Eles me permitiram ampliar meu olhar para a pesquisa que eu estava desenvolvendo, pois, a cada participação, recebia

diversas contribuições sobre o meu objeto de estudo. Fazer pesquisa requer, também, receber opiniões de outras pessoas acerca do trabalho que se está realizando, na medida em que estas têm muito a contribuir nesse sentido. O sujeito que faz pesquisa tanto aprende quanto compartilha seus conhecimentos.

A seguir, alguns dos registros desses momentos relevantes para a minha formação.

Figura 1 e 2 – Primeira apresentação do meu projeto de pesquisa



259

Fonte: Arquivo pessoal

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3 – Projeto de Extensão: Formação de conselheiros



Fonte: Arquivo pessoal

No ano de 2020, a pandemia do novo coronavírus impossibilitou vivenciar o curso de forma presencial. As expectativas para os encontros diários com os colegas e professores eram muitas, porém, foi necessária a adaptação para o ensino remoto. Mesmo com o novo formato de ensino, saberes e aprendizagens foram partilhados com as *lives* e as aulas remotas. Conforme Santos (2020, p. 7),

[...] sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos.

260

O autor defende que a pandemia cria uma consciência de comunhão planetária e democrática. As pessoas agem em busca do mesmo objetivo, que é cuidar de si e dos outros. Concordamos com ele por compreendermos que precisamos ser solidários nesse momento, visto que pandemia é uma situação séria e grave.

As aprendizagens potencializadas durante o meu percurso de formação foram fazendo crescer ainda mais os meus lados pessoal e profissional. No âmbito pessoal, reforçou a importância de buscar meus objetivos, para que pudesse alcançar meus sonhos. Assim, passei a me posicionar mais diante de determinadas situações que até então eu não me sentia segura para discutir. Em relação ao lado profissional, contribuiu bastante, uma vez que passei a buscar conhecimentos e aprendizados, elaborando projetos com o intuito de contribuir para a aprendizagem dos

alunos e participando de cursos e formações para melhorar ainda mais a prática em sala de aula.

Durante o meu processo de formação, tive (des)encontro e reencontro com meu objeto de pesquisa. Desde a graduação, nas pesquisas de iniciação científica, investigo os pais, no entanto, quando eu submeti o projeto para a seleção do mestrado em Educação, desencontrei-me desses sujeitos e busquei nas tomadas de decisões no Conselho Escolar a minha pesquisa. Após repensar o projeto e ver outras possibilidades de investigação, acabei me reencontrando com aqueles sujeitos que vinha pesquisando na graduação, ou seja, os pais. O meu objeto foi a representatividade dos pais e responsáveis de alunos no Conselho Escolar. Por que pesquisar o Conselho Escolar? O Conselho Escolar é um órgão importante dentro da instituição de ensino, uma vez que ele abre possibilidades de representação de todos os segmentos (professores, pais ou responsáveis, alunos, funcionários e diretor) que compõem a escola. A participação desses envolvidos traz contribuições para a escola e para a educação, porém, nem toda a comunidade escolar conhece a função do Conselho e a importância de sua representatividade para a instituição, ocasionando o desinteresse em participar.

O Ministério da Educação (MEC) reforça o pensamento exposto anteriormente, ao afirmar que o Conselho Escolar é um órgão colegiado composto pela comunidade escolar (diretor, professores, alunos e funcionários) e pela comunidade local (pais ou responsáveis), as quais contribuem nas tomadas de decisões em assembleias escolares e, além de funções consultivas, fiscais e de mobilização, participam das questões financeiras, político-pedagógicas e administrativas (BRASIL, 2004). Segundo Paro (2001, p. 88), “o conselho de escola deve servir bem à sua finalidade

de representação dos diversos setores da escola para conceber, planejar e controlar a organização do trabalho escolar em consonância com seus objetivos e em cooperação com a direção da escola”. Percebemos a relevância que o Conselho Escolar tem para a instituição de ensino, porque ele abrange todos os setores da escola, interligando-os.

Diante das afirmações, podemos mencionar que a noção ideal de Conselho Escolar é a de junção de responsabilidades divididas igualmente entre todos os participantes, sem privilegiar nenhum dos grupos envolvidos, porém, não é o que de fato acontece. Na maioria das vezes, os privilegiados são aqueles à frente da gestão da escola, o que acabam afetando os outros segmentos que também compõem o Conselho Escolar. Desse modo, faz-se necessário respeitar o que cada um tem a dizer sobre os assuntos que são colocados em pauta nas discussões que ocorrem nas reuniões ou nas assembleias.

O Conselho Escolar, além de colaborar para as práticas coletivas, aproxima a comunidade escolar da instituição e, desse modo, traz contribuições para a educação, resultando no ensino de qualidade. A Lei n. 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases (LDB) -, em seu Art. 14, no inciso II, faz referência à participação da comunidade escolar e local nos Conselhos Escolares ou equivalentes. A participação da comunidade escolar e local está assegurada por lei, seja na escolha de seus representantes (democracia representativa), seja atuando diretamente (democracia participativa) nesses órgãos. A participação é de fundamental importância nas decisões coletivas dentro dos colegiados.

Para realizar a pesquisa, algumas dificuldades foram encontradas, pois, com a pandemia, a metodologia precisou ser reformulada, bem como as observações e as

entrevistas, as quais seriam, inicialmente, presenciais. No entanto, essas dificuldades não me fizeram desistir de desenvolver a minha pesquisa, de modo que a metodologia foi refeita e as observações e entrevistas aconteceram no formato virtual.

Com a propagação da Covid-19 pelo mundo, a Prefeitura Municipal de Mossoró publicou o Decreto n. 5.959, de 24 de fevereiro de 2021, que, em seu anexo IX, discorre sobre o protocolo sanitário específico de retorno às aulas presenciais e distanciamento social: “Fica suspensa a realização de eventos que caracterize aglomeração de pessoas”, devendo “priorizar o atendimento ao público e realização de palestras e reuniões por meios digitais e/ou virtuais. Caso não seja possível, garantir o distanciamento mínimo de 1,5m (um metro e meio) [...]”. Em virtude disso, as reuniões dos Conselhos Escolares aconteceram de forma virtual, seguindo as orientações da rede municipal e as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre as medidas preventivas de combate ao novo coronavírus.

As experiências mais fortes que vivenciei no programa foram durante as aulas, uma vez que, além de os conteúdos ministrados pelos docentes contribuírem para o meu aprendizado, as relações sociais também tiveram a sua relevância. A turma era formada por diversas pessoas, cada uma com suas individualidades e experiências, e quando nós nos reuníamos para assistir aula ou conversar, trocávamos saberes e conhecimentos, em momentos que marcaram a minha trajetória no POSEDUC. “A singularidade de cada um é respeitada, mas, diante do outro, aprendemos com suas experiências, compartilhamos suas ansiedades e angústias, alegrias e conquistas” (TORICELI; GRANDO, 2011, p. 7). Foi assim que se deu a nossa jornada

no POSEDUC, respeitando a singularidade de cada um e aprendendo com as vastas histórias compartilhadas.

O percurso formativo é um processo contínuo, posto que sempre vai existir algo para aprender e evoluir, e é tudo isso o que me motiva a não querer parar e sempre buscar novos caminhos. Durante os anos em que fui bolsista/voluntária e aluna em formação (graduação, especialização e mestrado), participei de muitos eventos, apresentei e escrevi diversos trabalhos, li artigos, livros, revistas, teses, dissertações e monografias e cada vez mais percebia que meu caminho se expandia. Tudo aquilo que até então era desconhecido acabou se transformando no “universo” que faz parte de mim. Aquela pesquisadora que começou nos projetos de pesquisa durante a graduação ampliou ainda mais seus conhecimentos com sua pesquisa de mestrado. Em dois anos e três meses de aprendizados e evolução, a pedagoga-especialista se tornou mestre em Educação. Espero que a minha dissertação contribua para a linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação, assim como para os pesquisadores que investigam os Conselhos Escolares, pois o meu tema, a representatividade de pais e responsáveis de alunos nesses órgãos, é algo relevante, mas que se discute muito pouco. Nessa perspectiva, espero que meu trabalho seja o primeiro de outros que virão para ampliar cada vez mais essa discussão.

Os obstáculos foram muitos na minha trajetória acadêmica. Não era fácil me deslocar diariamente da zona rural até a zona urbana, dependendo de transporte escolar, o qual faltava com frequência, mas a vontade de estudar era muito maior, então, dava um jeito, pois o que não podia era deixar de ir à aula. Se não fossem meus esforços e minha dedicação, não teria conseguido realizar meus sonhos. Hoje, sou professora efetiva da rede municipal de ensino

de Mossoró-RN e espero levar para a minha sala de aula os conhecimentos que eu adquiri no processo de formação no POSEDUC.

Referências

BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares*. Conselhos Escolares: uma estratégia de gestão democrática da educação pública. Brasília, DF, 2004. Caderno 1.

MOSSORÓ. *Decreto n. 5.959, de 24 de fevereiro de 2021*. Consolida as medidas do protocolo sanitário específico de retorno às aulas presenciais e distanciamento social e dá outras providências. Mossoró, RN, 24 fev. 2021.

PARO, Vitor Henrique. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Xamã, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interações*, n. 18, p. 204-228, 2011. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>. Acesso em: 1º nov. 2021.

POSEDUC/UERN DEZ ANOS: O PERCURSO QUE VIVI

Joaquim Gonçalves Barbosa¹



Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN) completa dez anos. Sempre é motivo de satisfação para a realidade socioacadêmica deste país, principalmente de um estado como o Rio Grande do Norte, a ousadia de se criar um programa de porte *stricto sensu*, o que significa investir na formação de alto nível, na ciência e na produção de conhecimento. Estive próximo e fui parceiro no decorrer desses dez anos de existência do POSEDUC/UERN e, para além do que pude contribuir, pude aprender e compreender. Nesta narrativa, proponho-me a discorrer sobre o lugar de onde vi o vivido.

Em torno de 2005, quando aconteceram as primeiras reuniões que tinham à frente um grupo de professores que viriam a se constituir como o núcleo inicial do POSEDUC/UERN, foi possível acompanhar as primeiras anotações e discussões sobre o propósito de criar o programa. Em 2009, participei, enquanto representante do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP/SP), como coorganizador do I Simpósio de Pós-Graduação em Educação planejado por aqueles professores, para debate e enriquecimento da proposta, como

¹ Doutor em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Professor Aposentado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: joaquim.barbosa60@gmail.com.

é possível ver registrado na obra *Interiorizando a pós-graduação stricto sensu em educação no Rio Grande do Norte: desafios e perspectivas* (MEDEIROS; BARBOSA, 2011). Meu desejo e autoconfiança de participar e contribuir tinham como base a minha atuação anterior em programas de pós-graduação, seja em programas em formação, como o grupo originário do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); seja em programas já consolidados, como o de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); seja em programas em fase de consolidação, como o Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP/SP). Em todos eles, participei como professor e pesquisador, nos diferentes níveis de condução organizacional em instituições de caráter público ou privado.

No texto “Gestão da pós-graduação *stricto sensu* e formação de sujeitos” (BARBOSA, 2011), considerando pesquisas, estudos e experiência administrativa em anos anteriores, procurei registrar alguns pontos que dariam contorno a uma gestão voltada para a formação profissional e para a autoria. A primeira questão destacada foi a necessidade de um projeto que servisse como referência para o gestor não perder de vista aonde deseja chegar e, por isso mesmo, não se perder na trama dos subjetivismos e interesses definitivamente particularizados. Compreendo, assim, que é possível alienar-se tanto no objetivismo quanto no subjetivismo, distanciando-se do foco do sujeito, da questão do sentido e, portanto, da razão e vontade com relação ao fazer e ao fazer-se. Outra questão ressaltada foi a democracia nas relações, como modo de fortalecer o grupo, tendo em vista a heterogeneidade de histórias pessoais, formativas

e de interesses. Destarte, a questão da parceria entre os pares se apresentava como indispensável não no sentido da homogeneização e da acomodação dos interesses, mas como explicitação do heterogêneo e da diferença. Por fim, uma questão importante é considerar a experiência como gestor a partir de uma dupla perspectiva: a institucional e a organizacional. A primeira leva em conta os desejos e os sentidos vividos pelo grupo e pelos sujeitos envolvidos e a segunda, os interesses, as demandas e as formas de gerenciamento por parte da organização.

Como resultado da minha experiência, inserido de diferentes maneiras na organização e na condução de trabalhos dessa natureza, concluí que nós, profissionais da educação, temos à frente duas ações gigantescas, quase intransponíveis. De um lado, está a ressignificação de nossa condição de sujeito negado, desautorizado nos espaços de atuação, para a condição de autorizado perante si e, portanto, capaz de instituir procedimentos autorizantes para si e para os demais parceiros de jornada. De outro, está a luta quase inglória de atuação afirmativa no espaço social, isto é, a ultrapassagem da condição de permanente espera da autorização do outro, social/sistêmico, para atuar na tessitura do cotidiano em direção à criação/instituição de um lugar para si enquanto sujeito. Dito de outra forma, o mercado que tanto nos submete e ao qual, alucinadamente, as propostas educacionais se esforçam por atender, assumindo-o como definidor de nossas expectativas e projetos, por sua natureza, não irá nos autorizar a realizar os processos educativos/autorizantes que tanto almejamos. Apresenta-se como tarefa substantiva para nós, que atuamos no campo da educação, criar sentido para as atuações profissionais/existenciais em um contexto de trabalho burocrata-

tizado, enrijecido, alienado/alienante e, ao mesmo tempo, determinado/determinante.

Foi considerando esse contexto experiencial de práticas e ideias que me inseri como observador, depois como participante, desse movimento nascente e crescente no interior da Faculdade de Educação da UERN, com o olhar de quem está de fora. Foi preciso um olhar múltiplo, já que a pretensão era não perder de vista as sutilezas do processo, do grupo se constituindo enquanto grupo, no campo da educação *stricto sensu*. Ao mesmo tempo, tornava-se necessária uma postura epistemológica e metodológica que possibilitasse acompanhar de maneira acurada o nascedouro, particularmente, a travessia, até se chegar ao almejado, o grupo tornar-se Programa de Pós-graduação *stricto sensu* na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Minha participação nesse processo, desde seu nascedouro e evolução até os dias atuais, passou a se constituir em um olhar de alguém de fora, mas ao mesmo tempo presente no grupo. Tal estratégia possibilitou viabilizar não perder de vista as nuances, os embates, as soluções e as frustrações que se apresentariam no decorrer do processo. Passei a (com)viver o cotidiano do grupo como se fosse membro nato, mas sempre mantendo o cuidado de assumir-me um tanto distanciado, para não perder a capacidade de análise e reflexão do vivido pelo grupo em processo de amadurecimento e consolidação. Para fundamentar essa postura de inserção e, ao mesmo tempo, de distanciamento do grupo, busquei apoio nos ensinamentos da Etnometodologia, a qual discorre sobre a “noção de membro” não se tratar de uma *pertença social*, mas de um domínio da *linguagem natural*. Segundo a expressão de Coulon (1995, p. 48),

Tornar-se um membro significa filiar-se a um grupo, a uma instituição, o que exige o progressivo domínio da linguagem institucional comum. [...] Um membro não é, portanto, apenas uma pessoa que respira e pensa. É uma pessoa dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. É alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe “naturalmente” a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar.

Saliento, ainda, o destaque de Coulon (1995) no que se refere à pesquisa, afirmando que não se trata de procurar dados, fatos e coisas, mas, sim, processos. Para esse autor, “a realidade social é constantemente criada pelos atores, não é um dado preexistente”, por esse motivo, a “Etnometodologia dá tanta atenção ao modo como os membros tomam decisões” (COULON, 1995, p. 31) no contexto das demandas do cotidiano.

De diversos modos, participei das atividades do grupo, seja na condição de professor colaborador, seja na de professor visitante. Entre eles, cito: a) ofereci cursos de forma autoral ou em parceria com outros professores do Programa; b) realizei pesquisas e publiquei artigos tanto individualmente quanto com outros professores ou alunos do Programa; c) orientei dissertações de alunos, alguns dos quais pude escolher, devido à minha participação no processo seletivo, e outros que, por diversas razões, ficaram no decorrer do processo sem seu orientador original, cabendo a mim conduzir até a defesa final; d) participei efetivamente das reuniões do colegiado, contribuindo com reflexões que auxiliaram o grupo em suas tomadas de decisões; e)

participei de debates e reflexões referentes a este ou aquele membro do grupo de professores, como forma de ajudar na reflexão e decisão em questões pertinentes ao desenvolvimento de suas atividades no Programa; f) procedimento semelhante, participei da discussão e do aprofundamento com alunos, independentemente de ser ou não seu orientador, contribuindo para que encontrassem caminhos para questões acadêmicas vividas; g) realizei e concluí, efetivamente, um total de 14 orientações de mestrandos e participei de mais de 09 bancas finais de conclusão de curso, considerando somente aquelas finalizadas no POSEDUC-UERN sob a orientação de outros professores do Programa.

Destaco duas anotações: a primeira se refere ao trabalho realizado, em 2012, com seis docentes da Faculdade de Educação que se propunham a se candidatar para a realização do curso de doutorado junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), como resultado do Doutorado Institucional (DINTER) celebrado entre essa universidade e a UERN, objetivando a formação e a preparação de futuros doutores para fortalecimento do POSEDUC. Foi aproximadamente um mês de trabalho e dedicação intensa dos candidatos e, do total de seis docentes que participaram desse trabalho de elaboração do projeto de pesquisa para concorrer a uma vaga, cinco se inscreveram, foram aprovados e atualmente compõem o quadro de docentes do POSEDUC-UERN. A segunda está relacionada com a minha participação, em 2016, no debate e na defesa da criação de uma nova linha de pesquisa no programa, com o objetivo de possibilitar a reorganização do grupo e otimizar os resultados quanto à formação e à produção científica. Devido ao crescimento do grupo e à produção significativa na área da inclusão, foi possível, portanto, a criação da li-

nha “Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão”, além das duas já existentes: “Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente” e “Políticas e Gestão da Educação”.

Tendo em vista a minha imersão no referido grupo de professores, bem como nos seus projetos, com suas tensões e dificuldades, estabeleci como postura interpretativa acompanhar seus métodos enquanto tomavam suas decisões e criavam e recriavam procedimentos para dar conta no cotidiano do sofisticado processo de articulação de métodos ainda não existentes. Além disso, agi de modo a perscrutar por dentro, na perspectiva de capturar o subentendido, o que não é de pronto visível, mas dá sentido ao surgimento de um programa de pós-graduação *stricto sensu* no interior de uma região situada no Nordeste brasileiro. O intuito era, mais do que interferir, dar visibilidade ao caminho percorrido, ou seja, às artimanhas do vivido por um grupo em busca de autonomia e identidade organizacional e institucional. Para mim, tratava-se de acompanhar os anos iniciais de um programa, tendo à frente o desafio de criação de uma cultura *stricto sensu*, como também de desenvolvimento da/para pesquisa no interior do estado do Rio Grande do Norte.

Esses questionamentos e aprofundamentos se apresentavam para mim como continuidade da pesquisa anterior, intitulada “Gestão da Educação centrada no sujeito: a contribuição da abordagem multirreferencial (plural) de Jacques Ardoino”, cuja proposta era refletir acerca da concepção de educação na perspectiva multirreferencial e, de modo particular, da contribuição dessa abordagem para o entendimento da gestão da educação na perspectiva do sujeito enquanto produtor de sentido. Nessa mesma direção,

no sentido de contribuir com o grupo, assumi como perspectiva epistêmica compreensiva o tripé interpretativo: a abordagem multirreferencial/plural, conforme apresenta Jacques Ardoino (1998), por sua contribuição para uma leitura criativa e criadora das práticas sociais e educacionais e, de modo particular, para um entendimento plural, incluindo o sujeito como produtor de sentido no campo da gestão educacional; a análise institucional (LOURAU, 1995), quando procura dar sentido ao que podemos denominar de inconsciente da organização, portanto, para além do funcionamento e das demandas organizativas e funcionais; e a bricolagem, desenvolvida por Kincheloe e Berry (2007) enquanto postura epistêmica que se permite atravessar pelo olhar complexo e não positivo do contexto observado.

Jacques Ardoino realizava suas reflexões a partir do que denominava de níveis de interpretação, fazendo uso, à época, de cinco níveis: pessoa, relação, grupo, organização e instituição (ARDOINO, 1971). Mais tarde, passou a denominar esses níveis por perspectivas (ARDOINO, 1998). Se na pesquisa mencionada acima trabalhei com duas perspectivas, a da organização e a da instituição, nesse momento, percebi como oportuno incluir a perspectiva do grupo, acrescentando, assim, uma terceira, um desafio a mais no exercício interpretativo da seguinte problemática: um grupo de professores juntos, em certo sentido, aleatoriamente, com o propósito de se constituir um programa *stricto sensu* em Educação no estado do Rio Grande do Norte. Desse modo, como proposta interpretativa do processo, assumi a tríade grupo, organização e instituição. Tal proposição plural, projetada ao grupo em questão, serviu como parâmetro para dar conta dos meandros pelos quais o grupo/sujeito de nossa observação/participação se propunha a

alterar-se da condição de objeto para a de sujeito (perspectiva institucional), perante sua própria atuação no interior da organização/sistema, seja da universidade, seja diante das determinações e proposições da CAPES enquanto instância diretora no campo do *stricto sensu* no Brasil.

Do meu ponto de vista, essa questão do grupo se constituiu, no decorrer desses dez anos, no principal desafio para aqueles que participaram do período inicial e ainda se fazem presentes no POSEDUC/UERN. Possivelmente, significa um grande salto. Hoje, diante de um grupo mais coeso e organizado em sua diversidade, em torno de um projeto acadêmico, é preciso anotar que, em momentos anteriores, o contexto era outro. Em julho de 2015, registrava em meu *Diário de Pesquisa* o seguinte:

274

Talvez a grande “sacada” foi a proposição de minhas reflexões a partir do eixo central da dificuldade deste grupo se ver como grupo, coletivo, e também, a inexistência de uma cultura acadêmica. Vejo como mais frágil o projeto coletivo. [...] Minha maior constatação até aqui é a dificuldade do grupo agir enquanto coletivo. É como se fosse um ajuntamento de pessoas cada qual agindo por si. É fraca a perspectiva de as decisões serem aprovadas e consolidadas por um plenário. Parece mais se aproximar de um grupo que não é grupo, onde cada um encaminha como quer, e onde não se pode expressar publicamente o que se pensa principalmente se for um pensamento contrário ou crítico, ou seja, a cultura local e institucional não permite a crítica nem a voz contrária. O grupo é ainda frágil para contemplar o debate, a ideia contrária ou discordante (*Diário de Pesquisa*, 21/07 e 05/08/2015).

Tais preocupações teóricas/práticas referentes à gestão no campo da educação, no Brasil, se inserem no

contexto de um debate sobre administração educacional e/ou gestão, cuja matriz analítica se apresenta muito atrelada aos princípios da teoria científica voltada para o entendimento das organizações, compreendendo a escola como qualquer outra organização, cuja necessidade para sua qualificação e produtividade é tão somente aplicar aqui as leis científicas lá definidas. Tenho me esforçado para diferenciar uma da outra, assumindo que a finalidade última da escola é a formação do sujeito e não a produção de resultados quantitativos e puramente mensuráveis. Por essa razão, tenho procurado acrescentar ao debate a perspectiva do institucional, e agora a do grupo, como forma de exercício de reflexão plural/multirreferencial, e não tão somente a dita científica/positivista/funcionalista, como a que se encontra nos fundamentos dos estudos das empresas transpostos para a educação.

Foi necessário apontar outro tripé importante, assumido como referência a partir da qual estaria observando o grupo em questão, não somente para iluminar o caminho percorrido, mas também para enxergar, nas entrelinhas do vivido, o quanto os participantes, considerados individualmente e em grupo, conseguiram se alterar em direção ao tornarem-se sujeitos. Como estamos tratando de um grupo/*stricto sensu* na área da educação, em uma universidade no interior de um estado nordestino, às portas do sertão, elegi como referência para tal tarefa a questão da cultura científica e a satisfação pessoal diante da realização do próprio trabalho.

No primeiro ponto, considerando a inexistência ou baixa cultura no que diz respeito ao *stricto sensu* e à pesquisa, foi possível assumir como hipótese e uma das maiores dificuldades no contexto universitário da UERN e do

grupo em questão o desenvolvimento de uma cultura referente à pesquisa, com suas particularidades, exigências e, principalmente, habilidades, procedimentos e resultados. No segundo, na mesma direção da afirmativa anterior, percebia como constatável para a baixa densidade referente a uma cultura do debate e da produção do conhecimento a quase inexistência de uma efervescência natural, como decorrência da realização da pesquisa científica. Enfim, tratava-se de uma mudança radical do perfil de uma universidade centrada no ensino repassador de conteúdo, que conduz a relação com os alunos na perspectiva do diretivismo e da cobrança repetitiva do que foi repassado, para o perfil que se exige de um futuro pesquisador, que se forma a partir de uma relação criadora/criativa, em que o aluno se sinta o tempo todo sujeito de sua aprendizagem e formador de si e do próprio conhecimento.

276

O terceiro ponto é relativo à satisfação pessoal perante o próprio trabalho, às relações que se estabelecem no dia a dia e aos desafios novos que se apresentam, já que o paradigma da pesquisa, da descoberta, da criação no campo do saber e do conhecimento é algo que se apresenta na direção contrária ao estabelecido pela natureza bancária, repassadora do conhecimento pronto. Enfim, por se tratar de uma formação como a da natureza do campo educacional, é de se esperar que os profissionais que nela atuam, formam-se e são formadores, experienciem a ousadia para uma formação (trabalho sobre si e sobre o outro) implicada, em que “desejo, imaginário e criação” não podem faltar, assim como, acima de tudo, o prazer pela vida para além das atividades realizadas, na perspectiva de uma educação e formação que, conforme Galeffi (2014, p.14), “criar é um imperativo da vida inteligente, que precisa sempre re-

fazer-se e renovar-se sem cessar, a cada dia, a cada vida, a cada acontecimento. Toda criação é transformativa, toda transformatividade é criadora”.

Apresentado dessa forma, propus o tripé acima como horizonte de chegada, referência de análise/interpretação do movimento do grupo em direção a uma autonomia e a um modo particular de atuar como sujeito, tanto individualmente quanto como grupo. Norteava minha participação no grupo a indagação: como um grupo de profissionais do campo da educação, juntos, inicialmente por razões ocasionais como titulação, se altera para grupo com identidade própria, saindo de um lugar inicial caracterizado pelo ensino centrado na repetição e na cópia como ideia matriz e identificadora, em direção a uma expectativa que assumimos como ponto de chegada, caracterizado por uma cultura que lhe é nova, tendo no horizonte o eixo da pesquisa, do debate e da produção do conhecimento? Outras questões decorriam da acima mencionada: com quais entraves o grupo iria se defrontar e quais procedimentos para enfrentamento de tais obstáculos? Que repercussão teria para o grupo e seus integrantes tais enfrentamentos ou marcas, decorrentes do embate cotidiano para se instituírem enquanto grupo produtor de conhecimento e formador de futuros pesquisadores? Como o grupo lidaria com a ansiedade/cobrança via CAPES/UERN, no sentido de atendimento de exigências sempre volumosas e rígidas, como também daquelas resultantes do trabalho no *stricto sensu*, como orientação de alunos, aulas, produção de artigos, realização da pesquisa, elaboração de projetos de pesquisa?

Inserido no grupo como um deles, mas, de fato, sempre estrangeiro pela condição de externo a eles, minha vivência esteve pautada e orientada por esses questiona-

mentos apresentados até aqui e que, basicamente, consistiam em perscrutar por dentro visando capturar o que não é de pronto visível, mas que dá sentido ao surgimento de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação numa região situada no interior do Nordeste brasileiro. O intuito foi sempre proporcionar visibilidade a eles mesmos se fazendo, percorrendo um caminho e enfrentando as artimanhas do dia a dia enquanto grupo em busca da autonomia organizacional, institucional e por parte de seus integrantes, como sujeito. Tinha o propósito de acompanhar, intensamente participativo e próximo, mas suficientemente distante, os primeiros anos de um Programa frente ao desafio da criação de uma cultura *stricto sensu* como também de desenvolvimento da/para pesquisa no interior do estado do Rio Grande do Norte.

278

É preciso destacar a ousadia impactante e densamente rica e o caráter de desbravamento no sentido social/educacional e registrar o momento histórico do surgimento e consolidação de um grupo de pesquisa *stricto sensu*, em uma realidade adversa, qual seja, o interior de um estado no coração da região nordestina, em que a pesquisa e a produção de conhecimento não se apresentavam como traço característico, como em outras regiões do sul/sudeste país. A proposta sempre foi, portanto, ver o grupo de professores do POSEDUC/UERN como conjunto, como instância que se materializa submersa nos procedimentos organizacionais, mas que também se apresenta de forma simbólica e abstrata, assentando-se no que estamos denominando de institucional. Nesse contexto, o intuito sempre foi desenvolver uma atitude interpretativa, em que se pudesse não perder de vista esse momento singular da passagem de uma postura subjugada ao sistêmico/organiza-

cional, centrada numa cultura de ensino e homogeneidade para avançar em direção a uma conquista institucional em que possam se apresentar como sujeitos de um fazer coletivo, cuja presença do indivíduo/sujeito não seja invalidada, mas, pelo contrário, afirmada, autorizada e incluída na perspectiva de um projeto coletivo, heterogêneo, definido por uma cultura *stricto sensu*, da pesquisa, do debate, da produção do conhecimento e da satisfação pessoal de realização do/no trabalho.

Conforme Costa (2014), a UERN pode ser vista considerando três momentos principais: o primeiro, de 1967 a 1986, de caráter privado; o segundo, de 1987 a 1995, caracterizado pela estadualização da universidade, por realização de concursos públicos, organização dos departamentos e debate intensivo do ponto de vista acadêmico e político; o terceiro, a partir de 1995, caracterizado pela formação do corpo docente com formação *stricto sensu*, mestrado e doutorado. Em 2014/1, na Faculdade de Educação, do total de 44 professores efetivos, 22 (50%) possuíam o título de doutor, 14 (32%) o título de mestre e 08 (18%) especialistas e, naquele momento, 08 professores se encontravam cursando doutorado e 03, mestrado. Além dos efetivos, o quadro docente era composto por 19 professores com contrato provisório: 08 (42%) mestres e 11 (68%) especialistas.

O POSEDUC/UERN é um programa composto, em seu nascedouro, considerando os quatro primeiros anos de existência a partir do momento da aprovação da proposta pela CAPES, por dez professores permanentes e dois colaboradores. Num segundo momento, por ocasião da realização do processo de credenciamento, em 2013, o grupo passou a ser formado por dez professores permanentes e dois colaboradores. Com o processo de credenciamento

concluído em 2017, o grupo alterou para um total de doze professores permanentes, dois colaboradores e um visitante. Atualmente, o POSEDUC-UERN encontra-se formado por vinte professores distribuído em três linhas de pesquisas: *Formação humana e desenvolvimento profissional docente*, com 09 professores credenciados; *Políticas e gestão da educação*, com 05 professores e *Práticas educativas, cultura, diversidade e inclusão*, com 06 docentes credenciados. Até o presente momento foram defendidas 220 dissertações e o Programa conta com 67 alunos regularmente matriculados. (Informações obtidas junto a secretaria do POSEDUC-UERN)

280

Foi a partir desse parâmetro que procurei desenhar a cartografia do caminho percorrido pelo grupo e por mim nele incluído, com o intuito de apontar sua relevância e compreendê-lo em seu surgimento enquanto grupo/ programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação na UERN, situada na cidade de Mossoró, município de significativa importância econômica e cultural para o Rio Grande do Norte, distribuída numa lógica de regionalização e interiorização presente em diversas regiões do interior do estado. Transformar a UERN em universidade considerando os parâmetros de alto nível já conseguidos pela universidade brasileira é de vital importância enquanto instituição voltada para a formação de recursos profissionais para a região e como modo de fortalecimento científico para a sustentabilidade e sobrevivência econômica/cultural no interior nordestino.

Concluo afirmando que, para mim, foi um privilégio caminhar de perto e ao lado desse grupo de pesquisadores se formando e se instituindo enquanto Programa

stricto sensu em Educação, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Estão de parabéns os professores que compõem o atual grupo do POSEDUC/UERN pelo percurso realizado até aqui, em sua singularidade coletiva e histórias pessoais (também institucionais e organizacionais) vividas, projetando se consolidar como programa *stricto sensu* em Educação, situado num contexto local/regional, mas sem perder vista a conexão com o global-nacional.

Referências

ARDOINO, J. *Psicologia da educação: na universidade e na empresa*. São Paulo: Herder, 1971.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 24-41.

281

ARDOINO, Jacques. A complexidade. *In*: *A religação dos saberes: o desafio do século XXI/ idealizadas e dirigidas por Edgar Morin*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.548-558.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. *O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.

COSTA, Maria Auxiliadora Alves. Relatos de uma trajetória na gestão da FE/UERN. *In*: COSTA, Maria Antônia Teixeira da; OLIVEIRA, Meyre-Ester Barbosa de e FREIRE, Silvia Helena de Sá Leitão Moraes. *Narrando para não esquecer:*

Memórias e História da Faculdade de Educação. Curitiba, PR: CRV, 2014, p. 29 - 37.

GALEFFI, Dante. Criatividade como transformatividade humana própria e apropriada. In GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. *Criação e devir em formação: mais-vida na educação*. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 11-61.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. *Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LOURAU, Rene. *A análise institucional*. Petrópolis: Vozes, 1995.

282

MEDEIROS, Arilene; BARBOSA, Joaquim. *Interiorizando a pós-graduação **stricto sensu** em educação no Rio Grande do Norte: desafios e perspectivas*. Mossoró: UERN, 2011.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares; FORTUNA, Maria Lucia Abrantes; BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (org.). Gestão escolar e a formação do sujeito: três perspectivas. *Revista Brasileira de Política e Administração Educacional*, v. 22, n. 1, p. 109-123, jan./jun. 2006.

FUI E AINDA SOU: PERCURSOS DISTINTOS EM BUSCA DE ENTENDER O SABER ENSINAR O OUTRO A LER

Karina Maria da Silva Souza¹

Sabe aquela criança mirrada, magrinha, que apesar da pouca estrutura física tem um jeito esportado de ser, muito falante, esperta, atenta a tudo ao seu redor, aos ditos e não ditos, aos claros e escuros vocábulos que os adultos mitigam, para que os pequenos não entendam ao certo do que se passa, mas... sempre tem aquela criança astuta que entende nas entrelinhas e que reflete esses ditos e não ditos que lhes rodeiam em conversas. Assim era eu, ou ainda sou.

283

Natural do interior do Rio Grande de Norte, da Região Central desse estado, das Lajes, do pé do Cabugi, nascida prematuramente aos oito meses de gestação, desengana-da, pelos médicos e até pelas crenças, batizada às pressas para não morrer pagã, essa sou eu. Chamada de Karina, nome de personagem de novela da época, acompanhada pelo Maria, em devoção à santa Mãe de Deus, com sobre nome Silva e Souza o primeiro herança da mãe, o segundo herança do pai, nessa sequência, como manda a tradição patriarcal de proliferação nominal paterna.

Eu, Karina Maria da Silva Souza, cresci na cidade de Lajes, filha mais velha de pais adolescentes, criada sob o

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
E-mail: karinamariasouza418@gmail.com

olhar dos avós maternos, sempre fui envolvida nas organizações populares do município, de pastorais da igreja católica à cooperativa de reciclagem, grupos de dança lá estava eu... Mas uma coisa me chamava atenção, bem mais que tudo que eu pudesse fazer, produzir, inventar como diria meu avô Antônio, o que me instigava eram as professoras. Pensava eu: como pode essa mulher lembrar de tudo isso todos os dias, sem repetir nadinha como é que pode ela vir *para* cá, e saber como fazer *pra* gente aprender a ler? Isso era algo que me despertava curiosidade, e como criança esponja que era, repetia tudo em casa, fosse brincando com as bonecas que nunca eram minhas filhas, mas minhas alunas, ou tentando ensinar aos colegas da rua, primos e até aos meus avós.

Sempre fui muito estimulada quanto a leitura, a escrita, adorava escrever poemas, meio assimétricos, mas para mim eram perfeitos, gibis e clássicos infantis eram os preferidos para leitura, minha mãe hoje diagnosticada com dislexia, não sabia muito bem como me ajudar nas tarefas, mas fazia o possível, o que entendia, o que conseguia produzir frente aquele, como ela dizia “emaranhado de letras” ...

Cresci e continuei com a admiração à docência, embora na adolescência tenha pensado várias vezes em seguir outro rumo, ouvia muito que professor sofria, ganhava pouco, via muito também os posicionamentos dos meus professores, uns de estímulos outros nem tanto, mas o sonho da universidade parecia muito distante, como alguém que sempre estudou em escola pública iria conseguir entrar em uma faculdade? Ah! Quase esquecia de falar, sou cria integral da educação pública, desde a creche até agora na pós-graduação, e o objetivo é continuar sendo!

Além disso, como alguém sem tantas oportunidades conseguiria? e isso pesou muito, nas escolhas da vida adulta, por um tempo desisti de tentar fazer vestibular, trilhei outros caminhos bem distantes daqueles previamente estabelecidos mentalmente, casei-me, fiquei grávida, parei por um tempo essa engrenagem da vida, já tinha feito dois vestibulares e nada... Inclusive em uma das tentativas de ingresso estava grávida do meu filho mais velho, Felipe Gabriel no ano de 2005.

Apenas em 2009 tentei novamente, estudando somente em livros didáticos de história, era um sonho de vida, cursar história, fiz a primeira prova, achei que tinha me saído mau, não queria ir fazer a segunda, mas fui sob protesto, para minha surpresa consegui, enfim estava retomando minha vida, era essa a sensação, parecia que a engrenagem que havia parado nesse aspecto de formação e identidade agora voltava a girar, agora essa era eu e ainda sou.

Cursei história na UERN, campus Assú, conclui em 2014, fiquei tentando ingressar em uma pós, que consegui no ano de 2016 na FIOCRUZ, na modalidade EAD, lá em Limoeiro do Norte, no Ceará, fui três vezes para os encontros presenciais, pode até parecer bobagem, mas para eu sair da minha terra pra cursar, pra defender TCC em outro estado, era mais que cumprir protocolos, era concretizar o que mais me parecia impossível, e só pra constar na defesa do TCC estava grávida da minha filha caçula, Maria Aurora.

Ainda em 2016, consegui ser aceita para cursar Pedagogia pelo PARFOR, mais um objetivo alcançado, eu sentia muita falta da didática pedagógica nas minhas funções de professora de história, eu ainda queria entender como

aquelas professoras lá do meu ensino fundamental, da creche conseguiam ensinar, a ler! Isso para mim era sublime e ainda é.

Essa minha busca incessante por entender como saber fazer o ensinar, me alimenta de forma estupenda, me direciona por onde trilhar, onde buscar, como descobrir o meio de instruir, esse meu caminho de letras, de escritas e de leituras, me faz ser quem sou e quando acho que estou no caminho reto linear, sistêmico, a vida me traz novas perspectivas...

Nessas estradas encontrei o POSEDUC- Programa de Pós-graduação em Educação, uma amiga que muito me estimula, que aqui a chamarei de Orquídea, me apresentou o seletivo para ingresso no mestrado como aluna em caráter especial, me explicou bem direitinho como funcionava todo o processo, produzi minha carta de intenção para pleitear a vaga na disciplina de Prática de Docência, ora e não é meu interesse entender como funciona a prática, como se aprende a ensinar?!

Tentei, e conquistei uma vaga, as aulas eram ministradas pelas professoras Márcia Betânia de Oliveira e Normandia de Farias Mesquita Medeiros, todas as quartas feiras a tarde, já na modalidade remota, já estávamos na pandemia, era agora aluna POSEDUC/UERN, essa minha UERN que tanto me orgulha, fui grata desde a primeira entrada e ainda sou. Nessas aulas passei a ler Itale Luciane Cericato e Maria Amélia do Rosario Santoro Franco, duas mulheres que produzem para professores, sobre como ser professor, estava agora aprofundando meus conhecimentos em como entender e produzir o ato de ensinar.

Conseguí concluir a disciplina, com o projeto de pesquisa pronto, agora o anseio pelo edital do mestrado re-

gular, antes disso, mais uma disciplina abre ofertas, tentei mais uma vez agora direcionada para a área em que atuei por sete anos, na modalidade Educação de Jovens e Adultos, o nome do componente não poderia ser mais direto, objetivo e instigante: “Tópicos Especiais em Práticas Educativas I - Educação de Jovens e Adultos no contexto do aprender por toda a vida”, com o professor Francisco Canindé da Silva, a quem já conhecia desde as primeiras aulas na UERN, nessa disciplina, conheci Boaventura de Souza Santos, a quem me remeteu entender as configurações estruturais da sociedade contemporânea, consegui compreender intrinsicamente, minha incessante persistência em tentar entender os contextos educacionais e produzir conhecimento através deste, Boaventura me apresentou o que eu já conhecia, mas agora sem velos, agora exposto, a minha realidade, estava presente nas Epistemologias do Sul.

287

Em julho do corrente ano, mais uma vez a Orquídea que me alegra e me instrui, me acordou com a notícia! Saiu o edital do mestrado em educação POSEDUC, logo baixei o documento, li, reli, fiz cálculos e recálculos, li meu projeto previamente construído, reorganizei, subi e desci arrumando, incluindo, retirando, deixando no ponto e qualidade que a oferta requeria, tudo certo, tudo pronto amadurecido nas aulas do POSEDUC, respinhado por leituras, discussões, orientações e reflexões absorvidas e moldadas por todo processo que a didática do programa instrui.

No último dia da inscrição com a pasta de documentos salva na tela do computador intitulada “mestrado POSEDUC”, fui ao banco pagar a taxa de inscrição, para minha surpresa não consegui, uma pane no sistema, não permitia a retirada, nem transferência de valores da minha

conta. No final do dia, já sem ter a quem recorrer, a conformidade me consolou, não consegui fazer a inscrição, a empolgação de ter o resultado final como presente de aniversário, dia 17 de dezembro, sumiu... Enfim não foi dessa vez, mas sempre fui persistente e ainda sou.

Se não fosse essa minha persistência hoje eu não seria, uma Historiadora (2013), Pedagoga (2020), Especialista em Impactos da Violência na Escola (2016), discente do curso de Especialização em Mídias da Educação (2021) e aluna em caráter especial do mestrado POSEDUC, cursando a segunda disciplina (2020/2021)

Persistir na minha busca em aprender, aperfeiçoar, saber como fazer o outro aprender a ler, é muito mais que busca de título, é muito mais que busca de status, é busca de sentido de vida, é isso que o POSEDUC/UERN faz, possibilita essa busca, transforma expectativa em concretude, acende a luz no fim do túnel, eu quero ser uma fagulha dessa luz, eu fui e ainda sou.

Referências

CERICATO, Itale Luciane. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.* Brasília, v. 97, n. 246, pág. 273-289, agosto de 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812016000200273&lng=en&nrm=iso>. acesso em 20 de agosto de 2020. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/373714647>

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Bra-

sília, v. 97, n. 247, p. 534-551, dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812016000300534&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s2176-6681/288236353>.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 2010.

MEANDROS FORMATIVOS: DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO POSEDUC/UERN – A HISTÓRIA QUE SE FAZ ENTRE SUJEITOS, CONTEXTOS E VIVÊNCIAS

Luzitana Saraiva de Oliveira Almeida¹



escrita da narrativa proporciona compreender que não estamos numa trajetória única, mas vivemos em sociedade e interagimos constantemente. Ao narrar, escrevo uma autoanálise, uma vez que manifesto minha história de formação e construção diária como sujeito político e social. Abordo, nesta narrativa, as marcas inconscientes do processo de formação, traçando um caminho da educação básica ao ingresso como aluna regular no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN).

A experiência é o que está, aqui e agora, pedindo para ser vista, falada, pensada e feita. Tantas delas possibilitaram não somente que eu aprendesse, mas também que outros pudessem fazer uma reflexão e aprender mais, conforme nos remete Soares (2001). Aprendi que na vida precisamos uns dos outros, pois estamos em constante aprendizado, acadêmico ou não. Cito, então, um trecho da música “Caminhos do coração”, de Gonzaguinha (1982):

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). E-mail: luzitanaalmeida@alu.uern.br

...E aprendi que se depende sempre
 De tanta, muita, diferente gente
 Toda pessoa sempre é as marcas
 Das lições diárias de outras tantas pessoas
 E é tão bonito quando a gente entende
 Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
 E é tão bonito quando a gente sente
 Que nunca está sozinho por mais que pense estar...

Posso afirmar, ouvindo as palavras de Gonzaguinha (1982) e de tantas outras vozes, que não estamos sozinhos. Pensando em meu trajeto como estudante, reflito sobre prática, contextos e valores. “A singularidade de cada um é respeitada, mas, diante do outro, aprendemos com suas experiências, compartilhamos suas ansiedades e angústias, alegrias e conquistas” (TORICELI; GRANDO, 2011, p. 7).

Nasci na cidade de Pedro Leopoldo-MG e sou filha de Jércia Lourdes da Silva Saraiva, dona de casa que estudou até o quinto ano primário, e José Saraiva de Oliveira, que teve a oportunidade de cursar até a oitava série ginásial. Ainda jovens, meus pais migraram para o sudeste como tantos outros nordestinos. Lá, conheceram-se, namoraram e casaram. Tiveram 4 filhas, dentre elas, eu.

Vimos para Mossoró no ano de 1986, pois meu pai queria morar perto da família, porém, pouco mais de dois anos após chegarem aqui, separaram-se. Minha mãe se viu com quatro filhas para oferecer educação, saúde e alimentação, apesar de não trabalhar e não ter os estudos que o mercado de trabalho exigia. Na época, a oportunidade que surgiu foi atuar como empregada doméstica, lavadeira e, à noite, ajudar em um bar chamado, na época, de “Papel Machê”. Com tantas dificuldades, a prioridade era que nós

não abandonássemos os estudos, pois era o único meio de termos um futuro diferente do dela.

Estudar em meio a tantos obstáculos era nossa única saída para “sermos alguém na vida”, como dizia a minha mãe. Às vezes, saíamos para a escola sob seu olhar penoso. Passamos muitas necessidades. Nosso café da manhã era apenas “café com farinha”. No almoço, como trabalhava perto de casa, trazia seu prato para dividir conosco.

Esta escrita provoca um misto de emoções, de dores e de reflexão sobre quem sou e sobre o quanto sei de mim, o quanto as minhas experiências me definem. Pareço ter uma consciência que antes não tinha. Escrevo, mas não seguro as lágrimas. Ah! Como era difícil estudar sem ter o básico, pois, às vezes, faltava concentração.

Nesse sentido, narrarei, neste texto, um pouco da trajetória que a minha mente me permite lembrar, das marcas deixadas pelo tempo e pela vida, pois, “na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora” (SOARES, 2001, p. 37). Sou fruto de escolas públicas. Em 1987, iniciei minha vida escolar. Fui alfabetizada na primeira série, aos sete anos de idade, na Escola Estadual Cunha da Mota, onde estudei até a quarta série do antigo primário. Trago em minhas memórias excelentes lembranças das minhas professoras e da escola, ressaltando, ainda, que hoje trabalho nessa instituição como professora e tenho por ela um grande carinho, respeito e responsabilidade como funcionária pública. Tive o imenso prazer de trabalhar com a minha professora da terceira série e com a merendeira da minha época de estudante.

A professora da primeira série cantava e ensinava a ler e a escrever, o que me fazia esquecer da vida lá fora. Da segunda série, lembro da professora, apesar de não recor-

Foto 1 – Ficha escolar com notas

[illegible]

No ano de 1991, fui matriculada no ginásio da Escola Estadual Governador Dix-Sept Rosado, onde cursei da quinta série à oitava série. No último ano, ganhei um concurso de redação. Também participava de todos os eventos culturais da escola, mas lembro que vivenciamos longos períodos de greve no então governo de Geraldo Melo, inclusive, umas das maiores greves, devido à desvaloriza-

Meandros formativos: da educação básica ao POSEDUC/UERN - a história que se faz entre sujeitos, contextos e vivências

ção da educação e dos professores. Em 1995, fui matriculada na Escola Estadual Abel Freire Coelho para cursar o Segundo Grau. A escola era longe da minha casa, mas íamos a pé, eu e uma turma de colegas estudantes. Nesse período, nossa cidade não experienciava o caos da violência que vivenciamos hoje. No Abel, como é mais conhecida a instituição, estudei por três anos e terminei o Segundo Grau. Para muitos, ele era a porta de entrada para o mercado de trabalho, mas eu queria ser professora, por isso, esse grau de escolaridade era insuficiente.

Ao término do Segundo Grau, veio o dilema: como cursar uma faculdade? Eu e minha mãe pensávamos e não achávamos saída para a realização do vestibular, pois não tínhamos recursos financeiros para a inscrição. Então, para não ficar longe do estudo, pedi para que me matriculasse no Magistério e, assim, ela fez. De alguma forma, eu sabia que se parasse de estudar o sonho de ser professora não se concretizaria: “[...] o caminho da gente é a gente que abre. Conforme o risco de Deus” (SOARES, 2001, p. 29).

Fui cursar o Magistério na Escola Estadual Jerônimo Rosado, em 1998. Iniciei no segundo ano do curso, pois era permitido aproveitar algumas matérias cursadas. Minha mãe achava bonita a farda que ganhara de uma de suas primas, que consistia em saia pregueada, blusa, meias brancas e sapatos pretos.

Antes de concluir o magistério, fui convidada para atuar em uma escola no mesmo bairro onde morava, o que consistiu na concretização do ser professora. Trabalhei nessa instituição por 8 anos, ministrando aulas na educação infantil. Os afazeres como professora me tiravam o tempo de estudo para o vestibular. Apesar de os pequenos

recursos financeiros recebidos ajudarem no orçamento da casa, o sonho da faculdade se tornava mais distante.

Outras portas foram se abrindo e, no ano 2000, me inscrevi como professora alfabetizadora do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos (PROEJA), do Governo Federal. Realizei o exame seletivo e fui classificada. Em 2002, participei do Brasil Alfabetizado, uma parceria entre a prefeitura de Mossoró e a UERN para alfabetizar jovens e adultos em um período de dez meses.

No ano de 2005, houve o processo seletivo do Movimento de Alfabetização do Brasil² (MOVA BRASIL). Fui selecionada para uma etapa que compreendia dez meses, mas esses dez meses não eram reservados apenas à sala de aula, mas também a muitos encontros pedagógicos. Como o movimento era pautado na educação freiriana e nós éramos leigas nesse assunto, foi preciso muito estudo para realizar as aulas com base nessa metodologia. Após alguns encontros pedagógicos, percebi a necessidade de estudar mais, pois me sentia insatisfeita com a minha formação. Sempre quis ser professora e essa experiência com jovens e adultos despertou o sonho adormecido de fazer um curso superior.

Em 2006, chegou, enfim, o grande dia em que fui aprovada no vestibular de Pedagogia da UERN, no *Campus* central. A emoção tomou conta de todos que acompanharam esse processo. Enquanto saía na rádio o nome dos aprovados, minha mãe rezava, agradecendo a Deus. Mes-

² O Movimento de Alfabetização do Brasil é um projeto em parceria com o Instituto Paulo Freire, a Petrobras e a FUP (Fundação Única dos Petroleiros), que busca a cidadania de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar antes (Disponível em: [HTTP://www.paulofreire.org/programas/MovaBrasil](http://www.paulofreire.org/programas/MovaBrasil)).

mo sendo aprovada, pensava muito sobre como arcar com as despesas que acompanhavam o estudo, como xérox e locomoção, porém, não temi o desafio. Enfrentei-o vendendo revista da Avon e locomovendo-me por meio de carona. Sempre tive a mania de ler os informes nos murais, então, não demorou para que eu pudesse me inscrever nas seleções para bolsista. Queria aproveitar ao máximo o curso e sempre gostei de me envolver em atividades escolares. Assim, fui bolsista do programa Juventude Cidadã, projeto desenvolvido com jovens da rede pública de ensino que cursavam o Ensino Médio, para incentivo à escolaridade. Foi um curso bastante proveitoso, com duração de 350 horas, em que eu era professora (bolsista/monitora).

296 Após essa experiência, inscrevi-me no setor para bolsistas da UERN e fui selecionada para ser auxiliar em uma escola particular da cidade de Mossoró. A experiência não foi boa, mas valeu o aprendizado. No referido estágio, o único contato que eu tinha com a sala de aula era quando pegava o lanche e dava banho nas crianças, pois a minha função era ficar na máquina de pizza. Precisava muito da bolsa e, ao comentar com os colegas da faculdade sobre o que fazia, deixei-os perplexos. Lembro que, em uma aula de Gestão Educacional, comentaram o caso e eu falei da minha insatisfação com esse estágio e que não iria mais. A professora não pensou duas vezes e disse: “Luzitana, nem você, nem nenhum outro aluno deve aceitar estágio que menospreze o curso. Vá ao setor de estágio e explique a situação da sua saída, para que não fique impossibilitada de pegar outros estágios”. Segui o conselho e não demorou para aparecerem outras oportunidades.

Inscrevi-me na seleção para bolsista do Programa de Criança Petrobras (PCP). Fui selecionada e essa expe-

riência de dois anos me proporcionou vários saberes sobre o trabalho com projetos, o que me ajudou bastante no período do estágio de regência, pois coloquei em prática o aprendizado adquirido no PCP e no decorrer do curso.

Ao término da bolsa no PCP, ainda fui selecionada para um ano de estágio na Gerência Municipal Executiva do Trânsito (GETRAN). Destaco que estudar e trabalhar exige um esforço maior e há sempre um déficit na aprendizagem ou no trabalho. No meu caso, o cansaço às vezes tomava conta e eu dormia sobre os textos.

Além disso, ressalto uma seleção para bolsista que realizei para um projeto de letramento, mas como estava no sétimo período a faculdade não permitiu que eu assumisse. Por diversas vezes, escutava colegas questionarem: “por que ela passa em tudo que se inscreve? Nem é aluna nota dez”. Realmente, nunca pude ser somente estudante, o que dificultava ser dez. Hoje, pergunto-me: será que sou uma nota ou um indivíduo cercado de subjetividade? As experiências citadas me fizeram crescer como pessoa e profissional. A universidade proporciona vários caminhos, cabe decidirmos qual vamos seguir. Sei que não sou nem fui uma aluna nota dez, mas fiz o que estava dentro das minhas possibilidades para ser uma profissional responsável e comprometida com a educação.

Ao entrar no curso de Pedagogia da UERN, cheguei com várias dúvidas em relação a como se dá o processo ensino-aprendizagem e a como resolver os problemas encontrados do dia a dia da sala de aula. No decorrer do curso, procurei, nas várias disciplinas, uma instrumentalização pedagógica para o exercício da profissão, com isso, aprendi concepções de diferentes abordagens teóricas.

Fica claro, em minha trajetória de formação, que o curso de Pedagogia contribuiu muito. Se alguém perguntar se existem lacunas, respondo que não somos completos, pois estamos em constante formação. Jamais esquecerei dos meus professores da UERN, que, cada um com o seu jeito de ensinar e com suas singularidades, mostraram como é importante sermos humanos e que não valeria a pena nos transformarmos em meras máquinas. Alguns eram tão humildes que, por muitas vezes, faziam reflexões acerca dos erros que cometiam, destacando que é preciso reparação, pois o professor pode contribuir para o sucesso ou para o fracasso do seu aluno. Havia professores muito comprometidos com o processo educacional, que me mostraram o saber de forma prazerosa e com responsabilidade. A esses, somente posso expressar gratidão.

298

Guardo em minha memória relatos sobre mim que ouvi dos meus professores: “Luzitana, você conseguiu registrar dados e informações extremamente importantes. Observei, durante o tempo em que tivemos juntas, o quanto você é observadora e dedicada enquanto aluna. Não tenho dúvidas que também será enquanto professora”.

O curso de Pedagogia nos respaldou com suportes teóricos para o desenvolvimento das aulas e deu-nos oportunidade de termos contato direto com as crianças, oferecendo-nos mecanismos didáticos para facilitar a aprendizagem do aluno e fazer relação entre a teoria e a prática educacional. A Faculdade de Educação contribuiu bastante para a minha formação. Assim que terminei o curso, no ano de 2010, ingressei no mercado de trabalho em uma escola particular.

Antes de concluir o curso de Pedagogia, já ouvia falar sobre o mestrado em educação. Via professores empenha-

dos, sempre com muitos papéis em suas mãos, e brincava, perguntando: será que um dia serei aluna desse mestrado? Uns colegas diziam que sim e outros falavam: “isso aí é para gente grande e não para nós”. O mestrado ficava na mente e nos sonhos.

Enquanto o mestrado era um sonho, a pedagoga que almejava crescer profissionalmente não podia parar. Em 2011, submeti um projeto para a seleção da Especialização em Educação, na linha de pesquisa Ensino e Currículo, e realizei mais uma conquista: ser especialista em educação. Após a especialização, em 2011, distanciei-me da UERN por ter sido aprovada em um concurso público para professor das séries iniciais do estado do Rio Grande do Norte. Fui lotada na Escola Estadual José Rufino, onde Paulo Freire lecionou, na cidade de Angicos-RN, o que foi mais um desafio que precisava superar, pois passei um ano lá, indo e vindo todos os dias. Nada é conquistado com facilidade. Enfim, depois de muitas idas e vindas, consegui ser transferida para Mossoró-RN. Em 2014, fui convocada no concurso público para professor dos anos iniciais do município de Mossoró-RN.

O desejo de prosseguir e cursar o mestrado foi ficando em segundo plano, devido ao fato de ter dois vínculos profissionais e, na vida pessoal, já estar casada e com um filho pequeno. Escutava uma colega que fora aprovada em umas das primeiras turmas do POSEDUC me dizer para tentar, afirmando que eu conseguiria, enquanto os colegas de trabalho falavam: “pra quê fazer mestrado?”. Eles acreditavam que eu não iria dar conta, pois precisaria estudar e viajar para os congressos. Ouvindo essas opiniões e diante das dificuldades a serem enfrentadas, esse sonho adormeceu; além disso, havia a exigência da proficiência,

a respeito da qual as pessoas falavam como se fosse um filme de terror. Não me considerava capaz, portanto, nem me atrevi a realizar o processo.

Em 2017, com a aprovação de uma colega de trabalho, a luz de alerta acendeu, mesmo sabendo que o objetivo do processo de mestrado, para ser alcançado, exigia renúncias e um tempo para leitura e escrita. Em setembro de 2018, abriu seleção para aluno especial no turno noturno, para a qual me inscrevi e fui selecionada. Cursei a disciplina Tópicos em Educação I: Pesquisa e problematização da realidade, porém ainda faltava um caminho a ser percorrido. Alguns colegas me ligaram perguntando se eu ia me inscrever para a seleção nesse ano, ao que respondi timidamente que primeiro precisava voltar ao mundo acadêmico e me dedicar a leituras e discussões. Mais uma vez, o sonho foi interrompido por uma causa justa e nobre, uma vez que, já cursando a disciplina como aluna especial, engravidei no segundo semestre de 2018 e a bebê nasceu em junho de 2019, mas continuei acompanhando a página da UERN na *web*, como fazia nos tempos de estudante de Pedagogia, ao ler os avisos nos murais (relembrando).

Em 2019, no segundo semestre, saiu a seleção para aluno especial na disciplina Políticas Públicas da Educação. Era no turno matutino e eu estava de licença maternidade, exatamente com 40 dias do período de puerpério. Organizei a documentação exigida, fui até a secretaria do POSEDUC e realizei a inscrição. Fui selecionada e, no processo seguinte, me inscrevi novamente como aluna especial na disciplina Tópicos Especiais em Práticas Educativas I: Estado, Educação e Poder, como também no processo seletivo para alunos regulares, posto que desejava ter a experiência de saber como era a prova de seleção, para “sen-

tir o clima”. No processo como aluna especial, ao cursar a primeira disciplina, percebi que necessitava de esforço e dedicação para alcançar o objetivo de cursar o mestrado. Tinha curiosidade em saber como era, o que discutiam e como eram as leituras. Quando estamos na escola, envolvemo-nos tanto com o fazer pedagógico diário que a universidade fica a cada dia mais distante.

Contudo, como ressaltai no início, nunca estamos sozinhos. Recebi o apoio de amigas que já cursavam o mestrado, bem como de uma amiga de estudo que estava passando também pelo processo de seleção, de modo que juntamos forças e estudávamos os textos em um terceiro turno. O processo é árduo e exige compromisso, mas, em meio aos estudos e à disciplina especial que cursávamos, fomos pegos de surpresa pela pandemia da Covid-19, momento em que as provas foram suspensas por um longo período. Nosso psicológico ficou abalado com tantas vidas interrompidas, portanto, não conseguíamos pensar em estudo, somente em sobreviver.

Após alguns meses, a prova foi marcada para o dia vinte e dois de setembro de 2020, dessa vez, em um formato diferente, como exigia o momento vivenciado de distanciamento social. Voltamos aos estudos para a prova. Convidamos professores conhecidos para explicar o livro solicitado, *Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord, que traz uma discussão acerca do poder contido em um espetáculo, isto é, das relações sociais entre pessoas mediatizadas por imagens. Ainda, o sindicato dos professores (SINTE) realizou uma conversa sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que retira a autonomia docente e supervisiona algumas competências exigidas pelo mercantilismo, universaliza o ensino, a pesquisa e a cultura e não incenti-

va a formação continuada entre os professores, o que mais exclui do que inclui. Realizamos a prova e, como consequência de todo esforço e dedicação ao processo, fui aprovada, sabendo do resultado por meio de uma amiga. Naquele momento, era correr contra o tempo para ajustar o projeto, que já estava em andamento. Resumindo, tive aprovação em todas as etapas. O sonho/objetivo de cursar o mestrado como aluna regular era real. É real.

Cursar o mestrado, inicialmente como aluna especial e posteriormente como aluna regular, às vezes, parece surreal. O POSEDUC possui um conhecimento extraordinário e um compromisso dos professores com o trabalho que desenvolvem, incluindo todos sem distinção, tanto alunos especiais quanto regulares, na cobrança de rigor e responsabilidade para com o curso, o que vai além do aprendizado. Estou no segundo semestre como aluna regular e ainda tenho um longo percurso formativo a seguir, mas posso afirmar que gostaria de contagiar a todos que trabalham na educação e pela educação, a fim de que pudessem cursar o mestrado e, assim como eu, tirar as vendas dos olhos. O POSEDUC é mais do que um diploma. É conhecimento, crescimento. É vida. É pesquisa, ação e formação. É descobrir que não sabemos ler nem escrever. Jamais serei a mesma pessoa, pois foi contando a minha história que me percebi em contínua transformação para agir no meio e modificá-lo.

O aprendizado adquirido, as amizades conquistadas, o desejo de conhecer pessoalmente os colegas e professores e os processos de crescimento pessoal e profissional proporcionados pelas disciplinas e pelas orientações são de uma grandeza ímpar. O profissionalismo e os conhecimentos que, com sabedoria e humildade, nos são apre-

sentados pela orientadora possuem uma dimensão que não cabe em palavras. Ressalto, ainda, a epistemologia dos projetos de extensão; os autores e os teóricos que conhecemos em textos e livros; as aulas em um novo formato, o remoto, para que a vida fosse resguardada; e os congressos, as palestras, as *lives* e os simpósios de que participei em várias cidades do país, sem sair de casa. A pandemia, em um contexto geral, trouxe tristeza, mas, nesse âmbito em específico, mostrou possibilidades de crescimento e nos fez observar o mundo com outros olhos.

Reporto-me agora ao eu pesquisadora em fase de construção, cuja proposta inicial era investigar as relações de poder entre conselho escolar e gestão, de modo que precisava estudar Foucault a fundo, porém, não tinha leituras a respeito nem dispunha de tempo para tanto. Nesse sentido, no decorrer das disciplinas e dos processos de orientação, percebi que esse estudo não caberia, afinal, não sou somente estudante. Tive que parar, pensar, construir e desconstruir ideias para a reformulação do projeto de pesquisa. Após muitas idas e vindas com o objeto de estudo, a temática de pesquisa, por ora, é “Conselho Escolar e Gerencialismo: um estudo na rede municipal de Mossoró-RN”, realizando discussões acerca do gerencialismo e da desconstrução da gestão democrática. Esse processo requer construções e reconstruções de paradigmas.

O desenvolvimento do percurso oportuniza beber de várias fontes do conhecimento, com vistas a aprofundá-lo. Falar da pesquisa em andamento é falar das superações e das angústias sofridas, das madrugadas de estudos e leituras, de não compreender os primeiros textos. Apresento também as dificuldades para desenvolver o caminho metodológico, as quais me tiraram o sono, pois a metodologia

tem que ser arrojada, consistente e ter fundamentação, como falam os professores. Tudo é complexo e requer um grau de maturidade científica que precisamos aprimorar. A caminhada no contexto do mestrado não é fácil, uma vez que exige comprometimento com o programa, com os afazeres acadêmicos e com a mestrandia ou mestra que pretendemos ser.

Além da pesquisadora, existem a mulher, a filha, a esposa, a mãe de dois filhos, os dois vínculos empregatícios e a vida, com um turbilhão de demandas a serem atendidas, de maneira que é preciso administrar o tempo e selecionar prioridades. Às vezes penso que poderia aumentar o tempo do mestrado, pois não gostaria de simplesmente passar por ele, mas, sim, aproveitar cada ideia compartilhada, bem como aprofundar e conhecer metodológica e epistemologicamente o meu objeto de estudo, aprendendo muito mais do que esperam de mim. Já vislumbro as contribuições para a minha prática docente e pessoal, resignificando teorias, práticas, mudando atitudes e condutas. Enfim, sendo um ser humano mais justo, questionador e crítico da realidade posta.

Debruçar-me sobre a minha historicidade e ingresso no POSEDUC/UERN me fez compreender os processos e as transformações nos contextos social, político, econômico e cultural de minha vida. Além disso, pude narrar, o que, segundo Passeggi (2010), significa dar formas ao que antes não tinha e que se confunde com a própria vida. Portanto, espero que outras pessoas possam, assim como eu, acender a luz do esperar e, assim, ativar o desejo de cursar o mestrado/POSEDUC. É um processo árduo, que requer renúncias e parcerias, porém, é repleto de saberes e con-

quistas. O melhor de tudo é perceber que essa jornada é construída por várias mãos.

Referências

GONZAGUINHA. *Caminhos do coração*. Formato LP/CD. Gravadora: EMI-Odeon. 1982. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/280648/> Acesso em: 16 out. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista. *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2010.

SOARES, Magda. *Metamémoria-memória: travessias de uma educadora*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

305

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interações*, n. 18, p. 204-228, 2011. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>. Acesso em: 28 out. 2021.

REMEMORANDO CAMINHOS QUE TRILHEI A PARTIR DA ESCRITA REFLEXIVA DA NARRATIVA

Maria Margaret da Silva¹

Vamos bordando nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido [...].

Magda Soares

306

A narrativa, para as ciências humanas, compreende biografias, histórias de vida, autobiografias, depoimentos e relatos. Essa forma de escrita nos permite refletir sobre nossas ações e sobre nosso processo de intervenção no mundo (SOARES, 1990; TORICELLI; GRANDO, 2011). Ao me dispor a escrever a respeito da minha trajetória formativa por meio da narrativa, faço uma autoanálise de mim mesma, ao passo que permito que outras pessoas se reconheçam na minha história. Neste texto, explico parte do meu itinerário formativo, o qual foi marcado não somente por descontínuas linhas e processos, mas também por significativas realizações. Digo parte, porque, certamente, ficaram de fora alguns detalhes que compõem essa história, mas que, por algum motivo, não me vieram à memória. “[...] Escrever sobre o processo de formação parece, aos olhos

¹ Mestra em Educação - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora da Rede Estadual de Ensino do estado do Rio Grande do Norte. E-mail: margarett.margarett@gmail.com

de quem jamais o fez, uma tarefa fácil. Mas fixar na escrita o que se tenta pegar no ar, o que foge e escapa a cada tentativa é um trabalho ao mesmo tempo laborioso, sedutor e consideravelmente formador” (PASSEGGI, 2010 p. 36).

Nesta narrativa, inicialmente, abordo minha ancestralidade, para que o leitor me conheça e, ao mesmo tempo, identifique o meu lugar de fala. O lugar de fala refere-se às visões de mundo que se apresentam desiguais, já que “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (RIBEIRO, 2017, p. 35).

Assim, traço um fio condutor do meu contexto familiar, interligando-o ao meu percurso escolar desde o ensino fundamental até o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). Essa última parte torna-se relevante, porque a narrativa adquire sentido a partir do lugar que os personagens ocupam no enredo.

Venho de uma família de origem humilde. Natural de Umarizal, no Rio Grande do Norte (RN), nasci em setembro de 1972. Biologicamente filha única, tenho um irmão por adoção. Meus pais, Francisco Severino da Silva e Maria Julia de Santana Silva, são, respectivamente, naturais de Angicos/RN e Santana do Matos/RN, interior do sertão nordestino.

Os membros da primeira e da segunda geração da minha família não foram alfabetizados. Eles trabalhavam na agricultura para garantir a sobrevivência, contudo, por diversas vezes, faltava-lhes o mantimento. Nessas ocasiões, eles alimentavam-se de xique-xique e sodoro (comida destinada ao gado). Era uma triste época, como relatam os meus genitores. O ensino, naquele contexto, conforme consta na

história da educação brasileira, era voltado predominantemente para a camada mais abastada da sociedade.

Inconformados com essa situação, meus pais migraram do sertão para a cidade, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentariam com tal mudança. Apesar de sofrerem “duras críticas”, não recuaram, pois sonhavam em ofertar um futuro digno para os seus filhos e enxergavam a educação como fortaleza e garantia de um futuro promissor, por meio da ascensão social e de modificações no ciclo familiar. Decididos a sair do sertão de Angicos/RN, percorreram diversos municípios do estado do Rio Grande do Norte, trabalhando em firmas construtoras de estradas e rodagens. Por lhes faltar o estudo, meu pai exercia a função de servente e minha mãe, para ajudar na renda familiar, lavava roupa. Depois de todo esse percurso, ao chegar a idade de os filhos frequentarem a escola, meus genitores fixaram residência em Mossoró/RN.

Rememoro a chegada a essa cidade. Trazíamos, na bagagem, poucas coisas, tais como peças de roupa, redes, lençóis, pratos e algumas panelas. Nossa primeira moradia foi numa casa de taipa², coberta de palha, ao lado da BR-304, cedida por um “anjo” que nos concedeu abrigo. Foi um contexto de muitas adversidades, todavia, não nos faltavam amor, união, coragem e esperança, ingredientes diários para que eu tivesse forças e lutasse pelos meus objetivos, “pois o risco é o de Deus mas o bordado é nosso” (SOARES, 1990, p. 29).

Chegou a hora de frequentar a escola. Lembro-me desse dia com alegria. O ano era 1980 e eu já tinha sete anos de idade. Naquela época, a Educação Infantil não era

² Casa de taipa é um método construtivo vernacular que consiste no uso do barro e da madeira para criar moradias.

oferecida na rede pública. Somente em 1988 ela foi reconhecida na Constituição Federal como direito do cidadão e dever do Estado e, posteriormente, inserida na Lei n. 9.394/96, que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nesse contexto, os pais que não tinham condições financeiras de colocar seus filhos em escolas particulares aguardavam as crianças completarem sete anos de idade para matriculá-las no primário.

Iniciei os estudos na Escola Guararapes Ensino de 1º Grau, atualmente escola Estadual Padre Alfredo, situada na avenida Lauro Monte, em Mossoró/RN. As vagas eram destinadas aos filhos dos funcionários da fábrica de tecidos Guararapes. Caso houvesse vagas remanescentes, eram ofertadas à comunidade que morava no entorno, assim, consegui ser matriculada. Que alegria!

Dessa escola, trago boas recordações. Na noite que antecedeu o primeiro dia de aula, mal dormi, pois esperava ansiosa pelo amanhecer. Acordei cedinho, fiz a higienização pessoal, tomei café da manhã e, por se tratar do primeiro dia de aula, minha mãe me acompanhou até a escola. O caminho era longo e, como não tínhamos transporte, todos os dias eu percorria, a pé, cerca de 4 quilômetros de ida/volta. A sensação era de que os sonhos e a fé que me moviam encurtavam a distância. O material escolar era levado em sacolas plásticas e o fardamento era tradicional. Usávamos blusa branca, com o símbolo da escola, calça azul royal e tênis conga³, um número maior, para durar mais tempo.

Recordo-me de alguns(mas) amigos(as) e das minhas primeiras professoras: “tia” Fátima, com seu longo vestido

³ Tênis Conga - calçado de baixo custo fabricado pela Alpargatas que, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, fora adotado como parte do uniforme escolar.

azul (de gestante), e “tia” Eliene, exímios modelos de educadoras que, com suas palavras, me permitiam esperarçar. Lembro-me da cartilha do ABC, da tabuada, das turmas reunidas no pátio para cantar o hino nacional e guardo o meu primeiro boletim escolar, composto por notas azuis, que simbolizavam bom desempenho (Figura 1). Jamais poderia esquecer do delicioso mingau e da canja servidos na hora da merenda. Na Guararapes, concluí a 4ª série primária, hoje, 5º ano do Ensino Fundamental. Dei, dessa forma, os meus primeiros passos rumo ao desconhecido universo acadêmico.

Figura 1 – Os primeiros riscos do bordado

Boletim Escolar
Curso de 1º Grau

Aluno: Maria Margaret da Silva

Série: 1ª Turma: B

Turno: matutino

Professora: Maria de Fátima Mendes

Ano Letivo de 1960

Notas Bimestrais	Comportamento e Esforço	Inteligência Racial	Letramento em Ciências Matemáticas	Ciências	Português	Final de Período	ASSINATURA DO PAI' OU RESPONSÁVEL
Março - Abril	80	8,5	8,5	9,0	1	1	Maria Julia da Silva
Mai - Junho	90	100	85	90	1	1	Maria Julia da Silva
Agosto - Set.	95	90	90	90	1	1	Maria Julia da Silva
Out. - Nov.	95	90	90	100	2	2	
Nota Final	90	91	87	87	4	4	

RECUPERAÇÃO

Medio Anual x 2							
Recup. Final x 1							
Nota Final							

OBSERVAÇÕES

Recomendação para a 2ª série

Parabéns!

Maria de Fátima Mendes
Professora(s)

Fonte: Arquivo pessoal.

Concluído esse primeiro ciclo, passei a estudar na escola Estadual Professor José Nogueira, na qual se oferecia o ensino do 5º ao 8º ano. A instituição, que era a mais próxima de minha residência, ficava localizada no bairro Santo Antônio, zona periférica da cidade, na Estrada da Raiz, onde resido até hoje, um setor estigmatizado pelo alto índice de vulnerabilidade social.

Conheci a escola quando minha mãe foi realizar a matrícula. Ao vê-la, fiquei assustada com o seu tamanho.

Um mês após isso, começaram as aulas. Tudo era muito diferente, inclusive, o horário de aula, das 15h às 19h. Havia várias disciplinas e professores, bem como trabalhos para serem realizados, tratando-se de outro universo, porém, logo me adaptei, pois a equipe de profissionais era de excelência, todos comprometidos com a educação, sem fazer distinção de classe social. Lembro-me também das travessuras: vez por outra, gazeava as últimas aulas para ir à discoteca que fora aberta ao lado da escola; das primeiras paqueras; e, como nem tudo na vida são flores, da primeira reprovação, a qual me deixou sequelas, pois aprendi a lidar com o sucesso e o “fracasso”. Em 1987, encerrando esse ciclo, optei pelo magistério, considerando a aspiração pela docência como profissão e o desejo de contribuir com a formação de outros sujeitos.

Em 1988, ingressei na carreira do magistério na tradicional Escola Estadual Jerônimo Rosado, localizada na rua Ferreira Itajubá, Santo Antônio. No prédio dessa instituição, atualmente, além da escola ora mencionada, funciona também a 12ª Diretoria Regional de Educação (12ª DIREC). Lembro-me do fardamento: saia azul preguada, blusa, meias brancas e sapatos pretos. Lógico que eu não poderia esquecer do meu primeiro transporte, uma bicicleta poty⁴, nas cores amarela e rosa, com uma cestinha na frente para conduzir os livros. Um luxo!

Desse tempo mágico vivido no magistério, destaco, ainda, os saraus literários realizados pela professora de literatura Cora Coralina e as aulas de Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica (EMC), bastante reflexivas e instigantes, além das amizades cons-

⁴ Bicicleta Poty - um modelo de bicicleta produzido para atender especificamente ao público feminino.

truídas. Tenho reencontrado algumas colegas atuando nos espaços escolares. Que felicidade! Em 1990, na conclusão do magistério, houve uma belíssima colação de grau, semelhante às realizadas nas universidades. Nesse período, o ensino médio era equiparado a um curso de nível superior.

A minha inserção no ensino superior ocorreu 20 anos após a conclusão do ensino médio. Conforme coloca Soares (1990, p. 31), “nem sempre o risco do bordado é harmonioso, há cortes bruscos de linhas que de repente se interrompem – plantas arrancadas – e o risco toma outra direção tão diferente!”. Foi exatamente o que me ocorreu, porque “abandonar” os estudos para ingressar no mercado de trabalho. Esse fato ainda é recorrente, especialmente entre os jovens cujas famílias são de baixa renda. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) revelam que seis em cada dez jovens que concluem o ensino médio param de estudar para trabalhar. Nesse momento de introspecção, percebo a ausência de políticas públicas que proporcionem à juventude meios de prosseguir com a formação.

Sintetizando meu percurso do ensino médio à graduação, em 2001, na busca por emprego, consegui um contrato na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Ao me dirigir à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), setor indicado no encaminhamento, encontrei-me com o Pró-Reitor de Extensão, professor Anísio Teixeira, o qual reconheci pela foto na galeria da recepção do setor. Fiquei bastante tensa, pois em poucos minutos estaria diante de um ex-professor e eu não havia progredido. Que tristeza! Ao entrar na sala, ele me reconheceu, talvez por minhas características físicas. Durante a conversa, ao ouvir o meu relato, demonstrou interesse em me ajudar, contribuindo para que eu voltasse a estudar. Meu coração batia aceleradamente,

já que aquela era a oportunidade da minha vida e eu não podia desperdiçá-la. A partir daquele dia, passei a exercer a função de Técnico de Nível Médio na secretaria do Núcleo de Educação a Distância (NEAD), atualmente, Diretoria de Educação a Distância (DEaD). Quando ainda estava em sua fase embrionária, esse setor não recebia muitas demandas, apenas as correspondências ou alguém. Não tinha linha telefônica nem internet. Por essa razão, sobrava tempo para realizar leituras e me preparar para o vestibular.

Naquele espaço acadêmico, por diversas vezes, fui tratada com indiferença por algumas pessoas, devido ao meu grau de escolaridade e à cor da minha pele (negra). O caso mais inusitado que vivenciei ocorreu em um dos eventos da PROEX: em meio a todos da equipe que ali se encontravam, a administradora do espaço me chamou para repassar as diretrizes acerca de como deveria ser feita a limpeza do espaço. Educadamente, ouvi todas as orientações, porém, quando ela concluiu, informei-a que aquela não era minha função, embora considerasse o trabalho de assistente de serviços gerais honroso. Essas atitudes demonstram o racismo nos diversos espaços. Os golpes duros da vida me impulsionaram a recomeçar.

Decidi matricular-me no cursinho, porque, para mim que estava há anos sem estudar, até mesmo as noções básicas tornaram-se difíceis, requerendo um esforço redobrado e determinação. O processo foi árduo e somente no terceiro vestibular consegui a aprovação. Dia histórico, não tem como apagá-lo da memória.

O resultado do vestibular foi publicado no final da tarde do dia 20 de março de 2006. Deslocava-me do trabalho para casa ouvindo o resultado pelo rádio e pilotando a moto “loucura”. Começou a chover e eu parei na residência

de uma amiga do cursinho que também acompanhava a divulgação. Ao ouvir meu nome, gritava, chorava, pulava, fiquei em êxtase, pois estava colocando os pés em mais um degrau, o impossível se tornaria realidade, mal podia esperar para contar aos meus pais. A notícia da aprovação se espalhou e a alegria tomou conta de familiares e amigos, que estavam na plateia aguardando meu sucesso. Como não agradecer-los? Estava chegando uma jovem negra, de origem humilde, na universidade pública, naquele momento não mais como técnica, e sim como estudante. É preciso frisar que ingressei no ensino superior sem o uso do sistema de cotas étnico-raciais, pois, a Lei n. 10.480, a qual garante esse direito, foi aprovada somente em 2019. Faço esse destaque para mostrar a dificuldade de concorrer de modo desigual e, ao mesmo tempo, para reiterar a importância das políticas de ações afirmativas.

314

De 2006 a 2010, cursei Pedagogia na UERN, *campus* Central, de modo que, entre sol, chuva, ventos e vendavais, concluí a graduação. Essa etapa representa mais um momento ímpar em minha vida: o dia em que a filha do agricultor/servente de pedreiro e da lavadeira conseguiu formar-se na área de educação, área na qual o acesso foi “negado” aos seus pais. Quanta emoção dividir esse momento com eles, que sempre estiveram e, por dívida de Deus, continuam ao meu lado, vibrando a cada conquista!

O curso de Pedagogia, juntamente com a pós-graduação *lato sensu*, também cursada na UERN/ Faculdade de Educação, de novembro de 2010 a julho de 2012, na área de concentração Ensino e Currículo, em que discuti “O significado da Educação a Distância para os Docentes da Faculdade de Educação - UERN”, contribuíram significativamente para o meu desempenho profissional e pessoal.

O desejo era prosseguir, fazer um mestrado, porém, mais uma vez, o sonho foi postergado, precisava dedicar-me aos certames. Mesmo assim, ainda cursei uma disciplina como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC).

Em 2011, participei do concurso público para professor polivalente da Secretaria de Educação do estado do RN (SEEC). A prova parecia ter sido elaborada pelos docentes da Faculdade de Educação. Obtive aprovação, o que evidencia que, embora não seja essa a finalidade do curso, a estrutura curricular atende a diversos requisitos, permitindo ao pedagogo, portanto, atuar em diferentes espaços.

Minha convocação deu-se apenas em 2015. A falta de títulos e experiência profissional na área interferiu no resultado final do processo, de modo que saí do quadro das vagas iniciais, ou seja, dos que seriam chamados de imediato, daí a importância da formação continuada. Nesse intervalo de tempo, todavia, atuei como coordenadora no Centro Educacional Aproniano Martins de Oliveira CEAMO, no curso técnico, a convite, e como supervisora operacional no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), de 2013 a 2015, ingressando por meio de convite e seleção com prova escrita, currículo e entrevista, respectivamente.

Em 2018, já concursada e tendo cumprido o estágio probatório, resolvi submeter-me à seleção de mestrado. Sem hesitar, optei pelo Mestrado em Educação, por ser minha área de formação e pela referência do programa, que mantém conceito 3, atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), atuando na expansão e consolidação das pós-graduação *stricto sensu*. O POSEDUC tem como área de concentração Processos

Formativos em Contextos Locais, distribuída em três linhas de pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, Políticas e Gestão da Educação e Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, cujo objetivo é promover a qualificação de profissionais para o desenvolvimento de atividades no campo da educação. Escolhi a linha de Políticas e Gestão da Educação, considerando as pertinentes discussões acerca das políticas educacionais e da democracia e entrelaçando-as ao meu contexto a partir das situações desfavoráveis vivenciadas pelas mulheres negras, que sofrem discriminação racial, de classe e de gênero, embora não tenha sido este o foco do meu trabalho.

Ingressei no mestrado por meio de um processo seletivo composto por cinco etapas: a prova escrita, o projeto de pesquisa, a defesa do projeto, a análise do currículo e a prova de proficiência de caráter classificatório. Digo que a vivência no mestrado é muito dinâmica, cujas dificuldades estão presentes desde o processo seletivo até o percurso e a permanência, principalmente quando o candidato necessita conciliar trabalho e estudo, sem perder de vista a família e a vida social. Nesse sentido, considero três elementos necessários: determinação, disciplina e renúncia.

Por ocasião da seleção, atuava profissionalmente como coordenadora na implementação da proposta do Ensino Médio em Tempo Integral em Mossoró, trabalhando 40h semanais. Entre as obras indicadas no edital da seleção do mestrado, estavam *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau, e o Dossiê sobre a valorização do trabalho docente na perspectiva do Plano Nacional de Educação (2014-2024). As leituras ocorreram durante as noites/madrugadas. Por muitas vezes, adormeci debruçada sobre os livros. Apesar de tudo isso, obtive aprovação.

Das etapas da seleção, destaco a prova escrita e o projeto de pesquisa, não por serem os mais importantes, mas pela ênfase dada por muitos candidatos, deixando transparecer impossível o ingresso no programa. Quanto à prova, considero densa, mas não de alta complexidade. No entanto, ela requer a leitura e a compreensão dos textos indicados, para que se possa argumentar, estabelecendo conexão entre os assuntos abordados. O projeto de pesquisa é um meio de apresentar ao pretendo orientador(a) um problema que necessita ser investigado, mas que ainda não foi explorado. O projeto configura-se, portanto, como um planejamento de trabalho de curso, sendo um instrumento flexível que pode sofrer alterações quando o candidato é aprovado. Isso ocorre à medida que o pesquisador realiza outras leituras dentro das disciplinas e elabora o estado do conhecimento, cuja finalidade é descrever a situação atual de uma determinada área de pesquisa, abordando o que já se sabe, quais as principais lacunas e os entraves teóricos e metodológicos (LUNA, 2009). Cabe mencionar que essas ações perpassam o estudo sobre um assunto, proporcionando o amadurecimento do pesquisador e fazendo-o observar as fragilidades do seu objeto de estudo e suas próprias limitações.

Para elaborar minha dissertação, revisei constantemente o projeto de pesquisa, os objetivos, a pergunta de partida e a metodologia, tanto para a construção do texto do exame de qualificação quanto para a escrita da dissertação em sua totalidade. O meu trabalho dissertativo, intitulado “Relações Público-Privadas na concepção de gestoras de escolas de Ensino Médio em Tempo Integral da 12ª DIREC-RN (2017-2019)”, foi orientado pelo Professor Dr. Allan Solano Souza e teve como objetivo analisar as

relações público-privadas no contexto educacional e suas repercussões, tomando como referência a concepção das gestoras escolares. Como fundamentos teórico-metodológicos, adotei a abordagem qualitativa e a análise de conteúdo de Bardin (2016). As parcerias, às quais me refiro no texto, dizem respeito aos acordos firmados entre as organizações sem fins lucrativos, como ONGs e institutos, e as secretarias de educação estaduais ou municipais. Trata-se, desse modo, de uma temática em evidência, considerando a expansão das PPPEs e dadas as suas implicações no setor educacional, devido ao engajamento das organizações privadas no setor público, que disseminam os elementos do mundo empresarial na educação como se as escolas públicas fossem empresas, situação por mim vivenciada.

318

Após a aprovação no mestrado, precisei abdicar da coordenação pedagógica da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI), sendo remanejada para a escola regular. O excesso de processos extremamente gerenciais para a implementação do modelo da Escola da Escolha⁵ exigia a permanência de toda a equipe na instituição integralmente, o que implicou minha liberação. Apesar de constar esse direito na Lei Complementar Estadual n. 122, de 30 de junho de 1994, que dispõe sobre o Regime Jurídico Único dos Servidores do Estado do RN, ele é um ato discricionário da gestão, de modo que nem sempre o pedido é deferido. Nesse aspecto, falta incentivo em relação à formação continuada do professor.

Porém, esse foi mais um obstáculo superado. No último ano do mestrado, em dezembro de 2019, o afastamento

⁵ Escola da Escolha - Proposta pedagógica elaborada pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE).

foi publicado. Independentemente, estava disposta a prosseguir, porque o mestrado, para muitos, pode ser apenas mais um título, uma forma de aumentar a renda familiar, no entanto, para mim, mulher negra de origem humilde, de uma família sem grau de escolaridade que vivencia e sente na alma os preconceitos de uma sociedade desigual e preconceituosa, ter o título de mestra por uma universidade pública de referência possui um valor imensurável.

Foram dois anos como aluna regular do programa. Ainda permaneço no Grupo de Estudos e Pesquisas em Estado, Educação e Sociedade (GEPEES/UERN), participando das discussões. O tempo agora é de produzir, como forma agradecimento à instituição pelo muito que me foi ofertado, proporcionando subsídios para a elevação do conceito e, assim, garantir a outras pessoas a oportunidade de cursar um mestrado em uma universidade pública. A experiência foi exitosa. Nos momentos cruciais, como no de ser aprovada no exame de proficiência, no processo cirúrgico ao qual fui submetida, os docentes e técnicos estavam ali como âncoras. Ah... não tem como não lembrar da equipe de apoio na organização do espaço da aula, na preparação do café e da ajuda nas comemorações realizadas no pátio. Gratidão!

O curso, no que se refere à parte pedagógica, superou as expectativas. As disciplinas eram bem alinhadas e os textos indicados para leitura apresentavam temáticas atuais, cada uma com suas especificidades, porém, complementando-se, além dos seminários e eventos enriquecedores. No campo profissional, o mestrado me proporcionou novos conhecimentos, além de outras perspectivas no mundo do trabalho. Por fim, menciono que as contribuições do POSEDUC para a minha vida não cabem em registro documental, pois vão além do embasamento teórico necessário para o

desenvolvimento da profissão docente, com destaque para a autonomia pessoal e acadêmica. Chegar à pós-graduação *stricto sensu* e concluí-la quebrou o estigma familiar e me abriu novos horizontes profissionais. Portanto, essa narrativa não se encerra nestas páginas, uma vez que há muitas coisas que não foram ditas e ainda há muito a ser conquistado nesse percurso acadêmico que, por ora, foi dado mais uma pausa. Sigo com FOCO, FORÇA e FÉ, fazendo RISCOS, com o Arquiteto do Universo tecendo o bordado.

Referências

LUNA, Sérgio V. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo, 2009.

PASSEGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (org.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

SOARES, Magda. *Metamemória-memória: travessias de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1990.

TORICELLI, Luana; GRANDO, Regina Célia. Contribuições da leitura e produção de narrativas como estratégias formativas no curso de formação de professores dos anos iniciais. *Revista Interações*, n. 18, p. 204-228, 2011. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/465/419>. Acesso em: 26 out. 2021.

NARRATIVAS DE UMA MESTRANDA EM FORMAÇÃO: RESSIGNIFICANDO OLHARES E APRENDIZADOS

Tayná da Silva Sales¹

Trajetoória escolar



falar de si, sempre me foi muito difícil. Identificar em minha trajetória de vida algo suficientemente interessante para discorrer sempre me pareceu complexo e distante. No entanto, começo essa narrativa com essa nova descoberta, de que tenho algo a dizer sobre mim, tenho algo a contribuir com a minha própria história de vida, e com a compreensão de que cada pessoa é um universo a ser explorado, e comigo não haveria de ser diferente.

Falo aqui da minha trajetória acadêmica até a pós graduação, que por muito tempo vi como uma utopia: como uma menina vinda do interior, com a trajetória escolar toda na escola pública, de uma família humilde, de uma mãe que estudou até a sétima série, um pai que terminou o ensino médio, como a minha trajetória iria se diferenciar tanto dos meus? Mas, logo de início, vos digo, caros leitores, é possível, é real, e que nossos sonhos sim, podem se realizar. E como não poderia ser diferente, dedico essa es-

321

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da mesma universidade.

crita singela, à minha querida vó, Maria Dolores, a primeira Pedagoga da minha trajetória, a mulher que me ajudava a fazer as atividades de casa, a minha primeira professora da vida.

Não posso falar sobre minha trajetória escolar, sem citar a dedicação dos meus pais, e em especial de minha, que mesmo não tendo completado sequer o ensino fundamental, sempre priorizou aos seus filhos, as boas condições de estudos dentro daquilo que ela podia nos oferecer, agradeço também a painho, por sempre ter me proporcionado o melhor que podia, por ter me encorajado, por me levar a escola, por sempre estar ao meu lado.

O ingresso na universidade sempre foi um sonho, por muitas vezes visto como utópico por muitos à minha volta, mas também apontado como uma e por vezes a única forma de mudar as condições de vida. Situo essa narrativa, na minha vivência enquanto aluna, estudante, aprendiz, mas também filha, irmã, amiga, até mesmo esposa, pois as trajetórias vivenciadas acerca do meu processo formativo, em muitos momentos não se dissociam de quem sou fora da academia, desde quem sou, até o que eu pesquiso. Em minhas memórias, trago com afeto tudo aquilo que sempre sonhei viver. Uma criança que sempre sonhou, que sempre quis o mundo para si, e é assim que se inicia o meu processo que posso chamar de formativo. No ano de 2002, matriculada na escola aos cinco anos, minha mãe sempre me disse “tudo que eu posso deixar para você, é o estudo”, naquela época na tenra idade, de fato não entendia o que ela queria me dizer, hoje, posso dizer que sei.

Filha da escola pública, minha trajetória escolar situa-se no interior do Rio Grande do Norte, em uma cidade com nome importante, Governador Dix-Sept Rosado, difícil

de falar, tranquilo de viver, é onde ocorre o meu primeiro contato com a escola, uma escola pequena, com apenas duas salas de aula, com pouco mais de vinte crianças em cada uma, crianças aquelas que eu conhecia quase todas, lembro com afeto das carteiras pequenas, o bebedouro na sala de aula, o alfabeto pintado a fortes cores acima do quadro branco, o barulho, eu quase posso ouvi-lo, como posso ouvir também meu choro do primeiro dia, quando minha mãe me disse tchau, e me deixou quase que desamparada ali, no meio de tantas outras crianças.

A minha querida Tia Tó, era assim o nome da minha primeira professora, que me acolheu no meio do choro, que me deu afago, colo, e me mostrou que a escola era divertida também, com ela, pintei meus primeiros desenhos, brinquei pela primeira vez no parquinho da escola, briguei com meus colegas, mas também aprendi muito, foi ali que reconheci pela primeira vez as letras do meu nome, que escrevi sob a linha pontilhada, minhas primeiras palavras, e com carinho, afeto, e muita brincadeira, tinta e lápis de cor, eu inicio a minha vida acadêmica, que naquele tempo, eram rabiscos inocentes de uma criança que mal sabia o que era a vida, mas a viveu intensamente. Depois daquele primeiro dia, nenhuma lágrima a mais brotou dos olhos daquela criança, que não tinha mais medo da escola, que hoje vos escreve aqui, sua ainda breve trajetória escolar, que não se separa da trajetória de vida.

A escola pública, é de grande importância no meu processo formativo, é de lá que eu trago todos os ensinamentos que tenho comigo hoje, é onde começo a construir todos os meus sonhos, a minha personalidade, as minhas ideias, as minhas convicções, e a ela sou grata por tudo até aqui. Matriculada desde os cinco anos nas escolas públicas

da minha cidade, meu processo escolar começa na Escola Municipal Melquiades Lopes da Costa, escola de ensino infantil, onde tenho meu primeiro contato com a educação formal.

Posteriormente, meu prosseguimento formativo, segue o mesmo padrão escolar, desta vez na Escola Municipal Isaura Rosado, na qual cursei da primeira à quarta série, e do quinto ao nono ano do ensino fundamental, estudei na Escola Municipal Educandário Dixseptiense, escolas das quais trago muitas lembranças, desde as semanas culturais realizadas na escola, como também as minhas primeiras dificuldades escolares, minhas primeiras recuperações em matemática, mas também os incríveis aprendizados e as pessoas que conheci e carreguei em minhas memórias. E por último, o meu ensino médio, foi realizado na única escola que oferta esta modalidade de ensino na minha cidade, a Escola Estadual Manoel Joaquim, lugar onde vivi muitas e intensas experiências do auge da adolescência, onde vivenciei meus primeiros passos, às vezes lentos, em busca de uma ideal de futuro.

Não posso falar das minhas trajetórias formativas, sem lembrar que juntamente ao terceiro ano do ensino médio, cursei secretariado a nível técnico, com bolsa remunerada pelo sistema PRONATEC no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, momento de extrema importância para minha trajetória escolar, onde desenvolvi e aprofundei os estudos, onde tive meu primeiro contato com o mercado de trabalho, onde busquei me especializar, e apesar das dificuldades de estar cursando ensino médio a tarde, curso técnico a noite em cidades diferentes, pois, residia em Governador Dix-sept Rosado e cursava o ensino

médio lá, e o técnico era em Mossoró/RN, foi muito importante no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Vida acadêmica

Dentro do meu processo formativo, destaco o início da minha trajetória acadêmica situada na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, posso destacar o meu caminho até a UERN, universidade na qual me formei quanto profissional, mas também como pessoa, na qual me moldei, moldei pensamentos, pus convicções a prova, e aquela menina que nunca mais chorará na pré escola, muitas vezes voltou a chorar, quando o cansaço bateu, quando os dias pareciam não ter fim, quando tudo parecia ser o fim, e eu tive de inventar os novos começos, e aqui narro a minha trajetória pela UERN, que me trouxeram até aqui hoje.

Em meados 2014 para 2015, quando eu fazia o último ano do ensino médio, e naquela efervescência de ter de escolher a minha profissão, escolher o que eu iria ser para o resto da minha vida, tamanha era aquela responsabilidade, no auge dos meus 16 pra 17 anos, e o peso de decidir a minha vida.

Entro na universidade aos 17 anos, em 2015, no curso de Pedagogia da faculdade de Educação do campus central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como aluna cotista social, traço esse importante no meu processo formativo, pois é daí também, que o meu processo até a pós graduação se constrói, ainda sem muita certeza de que de fato queria a pedagogia como profissão, uma vez que não me imaginava em sala de aulas da educação infantil, mas com a aprovação em mãos e com uma nota do ENEM que era favorável aquela escolha, e me es-

pelhando em minha vó, professora da vida e da formação, decidi tentar, com a ideia de que no processo, poderia me descobrir.

O início do curso superior, é um momento de muitas descobertas, mas também de muitos desafios, onde o processo de encontro e reencontro consigo mesmo é intenso, mas também de muito aprendizado, de muito amadurecimento não só acadêmico, mas também pessoal. A universidade como já está no nome, é um universo de possibilidades ao novo estudante que adentra as suas portas, comigo não foi diferente, vivi intensamente esse processo no meu primeiro ano, dois semestres, ainda buscando me encontrar, pois até ali, ainda não tinha certeza se estava no curso certo, no lugar certo, e se gostaria de fato de vivenciar a pedagogia como profissão.

326

Eu costumo dizer que eu me encontrei no curso e posso dizer com alegria que meu caminho até o Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC, começou a ser traçado no 3º período do curso de Pedagogia, foi ali que todo o meu processo formativo começou a se desenvolver e a fazer sentido para mim. Numa aula de política educacional, que estava sendo utilizada para discutir os programas formativos da universidade, como programas de pesquisa, extensão, por exemplo, a professora Dr^a Maria Edgleuma de Andrade, que já adianto, é minha orientadora, levou alguns de seus alunos da pós graduação e egressos do curso de pedagogia para falar sobre as suas experiências nos projetos de pesquisa e de extensão e foi ali que eu descobri, que além de professora da educação básica, uma pedagoga também podia atuar em pesquisa, em outros níveis de ensino, e até mesmo, poderia ser professora do ensino superior, como era o caso da nossa professora

da turma, Pedagoga e professora universitária, e eu gosto de pensar que foi ali, naquele momento, que eu me decidi pela Pedagogia, e que também iniciou-se meu processo até a pós graduação.

Após isso, entrei na pesquisa da iniciação científica, junto a professora Edgleuma, era meu primeiro contato com pesquisa, leitura e a escrita acadêmica, dali em diante, foram três pesquisas de iniciação científica, um na condição de voluntária, e dois na condição de bolsista. Junto à professora, muitos trabalhos escritos e apresentados, muitos eventos participados, e foi nesse processo que eu descobri meu desejo pela pós-graduação. Com os trabalhos da iniciação científica, veio a participação no grupo de pesquisa Formação, Memórias e Políticas Educacionais, o FORMEPE, e foi por nele que tive meu primeiro contato com a pós-graduação, com o POSEDUC, com os estudos coletivos promovidos entre os alunos da graduação e os do mestrado, no grupo de pesquisa. Dali em diante, eu já sabia, queria fazer mestrado.

327

Eu e o POSEDUC/UERN

O percurso para o ingresso na pós graduação se concretizou no meio de muitas incertezas e inconstâncias, o término da minha graduação em Pedagogia ocorreu em 2019, momento, dali para um novo seletivo do mestrado, seria cerca de um ano. Com o desemprego, e a falta de perspectiva de ingressar na pós graduação, inicia-se um processo de ansiedade muito forte sobre o ingresso na pós graduação, e comecei a me preparar desde então para fazer a seleção, comecei a fazer rascunhos de projetos, ler

textos das seleções anteriores, a fim de estar o mais preparada possível para a seleção.

Foi quando em 2020, com a inscrição para o seletivo já homologada, implode a pandemia da Covid-19 e esse foi um momento de muitas angústias não só sobre questões pessoais, saúde, familiar, mas para mim a angústia sobre meu amanhã profissional e acadêmico tomou conta dos meus pensamentos. O ano foi se passando, o edital do mestrado sendo adiado, a situação mundial piorando, e eu me peguei em um estágio de ansiedade muito forte, sobre todas essas incertezas.

Até que, findando 2020, a seleção enfim ocorreu, mesmo que de forma remota. Fiz a prova, em um momento de muita euforia, eu me sentia saindo de um processo de estagnação, e a seleção ocorrer foi importante para esse contexto em que eu vivia. Passei na prova, passei na análise curricular, e veio a entrevista, eu estava muito nervosa, estudei o meu trabalho muitas vezes consecutivas até aquele momento, e transcorreu tudo com uma calma que eu nem sabia que tinha. Finalmente depois de algumas semanas, a aprovação veio, e com ela um sentimento de dever cumprido, um sentimento de que estava superando todas as angústias que antecederam aquele processo, e foi muito gratificante a sensação de dever cumprido, depois de tantos percalços.

O início do processo para o pós-graduando de primeira viagem, foi de muita euforia, alguns medos, alguns mergulhos de cabeça nessa nova experiência, que era tão desejada e por muitas vezes vista como distante, utópica. Como todo começo, também trouxe os seus desafios, e no vigente momento histórico que vivíamos, o auge da pandemia, vieram também os desafios do ensino remoto, algo

sempre tão distante da minha realidade, que se transformava em meu exercício diário.

A adaptação ao ensino remoto, e a frustração de cursar o tão sonhado mestrado através de uma tela de computador, foi um novo processo de ressignificação das coisas no meu processo formativo, a falta da interação, as conversas por meio das telas, as leituras por livros e textos virtuais, trouxeram um forte impacto no primeiro semestre do curso, mas no dia a dia, buscando sempre mergulhar no processo, para que a formação seja a melhor que possamos ter, independente dos percalços.

No fim do primeiro semestre, as coisas se assentaram, a escrita estava fluindo, as disciplinas foram muito importantes no desenvolvimento da escrita em si, mas eu sabia que faltava alguma coisa. Eu estava muito feliz de estar trabalhando, pesquisando, um tema que eu sempre tive muito interesse, que são as políticas de cotas e as ações afirmativas da nossa universidade, mas escrever uma dissertação, é um novo desafio, que não é fácil.

O ingresso no segundo semestre, foi com a sensação de dever cumprido, e foi também onde iniciou-se a reconstrução da minha escrita, um mergulho em minhas próprias convicções, para (re)definir meu objeto de estudo, junto com a temerosa qualificação que se aproxima, me foi imposta a necessidade de refinar o até então projeto, rever as minhas ideias, repensar as formas de como eu estava me propondo a desenvolver aquele estudo, e esse foi mais um momento de angústias, onde eu travei na escrita, não conseguia mais desenvolver uma argumentação dentro da minha linha de pesquisa, e isso me afetou bastante.

Lembro que eu conversava com a minha colega de orientação e de muitas angústias, sobre me sentir travada,

de não saber mais como caminhar a partir dali, e cheguei mesmo a desconfiar do meu real potencial para estar ali na condição de aluna. Será se eu era boa o suficiente? Será que minha pesquisa tinha qualidade para ser desenvolvida como um bom trabalho? Eu começava a questionar todo o meu processo formativo até ali, e são momentos como esses que são definidores na nossa formação, eu acredito que as dificuldades são parte de todo processo de construção, com a pós-graduação, não seria diferente, afinal, é um grande passo para quem sonha com a carreira acadêmica.

Em meados de setembro para outubro, 2021, com todas essas angústias e incertezas na mesa, foi que veio a minha ressignificação desse momento, na orientação junto a minha colega e a orientadora, na qual discutimos o nosso projeto, as adequações necessárias para fazer até o momento da qualificação, eu ainda estava bem confusa com as adequações do projeto, ainda pairavam muitas dúvidas sobre como desenvolver aquele trabalho, como buscar responder as questões que eu me propunha? Até que a orientadora, me indicou a pensar, me instigou a perguntar a mim mesma, o que de fato eu gostaria de pesquisar, o que eu queria saber com aquilo? Como eu iria contribuir com o nosso programa e até mesmo com o contexto geral das discussões sobre políticas educacionais com o meu trabalho? Ao quê eu gostaria de responder?

E foi a partir daí, que o que eu tenho costumado chamar de “virada de chave” no meu processo de escrita, na minha ressignificação de conceitos, e até mesmo na capacidade de ver mais evidenciado ali, com as minhas próprias palavras, o que de fato eu gostaria de fazer, a quê eu gostaria de responder, e aquele primeiro projeto, que trazia meus primeiros esboços ainda tímidos, foi se desvelando

para mim, e tudo fluiu, e eu lembro com total êxtase daquele momento, pois tudo aquilo que eu não conseguia escrever em semanas e semanas, fluiu em menos de 24 horas, numa noite que eu sentei e coloquei tudo no papel, e então, mais um ciclo nesse meu processo formativo começa a se fechar, eu sei o que gostaria de fazer, sei como quero fazer, e agora estou conseguindo fazer.

Nossos processos formativos nem sempre, e na maioria das vezes, acredito eu, não são lineares, não começam nem quando queríamos, e menos ainda da forma que esperamos, como eu já escrevi e reescrevi aqui, tudo é um grande processo, um processo de maturação da escrita, mas também de maturação do espírito, a gente se desenvolve o quanto pesquisador estando no mestrado, mas a gente se desenvolve e cresce também como pessoa.

O POSEDUC, desempenha desde antes mesmo de eu estar na pós-graduação, um papel importante na minha trajetória acadêmica, foi com a minha orientadora, Edgleuma, que eu tive o primeiro contato com o programa, e foi por meio desse contato que pensei pela primeira vez que o mestrado podia também ser para mim, menina do interior, de família humilde, mas que estava ali discutindo e debatendo textos a nível de mestrado com outros mestrandos, ainda na graduação.

331

Avante aos novos desafios

Hoje, como parte de um todo, aluna regular de um mestrado em educação, indo para o fim do primeiro ano de curso, e com muitas angústias já superadas, e muitas das que ainda estão por vir, acredito que o nosso processo formativo é cíclico, se renova, se transforma, até aqui, sigo

muito grata aos ensinamentos, às possibilidades, aos mestres que passaram por mim deixando as suas marcas na minha formação, e espero, a daqui mais ou menos um ano, eu possa estar aqui, comemorando mais uma conquista, com a defesa da dissertação.

Avante, a jornada continua, e os desafios, apesar de angustiantes em um primeiro momento, fortalecem nossa formação, pois cursar uma pós-graduação requer do pesquisador iniciante maturidade intelectual e emocional para lidar com todo o ritual acadêmico. E todo o percurso formativo marca a experiência do ser mestrando/pesquisador iniciante. Mais do que passar pelo mestrado busco viver o mestrado, no aprendizado contínuo de construção e desconstrução do ser pesquisador no processo de escrita/autoria e reinvenção de mim mesma como pessoa e profissional.

332

Referências

PASSEGGI, Maria da Conceição. *“Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório”*. In PASSEGGI, Maria da Conceição e SILVA, Vivian Batista da. *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010

Parte III

Narrativas e Escrita de Si no POSEDUC



DE TIRA E DE NÓ O TAPETE É UM SÓ: NARRATIVAS FORMATIVAS DE UMA AGULHA DE PALOMBAR

Edna Maria de Oliveira¹

D a fábrica vem ali dependurada na lata da conserva, chave é o nome dela, que abra a lata é o que se espera. Seu formato encurvado numa ponta que permite à mão segurar, na outra um orifício que se encarrega de agarrar o filete da lata e ao ser torcida pela mão firme vai desgrudando e a lata vai se abrindo. Após essa tarefa, perde sua serventia e no lixo vai parar.

Mas, nas mãos de um engenhoso-inventeiro², se transforma em agulha de palombar, com alicate, martelo e uma pedra bem firme, começa a transformação. O alicate estica a parte encurvada a deixando reta, em seguida vem o martelo ao bater na pedra firme que se encarrega de ir moldando e a cada batida a ponta vai afinando. Depois a mão do engenhoso-inventeiro a esfrega com toda força na pedra para o retoque final, o orifício serve para ser enfiada a tira que irá trançar no nylon, assim é a agulha de palombar.

Antes chave de abrir lata, agora agulha de palombar, que nas mãos da tapeceira entrança tiras no saco de nylon

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Graduada em Letras e Pedagogia pela (UERN).
E-mail: ednaoliveira@alu.uern.br

² Alguém criativo que tem facilidade para inventar coisas, objetos.

e lindos tapetes faz desabrochar. É a história de uma agulha que agora vamos narrar, não é uma agulha qualquer, é a agulha de palombar, uma agulha bem diferente que vive a entrançar tiras de conhecimento no nylon escolar, transformando os educandos em melhores cidadãos na esteira da educação.

Segunda filha do casal Edmundo Geraldo de Oliveira e Nazaré Francisca de Oliveira, nasce em Natal-RN onde reside com seus pais e irmão, nos primeiros anos de vida. Depois mudaram-se para Touros-RN em busca de uma vida melhor, ali nascem sua irmã e seu irmão mais novo. Seus pais agricultores, as secas nordestinas a enfrentar, a escassez de recursos vez por outra vinha rondar. Seu pai sempre a mostrar que os estudos eram a saída, o recurso que ia fazer de tudo para todos os seus filhos deixar. Criada com costumes rígidos, respeito e valores. No ano de 1992 se mudaram novamente, desta vez para Pedro Avelino-RN, cidade que apresentava melhores condições para aquela gente.

Quando chave ainda na conserva, a fazenda São Pedro localizada naquele município era seu lar, ficava imaginando qual futuro seria o seu, qual profissão a trilhar. No desabrochar da idade e findando o ensino médio, na zona urbana daquela cidade foi morar. Ali uma decisão a tomar, vestibular se aproxima é preciso enveredar por outros caminhos e o filete da lata, sua casa familiar, breve terá que a deixar. Ficava sempre a imaginar.

Muito jovem e inexperiente a chave se deixou levar, se entristeceu com uma nota que o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) fez tirar. Ficou sem expectativa, tanto tempo estudando para essa nota alcançar. Notas boas na escola era seu lema para o resultado mostrar, *olha pai tirei*

10, e ele todo orgulhoso a lhe parabenizar. As condições eram poucas, cursinho não podia pagar. Mesmo assim, a chave sempre sonhava, uma profissão *quero ter, quero me formar, o quanto antes passar no vestibular*.

Os espaços que convivia com tantos professores vieram lhe inspirar. Os sonhos foram ganhando forma e a decisão a chave a tomar, *posso ser professora, para o vestibular vou estudar*. O ano era 2007, a chave tinha passado no vestibular da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), *agora vou ser professora*, dizia a chave ao se transformar. O alicate era as dificuldades que enfrentava para estudar, o martelo os professores, a pedra eram as aulas, e a educação, o engenhoso-inventor que transformou a sonhadora chave em agulha de palombar. Ali aprendeu sua profissão, na universidade, em escolas e salas de aula, nos estágios atenta a observar as tantas agulhas trançando tiras de conhecimento no nylon escolar, desenvolvendo o processo ensino-aprendizagem, com seus saberes e fazeres didático-pedagógicos iam imprimindo teoria e prática no lindo tapete em formação, as turmas que trabalhavam com tanta dedicação.

Na cidade de Pedro Avelino-RN, ainda muito rombuda, a agulha deu aula como estagiária bolsista, e se percebeu *quase professora já sou*. Nas turmas de sexto a oitavo ano do ensino fundamental iniciou os seus primeiros trançados, de tiras de conhecimentos no nylon de uma escola estadual. Ali viveu as primeiras experiências como agulha professora, planejava com atenção as aulas que ia dar, cada turma um desafio, ela no nylon a entrançar as tiras com zelo e dedicação colocando bem no prumo, pois todas eram seus alunos.

Nos anos de 2012 a chave se transforma em agulha de palombar, numa agulha professora de Letras - Língua Inglesa, com diploma em mãos e muitos tapetes a formar. Agora mais madura casou-se com um triunfense e em Triunfo Potiguar-RN foi morar. Trabalhou alguns anos numa escola da rede estadual, trançou tiras em turmas do ensino fundamental - anos finais, e participou do Projeto Conquista. Concluídas essas oportunidades, outro nylon a conhecer: o Programa Mais Educação em várias turmas participou, dentre outras atribuições. Realidade que lhe exigia os conhecimentos da pedagogia, exigência ainda maior quando foi convidada a assumir uma turma de terceiro ano do ensino fundamental. Entre a prática e a busca por teoria, os conhecimentos pesquisados e aprendidos foram ficando para trás.

338

Os tantos nylons e tiras foram ficando sem cor, os tapetes já não eram tão lindos, não transbordavam vigor, faltava mais vida, mais cor, muito laboriosa a profissão a ficar. A agulha de palombar se via mais rombuda e de uma afinada a precisar. Foi então que um sonho de quando era chave, os pensamentos vieram a rondar, cursar pedagogia e no mestrado ainda mais se afinar.

A oportunidade veio através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), que em parceria com a UERN Campus Assú-RN oportunizou cursos de licenciatura em Educação Física, Letras Espanhol e Inglês, e Pedagogia. Após ter se inscrito na Plataforma Freire, sido selecionada e feito a matrícula, no segundo semestre de 2016 a agulha de palombar retorna ao processo, nas mãos do engenhoso-inventeiro, a educação. Alicate, martelo e pedra, mais fina na espessura dos conhecimentos a agulha ia ficar.

A agulha foi sendo martelada e nos conhecimentos da pedagogia moldada, outros nylons formativos conheceu, faculdades, eventos, palestras, seminários, simpósios, estes a inspiravam. E a agulha a escrever artigos, resumos, capítulos de livros para nos eventos apresentar. Foi até a Pau dos Ferros, na UERN, apresentar um estudo sobre “implicações e desafios dos estudantes do PARFOR/UERN/Assú”, tudo isso incentivada por uma agulha professor, um baiano que a tantos anos para o Rio Grande do Norte se mudou.

Durante o curso de Pedagogia a agulha conhece os primeiros filetes do método (Auto)biográfico, se encanta quando lhe foi oportunizado em uma atividade avaliativa fazer uso de entrevista com narrativas (Auto)biográficas, se emociona ao ouvir as histórias, ao interpretar os “não-ditos”, os silêncios, as pausas, os gestos e a riqueza do vivido expresso na construção das narrativas e interpretação. Tudo isso, a partir da leitura de textos e discussões orientados pela professora PhD em Educação Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Esse encontro com as narrativas (Auto)biográficas acontece durante a disciplina Antropologia e Educação ministrada pela já mencionada professora, através dos filmes Tapete Vermelho e Narradores de Javé, e estudo de textos e discussões. A agulha de palombar muito rombuda em matéria de narrativas (Auto)biográficas não imaginava que as histórias orais fossem dignas de pesquisa, nem tampouco pudessem fazer parte do universo acadêmico, pois na primeira graduação (em Letras) privava-se pelo crivo do método cartesiano.

Na ocasião, a agulha também conheceu e fez uso da “Escrita de si” elaborada por Josso (2004), quando a pro-

fessora propôs a escrita de uma carta, intitulada “Cartas de Vida: o aroma de um percurso de escolaridade”, cujo objetivo era narrar em primeira pessoa do singular o percurso estudantil até a universidade. *Como assim? Escrita em primeira pessoa do singular? E é correto escrever na faculdade em primeira pessoa do singular?* Tamanha foi a surpresa da agulha de palombar. Tal escrita, a fez refletir e “perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida” (JOSSO, 2004, p. 9).

Passou a enxergar tantas cores. Uma em especial lhe chamava a atenção, o mestrado do POSEDUC, mestrado em educação. Sentia-se menos rombuda, afinada pelas mãos das outras agulhas, suas professoras amadas, que aos poucos foram mostrando melhores maneiras de adentrar ao nylon e exercer sua profissão.

Finalzinho de 2017, uma agulha professora, que se tornaria a “sua afinadora de sonhos” lhe apresentou o POSEDUC, falou para a agulha de palombar, que vivia sempre curiosa e questionadora por saber, *o que faço para no mestrado me inscrever*, contou da possibilidade de cursar disciplinas como aluna especial, de um tal edital, que sai todo semestre e as regras continha, era só ler e seguir todas as linhas.

Como agulha nos estudos dedicada ficou o tal edital a esperar, quando saiu, o leu linha por linha, fez a inscrição e foi lá na UERN em Mossoró entregar a carta de intenção, conheceu a secretária, muito serena e dedicada a recebeu com distinta atenção. Saiu o resultado, selecionada a agulha, quase nem acreditava. Agora aluna do POSEDUC em caráter especial, ia cursar a disciplina “Memória, Formação

e Pesquisa (Auto)Biográfica”, uma agulha a se sentir bem rombuda, em meio a tantas agulhas cintilantes e afiadas. Todas as manhãs das segundas-feiras daquele semestre 2018.1, estava cedinho no nylon do POSEDUC, era a primeira a chegar, a agulha de palombar, embrenhada em tantas marteladas de conhecimentos e mais fina a ficar.

O nylon do POSEDUC permitiu maior aproximação com o método (Auto)biográfico, com discussões que envolveram autores como: Josso (2004), Pollak (1992), Halbwachs (1990), Passeggi (2008), Delory-Momberger (2008) e Aguiar e Medeiros (2017). Esse último em muito despertou o interesse da agulha de palombar, pois, se tratava de uma pesquisa com narrativas e história de vida dos estudantes do PARFOR/UERN, surge então o mote que mais tarde vem fazer parte da sua pesquisa dissertativa.

A prática com a construção de narrativas solidifica-se na atividade de conclusão da referida disciplina, a agulha junto com uma colega de turma, produz um documentário intitulado “Narrativas de Estudantes sobre a Ascensão Social pelos Estudos da UERN”. Produziu o documentário com as narrativas de um deficiente físico, cadeirante, estudante do curso de História da UERN, Campus de Assú. A agulha muito se emociona ao lembrar as palavras de entusiasmo daquele jovem (hoje in memoriam), da superação diária, em ter que pegar dois transportes até chegar ao Campus de Assú, o desejo de continuar os estudos, já pensando no mestrado. Na época ele estava no 8º período do curso de História.

No semestre seguinte os mesmos furos a embrenhar, edital, inscrição, carta de intenção e documentação enviar. O resultado não foi outro, estava a agulha no semestre 2018.2 para mais uma disciplina cursar “Tópico Especial

em Educação I: Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva para a cultura da paz”. Agora as aulas eram nas manhãs das sextas-feiras, cedinho estava lá. A agulha professora, a mesma da outra disciplina, britanicamente pontual, a aula a iniciar. Nesta disciplina proporcionou vivenciar espaços formativos para além da sala de aula, a agulha de palombar foi a ASCAR (Associação de Surdos de Caraúbas) com surdos dialogar, o resultado do diálogo a agulha escreveu, junto com duas colegas, um artigo e no ERNAB 2018 esteve a apresentar.

O semestre 2018.2 foi bem corrido, pois a agulha conciliava as aulas do mestrado com as de Pedagogia, as duas nas sextas-feiras, e assim ela seguia: acordava bem cedinho e as quatro e cinquenta de Triunfo Potiguar-RN saía, chegava na UERN Mossoró-RN antes das sete horas, tomava o café, participava da aula e saía por volta das onze horas. Seu destino era a UERN Assú-RN, lá almoçava e as aulas no PARFOR Pedagogia por volta das treze horas começava.

Mais fina e ponta lapidada, nas batidas contra a pedra foi ficando afiada. A agulha de palombar conseguiu oportunidades para desbravar outros nylons, escolas da rede municipal, de sua cidade atual, deu aulas em turmas de sexto ao oitavo ano no ensino fundamental, conheceu tiras no mundo da EJA, e até escolas na zona rural.

A agulha aluna especial do mestrado foi se moldando aos apertos do alicate e nas marteladas dos conhecimentos, para agulha aluna regular, no mestrado do POSEDUC se tornar. Na tarde do dia 26 de julho de 2019 uma notícia veio concretizar tanto empenho da agulha para no mestrado entrar. Nas mãos do engenhoso-inventeiro, mais rebuscado, mais culto, a agulha a transformar, ficar afiada para furos mais firmes fazer e no nylon as tiras entrançar.

Nas aulas a agulha de palombar foi sendo afiada, cada encontro, cada martelada, e o alicate sempre a apertar, a escassez do recurso para pagar alimento, apostilas e o deslocamento. Café da manhã, almoço e lanche com as colegas. E as agulhas foram se agrupando, as afinidades sendo desveladas e os laços de amizade virando nós, no mestrado e na vida. Uma agulha em especial no peito sempre a levar, amizade bem construída dos idos do Ceará, é agulha de nome único nunca visto em outro lugar, trabalha numa escola cuja função realiza com todo carinho e zelo, uma supervisora arretada que da vida faz romances.

Nas terças-feiras era muito aprendizado, manhã e tarde tinha aula e a agulha fora de casa. Depois do almoço o descanso esperado, muita conversa, diversão e gargalhada, também era o tempo para com os de casa falar, *benção pai, benção mãe, como estão?*, do amado ouvia *tudo bem meu amor? já almoçou?* Apoio que a deixava mais confiante e segura para estudar. Terças de debates em sala de aula, apresentação de trabalhos e seminários, as professoras agulhas sempre muito criativas, davam aulas dinâmicas, lúdicas e produtivas. De filmes a leitura de textos, das apresentações em grupo ou individual, as agulhas mestrandas eram sempre bem marteladas.

As aulas no mestrado, os trabalhos com narrativas (Auto)biográficas e aulas de Pedagogia possibilitaram a agulha reflexão, entender como se constrói, no percurso de sua jornada em formação, superar desafios para refletir e reconstruir sua formação. Possibilitou também, reconfigurar as práticas pedagógicas de aula e a lançar um outro olhar ao fazer pedagógico. O planejar, desenvolver as aulas e as avaliações ganharam mais atenção, principalmente

com os seus alunos com mais dificuldades no processo de aprendizagem.

Passou a incluir no caderno de planos de aula anotações diárias dos pormenores que ocorriam durante as aulas, agregou o hábito de narrar, em pequenos escritos, os momentos significativos de cada aula dada. O que deu certo; o que saiu do “controle”; o que foi além das expectativas da aula; o comportamento ou a falta dele por alguns alunos; sempre buscando refletir a prática desenvolvida naquela aula. Assim, a agulha passou a planejar a aula seguinte iniciando com a leitura dessas narrativas. Narrativas essas, que Zabalza (2007) chama de “diário de aula” por ter uma demarcação espacial recolhida no contexto da aula.

Desse cenário, nasce na agulha o desejo em pesquisar narrativas de estudantes do PARFOR, pesquisa que vai se reconfigurando nas aulas do mestrado e nas conversas com a orientadora, de tantos títulos reformulados, atualmente se intitula “Diários Narrativos de Professoras-Estudantes do PARFOR/UERN: espaços formativos e de aprendizagens”.

No final do semestre 2019.2 veio a confraternização, as agulhas mestrandas todas elegantes com trajes de festa, um almoço farto e saboroso, e uma sobremesa deliciosa impossível do gosto não lembrar. Teve a árvore dos recados e até amigo doce. As agulhas professoras também compareceram abrilhantando o momento de ouro, tantas falas e depoimentos, impossível não se emocionar. Teve abraço, foto, *self* e até choro.

Passado o primeiro semestre a turma de agulhas mestrandas se separou, cada grupo na sua linha de pesquisa se concentrou. A partir daí, seus estudos na linha Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão pendurou.

Férias final do ano, mas sem perder o foco no texto da qualificação. Retornavam as agulhas mestrandas para as aulas em março, lá no mestrado da UERN, porém a avassaladora Pandemia da Covid-19 as tirou das aulas presenciais. O ano era 2020 e as aulas passaram para uma tela: computador, notebook, tablet ou celular. O Google Meet se transformou no espaço de fala. Câmera, microfone, liga, desliga, levanta a mão, escreve no *chat*, essa era a realidade, grupos de mestrandas agulhas no WhatsApp, conteúdo no Google sala de aula, trabalhos via e-mail.

O desânimo com a realidade, tanta gente morrendo, colegas agulhas nos hospitais, dentro de casa confinada a agulha de palombar, a se proteger, máscara, álcool gel e distanciamento. Mas, como diz a agulha professora e afinadora dos sonhos da agulha de palombar “o bom da viagem é a viagem”. Então vamos viajar, por entre os furos do nylon tiras a trançar. Mesmo com leituras e escrita mais lenta, foi chegando o momento para as agulhas passarem nas bancas e qualificar, umas cumpriram o prazo bem certinho, outras precisaram esticar.

De uma emoção a agulha não esquece o dia da qualificação, apresentar o projeto numa banca de alto requinte com agulhas de pontas bem fininhas, o frio na barriga a invadiu nos primeiros momentos da apresentação, aos poucos menos nervosa, ia explanando cada tópico e proposições de capítulos. Em ambiente virtual a orientadora a trazer a ata muito bem lida, com a avaliação satisfatória, foi gigante a emoção.

Em consonância com o mestrado a agulha de palombar foi concluindo o curso de Pedagogia, ali se tornado nos conhecimentos mais afiada, amava apresentar trabalhos para as colegas e assistir as oficinas, tanta riqueza que as

colegas partilhavam, tanta prática, tanta habilidade que remodelava a sua prática de agulha professora. A dedicação, empenho, esforços e estudo, lhe trouxeram recompensa, durante a formatura em formato virtual, de tantas turmas e agulhas ela foi a única laureada.

Agora em 2021 uma alegria imensa ver quase todas as agulhas colegas mestres, umas no doutorado como aluna regular, outas alunas em caráter especial, esse é o papel do tapete mestrado, afiar as agulhas para em outros nylons trançar tiras e novos tapetes confeccionar.

Da sua orientadora agulha doutora de ponta bem afinada, a agulha de palombar sempre a lembrar, dos olhos verdes, cabelos loiros, altura mediana e o batom vermelho os lábios sempre a decorar. Com maestria, paciência e tranquilidade conduziu tantas orientações.

O POSEDUC é um mestrado com conceito 3, mas, na prática tem agulhas bem afinadas, docentes e discentes preparados e empenhados para o alcance do 4. E o doutorado sonhado não tardará colorir o nylon POSEDUC, para agulhas afinar com um grau a mais na formação, nas mãos do engenhoso-inventor, a educação.

A história que escolhi contar, a de uma agulha de palombar no POSEDUC/UERN, uma história que envolve alicates, martelos e pedras que nas mãos de um engenhoso-inventor foi capaz de se lapidar, e uma ponta bem fina já sabe como conquistar. Uma agulha que fura nylon, trança tira, e lindos tapetes ajuda a confeccionar. Agulha que tem orgulho destes dez anos do programa participar, muito contente e feliz, tem prazer em suas experiências formativas compartilhar, consciente de que outras agulhas podem nessas narrativas se inspirar.

Referências

AGUIAR, A. L. O.; MEDEIROS, E. A. de. *A pesquisa (auto) biográfica e de histórias de vida como método investigativo na pesquisa em educação: entre experiências e trajetórias de professoras no PARFOR/UERN*. In: RIBEIRO, M. R. F.; AMORIM, G. C. C.; NASCIMENTO, H. M. F. (Orgs.). *Docência e formação: perspectivas plurais na pesquisa em educação*. Curitiba: CRV, 2017.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia, Corpo, Espaço*. In.: PASSEGI, Maria da Conceição. (Org.) *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: EDUFRN, 2008. (Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação).

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Presses Universitaires de France, 1990.

347

JOSSO, M.C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSEGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. *A (re)invenção de si na formação docente*. In: SOUZA, E. C. de; MIGNOT, A. C. V. *Histórias de Vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ZABALZA, M. A. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MEMÓRIAS DE MIM: TECENDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Eletrissandra Rodrigues Reis¹

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa...

Cris Pizziment²

348

Com o mouse começo o bordado de minha história. Vou tecendo, alinhavando e costurando os retalhos através do teclado; vou montando uma grande colcha, construída com a colaboração de muitas mãos. Com pedacinhos coloridos de cada vida que vai passando pela minha e me tornando ser quem sou. Cada encontro, cada contato, vai me tornando maior e mais completa. Os retalhos com cores, estampas, texturas e desenhos diferenciados, me fazem aprender muitas coisas, que são guardadas nas me-

¹ Pedagoga. Especialista em Educação: Formação de Professores, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e em Atendimento Educacional Especializado, pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). E-mail: sandra.icapui@yahoo.com.br

² <https://www.pensador.com/autor/cris.pizzimenti/>

mórias, nas lembranças, nas aprendizagens; obtidas com os momentos vividos, partilhados com diversos sujeitos, que vão me acrescentando.

Esta narrativa apresenta o alinhar de alguns pontos da minha história de vida, experiências profissionais e formativas, vivenciadas com a entrada no POSEDUC/UERN. Cada retalho aqui apresentado é representado por períodos vividos, com as marcas peculiares de experiências significativas construindo uma história de vida. Os procedimentos para o desenvolvimento dessa narrativa ocorrem a partir de leituras e discussões sobre vários textos acerca da formação de professores, histórias de vida, memórias e (auto)biografias.

O exercício de “narrar-se” expõe experiências que vão sendo adquiridas na trajetória da vida, de forma muito particular, com diferentes sujeitos, em lugares e tempos diversos. Marcadas por conflitos e contradições, por erros e acertos, por alegrias e tristezas. As *narrativas de si*, possibilitam a recuperação das memórias, de histórias únicas, num processo que promove um encontro “consigo mesmo” e que busca o desvelamento sobre “*como me tornei no que sou*” e “*como tenho eu as ideias que tenho*” (JOSSO, 1988, p. 41).

Falar da própria história de vida, das experiências vivenciadas e acumuladas é um processo reflexivo que leva a repensar as minhas ações. Através desse olhar ao passado, encontro explicações para o significado de muitas ações do presente, que foram construindo um percurso pessoal e profissional, rico em aprendizagens, conhecimentos e experiências, que dão sentido ao que sou hoje.

Ao começar a escrever, lentamente as lembranças vão surgindo. São tantas que parece difícil organizar as

ideias. Este olhar para si suscita muitos conflitos, tensões, recuos e resistências em vários níveis. Porém, é este exercício de reflexão na/e sobre a ação, que me possibilita experiências formativas. Conforme afirma Josso (2010, p. 43), “as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhe ensinou, mas o que se aprendeu experientialmente nas circunstâncias da vida”.

Sou a mais velha de uma família de 05 filhos: 03 mulheres e 02 homens. Meus pais moravam na cidade de Icapuí-CE, e por conta de trabalhos do meu pai, em 1973, mudaram-se para a cidade de Aracati-CE, onde nasci. Mas a morada em Aracati foi rápida. Os serviços do meu pai acabaram e retornamos para Icapuí-CE.

Meus pais tinham apenas a 4ª série ginásial (hoje ensino fundamental inicial). Apesar de sua pouca instrução, nos deixaram várias lições: respeitar e ser honesto com o outro; trabalhar de forma digna, e que somente por meio da educação poderíamos “ser gente” e ter um futuro melhor. É assim que relembro minha infância, com noções fortes de caráter, dignidade, honestidade, respeito...

Fui criada de forma rígida. Morava numa comunidade do interior, onde a única escola existente era na casa de D. Gorete, minha primeira professora, onde iniciei meus estudos, em 1980, aos 07 anos de idade. Quando cheguei à escola, já tinha algumas noções de leitura, escrita e matemática; tudo isso ensinado pelos meus pais, através da Cartilha do ABC e da Tabuada, mesmo que de forma simples e rudimentar. Com D. Gorete fortaleci as noções de leitura e de escrita e completei o processo de alfabetização.

Mas foi com meu pai, que me encantei pelo mundo da leitura: lembro que todos os dias, após o almoço, ele se

deitava numa rede, na calçada, para ler aqueles livrinhos de bang-bang, como eram conhecidos os bolsilivros sobre faroeste, publicados na década de 70. Nós não podíamos ler, não era para criança, pois eram narrativas de aventuras recheadas de tiros e sangue, mas de vez em quando, eu conseguia pegar um escondido de meu pai, para ler. Nunca consegui ler um livrinho todo, com medo dele descobrir.

Tecer essa colcha não é uma tarefa fácil; os retalhos muitas vezes se misturam, se entortam e preciso refazê-los. Mas, às vezes, eles são tão belos e revelam momentos prazerosos de minha vida. O grande desafio, então, é encontrar a melhor forma para organizá-los, criando uma composição equilibrada entre esses retalhos, para a confecção de uma colcha mais harmoniosa.

A história tecida em retalhos é um convite para adentrar no mundo do imaginário, o que me levou a iniciar a narrativa (auto)biográfica desde muito cedo, porém não tinha a consciência do que estava fazendo. No período da adolescência já gostava de escrever sobre a minha vida, possuía um caderno, ou diário, no qual registrava tudo que ocorria durante o dia, contava situações diversas. Registrava também meus medos, alegrias, conquistas, superações, momentos familiares, com amigos na escola, os primeiros namoros, as primeiras paixões...

Hoje com a realização do Mestrado, escolhi o método (auto)biográfico, escrevendo agora com outros propósitos, com uma visão mais ampla da vida, focada na (auto)formação e com objetivos definidos na condição de educadora e eterna estudante, porém sem desconsiderar as primeiras escritas em um diário de uma menina sonhadora, alegre, dedicada aos estudos, inserida em situações diversas de aprendizagens.

Na construção do meu processo de formação é que vou me tornando autora de minha história, refletindo e me (re)construindo constantemente. No embalar do pensamento de Josso (2010), quando diz que escrever sobre si é um exercício que promove uma autorreflexão, porque essa escrita permite explicitar a singularidade, permite perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida.

A relação que mantinha com meus professores e a admiração pelos seus trabalhos me levaram a querer seguir tal profissão. Essas experiências, começaram a despertar em mim o gosto pela docência, pois “[...] as experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem tanto para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático” (TARDIF, 2012, p. 73).

O início de minha formação foi como professora leiga, ainda sem nenhum conhecimento pedagógico específico, após ser convidada a assumir uma sala de aula na mesma escola em que estudava. Esse retalho marcou o meu primeiro contato com o ensino, dando os primeiros passos rumo à docência, em 1987, quando cursava a 7ª série (hoje, 8º ano do Ensino Fundamental). Como estava nesse processo de construção da identidade profissional, não tive dúvidas em fazer o curso de magistério e, posteriormente, o Curso de Pedagogia iniciado em 1992, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Apreendi muito com o curso, tive a oportunidade de conhecer os primeiros fundamentos do que é ser educadora e tal descoberta me fascinava, além de ter construído grandes amizades, que duram até hoje.

Ao concluir Pedagogia, senti a necessidade de fazer o Curso de Especialização na área de Formação de Professor, pela UERN, pois desejava dar continuidade à minha formação profissional no sentido de aprimorar minha prática docente. Mas, só vim a realizar esse desejo em 2002, por conta das várias atividades de trabalho, que limitavam meu tempo.

Posteriormente, em 2017, fiz outra Especialização em Atendimento Educacional Especializado, pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), que me rendeu um novo olhar sobre os alunos com necessidades especiais, ao mesmo tempo em que me tornava mais profissional nesta construção cotidiana e institucional, no espaço da sala de aula com meus alunos e no convívio com excelentes profissionais.

Continuo a confecção de minha colcha, adicionando um novo retalho: o trabalho como professora no município de Mossoró-RN, em 2008. Em 2016, assumi nesta mesma escola a função de Supervisora Pedagógica. Encontrei uma diversidade de atividades para cumprir. Descobri novas metas e novos desafios, que fortaleceram o meu crescimento, ajudaram a repensar e (re)significar a minha prática educativa e perceber a importância da formação continuada para a profissão docente.

Um retalho que expressa um momento marcante e significativo de minha vida foi o interesse em dar prosseguimento a minha formação, retomando os estudos, a partir do ano de 2015. Participei da seleção do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) neste ano, mas não obtive sucesso. Então, como queria conhecer o funcionamento do programa, me inscrevi para cursar disciplinas como aluna especial. Fui selecionada

para a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, ministrada pelas Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e Profa. Dra. Araceli Sobreira Benevides.

Ao voltar à Universidade como aluna especial, retomei os projetos de estudo, com uma turma comprometida, estudiosa, que compartilhava experiências diversas, que a Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, denominava de “O Bom da Viagem...”. O grupo se tornou muito próximo, dando a todos um sentido de pertencimento a uma história comum, com suas dúvidas, desejos, alegrias, frustrações e conquistas. Alguns laços se estreitaram tanto, que certamente não mais se destruirão. Outros, infelizmente, não se firmaram, mas faz parte da aprendizagem, da conquista das amizades, como escrevi no Cordel “O Bom da Viagem...”, apresentado no final da disciplina, em 2015.

Trago aqui este cordel para reafirmar o quão significativo foi para meu processo formativo, essa aproximação com o método (Auto)biográfico, bem como para demonstrar os sentimentos de gratidão às referidas professoras, pelas discussões e aprendizagens obtidas com a disciplina:

CORDEL: O BOM DA VIAGEM

(Eletrissandra Rodrigues Reis)

Essa turma Especial
Do Mestrado em Educação
Consegue fazer diferença
Sempre com muita atenção
Resgatando as Memórias
Com competência e dedicação.

Ana Lúcia e Araceli
Nos mostraram com leveza
O que Halbwachs e Pollak

Defendem com muita certeza
Que as Memórias estão presentes
Em toda nossa Natureza.

Não podemos esquecer
Das lições de Durval Diniz
Que violar as Memórias
É um processo feliz
Para gestar a História
E nos tornar aprendiz.

Ana Lúcia, mulher guerreira
Forte e de muita ação
Luta contra injustiças
Com grande determinação
Transborda conhecimento
Pra tudo tem solução.

Araceli não fica atrás
Grande conhecedora
Dos assuntos literários
Excelente professora
Parece ser doce e meiga
E grande batalhadora.

A estas educadoras
Toda nossa atenção
Elas são as responsáveis
Pela grande construção
Do grupo “O Bom da Viagem”
Que luta pela inclusão.

Por falar em inclusão
Não podemos esquecer
De dois grandes momentos
Que nos deram muito prazer
Um deles foi o ERNAB
Que aqui vou descrever.

Respeito ao homem do campo
E também ao da cidade
Respeito ao diferente
Todos têm dignidade
Devemos ser tolerantes
E tratar com igualdade.

O outro grande momento
Foi o Seminário Potiguar
Que reforçou a certeza
Que devemos respeitar
Todas as diversidades
Isso é muito salutar.

E nessa grande Viagem
Que fizemos pra estudar
Surgiram as amizades
Que espero continuar
Na internet ou no real
O importante é cultivar.

O caminho que percorremos
Muito vamos aproveitar
Aprofundando as leituras
Para o Mestrado nos preparar
E com O Bom da Viagem
Espero continuar.

Despertada por essa disciplina e pela busca de conhecimentos, fui acrescentando novos retalhos ao meu processo formativo, cursando outras disciplinas como aluna especial do POSEDUC. Em 2016, cursei Tópico Especial em Educação I: Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, também ministrada pela Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Em 2017, Tópicos Especiais em Práticas Educativas II: Possibilidades Metodológicas da Pesquisa em Formação e Desenvolvimento Profissional Docente, com a Profa. Dra. Hostina Maria Ferreira Nascimento e Profa. Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros.

Nessa disciplina, tive a oportunidade de iniciar a escrita de minha (auto)biografia, através do trabalho final, onde as professoras solicitaram a escrita de nossa trajetória de vida e formação profissional. O texto escrito foi intitulado: “Imagem de si em diferentes momentos”, através do qual resgatei nas minhas memórias um recorte de minha história de vida, das experiências vivenciadas e acumuladas, que proporcionaram um processo reflexivo de toda minha construção.

Em 2018, mais uma oportunidade: “Prática de Docência”, com a Profa. Dra. Francisca de Fátima Araújo Oliveira e Profa. Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros, que trouxe reflexões sobre as práticas de docência no cotidiano dos processos formativos, além de colaborar com a construção e/ou reformulação dos projetos de pesquisa, entre outros assuntos.

Nesse período, precisei guardar meus retalhos, temporariamente, e não participei das seleções para o Mestrado, pois estava no estágio probatório na Prefeitura Municipal de Mossoró e não podia me afastar das atividades laborais.

Em 2019 resgatei meus retalhos do fundo do baú e voltei ao foco de cursar o Mestrado. A esse respeito, Paulo Freire (2015, p. 22) traça a seguinte consideração:

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto quan-

to possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa.

Todo esse percurso foi fundamental para meu processo formativo. Através dele, pude fortalecer meus conhecimentos em busca de meu objetivo: realizar o Mestrado em Educação. Pude me *empoderar*, no sentido freiriano da palavra, ou seja, obtive a capacidade de realizar as mudanças necessárias para crescer e me fortalecer, reconhecendo minha capacidade de alcançar os objetivos pretendidos.

Nesse sentido, como um ser inacabado, mas consciente do inacabamento (FREIRE, 1996), sabia que podia ir mais além e que estava preparada para isso. Participei do processo de seleção no POSEDUC/UERN em 2019 e, envolvida com vários problemas familiares (minha irmã teve um bebê com problemas de saúde e foram 15 dias com ela no hospital), consegui a 1ª vitória: aprovação na prova escrita. Recebi essa notícia no hospital e nem pude comemorar, por conta de toda tristeza e angústia que estávamos vivendo no momento.

As imagens que surgem nesses retalhos vêm carregadas de emoção. Trago esse relato aqui, pois acredito que, apesar dos momentos de tristeza, João Victor (esse era o nome do meu sobrinho) estava iluminando todos nós, naquele momento difícil, em que lutava para sobreviver.

Computador ligado nos corredores do hospital. Maquagem em claro. Apoio a irmã que precisava de mim na-

quele momento. Mas, um Anjo de Luz passou a fazer parte de nossas vidas, após dias na UTI do hospital! Assim, foram os momentos da seleção para o mestrado.

Tive que reorganizar e redefinir o meu projeto a ser entregue cinco dias após esse dia de escuridão para nossa família. Obtive a segunda vitória: sucesso com o projeto de pesquisa, seguido da entrega dos documentos.

Na defesa do projeto, momentos de apreensão e ansiedade, pois estávamos diante de dois grandes nomes da Universidade: a Profa. Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros e a Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Mas tudo transcorreu com total leveza, a ponto de chegarmos a pensar que não daria certo.

Outro momento de mais apreensão foi a espera do resultado! Procura no site, e nada! Quando enfim foi publicado, não consegui abrir, tamanha era a ansiedade. Emoção, choro, risos, minha filha perguntando o que estava acontecendo? Consegui! E ela sem entender meu choro na terceira vitória: choro de alegria, pois a vida me ensinou que chorar alivia e que sorrir torna tudo mais bonito. Tudo no tempo de Deus. Dedico a você, meu Anjo de Luz.

Um retalho significativo vai sendo acrescentado à minha colcha. Fui selecionada para o Mestrado em Educação na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, do POSEDUC/UERN, tendo como orientadora, a Profa. Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros, que me acolheu e me guiou na escrita do trabalho dissertativo, nas oportunidades que me proporcionou, ao convidar-me para dialogar com as turmas em que lecionava, e que representaram crescimento ao meu processo formativo.

A partir desse momento, se inicia um novo ciclo na minha vida, novas experiências foram surgindo, novas descobertas no mundo acadêmico. E nesse processo, tal como afirma Josso (2010, p. 100.):

Na abordagem das “histórias de vida e formação”, a reflexão sobre a vida é centrada em salientar as experiências que consideramos significativas para a compreensão do que nos tornamos, nesse dia, e de que forma chegamos a pensar o que pensamos de nós mesmos, dos outros, do nosso meio humano e natural.

Considero que as experiências e conhecimentos adquiridos com as disciplinas que cursei no POSEDUC, como aluna em caráter especial, foram de suma importância para a conquista dessa nova fase. Através delas pude conhecer de perto o funcionamento do programa, bem como, pude me aproximar de vários professores, conhecer suas linhas de trabalho, de modo a focalizar alguns objetos de estudo que poderia pesquisar.

Após essa trajetória, chega o processo de matrícula e a aula inaugural: palestra com o Prof. Dr. Walter Pinheiro Barbosa Júnior, momento rico em aprendizado. O professor trouxe o tema da palestra de forma leve, descontraída e dinâmica: “Processos criativos e pesquisa em educação”. Falar do tema, segundo o professor, traz a necessidade de busca incessante pela pesquisa, já que ela nunca acaba.

Encontro com amigos, encontro com o conhecimento, encontro com a pesquisa, e porque não dizer, encontro com nós mesmos na busca incansável pelo “farol”, como o Prof. Dr. Walter Pinheiro Barbosa Júnior denominou a pesquisa. Aqui me vem a recordação de uma música: “Eu sou o farol, pra quem se perdeu no alto mar [...]. A qualquer dia,

sem esperar, você vai saber, onde me encontrar, pois estou em você e sempre vou estar!”³

Percebi que meus retalhos estavam misturados e que precisava reorganizá-los: delimitar o meu objeto de pesquisa. Ao pensar em um tema que fosse relevante, dentro da perspectiva de formação docente, de modo a colaborar com o meu crescimento profissional e com a reorganização de minhas práticas e saberes, passei a buscar leituras e questões relacionadas à temática de meu interesse.

Em diálogo com a orientadora, resolvi focar o estudo no componente curricular Estágio Supervisionado, com o trabalho intitulado *Saberes e Práticas no Estágio Supervisionado: Diários Narrativos de Supervisores Acadêmicos de Estágio do Curso de Pedagogia/UERN*. Para um melhor entendimento do objetivo, ou seja, compreender, por meio dos diários narrativos, quais as contribuições dos saberes e das práticas de Supervisores Acadêmicos no Estágio Supervisionado, retomei as ideias adquiridas com a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica, buscando os referenciais para a discussão, na perspectiva das narrativas (auto)biográficas.

Essa delimitação foi construída durante as disciplinas iniciais do Mestrado de forma presencial. Porém, fomos acometidos no início de 2020, com a Pandemia da COVID-19, que nos obrigou a continuar a realização do Curso de forma remota. Muitas dificuldades surgiram nesse contexto para reorganizar a pesquisa, tendo em vista a impossibilidade de realizar os encontros presenciais com os sujeitos colaboradores.

³ Trecho da música: Sempre Aqui - Marcos Lessa

Mas pude aqui contar com a colaboração eficiente, com a compreensão e sensibilidade, de minha orientadora, Profa. Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros, nesse período de aprendizado, orientando as mudanças, partilhando saberes, apontando os caminhos. De forma leve, suave e firme, fez-me crescer intelectualmente, contribuindo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Sua orientação tornou mais suave as dificuldades encontradas nesse percurso.

Nessa tessitura, vale destacar os encontros vividos com os colegas na lanchonete da universidade, que foram proporcionando afinidades, firmando amizades, fortalecendo laços, que levarei para toda vida. Alguns desses laços, passaram a ser virtuais, com partilha de saberes, risadas e desabafos até altas horas, que tornaram a caminhada mais leve.

Outro retalho que expressa um momento marcante do meu processo formativo foi o Exame de Qualificação, realizado de forma virtual, em agosto de 2020. Momento riquíssimo de aprendizagens, com uma banca que trouxe contribuições seguras e cuidadosas para a pesquisa e para o meu processo formativo.

Ao discorrer sobre as memórias da minha formação, trago retalhos que vou costurando e montando a colcha da minha vida, proporcionando lições, através das experiências ocorridas durante esse encontro com o POSEDUC/UERN.

Destaco as oportunidades de poder falar das minhas experiências profissionais e do trabalho desenvolvido, através da participação como ministrante de Roda Dialógica Virtual, com alunos do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (UFERSA); como ministran-

te de palestras com turmas do Curso de Licenciatura em Pedagogia (UFPB) e de Pedagogia da Faculdade de Educação (UERN); em Roda de Conversa com alunos do Mestrado (POSEDUC/UERN). Esses momentos foram de grande importância para meu processo formativo, pois possibilitaram uma troca de experiências e aprendizagens muito significativas.

Ressalto que estou em fase final de minha pesquisa e, me sinto privilegiada em participar desse programa e poder comemorar os dez anos de uma existência consistente e produtiva, bem como, é uma grande honra participar desse registro histórico e formativo a partir do relato das minhas experiências e vivências durante o Mestrado no POSEDUC/UERN, fundamentais para minha formação e afirmação profissional e acadêmica.

362

A colcha vai sendo tecida conforme os significados e tamanhos dos retalhos. Para continuar a tecê-la, passarei pelos nós, mas asseguro que a atividade tem sido prazerosa, envolvente e, especialmente, significativa, pois ao costurar os retalhos da minha vida e de meu processo formativo, consigo estabelecer relações de descobertas e de reflexões, que vão me construindo cotidianamente.

Para arrematar a costura, tenho a consciência que não sou mais a mesma pessoa. Esse momento serviu não apenas para reviver, lembrar, mas para reconstruir, repensar a trajetória pessoal e profissional nos tempos atuais. Rememorar fatos por meio da narrativa, das experiências vividas e imaginadas, representa uma reconstrução e uma reinvenção por meio da memória. Relembro assim, o início de tudo, com a frase marcante da grande mestra que me fez iniciar essa trajetória: “o bom da viagem é a viagem”.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha prática*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In NÓVOA, António e FINGER, Matthias (orgs). *O método (auto)biográfico e a formação*. Portugal/Lisboa: Pentaedro, 1988.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

TARDIF, M. *Saberes docente e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COAUTORIZAÇÃO DE SI EM PROCESSO E DEVIR: VIVÊNCIAS COM O POSEDUC

Érica Renata Clemente Rodrigues¹

Nesse texto, apresento uma narrativa autobiográfica sobre as experiências e vivências acontecimentoais com o Programa de pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); essa história inicia ainda em minha graduação, passa pelo mestrado em educação, e pela minha atuação profissional. A narrativa se apoia nos escritos de meu diário pessoal, em minhas narrativas e reflexões a partir dele, bem como em reflexões teóricas sobre a escrita de si, escuta sensível, pesquisa autobiográfica.

Aproveito para narrar um pouco de minha história, de meu interesse pela leitura e escrita de si, educação, ensino, pesquisa, pela vida acadêmica. Sou Érica Rodrigues, nascida na cidade de Pau dos Ferros/RN, interior do estado do Rio grande Norte (RN). Filha de uma professora aposentada de Língua Portuguesa, vinda de um interiorzinho do Alto Oeste do RN, e de um mecânico não alfabetizado, vindo do estado da Paraíba. Tenho vivido todos esses anos em um bairro periférico da cidade de Mossoró-RN, segunda

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Graduada em Pedagogia pela UERN.

maior cidade do estado. Tenho uma irmã mais nova, que é psicóloga e docente. Tive o privilégio, desde cedo, de apesar de termos poucos recursos, ter bom acesso, incentivo e apoio para estudar.

Cresci brincando de escolinha, tendo contato com diferentes espaços escolares, como creche, escolas de ensino fundamental menor e maior, em contato com o mundo dos livros. Na minha 3ª série era uma aluna considerada mediana, e escolhida frequentemente por minha professora Luzinete, para ajudar aos alunos que tinham mais dificuldade, pois eles entendiam bem o que eu explicava. Comecei a escrever pequenos poemas, textos, cadernos, cartas e diários, por volta dos meus 10 anos de idade. Meu momento² de despertar mais profundo para leitura se deu quando eu tinha 11 anos, e estudava a antiga 5ª série do ensino fundamental, através da leitura do livro *Sozinha no mundo* de Marcos Rey; depois desse evento, comecei a “devorar” os livros das bibliotecas: da minha casa, da escola, de uma prima distante, até chegar a biblioteca municipal, e o primeiro sebo de livros da cidade.

Aos 14 anos comecei a dar aulas de reforço, de modo leigo, alfabetizando várias crianças, adolescentes, e alguns adultos do meu bairro. Finalizei o ensino médio consciente de algumas lacunas em minha aprendizagem, haja vista estudar em uma escola pública estadual, que muitas vezes faltava professores, principalmente da área de ciências

² Entendo o momento a partir das reflexões de Remi Hess (2004), que dispõe o momento enquanto possibilidade de apreensão da singularidade do sujeito. Não se trata de um instante ou situação. Trata-se de uma leitura clínica do vivido. (HESS, Remi. A teoria dos momentos contada aos estudantes. In: Revista da Faculdade de Educação e Letras da Universidade Metodista de São Paulo. Multirreferencialidade e educação. Educação & Linguagem, ano 7, n° 9, p. 26-44, jan-jun, 2004. ISSN 1415-9902.).

exatas. Realizamos, nesse período, algumas conversas sobre testes vocacionais, e meu desejo sobre a docência foi amadurecendo e ganhando força.

Sou filha da escola pública, pois nela se deu toda minha educação básica e educação formal, desde a creche ao ensino médio, bem como o ensino superior. Por isso, acredito na força e potência da escola/educação pública no Brasil, e tenho me dedicado a estudá-la, e trabalhar a favor e com ela.

Andaimes de mim: da graduação em Pedagogia ao mestrado em Educação

Saí do ensino médio com duas opções de curso em mente, Serviço Social e Pedagogia, pois o curso de Psicologia não havia em minha cidade, e nem na região. Estudei intensamente seis meses para o vestibular, e aos 19 anos entrei na faculdade de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). No primeiro período, os professores comentavam que eu tinha postura de professora; quando visualizei a grade do curso e as oportunidades de trabalhar com ensino, pesquisa e extensão, sabia que estava no curso correto. No segundo período do curso, recebi um comunicado de que tinha ganhado bolsa integral para cursar Serviço Social em uma Universidade particular, diante de minha nota no ENEM e inscrição no PROUNI. No entanto, não tinha mais dúvidas sobre cursar Pedagogia; eu queria ser professora-pesquisadora.

Assim, a oportunidade de entrar desde o início de minha graduação, em um projeto de iniciação científica, abriu um leque de possibilidades que explorei durante todo curso de Pedagogia. Nesse sentido, desde o 2º período do

curso comecei no universo da iniciação científica. Conquistei duas bolsas de iniciação científica (PIBIC-CNPq), uma bolsa do Programa de Educação Tutorial (PET-pedagogia), e monitoria acadêmica voluntária, pois já possuía bolsa. Por meio dessas oportunidades pude me dedicar integralmente a vida acadêmica, e posteriormente o mestrado em educação.

Minha história com o POSEDUC nasce em conjunto com o sonho da faculdade de educação (FE), e do curso de Pedagogia da UERN em ofertar um mestrado em educação na cidade de Mossoró-RN, interior do Estado. Nesse sentido, minhas vivências no curso de Pedagogia mostram um pouco do esforço coletivo para criação, crescimento e manutenção do POSEDUC.

Ainda na graduação de Pedagogia vivenciei e vi os esforços do corpo docente do curso para melhorar e ampliar as oportunidades para os alunos; estudei em um período muito rico de oportunidades, em que estávamos passando por reestruturação curricular, e os professores estavam buscando constantemente melhorias para o curso, de modo a ampliar as bolsas PIBIC; conquistas dos primeiros editais PIBID, o primeiro PET-Pedagogia, sala de informática, biblioteca setorial, laboratório de jogos pedagógicos.

Desses esforços em ampliar pesquisas, publicações e formação continuada do corpo docente construiu-se o mestrado em educação da UERN. Estávamos todos ansiosos para ingressarmos na pós-graduação estrito senso. As primeiras seleções foram muito disputadas, e nos dedicamos bastante para garantir nossas vagas.

Durante o mestrado em Educação cursei disciplinas que ajudaram a pensar questões educacionais emergentes de modo amplo, como a questão global-local, e interioriza-

ção das pós-graduações, políticas educacionais e curriculares no país em perspectiva estrutural e pós-estrutural; cidadania e ética na pesquisa em Educação; pesquisa em educação, e diferentes abordagens de investigação, mecanismos e dispositivos, como entrevista, grupo focal, círculos de cultura, questionários, pesquisa qualitativa e quanto-qualitativa.

Mesmo fazendo parte da linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação, desde a graduação, não limitei meu interesse e produções a esta linha; sempre estive atenta as diferentes questões que permeiam a formação constante e atuação pedagógica. Assim, durante o mestrado cursei a disciplina *Memória, Formação e Pesquisa (auto)Biográfica*, na linha de pesquisa formação de professores, na qual realizei discussões mais aprofundadas sobre o método autobiográfico; refletimos sobre as perspectivas teóricas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica e formação como constitutivas e articuladoras na formação de professores, entendendo-as como instrumento de auto formação, de pesquisa e de intervenção. Dessa experiência, destaco a produção de cartas que escrevemos e trocamos com uma dupla; foi o primeiro momento no mestrado em que reconstitui memórias íntimas, de minha avó materna que faleceu antes de eu nascer, em um espaço acadêmico. Experiência rica, e formativa que me atravessa até hoje.

Realizei o estágio-docência referente à minha bolsa de pesquisa CAPES, acompanhando a disciplina Ensino de História no 5º período de Pedagogia noturno. As vivências e experiências desse estágio me enriqueceram de aprendizagens, pois tive a liberdade de ministrar aulas, empreender discussões com os discentes, produzir atividades avaliativas contextualizadas, me aproximar das alunas,

estando em um lugar intermediário, como facilitadora do processo de ensino aprendizagem. Estudamos noções e conceitos históricos: tempo e espaço, cultura, sujeito, fatos, memória e identidade. Aspectos teórico-metodológicos para ensinar e aprender História, por meio da articulação entre a história local, história do cotidiano, nacional, geral ou mundial.

Das publicações durante o mestrado destaco o capítulo de livro Contribuições da *Educação para a condição humana: experiências com o jornal impresso em sala de aula*, em co-autoria com Albuquerque (2013); minha participação no XI colóquio sobre questões curriculares/ VII Colóquio Luso-Brasileiro/ I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro, no ano de 2014, em Braga/Portugal, publicando e apresentando o texto *Ensino Médio Inovador: traduções no contexto da prática*; e a publicação em periódico qualis A, em co-autoria com Santos e Pereira (2014) *Violência na Escola: considerações a partir da formação docente*.

Recentemente, durante a construção de meu memorial, para concorrer a uma seleção em nível de doutorado, refleti sobre minha formação acadêmica e profissional. Além disso, publiquei (2018/2019) narrativas autobiográficas, a partir de meu diário pessoal, sobre minha passagem pelo mestrado em educação. Nessas publicações falei das lutas e angústias que vivenciei durante e após o mestrado; sobre meu encontro com o diário de pesquisa de Barbosa (2010), e sobre a árdua tarefa de autorização de si.

Tais dificuldades, bem como meu encontro com diário de pesquisa, e início da carreira docente, me fizeram rever e me refazer como pessoa, pesquisadora, mulher. Neste espaço, escolho narrar outras vivências como o POSEDUC, e os caminhos que tenho trilhado atualmente, haja vista,

algumas das experiências que me trouxeram aqui foram publicadas, mesmo que sucintamente.

Andaimes de mim: educadora e pesquisadora

Adentrei oficialmente no universo da docência em junho de 2015, quando estava encerrando o mestrado em Educação. Assumi uma turma multisseriada de 4º/5º ano na zona rural da cidade de Mossoró/RN, localizada no Assentamento Cordão de Sombra II. Continuo atuando nesta escola, atualmente com a turma multisseriada de 1º/2º/3º ano; quando iniciei com esta turma atendia apenas 1º e 2º ano, com a diminuição do número de alunos matriculados e a saída da professora do 3º ano (turma que funcionava isolada), a turma precisou ser unificada.

370

Iniciar a docência com uma turma multisseriada, na zona rural de Mossoró, com pré-adolescentes, adolescentes e crianças com mais de uma reprovação na vida escolar, foi extremamente desafiadora. Eram discentes que tinham passado os seis primeiros meses do ano sem aula; e que recebiam qualquer novo profissional com muito receio, tendo em vista, que boa parte dos profissionais que chegavam a escola, pedia transferência o mais breve possível, para a zona urbana.

Nesse sentido, a escrita do diário de pesquisa, o apoio de professores mais experientes e da gestão escolar da época, o planejamento, a flexibilidade e a persistência no processo pedagógico me ajudaram muito na iniciação a docência. A participação dos pais junto a escola também me motivou a acreditar na melhoria da qualidade da educação na/da escola, que contava com um quadro inconsistente de profissionais, e poucos recursos.

Os escritos de meu diário pessoal registram as estratégias que criei, junto aos alunos, na tentativa de tornar o processo de ensino aprendizagem mais dinâmico e prazeroso. Muitos alunos dessa turma que estavam no 5º ano, ainda não conseguiam ler e escrever formalmente, e já demonstravam desinteresse pela continuidade dos estudos, pois estava incutido em suas mentes e corpos que não conseguiam aprender, portanto não valia o esforço. Muitos planejavam deixar a escola em pouco tempo, na passagem para o ensino fundamental maior, e ida para outra escola, prática que os alunos narravam ser comum na comunidade. Minha intervenção, permeada de angustias, baseou-se inicialmente em apresentar aos alunos um universo de possibilidades que eles poderiam ter dando seguimento aos estudos; atuei, principalmente valorizando suas vozes, suas histórias, anseios, valorização de seus saberes e habilidades individuais (que eles acreditavam não possuir).

371

Recentemente participei do V Colóquio Luso Afro Brasileiro de Questões Curriculares e VI (IN)FORMACCE que ocorreram de modo online, diante da atual pandemia de Covid-19. Nesse espaço, compartilhei um pouco de minhas experiências acontecimentais como docente de uma sala de aula multisseriada, na zona rural de Mossoró-RN, e das ampliações dos desafios ante as aulas remotas. Falei sobre como a escrita de si me ajuda a olhar e ouvir a mim mesma, bem como a olhar e ouvir as crianças e as famílias; em como tais experiências me alteram, e alteram minha atuação profissional.

Concomitante ao meu trabalho com a escola da zona rural, busco estar conectada com o âmbito universitário, principalmente por meio do grupo GEPEMC - (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Multirreferencialidade e Ci-

bercultura – em processo de institucionalização) na UERN/Mossoró. O grupo me ajuda a aprofundar leituras multirreferenciais, e partilhar a escrita do diário de pesquisa.

Considerações

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar Paulo Freire (1992 p. 79). Essa reflexão de Freire representa bem as tessituras de minha trajetória acadêmica e profissional. Precisei retocar cotidianamente os sonhos pelos quais iniciei essa caminhada, nesses retoques me refiz, e me refaço constantemente, com os outros que também me passam, me fazem, desafiavam.

Entendo que minha reflexão autobiográfica, registrada em grande parte através do diário pessoal, se justifica no exercício, acredito necessário, de rever a si própria. Nesse espaço, tenciono o movimento, percurso, itinerância da pessoa que fui “ontem” para que sou “hoje”. O DP tem me ajudado ao não ficar a margem de mim mesma, e ajudado a autorizar-me constantemente como docente, pesquisadora, mulher. Quiçá narrar, ouvir sensivelmente, experienciar e investigar vozes da escola pública rural do interior do Rio Grande do Norte; experienciar as vozes de crianças de uma comunidade rural sendo validadas, ouvidas, registradas.

Desta feita, tenho buscado refletir e problematizar o paradigma autobiográfico e a escrita de si como formativa e formadora; me constituo com a intervenção do outro, e ao mesmo tempo me refaço quando narro vivências, experiências; quando escuto sensivelmente o outro, que é

diferente mim. Essa busca tenciona novas posturas de humanismo em processo e devir, tendo em vista que o paradigma autobiográfico se opõe ao paradigma no qual cresci (de modo geral sob o qual crescemos em nosso país); um paradigma sem sujeito, atemporal, a-histórico, a-biográfico, em que não tínhamos voz, história ou poder. Paradigma em que alunos de periferia que fazem uma faculdade são exceções como eu, primeira, e até hoje uma das poucas a ter graduação na família; e minha mãe, única de sua geração tanto de sua família, quanto da família de meu pai a conseguir, com muita dificuldade, realizar uma graduação.

Atualmente, tenciono desenvolver uma pesquisa científica em nível de doutorado com crianças da escola que atuo, a partir de suas vozes, em uma sala de aula multisseriada no interior do Rio Grande do Norte. O que me motiva a desenvolver a investigação em uma abordagem autobiográfica é a possibilidade de teorizar dos sujeitos da escola; a capacidade de produzir uma ação a partir dessa reflexão, ou seja, a questão acional; e por fim um objetivo emancipatório, inexistente nos paradigmas sem sujeito. A narrativa me/nos leva a um processo de emancipação, de autonomização.

Para finalizar esta narrativa, trago breves reflexões sobre a pesquisa acontecimental. No prefácio do livro *A pesquisa e o acontecimento compreender situações, experiências e saberes acontecimentais* de Sidney Macedo (2016), Galeffi nos traz o acontecimento não apenas como jogo-jogado. “Acontecimento é jogo-jogante, vida-vivente. Compreensão é o modo de ser na pesquisa-com o acontecimento. Compreender o acontecimento é participar dele acontecendo” (MACEDO, 2016, p. 13). Na primeira sessão do livro Macedo (2016), *compreender o acontecimento*, argumenta que investigar é uma experiência de estra-

nhamento, é também a experiência da relação com esse estranhamento. Assim, a própria experiência da pesquisa implica experiências acontecimentais. É assim, que me vejo nessa narrativa, e em minha relação com o POSEDUC, jogando o jogo-jogante, vivendo a vida vivente, em relação com os outros, que não são eu, e me alteram.

Referências

ALBUQUERQUE, M. H. C.; RODRIGUES, É. R. C.. *Contribuições da Educação para a condição humana: experiências com o jornal impresso em sala de aula*. In: Jean Mac Cole Tavares Santos; Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro; Emanuela Carla Medeiros de Queiros; Allan Solano Souza. (Org.). Educação, Política e Docência: formação em contextos locais. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2013, v. 1, p. 119-128.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. *O diário de pesquisa: o estudante universitário e o seu processo formativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MACEDO, Roberto Sidnei *A pesquisa e o acontecimento compreender situações, experiências e saberes acontecimentais*. Salvador: EDUFBA, 2016. 120 p

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. *Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica*. Revista Educação, UFSM, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014.

RODRIGUES, É. R. C. *Formação com um rigor outro: experiências do mestrado em educação*. In: IV Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso: linguagens e discursos em tempos de crise - CONLID, Mossoró/RN, 2017.

RODRIGUES, É. R. C.; SILVA, M. K. ; SILVA, F. N.. *Ensino Médio Inovador: traduções no Contexto da Prática*. In: XI Colóquio sobre questões curriculares/ VII Colóquio luso-brasileiro/ I colóquio luso-afro-brasileiro, 2014, Braga/Portugal: currículo na contemporaneidade, 2014.

RODRIGUES, Érica Renata Clemente. *Escrita de si: teorizando o vivido*. In: V (IN)FORMACCE - Colóquio de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Currículo e Formação, 2018, Salvador/BA. Disponível em: <<http://www.informacce.faced.ufba.br/modulos/submissao/Upload-429/106648.pdf>> Acesso em 13/04/2021.

375

RODRIGUES, Érica Renata Clemente. *Teorizando o vivido: escrita de si e autorização*. In VI Simpósio de Pós-Graduação em Educação e V Semana de Arte Educação. Mossoró/RN, 2019. Anais (do VI Simpósio de Pós-graduação em Educação e V Semana de Arte - Pesquisa em educação: processos criativos em tempo de reinvenção. Anais, 2020. Disponível em: <<http://www.even3.com.br/anais/SIMPOSEDUCSEMANARTE>>. Acesso em: 06/10/2021. ISBN: 978-85-5722-423-0

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PEREIRA, Milene Rejane; RODRIGUES, Érica Renata Clemente. *Violência na Escola: considerações a partir da formação docente*. Perspectiva (UFSC), v. 31, p. 573-589, 2014.

MEMÓRIA DAS TRAJETÓRIAS FORMATIVA E PROFISSIONAL: DOS CAMINHOS PERCORRIDOS AO SONHO REALIZADO

Francicleide Cesário de Oliveira¹

Memórias de si: experiências que compõem uma história de vida



ato de narrar sobre si é um exercício que possibilita as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, construindo significados dos caminhos percorridos em sua trajetória de vida. A construção desta narrativa foi motivada pela comemoração dos 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, proporcionando um mergulho nas diversas experiências vividas na vida pessoal, estudantil, acadêmica e profissional para rememorar-las e trazê-las ao presente com as representações da realidade atual. As rememorações vêm através das lembranças e recordações, repletas de significados e reinterpretações, com base no que temos à disposição agora e de acordo com a visão de mundo do presente.

¹ Professora da UERN, pertencente ao quadro de docentes do Departamento de Educação/DE do Campus Avançado de Pau dos Ferros; Graduada em Pedagogia/UERN; Mestra em Educação/POSEDUC/UERN; Doutoranda em Letras pelo PPGL/UERN Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. E-mail: francicleidecesario@uern.br

Sendo assim, tomando por base o pensamento de Thompson (1992, p. 208) ao afirmar que “[...] recordar a própria vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar a autoconfiança. [...]”, uso este mote para instigar a escrita de uma trajetória formativa e profissional marcada pela resistência, persistência, muitas lutas e desafios enfrentados no caminho percorrido no processo de formação e para a realização do sonho de infância de ser professora.

Nesse sentido, antes de iniciar a puxar os fios da memória, necessário se faz enfatizar que as pesquisas que valorizam o estudo de memórias ganham destaque na atualidade por “[...] registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós. [...]” (BOSI, 1994, p. 37). Em outras palavras, e, fazendo a relação com a narrativa ora escrita, significa dizer que registrar as experiências formativas vividas no POSEDUC/UERN é deixar marcadas, de forma escrita, na história do programa, as peculiaridades de quem as viveu. É dar visibilidade às diversas histórias que cada um/a viveu, considerando suas memórias coletiva e individual, visto que cada pessoa, embora viva em um coletivo, tem a sua história para contar, e aqui estou para a minha escrever.

Antes que pensem que vou reviver o passado, deixo claro que concordo com Bosi (1994, p. 55) ao enfatizar que “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...]”. (BOSI, 1994, p. 55), ou seja, recordar e lembrar acontecimentos vividos no passado não significa fazer uma viagem ao passado para revivê-lo, mas para revisitá-

-lo e trazer para o contexto atual com a carga valorativa do momento.

Revisitando o passado não posso esquecer quem sou, de onde vim nem de onde parte o meu ponto de vista e qual é a base que constitui a minha visão de mundo. Sou natural de Marcelino Vieira/RN, nascida e criada em uma comunidade da Zona Rural; a quarta filha de um casal de agricultores que hoje tem 5 (cinco) filhas formadas, todas professoras, e 1 (um) filho formado, este também licenciado para ser professor, mas ainda não segue a carreira, pois enveredou para outra área, está concluindo o curso de Direito.

Para chegar até aqui foi um longo percurso, tendo as dificuldades financeiras como principal obstáculo. Nas lembranças e recordações da infância, na década de 1980, vêm à tona as vivências em um contexto sociocultural com muita simplicidade e a ausência de alguns direitos essenciais: tinha direito de brincar, mas não possuía nenhum brinquedo porque não podia comprar, brincava com brinquedos feitos por nós mesmas; tinha acesso à escola, mas nunca tive acesso a livros que possibilitassem a leitura literária; uma mochila ou um caderno capa dura nunca foi possível porque meus pais não tinham condições de comprar material escolar para 5 (cinco) meninas².

Todas essas dificuldades socioeconômicas e culturais acompanharam a minha vida por quase duas décadas, pois somente após aprovação em concurso público, professora da rede municipal de ensino de Riacho de Santana/RN, no ano de 2001, é que encontro a esperança de estabilidade da vida financeira. Antes da aprovação do concurso,

² Aqui eu me refiro as 5 meninas porque o meu irmão nasceu quando eu já tinha 14 anos, então a infância dele foi em outro contexto.

no ano de 2000, concomitante ao ingresso na graduação em Pedagogia, no Campus Avançado de Pau dos Ferros/CAPF da UERN, iniciei a experiência na docência como professora bolsista do Estado do Rio Grande do Norte/RN, porém, eu não era remunerada mensalmente, pois só recebia o valor referente ao período e carga-horária de atuação, quando terminava o contrato. As lembranças denunciam que o valor recebido não atendeu às expectativas dessa jovem professora, mas, mesmo assim, sentia-me realizada, pois estava concretizando o sonho da infância.

Nessa experiência, o mais gratificante e emocionante foi sentar na sala dos/as professores/as junto a professores/as que no ano anterior haviam sido meus/minhas professores/as. Eu me sentia “o máximo” ao lado deles/as, agora, como colega de trabalho.

Abro um parêntese para sair da docência e contar uma experiência que também foi enriquecedora, vivida ainda no ano de 2000, quando participei do censo demográfico daquele mesmo ano, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, desenvolvendo a função de recenciadora. Essa foi outra atividade que só tive direito ao salário após finalizar o trabalho.

Retomando às lembranças e recordações de professora concursada, desenvolvi as práticas docentes na primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil, com crianças da faixa etária de 02 (dois) a 06 (seis) anos, no período de 2001 a 2007. Posso dizer que a docência na Educação Infantil constituiu momento de grandes aprendizagens e um divisor de águas para a construção da identidade profissional, pois foi nesta etapa de ensino, trabalhando com a complexidade da infância e buscando o seu desenvolvimento integral que percebi o quanto a profissão

professora tem seu valor social e sua importância na vida das pessoas e na construção da cidadania.

Com essas lembranças, consideramos que esse contexto de atuação na docência na Educação Infantil foi muito importante para a construção da minha identidade profissional docente, pois, apesar de, antes de trabalhar com esta etapa da educação eu me reconhecer sem saberes e sem habilidades para atuar com as crianças pequenas, com o tempo e com dedicação e estudos na área, passei a me identificar e a defender professores/as que atuam na Educação Infantil, por entender a importância desta para o desenvolvimento integral da criança.

Sendo assim, passei a usar o fazer pedagógico cotidiano como “[...] um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. [...] realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor”. (NÓVOA, 2007, p. 16). Desde então, reafirmo-me como professora e me construo e reconstruo a cada dia buscando novas maneiras de ser e estar na docência com meu modo de situar-me na profissão, trazendo novos elementos para a melhoria da minha prática docente.

Com esse pensamento de buscar melhorias para a atuação na docência, sempre tive a concepção de que, para ser uma boa professora, é necessário investir não apenas na formação inicial, mas na formação continuada, compreendendo que esta é um processo contínuo que deve acontecer durante toda a carreira profissional.

Com base nesse propósito e, sabendo que é de fundamental relevância permanecer em formação, seguimos estudando e ampliando conhecimentos. Desse modo, concordo com Imbernón (2002) quando sugere adotar o conceito de formação como aquela que “[...] consiste em descobrir,

organizar, fundamentar, revisar e construir teoria. Se necessário, deve-se ajudar a remover o sentido pedagógico comum, romper o equilíbrio entre esquemas práticos predominantes e os esquemas teóricos que os sustentam. [...]” (IMBERNÓN, 2002, p. 49)

Compreendendo a formação como um espaço privilegiado para descobertas, revisão do que se sabe para lançar-se à construção de novos conhecimentos que possam fundamentar a prática docente, passo a apresentar, resumidamente, minha trajetória de formação acadêmico-profissional e atuação docente, percorrendo o caminho que me fez chegar ao POSEDUC/UERN.

Conclui a graduação em Pedagogia no ano letivo de 2003, em 2004 já participei da seleção de pós-graduação *lato sensu*, sendo aprovada para a especialização em Formação do Educador, ofertada pelo Departamento de Educação do CAPF/UERN, concluindo em 2006. Naquele contexto a vontade era dar continuidade à formação com a pós-graduação *stricto sensu*, porém, as ofertas de mestrado em educação localizavam-se nos grandes centros urbanos e capitais. No Rio Grande do Norte, somente a Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN ofertava esta sonhada formação, portanto, não favorecia as minhas condições logística e financeira.

Não me contentando em ficar sem estudar, participei de Processo Seletivo de Vagas Não Iniciais/PSVNI da UERN, nas vagas de retorno para o curso de Licenciatura em Geografia. Quando estava cursando o 3º período do curso de Geografia, no ano de 2009, fiquei sabendo de uma seleção para professora em caráter provisório no Departamento de Educação do CAPF/UERN. Participei da seleção, fui aprovada e a cada dia, sentia a necessidade de cursar

um mestrado porque eu percebia que iria contribuir para a minha dinâmica de ser e estar professora universitária. No ano seguinte, em 2010, aconteceu o concurso público para docentes da UERN, fiz minha inscrição, estudei muito, fui aprovada e até hoje sou professora efetiva desta universidade. No ano de 2012, pedi exoneração do cargo de professora do Município de Riacho de Santana, por ter conseguido aprovação na seleção para Dedicção Exclusiva da UERN.

Ser professora de educação superior me fazia querer cada vez mais dar continuidade à formação continuada, contudo, para ir para cidades distantes precisava esperar sair do estágio probatório e solicitar licença para capacitação docente, porque eu não via condições de logística adequada. Por exemplo, cursar um Mestrado em Natal na UFRN era precisar viajar semanalmente para assistir aulas e voltar para dar aulas em Pau dos Ferros/RN. Seria um conjunto de esforços (físico, mental, organização do tempo, etc) que, ao analisar, percebia que ainda não era viável.

Percebi que estava mais próximo de continuar a minha formação quando comecei a ouvir os primeiros comentários de que a Faculdade de Educação/FE do Campus Central da UERN estava elaborando uma proposta de Mestrado em Educação. Então, eu passei a ver possibilidades para cursar um Mestrado em serviço, já que Mossoró está localizado a uma distância razoável, que garantia o traslado semanal entre Pau dos Ferros- Mossoró, Mossoró-Pau dos Ferros. A partir de então, fiquei atenta ao processo de tramitação da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da UERN para que, quando tivesse sua primeira seleção, eu pudesse ter a oportunidade de me inscrever.

O POSEDUC/UERN e eu: contribuições para o ser/fazer docente e pesquisadora

O Curso de Mestrado em Educação ofertado pelo POSEDUC/UERN, foi aprovado/ recomendado pela CAPES, com conceito 3, em março de 2011 e implementado em abril do mesmo ano, com a seleção para sua primeira turma. Tive o privilégio e a felicidade de ser aprovada nessa seleção, e maior foi a alegria de saber que na classificação geral fui a primeira colocada. Assim, iniciei mais um percurso formativo, realizando o sonho de cursar um mestrado para dar continuidade a minha formação, visando atender às demandas e necessidades formativas inerentes ao desenvolvimento da prática pedagógica da docência no ensino superior, que são requisitos para a profissão docente, principalmente do ensino superior.

A pós-Graduação *stricto sensu* proporciona a ampliação de saberes que o/a professor/a já desenvolveu ao longo do processo de formação e de desenvolvimento da docência, assim como contribui para a construção de novos saberes necessários ao exercício da docência. Nesse sentido, o Curso de Mestrado em Educação do POSEDUC/UERN, busca

383

[...] empreender um exercício de reflexão e de crítica sobre processos formativos que envolva os sujeitos nos espaços escolares e não-escolares, pensando numa inserção mais acurada desses sujeitos na realidade que os cerca e tomando como referência o fato de que essa realidade jamais estará desvinculada do legado cultural que os constitui enquanto sujeitos produtores históricos de sentido e de práticas sociais. O curso, ao realçar os Processos Formativos em Contextos Locais,

está atento aos desafios educativos da contemporaneidade. (UERN/POSEDUC, 2021).

Com base nessa perspectiva do curso em valorizar o pensamento crítico e reflexivo nos sujeitos participantes do programa, vemo-nos como um desses sujeitos que projetou no POSEDUC a expectativa de transformação, de construção de novas aprendizagens.

Assim, ao passar a fazer parte da história do POSEDUC, minhas expectativas eram muitas, pois conforme já mencionado acima, era uma etapa da formação muito esperada por mim para dar continuidade a esse processo de descobertas, de fundamentação da prática, de revisão das teorias, de construção de novas teorias e conhecimentos necessários para a atuação docente e para a vida, uma vez que tudo isso aumentaria a minha capacidade de reflexão sobre a realidade social, como também da minha própria prática.

Desse modo, compreendo a formação *stricto sensu* como esse momento de construção do conhecimento e fundamentação teórico-prática. E o fato de ter cursado o Mestrado em Educação já estando em atuação docente ajudou a entender que a formação continuada proporciona “A reflexão prático-teórica sobre a própria prática mediante a análise, a compreensão, a interpretação e a intervenção sobre a realidade. A capacidade do professor gerar conhecimento pedagógico por meio da prática educativa”. (IMBERNÓN, 2002, p. 48).

As expectativas para cursar o Mestrado em Educação no POSEDUC tiveram como base a necessidade dessa reflexão teórico-prática apontada por Imbernón (2002), bem como, a ampliação e construção dos conhecimentos,

tendo em vista que ser professor/a exige de mim uma constante busca para a realização de uma prática pedagógica inovadora, reflexiva e investigativa, visando à formação de alunos que aprendam a construir saberes e conhecimentos significativos para uma atuação plena na realidade social e política, de forma que se tornem profissionais comprometidos com o trabalho.

Assim, o pensamento do querer aprender mais e construir novos saberes para mobilizá-los em sala de aula impulsionou a aprendizagens significativas, aproveitando cada novo conhecimento e nova descoberta para refletir sobre a minha atuação docente, fazendo sempre uma autoavaliação com relação às práticas pedagógicas desenvolvidas a fim de buscar sustentação teórica para as ações desenvolvidas no fazer pedagógico. Isso porque, esse foi sempre o meu entendimento do significado de uma formação em pós-graduação, já que visa promover no aluno em formação um aprofundamento dos conhecimentos, a construção de novos saberes, a fundamentação e a revisão de conceitos teóricos, um olhar investigativo e problematizador com vistas a refletir sobre as situações reais da sociedade, enfim, uma formação ampla que leve em consideração a complexidade e desafios dos contextos educacionais e do mundo do trabalho.

Acredito que esses conhecimentos são mais significativos quando o/a aluno/a em formação já atua na área da educação, pois vive o dia a dia da realidade educacional e, por isso, a compreensão e interpretação desses conhecimentos se concretizam no processo de reflexão da relação teoria-prática por meio das práticas pedagógicas.

Esta linha de raciocínio me acompanhou e acompanha ao longo do meu processo formativo, nos caminhos

formativos já percorridos, como também dos que continuo percorrendo porque entendo que a formação de um/a professor/a deve ser permanente, seja em programas de Pós-Graduação, em estudos e trocas de experiências com os pares ou mesmo em estudos individuais que são necessários para a carreira docente.

Assim, continuando a narrar sobre o percurso formativo e a realização de sonhos, retomamos à satisfação do encontro com o POSEDUC/UERN, o sonho de cursar um Mestrado em Educação. O sonho que anos atrás eu via muito distante de mim se tornou realidade: Eu, a quarta filha de um casal de agricultores, de origem humilde, nascida e criada em uma zona rural, sem acesso à cultura e à literatura, tornara-me professora universitária e, logo estava dando continuidade à formação, mais precisamente no ano de 2011, passando a Cursar o Mestrado em Educação pelo POSEDUC/UERN.

Mas vale lembrar que nesta família, não sou a exceção, pois como já mencionado anteriormente, todos os filhos daquele humilde casal de agricultores possuem formação em nível superior e em pós-graduação *lato sensu*, e, quando iniciei o Mestrado, minha irmã mais velha já cursava o Mestrado em Letras no Campus Avançado de Pau dos Ferros/CAPF da UERN, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL, uma realidade que para ela, também só se tornou possível pela proximidade da localização de sua residência, visto que sua história de vida e de formação de enfrentamentos de dificuldades não é diferente da minha. Considero, portanto, que somos uma irmandade que vimos na educação uma forma de transformação de nossas vidas e a única maneira de uma ascensão social. De fato, quem nos tirou de um estado de extrema pobreza, realmente, foi

a educação, pois foi por meio desta que conseguimos uma profissão e aprovação em concursos públicos.

Vendo a educação como a oportunidade de transformação de vida é que acredito no papel que esta exerce na sociedade, e, com isso, vejo a formação como passos que se deve caminhar continuamente para buscar novas possibilidades de construção e apropriação de novos saberes que, ao serem mobilizados pelos/as professores/as em seu fazer pedagógico, promovam aprendizagens que conectem os conhecimentos acadêmicos e científicos e a vida cotidiana para ajudar a compreender a realidade complexa em que vivemos.

Por essa razão, sempre busquei investir em minha formação profissional e, é exatamente por pensar assim, por querer ampliar a formação, aconteceu o encontro entre o POSEDUC/UERN e eu. Um encontro que proporcionou novas aprendizagens e potencializou muitos saberes, principalmente os saberes docentes tão necessários a minha atuação profissional, porque entendo que “A formação docente é um processo contínuo e que requer uma caminhada investigativa sistemática e dialógica, pois os desafios postos pelos movimentos sociais, políticos e econômicos exigem um novo olhar para as práticas pedagógicas dos professores [...]” (CARPIM, 2014, p. 73).

Dessa maneira, compreendo que a formação oferece uma fundamentação para enfrentar esses desafios postos pela sociedade. Com isso, não estou querendo dizer que vamos chegar em um Programa de Pós-Graduação e encontrar respostas prontas para cada situação e cada desafio, pois cada uma dessas é vivida de forma inédita, em contextos que não se repetem, portanto, não há receitas. O que quero dizer é que a formação nos ajuda a lidar com a

complexidade social e educacional, capacitando o/a professor/a para buscar estratégias para a resolução das situações reais do dia a dia.

O encontro com o POSEDUC/UERN: novas aprendizagens e potencialização de saberes

Fazer parte da história do POSEDUC, especificamente, da primeira turma, é uma marca importante na minha história de vida e de formação profissional docente. São diversas as lembranças e recordações dos momentos vividos com uma turma de jovens selecionados para cursar o Mestrado, com muita sede de conhecimentos, que assim como eu, viam no POSEDUC uma oportunidade de novas aprendizagens e potencialização de saberes.

388

A primeira turma que iniciou a história do POSEDUC/UERN foi marcada pelo interesse, compromisso com o programa, vontade de aprender mais. De um lado, muitos jovens, já atuando na docência, tinham o intuito de desenvolver as habilidades do ser docente e pesquisadora/a; por outro lado, aqueles/as jovens que ainda não atuavam na área da educação, mas tinham perspectivas de logo, em um futuro próximo, ingressarem na carreira docente e mobilizar os saberes construídos ao longo da formação.

Nesse sentido, posso assegurar que as contribuições advindas do POSEDUC para a minha formação foram inúmeras. Dentre estas, destaco a ampliação dos conhecimentos para o meu ser/fazer docente porque desenvolvi e/ou ampliei habilidades para novas compreensões, visões de mundo, aguçando mais ainda o exercício para a reflexão e a crítica da realidade dos contextos escolares e não-esco-

lares que fazem parte do cotidiano do/a pedagogo/a e de seus/as formadores/as.

As aprendizagens proporcionadas pela vivência no POSEDUC/UERN favoreceram a construção de novos saberes e potencializaram a mobilização dos diversos saberes docentes que já estavam em desenvolvimento. Aqui, considero os saberes docentes como **temporais** por serem construídos ao longo do tempo, em toda a trajetória de vida e de formação; e **plurais** e **heterogêneos** por serem originários de várias fontes e construídos em diversos espaços, para que eu pudesse mobilizá-los no dia a dia das atividades docentes. Com isso, quero dizer que os saberes docentes começaram a ser construídos desde a minha formação estudantil, e a formação ofertada na Pós-Graduação *stricto sensu* possibilitou a ampliação desses, consolidando uns e me fazendo buscar e construir novos saberes necessários para a atuação docente.

389

Outro destaque tão importante quanto a construção de saberes docentes é com relação às aprendizagens relacionadas ao ser pesquisadora, visto que, foi cursando o mestrado e com as experiências da docência no ensino superior, que tem como tripé o ensino a pesquisa e a extensão, que desenvolvi muitos conhecimentos os quais possibilitaram tornar-me uma pesquisadora que ainda tem muito a aprender e que vive uma busca incansável pelo conhecimento. Com isso, tornei-me uma docente cada vez mais curiosa e inquieta que vê na pesquisa e na ciência uma forma de traçar estratégias para mostrar meios para desenvolver uma educação de qualidade.

Entendendo a pesquisa como um importante elemento para o desenvolvimento profissional docente, faz-se necessário compreender que esta atividade é parte

essencial para a atuação na docência do ensino superior. Ao iniciar a Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, o Mestrado em Educação pelo POSEDUC/UERN, mesmo tendo passado pela Pós-Graduação *lato sensu* e já sendo professora Universitária, considero que comecei como uma pesquisadora iniciante, pois eu ainda tinha muitas dúvidas, incertezas e inseguranças sobre o que é pesquisar, o que é ser pesquisadora.

As aprendizagens proporcionadas a mim por meio da Pós-Graduação *stricto sensu* foram muitas, elas vão desde as que desenvolvemos diretamente com os/as professores/as em aulas, diálogos e experiências extra sala de aula, com nossos colegas, e principalmente, a conquista da maturidade que me ensinou a caminhar com autonomia no desenvolvimento da pesquisa, tanto a da dissertação, como a de desenvolver novas pesquisas na área da educação, visto que é uma atividade necessária para a docência.

Sendo assim, reafirmo as contribuições do POSEDUC/UERN para a minha formação profissional. E, ao mesmo tempo, a realização de um sonho, uma conquista que me deixou muito feliz enquanto pessoa e profissional docente. E a partir da realização deste sonho, outros sonhos se tornaram possíveis de serem sonhados e, conseqüentemente, concretizados como: ser uma professora pesquisadora que reflete sobre sua prática docente cotidianamente para ressignificá-la; dar continuidade ao processo formativo na Pós-Graduação *stricto sensu*, pois atualmente estou com formação em doutoramento em andamento, com pesquisa qualificada. Com isso, nos próximos meses o casal de agricultores terá duas filhas doutoras, pois minha irmã mais velha também está no doutorado.

Por fim, quero registrar que recordar o próprio percurso formativo foi uma atividade muito gratificante, pois foi possível rememorar, com as ideias e conhecimentos sociais e políticos que tenho hoje, cada dificuldade enfrentada em minha trajetória, o que favoreceu o fortalecimento da minha identidade profissional docente, reconhecendo-me como a professora que ama a docência, que pesquisa, reflete e busca ressignificados para a prática docente. E não posso esquecer de registrar que sou também a professora que tem um olhar direcionado para os aspectos econômicos, políticos e sociais porque tudo em minha vida eu precisei de muita luta, resistência e persistência, por isso, hoje eu sou resiliência e mobilização.

Referências

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

391

CARPIM, Lucymara. Formação continuada e a prática pedagógica do professor universitário: um fazer colaborativo. In: FERREIRA, Jacques de lima (Org.). *Formação de professores: teoria e prática*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2007.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/
UERN; PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/
POSEDUC. Apresentação. Disponível em: [https://propeg.
uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao](https://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao).
Acesso em 26 out. 2021.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed.
Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz
e Terra, 1992.

ENTRE FIOS E MEADAS: MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

Iandra Fernandes Caldas¹

E, talvez nessa história em que um homem se narra a si mesmo, nessa história que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos (LAROSSA, 2006, p. 21)



homem é essencialmente um narrador que, ao relatar suas memórias corporifica ideias, crenças e valores que se entrelaçam nas narrativas. Narrar não é apenas a demonstração de um saber, mas a realização de um saber: quem narra histórias organiza o mundo, dá-lhe sentido, comunica-o, de forma que, pelo confronto com o mundo, é transformado, ganhando novos sentidos e interpretações (CALDAS, 2021).

A história de cada indivíduo é o seu bem mais preciso, o seu maior patrimônio e não pode ser esquecida, ela precisa ser lembrada, conhecida, e isso só é possível através da memória. Ao narrar, os sujeitos se reconhecem como protagonistas da sua história e na história, “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...]”. (BOSI, 1994, p. 55). O voltar à memória não significa esta-

393

¹ Professora do Departamento de Educação (UERN). Mestra em Educação POSEDUC/UERN e Doutora em Letras pelo PPGL/UERN.
Email: iandrafernandes@uern.br

belecer uma linha rígida entre passado, presente e futuro, mas ser capaz de conduzir um diálogo interminável entre eles. Memória e tempo estão intimamente ligados e podem ser analisados através da evocação de uma história. O sujeito e os fatos adquirem facetas múltiplas, o jogo de relações que se constrói nessa dinâmica é sempre produto das circunstâncias e, em virtude disto, pode ser olhado sob diferentes ângulos.

Tendo como mote a memória metaforizada no fio que se transforma em meadas de lembranças para compor a trama da minha história, e motivada pela comemoração dos 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, proponho realizar uma imersão nas experiências vividas na minha vida pessoal e profissional, por compreender que: “[...] o sentido do que somos depende das histórias que contamos em particular nas construções narrativas, nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (LARROSA, 2006, p. 32).

Conhecer o passado possibilita uma melhor compreensão do presente enquanto processo importante que envolve homens e mulheres por meio dos códigos de sua cultura, de modo que eles são capazes de falar de seu mundo social, interpretando e construindo significados sobre si, por quê, “[...] recordar a própria vida é fundamental para o nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar a autoconfiança. [...]” (THOMPSON 1992, p. 208). Sobre esse sentimento de identidade, é possível dizer que ao longo da história de vida pessoal e profissional, a palavra que me define é

“persistência”, para enfrentar os limites e as possibilidades que se apresentavam no decurso do tempo.

Somos seres de memória, oscilamos entre recordações e esquecimentos, as leituras que fazemos das nossas memórias se apoiam em crenças, valores e na cultura adquirida à partir da nossa própria história de vida. As tramas (da memória) se entrelaçam dando forma ao tecido (da vida) em um ato performático, em que a memória nos constitui enquanto sujeitos e, ao mesmo tempo, constituímos a nossa memória. E assim:

[...] cada um dispõe, também, de uma série de tramas nas quais as entrelaça de um modo mais ou menos coerente. E cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu (LARROSA, 2006, p. 23).

395

Como vemos, o fio da memória entra nessa dinâmica tecendo a trama que compõe o existir e, através da palavra, posso dizer que sou natural de Pau dos Ferros/RN, a primeira filha de José Maria Pereira Caldas (*in memória*) – caminhoneiro, motorista e Terezinha Fernandes de Oliveira Caldas – professora. Tenho apenas uma irmã, nove anos mais nova, que é psicóloga, cresci na companhia de meus avós maternos, porque meus pais precisavam trabalhar e, por isso, minhas lembranças mais caras da infância são as do sítio do meu avô. Fui a primeira neta, não me faltou carinho, atenção, cuidado e o necessário em termos materiais, porque o que meus pais não podiam suprir, meus avós completavam de forma modesta.

Sempre estudei em escola pública, fiz o Jardim de Infância e os primeiros anos das Séries Iniciais do Ensino

Fundamental na Escola Estadual Patronato “Alfredo Fernandes” que, na época, era administrado pelas freiras. Depois, minha mãe foi transferida para lecionar na Escola Estadual “Tarcísio Maia” e eu conclui essa etapa de ensino nessa escola. Já as séries finais do Ensino Fundamental, conclui na Escola Estadual “4 de Setembro”. E no Ensino Médio, cursei o Científico, visando fazer vestibular para a área biomédica, pois queria ser Enfermeira como minha tia Margarida Maria (*in memória*), um grande exemplo de mulher e profissional para mim. Porém, por várias questões pessoais, acabei ingressando no Curso de Pedagogia no *Campus* Avançado de Pau dos Ferros/UERN, no ano de 1993, que seria minha segunda opção.

Nesse tempo, passei a conciliar a faculdade com o trabalho, já que trabalhei como balconista em uma farmácia veterinária, por um tempo. Assumi dois contratos provisorios na Educação Infantil em tempos distintos, trabalhei como vendedora em uma loja da fábrica de *dijecans* do meu tio, até que fiz uma seleção e consegui meu primeiro emprego em 1998, na escola de ensino particular “Colégio e Curso Evolução” (1997), onde trabalhei durante 12 anos, chegando a lecionar várias disciplinas.

Na época, as disciplinas que assumi efetivamente, foram Geografia e Literatura Brasileira do Ensino Fundamental ao Ensino Médio e Cursinho, porém, em curtos momentos de licenças de professores, afastamento, falta de professor ou para completar a carga horária, cheguei a lecionar: artes, redação, português, ciências, biologia, história, em períodos e anos alternados, de acordo com a necessidade. Ainda nesta escola, desenvolvi uma significativa experiência profissional, valorização e reconhecimento do meu trabalho pelos pais e alunos com quem convivi. Po-

rém, com uma baixa remuneração, uma carga horária em torno de 40h semanais, dois filhos pequenos e as dificuldades financeiras que só aumentavam, resolvi fazer outra graduação e investir em outra área.

Para tanto, resgatei um antigo sonho, prestando vestibular para Enfermagem Licenciatura e Bacharelado no *Campus* Avançado de Pau dos Ferros - CAPF/UERN. Após a conclusão do curso, me revesti de “persistência” e decidi que tinha que fazer um concurso público, na educação ou na saúde, pois agora eu tinha mais opções de trabalho. Primeiro prestei concurso para Professor da Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Pau dos Ferros/RN (2008), objetivando uma melhor remuneração, reduzir minha carga horária de trabalho a apenas um turno e poder estudar e conseguir um emprego melhor.

Fui aprovada, porém, fui chamada para ministrar aula no Ensino Fundamental II, na zona rural do Perímetro Irrigado, localizada a 10 Km de distância da sede do município. A prefeitura oferecia o transporte para os professores, embora se faça necessário dizer que foi uma experiência cativante e enriquecedora, trabalhar em uma escola do campo, onde trabalhei na Educação de Jovens e Adultos e no Ensino Fundamental II de 6º ao 9º ano, com as disciplinas de Ciências e História. Nesse mesmo tempo, prestei seleção para professor provisório no Departamento de Educação/CAPF/UERN.

A experiência como professora universitária foi um “divisor de águas” (JOSSO, 2010) em minha profissão. Trabalhar com meus antigos professores, poder partilhar momentos de descontração na hora do cafezinho no intervalo, as reuniões departamentais e as discussões didático pedagógicas, foram de grande aprendizado e identificação pro-

fissional, o que definiu meu objetivo de vida; ser professora universitária.

Seguindo o ritmo, no ano de 2010 prestei concurso para Professora Efetiva do Departamento de Educação CAPF/UERN (40h) na área de Prática Pedagógica e Didática e para Enfermeira da Unidade Básica de Saúde da Prefeitura Municipal de Pilões/RN (30h). Fui aprovada nos dois concursos, mas escolhi trabalhar como professora universitária, pois além da inegável identificação com o trabalho a ser desenvolvido, tinha algumas vantagens, pois já acumulava uma especialização em Psicopedagogia (*lato sensu*) e outra em Literatura e Estudos Culturais (*lato sensu*) - CAPF/UERN, bem como a remuneração era significativa para minha realidade financeira na época. Assim, assumi em 23.02.2011 e, logo em seguida, pedi exoneração do cargo de professora do Município de Pau dos Ferros, porque queria estudar, investir na minha formação, além de ter conseguido aprovação na seleção para Dedicação Exclusiva da UERN.

Ser professora da educação superior me fazia querer cada vez mais dar continuidade a formação continuada, mas para cursar mestrado em uma cidade distante precisava me ausentar do lar e da criação dos filhos. Nesse contexto, cursar um Mestrado em outra localidade, era precisar viajar semanalmente para assistir aulas e voltar para dar aulas em Pau dos Ferros/RN. Seria um conjunto de esforços (físico, mental, organização do tempo, transporte, etc) que, ao analisar, pensava não ser viável.

Mesmo assim, fiquei sabendo que a Faculdade de Educação/FE, do *Campus* Central da UERN estava elaborando uma proposta de Mestrado em Educação. Então, passei a entrever uma possibilidade de cursar o Mestrado

em serviço, já que Mossoró está localizado a uma distância razoável, que favorecia o traslado semanal entre Pau dos Ferros e Mossoró, Mossoró e Pau dos Ferros. A partir de então, fiquei atenta ao processo de tramitação e criação do Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da UERN.

O Curso de Mestrado em Educação, ofertado pelo POSEDUC/UERN, foi aprovado/ recomendado pela CAPES, com conceito 3, em março de 2011, implementado em abril e as aulas da primeira turma iniciaram em setembro do mesmo ano. Desta forma, tive a alegria e o privilégio de ser aprovada nessa seleção para iniciar mais um percurso formativo, objetivando atender as demandas e necessidades formativas inerentes ao desenvolvimento da prática pedagógica da docência no Ensino Superior. O curso, em seus documentos, deixa claro que pretende:

399

[...] empreender um exercício de reflexão e de crítica sobre processos formativos que envolva os sujeitos nos espaços escolares e não-escolares, pensando numa inserção mais acurada desses sujeitos na realidade que os cerca e tomando como referência o fato de que essa realidade jamais estará desvinculada do legado cultural que os constitui enquanto sujeitos produtores históricos de sentido e de práticas sociais. (POSEDUC/UERN, 2021).

Com essa perspectiva de valorização do pensamento crítico-reflexivo, e compreendendo a educação como uma prática social que promove a formação de cidadãos atuantes e comprometidos com a mudança e a transformação para uma sociedade justa e igualitária, o curso de mestrado em educação objetiva:

[...] formar pessoal qualificado para o exercício de atividades de ensino e pesquisa no campo da Educação, oferecendo oportunidades de formação acadêmica para alunos egressos da licenciatura em Pedagogia, dos cursos normais superiores e de formação de professores, bem como de áreas afins (POSEDUC/UERN, 2021).

O POSEDUC visa a formação de sujeitos que buscam novas possibilidades de construção e apropriação de novos saberes que, ao serem mobilizados em seu fazer pedagógico, promovam aprendizagens que conectem os conhecimentos acadêmicos e científicos e a vida cotidiana para ajudar a compreender a realidade complexa na qual vivemos. Por conseguinte, o curso de mestrado em destaque:

[...] tem como área de concentração Processos Formativos em Contextos Locais, com as seguintes linhas de pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente, Políticas e Gestão da Educação, e Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. (POSEDUC/UERN, 2021).

400

Ressalto que optei por ingressar na linha de pesquisa “Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente”, por compreender que essa linha iria contribuir na ampliação do conhecimento na minha área de atuação na universidade, a saber: Prática Pedagógica e Didática, na qual atuo até os dias atuais. As aulas da linha de pesquisa escolhida me possibilitaram a revisão das teorias, a reflexão crítica, a construção de novas teorias e saberes necessários para a atuação docente no Ensino Superior, bem como a possibilidade de consolidar o meu trabalho como pesquisadora na minha instituição de trabalho.

Considero que a formação em serviço me proporcionou “reflexão sobre a ação”, a “reflexão na ação” e a “reflexão sobre a reflexão na ação” (SCHÖN, 2000). Compreendo que “reflexão sobre a ação” consiste em pensarmos retrospectivamente sobre o que fizemos, almejando descobrir como nosso ato de conhecer pode ter contribuído para um resultado planejado e/ou inesperado. A “reflexão na ação” consiste em refletirmos no meio da ação, sem interrompê-la, nosso pensamento nos conduz a dar nova forma ao que estamos fazendo e no momento em que estamos fazendo, possibilitando interferir na situação em desenvolvimento. Diferentemente, a “reflexão sobre a reflexão na ação” repousa no ato de pensar sobre a reflexão na ação passada, consolidando o entendimento de determinada situação e, desta forma, possibilitando a adoção de uma nova estratégia. Para esse teórico o sujeito aprendente:

401

[...] tem que enxergar, por si próprio e à sua maneira, as relações entre meios e métodos empregados e resultados atingidos. Ninguém mais pode ver por ele, e ele não poderá ver apenas ‘falando-se’ a ele, mesmo que o falar correto possa guiar seu olhar e ajudá-lo a ver o que ele precisa ver” (DEWEY apud SCHÖN, 2000, p.25).

É incontestável que os conhecimentos são mais significativos quando o aprendente em formação continuada, já atua em sala de aula. A reflexão prático-teórica sobre a própria prática alicerçada na análise, na compreensão, na interpretação e na intervenção sobre a realidade vivenciada no trabalho docente, desenvolve a capacidade de gerar conhecimento pedagógico por meio da prática. (IMBERNÓN, 2002).

Entendo que a formação docente é um processo contínuo e que requer uma caminhada investigativa sistemática e dialógica, pois os desafios postos pelos movimentos sociais, políticos e econômicos exigem um novo olhar para a prática pedagógica dos professores. Posso afirmar ainda que em todo meu percurso formativo, o gosto pelo estudo, a vontade de ampliar meus conhecimentos e crescer profissionalmente me sustentou, visto que a rotina era muito cansativa. Essas lembranças me remetem aos versos do poema “Com licença poética” da escritora Adélia Prado:

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
Está espécie ainda envergonhada. [...]
Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
Já a minha vontade de alegria
Sua raiz vai ao meu mil avô
Vai ser coxo na vida,
é maldição pra homem. **Mulher é desdobrável. Eu sou** (grifo nosso).

A mulher tem essa característica inegável de ser “desdobrável”, se desdobrar em múltiplos papéis, de mãe, esposa, dona de casa, mulher, filha, pessoa, estudante e profissional com vontade e determinação. Ainda desses momentos vividos, preciso relatar que guardo uma significativa memória afetiva da convivência e interações com alguns professores e com os colegas em sala de aula. Conheci muitas pessoas, algumas com histórias parecidas com

a minha, outras não. Tudo em meio a inúmeras trocas de informação, conhecimento e momentos de aprendizagens. Lembro, com muito carinho, dos momentos de descontração, das confraternizações partilhadas, das amizades construídas, das quais algumas perduram até hoje.

Os conhecimentos e práticas desenvolvidos na formação continuada *stricto sensu* e na vivência em sala de aula, tornam-se relevantes, na medida em que o ensino é uma atividade complexa, contextualizada, muitas vezes, imprevisível e que demanda escolhas éticas e políticas, que tem como base a sensibilidade da experiência e a indagação teórica; ele emerge da prática (refletida) e se legitima em projetos de experimentação reflexiva e democrática do processo de (re)construção das práticas institucionais. Além disso, esse processo formativo deve estimular o professor a entender a prática educativa como forma de aprender.

403

Muito embora o educador e o educando sejam diferentes entre si, “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1997, p. 23). Não existe docência sem discência; as duas se explicam e os sujeitos envolvidos, apesar das diferenças que possuem, não se reduzem à condição de objeto um do outro: quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1997)

No entanto, não podemos deixar de abordar a falta de políticas públicas de formação para o professor da educação superior, que contemple os saberes específicos da prática docente, através de uma formação para os processos de ensino aprendizagem da docência no ensino superior. O professor universitário constrói sua identidade docente a partir das vivências familiares, dos modelos de

antigos professores e da própria experiência autodidata, além das trocas com colegas de profissão e do retorno dos estudantes.

Como forma de singrar essa lacuna, os programas de pós-graduação *stricto sensu* acabam assumindo o papel de formação para a docência no Ensino Superior, pois é caracterizado pela preparação, por meio do desenvolvimento de conhecimentos teóricos e instrumentais da atividade de pesquisa e de produção de conhecimento, com apropriações referentes ao campo científico de atuação docente.

Dentre muitas coisas, minha experiência na pós-graduação *stricto sensu*, me revelou que precisamos aprender as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática profissional, o que pode nos tornar mais seguros no desempenho da profissão, para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. A minha pesquisa/dissertação “Estágio Supervisionado: necessidades formativas do curso de pedagogia”, contemplou os campos investigativos da formação inicial e as necessidades formativas no estágio supervisionado. Nela, tomamos como objeto de pesquisa, o Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia, componente curricular considerado de grande importância como referência às práticas de ensino e ao efeito que elas têm sobre o professor em formação. Entendemos que o estágio proporciona ao aluno futuro professor, as primeiras experiências com atividades relacionadas à profissão, ajudando-o a conhecer e a interagir com a realidade fora da universidade (CALDAS, 2013).

Quanto às necessidades formativas, analisá-las é produzir mudanças pessoais, profissionais e sociais, levando-se em consideração os limites e as possibilidades próprios do contexto que se apresenta, porque os indivíduos são

seres históricos e sociais, capazes de comparar, valorar, intervir, escolher, decidir e romper. Por tudo isso, “[...] só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição entre nós para ser” (FREIRE, 1997, p. 36-37).

A perspectiva do “estar sendo”, se torna uma condição *sine quan nom* de um processo contínuo de desenvolvimento pessoal e profissional, e foi partindo dessa compreensão, que em abril deste ano, conclui o Doutorado em Letras/PPGL/UERN, com um trabalho de pesquisa/tese, “No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros”, em que defendo a tese de que as experiências dos professores aposentados do Curso de Pedagogia do DE/CAPF/UERN, reveladas através da memória e da oralidade, contribuem para a construção da história da educação de nível superior na região do Alto Oeste Potiguar, pois possibilitam (re)construir e compreender cientificamente os processos de formação dos primeiros professores universitários da cidade de Pau dos Ferros/RN (CALDAS, 2021).

Para esses professores aposentados, a formação e o Desenvolvimento Profissional Docente é um processo, está sempre em projeto, vai se configurando no decorrer das trajetórias individuais que se fazem socialmente, de modo a contribuir para a profissionalização, debate e democratização das experiências de professores formadores e de futuros professores. Por meio das narrativas, é possível interpretar um fragmento da história social, partindo da subjetividade de uma história individual, pois o rememorador, ao mesmo tempo que faz aparecer a imagem de si, faz aparecer a imagem de seu grupo, de seu meio e de seu tempo. (CALDAS, 2021)

Com esse trabalho, dou continuidade a verticalização dos meus estudos sobre formação e desenvolvimento profissional docente, destacando que pensar a formação de professores impõe, por um lado, considerar as inquietações vivenciadas pelos sujeitos nos processos formativos em diferentes tempos e em várias perspectivas, bem como reconheço a necessidade de proporcionar um contínuo diálogo entre a formação e realidade das práticas relacionadas ao processo de ensino aprendizagem.

Destarte, ao considerarmos as concepções sobre a formação, compreendemos que toda formação encerra em um projeto de ação pessoal e/ou profissional (CALDAS, 2013). Para mim, a educação sempre representou a possibilidade de transformar minha vida e minha carreira profissional.

406

O curso de Mestrado em Educação POSEDUC/UERN me proporcionou a ampliação de saberes desenvolvidos ao longo do processo de formação e das experiências vividas na docência, assim como contribuiu amplamente para a construção de novos saberes e habilidades necessárias ao exercício da docência de forma crítico reflexiva, autônoma, possibilitando o desenvolvimento de maturidade intelectual, além de proporcionar aprendizagens sobre a pesquisa científica e o fazer-se pesquisadora em um ambiente de trabalho, que tem como tripé o ensino, a pesquisa e a extensão.

Quero registrar que a oportunidade de recordar meu percurso formativo foi uma experiência gratificante e muito prazerosa, pois “não fazemos a narrativa de nossa vida por que temos uma história; temos uma história por que fazemos a narrativa de nossa vida” (MONBERGER,

2014, p. 35-36). Sem dúvidas, essa atividade possibilitou (re)significar minha história e fortalecer minha identidade profissional docente, ao me reconhecer como uma professora que ama o que faz.

Além disso, enfatizo que os lugares onde a memória permanece são dignos de registro, são lugares em que o sentimento de continuidade é evidente, eles articulam presente e passado, eles nascem e vivem do sentimento de que não há só uma memória espontânea, de que é preciso criar registros materiais que personifiquem o passado no presente de forma que sua história não seja esquecida, esfacelada (CALDAS, 2021). Sem dúvidas, o POSEDUC/UERN é um lugar de memória, portador de uma história que revela sinais de reconhecimento e pertencimento de um determinado grupo social. Por último, de todo esse relato pessoal e profissional, do tempo de formação e desenvolvimento profissional vivido, quero deixar registrado a letra da música “Me revelar” de Zélia Duncan, que expressa muito bem os meus sentimentos nessa tarefa de recordar:

407

[...] Tudo aqui quer me revelar.
 O que eu digo, o que afirmo,
 Onde eu gosto de ficar.
 [...] Tudo aqui quer me revelar.
 O que eu procuro,
 O que eu rejeito,
 O que eu nunca vou recusar
 [...] Tudo aqui quer me revelar.
 O que me preocupa,
 O que me ajuda,
 O que eu escolho para amar.

Referências

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS, Iandra Fernandes Pereira. *Estágio Supervisionado: necessidades formativas do Curso de Pedagogia / Mossoró, RN*, 2013. 127 f.

CALDAS, Iandra Fernandes. *No tear do tempo, tecer memórias, (re) contar histórias de professores aposentados do curso de Pedagogia da UERN de Pau dos Ferros*. / Pau dos Ferros, RN, 2021. 294p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. 2.ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto) biografia & Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida).

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 4ª. ed. 3ª imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOMBERGER, Christine Delory. *As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2006.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/POSEDUC; UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/UERN. *Apresentação*. Disponível em: <https://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao>. Acesso em 26 out. 2021.

SCHÖN, D.A. *Educando o Profissional Reflexivo*: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. 3. ed. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SOMOS O QUE CONTAMOS: MEMÓRIAS DE MINHA FORMAÇÃO, GRADUAÇÃO E INGRESSO NO POSEDUC/UERN

Selma Mendonça Bezerra¹

Exatamente assim é que me sinto: com as mãos atadas pelo que hoje sou, condicionada pelo meu presente, é que procuro narrar um passado que re-faço, re-construo, re-penso com as imagens e ideias de hoje (SOARES, 2001, p. 40).

410

Esta narrativa é oriunda do resgate das memórias de minha formação universitária a partir do ingresso no curso de Pedagogia da Universidade do Estado Rio Grande do Norte. Tem como finalidade refletir e compreender acerca da minha formação acadêmica, que inclui mudanças na metodologia de trabalho e no meu olhar como educadora. De modo geral, enfatizo o curso de Pedagogia e o Mestrado Acadêmico no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). Resgato os contextos social, político, econômico e cultural em que estive inserida, refletindo sobre o período da minha formação universitária e relacionando-o com as vivências na carreira profissional.

Considerando que foi com esta experiência que passei a assumir uma nova postura como educadora, tanto no planejamento das minhas ações pedagógicas como no

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente da rede pública municipal de Mossoró-RN. E-mail: selmamendonca@alu.uern.br

relacionamento professor/aluno e no tocante ao processo de avaliação, não pude deixar de destacar as memórias do meu ingresso no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN). Ter clareza de como me fiz e me faço mestranda, buscando vivenciar os conhecimentos por intermédio do Mestrado Acadêmico na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, servirá para que eu me conscientize a respeito da grande repercussão que esse fato teve no meu cotidiano profissional e na minha formação acadêmica como pesquisadora principiante.

O tempo, o espaço, a economia, a política, a escola e a sociedade, de um modo geral, são fatores que determinam, consideravelmente, a formação das pessoas. No intuito de compreender a interferência desses fatores na minha formação profissional e acadêmica, apresentarei e discutirei esse trajeto dentro de cada contexto vivido. Para fazer o estudo histórico das concepções de ensino, dos aspectos legais e dos contextos político-econômico e social em que estava inserida, busquei, como referencial teórico, autores como Soares (2001), Freire (1996), Passeggi (2010), Santos (2021), bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que rege a educação (BRASIL, 2020).

Ao ingressar no curso de Pedagogia, os conhecimentos foram construídos paulatinamente, por meio das leituras, das explicações/orientações dos professores e, sobretudo, das interações com outros alunos, tudo com muita sutileza. Reaprendi a ler quando comecei a entender que precisamos focar nas entrelinhas de um texto, onde jaz a essência das ideias. Diante disso, compreender os textos dos teóricos foi difícil e exigiu dedicação aos estudos, entre-

tanto foi um importante progresso para minha formação. Como se engatinhasse novamente, dessa vez, nas leituras, percebi-me sendo alfabetizada mais uma vez, agora em um outro nível de conhecimento. Tudo isso veio a refletir significativamente na minha prática docente, posto que, para participar do referido curso, era necessário estar atuando na docência.

O curso de Pedagogia foi criado pela UERN logo depois da aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional², Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, denominada “Lei Darci Ribeiro³”. A referida lei traz em seu teor diretrizes que estabelecem o seguinte:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (Redação dada pela Lei n. 13.415, de 2017) (BRASIL, 1996, Art. 62).

Com essa nova lei e a exigência de a formação mínima para o exercício do magistério ser em licenciatura plena, ingressei na segunda turma de um curso de Pedagogia com habilitação para o ensino fundamental. O curso era organizado com horário diferenciado do já existente na instituição, previsto para ser concluído em três anos corridos. Assim, teve início em 1997 e fim em 2000.

Desse modo, a minha prática docente vinha sendo aliada às teorias estudadas na licenciatura acima citada,

² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 04 jul. 2021.

³ Homenagem póstuma ao educador e político brasileiro, que foi um dos principais formuladores dessa lei.

contribuindo para a melhoria do meu fazer pedagógico. Reporto-me ao pensamento de Soares (2001, p. 37), quando afirma: “Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora”.

Com o tempo e as mudanças na sociedade, comecei a sentir necessidade de aprimorar os meus conhecimentos. Atentei-me de que não devemos parar, ficar inertes, pois o conhecimento se renova a cada momento da existência e precisamos persegui-lo, onde quer que esteja. Nesse pensamento, comecei a preparar-me para ingressar no mestrado e, por duas vezes, tentei entrar no POSEDUC (UERN), inicialmente, como aluna especial e depois como aluna regular, porém, sem sucesso em ambas as seleções. Precisava de uma melhor preparação, procurar um tema relevante para estudo, buscar fazer leituras mais consistentes, começar a produzir trabalho acadêmico e participar de eventos para conhecer a sistemática dessa nova etapa.

Após as tentativas de insucesso, no ano de 2019, produzi um trabalho para apresentar no VI Simpósio de Pós-Graduação em Educação (SIMPOSEDUC), com o seguinte título: “CONSELHO ESCOLAR: ATRIBUIÇÕES DO PRESIDENTE DE ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE MOSSORÓ-RN”. Este foi o meu primeiro contato com o programa. Foi muito significativo para o meu progresso intelectual, pois entrei em contato com apresentações e discussões ricas e bem fundamentadas. Nesse simpósio, conheci a minha futura orientadora. Com seu jeito simples de expressar conhecimento e se fazer entender, senti-me acolhida. Com isso, foi aguçado em mim o desejo de fazer parte desse universo cultural. O mister de diálogos envolventes postos em cada temática apresentada despertava um desejo imenso.

Algum tempo depois, fui convidada por uma amiga para participar de uma formação do projeto de extensão do POSEDUC intitulado “Formação dos Conselheiros Escolares e Empoderamento”. Seu objetivo geral era analisar as contribuições da formação continuada dos conselheiros escolares, na perspectiva de viabilizar uma atuação participativa e autônoma no âmbito dos Conselhos Escolares nas escolas públicas municipais de Mossoró-RN.

Os encontros eram coordenados pela professora Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros, com a participação de outros docentes do POSEDUC e das mestrandas em curso. Foram encontros, conversas e debates enriquecedores para ponderar a problemática de minha pesquisa. Esses encontros me proporcionaram reflexões pertinentes para a construção do trabalho.

A formação acontecia na Escola Municipal Monseñor Mota, localizada no Conjunto Abolição I. Foi um importante passo para sistematizar as ideias e começar a enveredar no eixo voltado para as políticas públicas da educação. Nela, aconteceram os primeiros rabiscos de um possível projeto de estudo e pesquisa para o mestrado. Nesse momento, baseei-me nos textos, nas discussões e nas explicações com os quais entrei em contato durante o percurso da formação. Pensando também nas experiências vivenciadas no conselho da escola, o maior desafio foi pensar em um tema que fosse considerado inovador e despertasse o interesse da orientadora, sobretudo, que estivesse dentro de sua linha de estudos e pesquisas em curso, uma vez que a professora escolhida para a orientação somente dispunha de uma vaga. Todos esses fatores me direcionaram para a produção do projeto na linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação.

No intuito de me apropriar dos estudos e das pesquisas da referida professora, visitei seu *lattes* e selecionei alguns trabalhos para nortear o referencial teórico, assim como a linha de pensamento da possível investigação. De posse desses conhecimentos, pus-me a criar o projeto de pesquisa. Concomitantemente com os acontecimentos da formação de conselheiros, surgiu a pandemia provocada pelo novo coronavírus (COVID-19), uma situação nova para se pensar dentro desse novo contexto.

Considerando o momento atual e as vivências em Conselhos Escolares, nasceu a problemática do projeto: “Como o Conselho Escolar de escolas periféricas de Mosso-ró-RN contribuem, no contexto da pandemia, para exercer o papel democrático e participativo?” Esse problema resultou inicialmente no título “CONSELHOS ESCOLARES NO CONTEXTO DA PANDEMIA: DESAFIOS NA DEMOCRATIZAÇÃO ESCOLAR”. Foi o início do meu processo de escrita visando a concretização de um sonho possível. No entanto, com a situação de crise sanitária mundial e o fechamento das escolas, no sentido de resguardar a vida de todos, o projeto de extensão acima mencionado teve uma pausa, retornando de forma virtual para os dois últimos encontros, em dezembro de 2020.

Em março de 2020, a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC) publicou o Edital n. 002/2020, para o processo de seleção do mestrado, com todas as orientações e sugestão de bibliografia. Vibrei com a oportunidade de estudar mais. A prova escrita estava prevista para acontecer em abril do mesmo ano, mas foi adiada em virtude da intensificação dos casos de COVID-19 e do consequente número de óbitos pelo mundo inteiro,

o que não poderia ser diferente em Mossoró-RN, com todos os leitos dos hospitais ocupados e o elevado índice de mortes. Em setembro, foi publicado o Edital 06/2020, informando que a prova escrita seria realizada na modalidade a distância e os candidatos teriam um tempo de 24 horas para responder e enviar por e-mail para a coordenação do mestrado.

Confesso que a persistência no meu objetivo era constante, mas o surgimento da pandemia, o isolamento social e as aulas remotas ocasionaram mudanças repentinas, as quais eu não esperava. Porém, aconteceu algo bom em meio ao caos mundial das doenças e das mortes de amigos e conhecidos: a minha aprovação na seleção da prova escrita do mestrado e, posteriormente, no projeto de pesquisa. Deparei-me com uma novidade, que foi a defesa do projeto de pesquisa, seguida de uma entrevista, mas, mesmo assim, consegui ser aprovada, para minha alegria e realização.

Contudo, não foi possível o ingresso no Programa em 2020, pois as vagas desse ano foram remanejadas para o ano de 2021. Em uma deliberação colegiada, optou-se por fazer o replanejamento das vagas, porque havia docentes com novas vagas que surgiram em decorrência da saída de orientandos no ano 2020. Por essa razão, minha candidata à orientadora, que, a princípio, somente tinha uma vaga, para minha sorte, passou a ter duas e eu fui selecionada para a segunda. As dificuldades foram imensas, tendo em vista que as vagas eram poucas. No entanto, em nenhum momento, a fé me deixou desistir do meu foco, que era o tão almejado mestrado. Durante anos, entre idas e vindas nas folhas dos textos riscados e, muitas vezes, incompreendidos, pela falta do diálogo com os textos e pela minha

imaturidade diante dessas leituras mais densas, pude compreender que fazer pesquisa é um processo que requer leituras e muita persistência.

Ao ingressar no mestrado, entrei em contato com as disciplinas voltadas à linha de pesquisa Políticas e Gestão da Educação. A primeira disciplina cursada foi Gestão Educacional em Contextos Locais, ministrada pelo professor Dr. Allan Solano e pela professora Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros. Debateremos uma rica bibliografia, desde Dowbor (2016), Souza e Faria (2004), passando por Cury (2008), Martins (2005), entre outros. Outra disciplina foi Pesquisa em Educação, ministrada pela professora Dra. Marcia Betânia de Oliveira. Nessa disciplina, o objetivo era compreender a pesquisa científica e os trabalhos acadêmicos, relacionando-os aos princípios éticos, bem como discutir os estudos e as pesquisas de renomados teóricos. Na disciplina Educação e Cidadania, com o professor Dr. Hélio Júnior Rocha, estudamos Morin (2003, 2001), Santos (2002, 2020), Canclini (2003), entre outros autores.

417

Vivenciei todos os conhecimentos por meio de leituras, debates, seminários e produções acadêmicas, participando semanalmente do grupo de orientações *on-line* via *Google Meet* e *WhatsApp*, momento de ricas conversas, leituras e apresentações de trabalhos. No referido grupo, temos a oportunidade de compartilhar nossos escritos para serem lidos, de modo que as colegas trazem sugestões para contribuir. São momentos únicos de aprendizado e partilha, dos quais participo com dedicação e exímia, já que sou principiante na pesquisa.

As disciplinas ministradas no formato remoto oportunizaram momentos de grandes construções no processo de ensino e aprendizagem. É fundamental entender os

estudos dos teóricos, conhecer as particularidades de cada pesquisa apresentada e, ao mesmo tempo, pensar criticamente, organizando as ideias que, em alguns momentos, ficam completamente desequilibradas, para logo se realinhar e, então, começar a entender. Não é fácil, mas é muito significativo e prazeroso aprender, bem como viver cada momento ciente de uma dádiva recebida.

Vivenciamos um momento de crise sanitária devido à contaminação do novo coronavírus (COVID-19), cientificamente nomeado Sars-cov-2, sendo necessário nos isolar uns dos outros, o que faz todos repensarem a forma de viver. A esse respeito, Santos (2020, p. 6), em seu livro *A cruel pedagogia do vírus*, aponta o seguinte pensamento:

Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. Não serão possíveis outras?

Pensar a pandemia nessa perspectiva de comunhão planetária é rever todos os conceitos vividos até então. De repente, essa situação nos obrigou a uma adaptação ao novo jeito de viver, de estudar, de ensinar, recorrendo, para tanto, às ferramentas digitais, como *Portable Document Format* (PDF), *Google Sala de Aula* e *Google Drive*, *Telegram*, de interagir com as pessoas por intermédio de uma tela e, ao mesmo tempo, de conviver com as quedas constantes na internet, driblando tudo isso, sobrevivendo

e aprendendo com o distanciamento social, com o medo da COVID-19 e com as perdas de entes queridos. A esse respeito, Passeggi (2010, p. 123) traz questionamentos interessantes, quando salienta:

Quero crer que compete a cada um debruçar-se sobre sua historicidade para compreender como vão acontecendo os processos de transformação permanente: os das representações de si e do outro, e o das representações das coisas nas paisagens e o das paisagens sobre as coisas.

Por conseguinte, debruçarmo-nos em nós mesmos e tentarmos compreender nossa história de vida e nossas experiências nas conquistas e nas perdas constituem um ato histórico importante. Com os estragos causados pela pandemia, podemos apontar o lado bom: entre as vantagens, podemos citar o benefício a nosso favor, que é a possibilidade de participar remotamente de congressos nacionais e internacionais, o que talvez não fosse possível para algumas mestrandas no formato presencial, em especial no meu caso. As demandas estão sendo intensas, porém gratificantes e enriquecedoras, jamais aprendemos tanto, por meio do *home office* e das aulas *on-line*. Contudo, a dificuldade para administrar o tempo com os estudos e o trabalho docente, todo um universo acadêmico, tem sido um desafio constante, ainda assim, perfeito para quem tem sede de conhecimentos e se descobre bebendo dessa fonte. Em cada nova aula do mestrado, há um novo conhecimento, uma descoberta, um aprendizado novo, importante para nossa formação.

Tomando como base os conceitos apresentados e discutidos, ciente da possibilidade de melhoria para a pro-

posta de pesquisa e tentando aprimorar e aproximar o objeto de estudo dos objetivos planejados, consideramos importante redefinirmos o título do projeto em andamento, adequando-o para “ATUAÇÃO DOS PRESIDENTES DE CONSELHOS ESCOLARES NO CONTEXTO DA PANDEMIA EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE MOSSORÓ: CONTRIBUIÇÕES PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA”. Com a definição desse novo título, ressignificamos os objetivos pretendidos. De acordo com o pensamento de Freire (1996, p. 32): “Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Realmente, o conhecimento é algo possível de se alcançar quando nos propomos a estudos e pesquisas e dedicamos atenção e tempo para isso. Desse modo, para quem cursa mestrado e almeja êxito, urge a necessidade de renunciar a algumas horas de sono e lazer, para fazer as atividades que são inerentes a um mestrado acadêmico.

Esse processo requer entendimento, trocas e envolvimento. Ser perfeito já não é suficiente para desvelar os momentos de construção. Na oportunidade, estive como partícipe no “Projeto de Formação dos Conselheiros Escolares” (PROFCE), sob a coordenação da professora Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros, como plateia em alguns módulos e, em outro momento, como formadora, discorrendo sobre “Conselho escolar e qualidade do ensino em tempos de pandemia”. Foi uma importante formação do projeto de extensão. Nas discussões travadas durante os encontros de formação, a maioria dos participantes interagiu trazendo suas angústias e suas conquistas nas experiências com o colegiado escolar, ao mesmo tempo enfatizando dentro

de suas ações as funções exercidas para a qualidade da educação oferecida.

Descrevo novamente os encontros virtuais de orientação como momentos de rico aprendizado e troca de conhecimentos, inspirados nas diretrizes da nossa orientadora, a qual é Doutora em fazer educação com competência e vem dedicando longos anos para a ciência e a prática de apontar caminhos. O aprendizado vai acontecendo a partir dos ensinamentos da orientadora, que nos conduz a fazer o melhor a cada leitura e escrita. Aprendemos também com as mestrandas concluintes, ao compartilharem suas pesquisas em fase final, a insegurança e o nervosismo, que são naturais nesses momentos, principalmente por ser principiante.

O progresso do projeto de pesquisa em construção está sendo, em todos os momentos, pensado e reconstruído, principalmente nos diálogos, considerando os aspectos teóricos e empíricos estudados. Nas acaloradas trocas no grupo de orientação coordenado pela orientadora, discutimos as leituras, trazemos nossas ideias, nossas dificuldades e indecisões, como também o entendimento do processo para redefinir o nosso objeto de estudo, visando atender as ideias pensadas nesse sentido.

Ao relatar as memórias da minha formação e do meu encontro com o POSEDUC/UERN, compreendo que foram fundamentais para meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Passeggi (2010, p. 123) afirma que “a narrativa serve para justificar, mesmo o injustificável, e chegar com ela ao equilíbrio perdido. Contar sua história significa assim dar forma ao que antes não tinha”. Nesse sentido, vejo-me aqui narrando o momento presente enquanto mestranda do referido programa, fazendo-me entender a superação

de todas as expectativas iniciais, sobretudo, quando me envolvi nos projetos de extensão, como PROFCE e TRILHAS COM PESQUISA.

Esse envolvimento foi estimulante, uma vez que participar dos eventos científicos (seminários, simpósios ou conferências) me proporcionou momentos prazerosos de aprendizado, além dos grupos de estudos e pesquisas, que vêm possibilitando troca de saberes fundamentais à minha formação, e das verdadeiras amizades nascidas de um tempo remoto, as quais guardarei para sempre na memória e no coração, esperando um dia poder conhecer pessoalmente todos os professores e novos amigos do programa, visto que nutrimos imenso respeito e afeição, fundamentais nessa construção, sobretudo, em tempos de pandemia e afastamento social, quando estamos suscetíveis a fragilidades emocionais.

422

Há ainda aqueles professores cujo nosso primeiro contato se deu por meio de uma tela, em que todos, cada um de um jeitinho especial e próprio, vêm trazendo grandes contribuições na construção dessa história, embora tenhamos nos conhecido apenas remotamente. No entanto, fica nítido que estamos todos nos doando com vistas a construirmos o que existe de melhor em cada um de nós.

As reflexões construídas me possibilitaram vislumbrar a importância da minha narrativa de vida, como um jeito de entender a ampla conjuntura espacial e temporal na qual estamos inseridos e o quanto tem sido significativo para meu processo formativo trilhar os caminhos da ciência e saber que, enquanto há um sopro de vida, podemos (re)construir e aprimorar. Para tanto, faz-se necessário ter muita força de vontade, coragem e disponibilidade, no sen-

tido de enfrentar os desafios e superar os obstáculos encontrados nessa trajetória.

Referências

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 4 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista. *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

423

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SOARES, Magda. *Metamemórias-memórias: travessia de uma educadora*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

QUANDO MEUS PASSOS CAMINHAM ENTRE TRAJETÓRIAS, NARRATIVAS E AUTOBIOGRAFIA

Sérgio Ricardo Moura Mendes¹

Esta narrativa (auto)biográfica é parte de uma pesquisa de mestrado intitulada: Narrativa (Auto)Biográfica de um professor que leciona o ensino religioso, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na linha de pesquisa: Prática Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão.

424

Reencontrei-me na leitura, nas pesquisas e nos projetos de mim e do outro. Já sentia que estava pronto para uma nova trajetória em minha vida e vivenciava isso nos projetos construídos no chão da escola, que abordavam o protagonismo e o empoderamento do educando na escola. Então, dialogando com professores da Escola Municipal Professor Manoel Assis, onde trabalho, fiquei ciente de um edital do Programa ABDIAS/UFERSA, voltado ao desenvolvimento acadêmico para quem deseja ingressar em um futuro mestrado, conhecido como pré-mestrado. Alguns professores da escola conseguiram entrar, inclusive eu.

Tive o privilégio de aperfeiçoar meus conhecimentos sobre como estudar referenciais teóricos, bem como organizar e realizar fichamentos das leituras, com o propósito

¹ Egresso do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: revsergiom@hotmail.com

de elaborar um pré-projeto. Tenho uma gratidão profunda pela professora Dra. Luciana Dantas Mafra, coordenadora do curso e minha orientadora do pré- mestrado, e pela professora Dra. Maíra Emelly Vieira, professora do curso Abdias - Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento -, que esteve pacientemente orientando e corrigindo o pré-projeto por várias vezes.

Tive a oportunidade de enviar o pré-projeto para a seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação (PO-SEDUC-UERN). Estava literalmente envolvido com o projeto e passei manhã, tarde e noite lendo artigos e dissertações para finalizar o pré-projeto. Foi algo tão intenso que fiquei enfermo e tive que ir ao médico. Conforme ultrassonografia da região, fui diagnosticado com tenossinovite, o que, segundo o médico, ocorre pelo fato de não ter descansado os músculos da mão e pelo esforço repetitivo na digitação. Por isso, tive que tomar medicação intravenosa na unidade de pronto atendimento.

425

Durante o desenvolvimento da escrita, fiquei envolvido com o trabalho. No exercício de minha autocrítica, percebia a dificuldade do distanciamento que eu teria que ter ao investigar o objeto e considerar os seus erros e acertos. O título do pré- projeto era “O protagonismo cotidiano na escola municipal de Mossoró: um entrelace entre práticas educativas e possibilidades emancipatórias”.

O problema de pesquisa do pré-projeto estava relacionado ao sistema educacional no Brasil, que se organiza a partir de orientações e diretrizes governamentais que fundamentam a prática pedagógica. Com suas equipes técnicas, formulam estratégias de orientação, com o propósito de executar calendários, regras, normas e currículos já previamente definidos, no intuito de formar o aluno para

o “exercício da cidadania” e sua qualificação para o trabalho, tendo por base o artigo 205 da Constituição Federal. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96), que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil, no Artigo 1º, §2º: “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

O questionamento do pré-projeto era ousado e amplo, ou seja, visava pensar como, diante desse cenário, o ambiente educacional prima por formar sujeitos para a atuação no mercado de trabalho, o que sobressai, muitas vezes, a necessidade de formação humana. Contudo, quando tudo já está posto, de que forma o aluno pode ser protagonista e autônomo, haja vista sua circulação no tempo e espaço já estar definida por parâmetros estabelecidos por lei?

426

Através dessa problemática de que as práticas educativas são postas por meio de uma cultura alienada, em que o estilo dos indivíduos nela inseridos se configura no fetichismo, levantamos algumas questões norteadoras, a saber: de que forma as práticas educativas podem contribuir para despertar nos alunos a consciência crítico-reflexiva com base na heterogeneidade? Na atual fase do capitalismo e do processo de alienação como instrumento de dominação, quais as possibilidades de práticas autônomas e emancipadoras nas escolas?

Consistia em uma pesquisa em construção e reconstrução. Lembro-me muito bem do desejo eurístico de analisar e compreender as narrativas e experiências subjetivas e plurais do educando no contexto do seu empoderamento. No dia da entrevista, tentei ficar tranquilo, mas confesso que me emocionei. As perguntas eram técnicas e, com base

no que eu tinha escrito a professora Dra. Normândia perguntou se teria algum problema caso houvesse a possibilidade de mudar o tema. Prontamente, respondi que não haveria problema nenhum. Saí da sala um pouco tenso, mas na certeza de que tinha feito o meu melhor.

No caminhar da viagem, passei em todas as fases do POSEDUC/UERN. São lugares educativos que nos ajudam em nossas habilidades e competências sociais. Minha alegria era enorme. Tive o privilégio de cursar no Mestrado a disciplina Práticas de Docência, com a Profa. Dra. Normândia de Farias Mesquita Medeiros e a Profa. Dra. Fátima Araújo de Oliveira. Nela, percebemos que teríamos que afilar o trabalho, pois havia muitas informações que, de certa forma, contribuíram, porém o sujeito ainda era uma incógnita. Essa dúvida enchia meu coração de indecisão e incertezas. Acerca dessa proposição, Josso (2006, p. 414) contribui, ao assegurar:

427

Os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação e dos diplomas referem-se, tanto a problemáticas de posicionamento na sua vida cotidiana e na sua ação em nossas sociedades em plena mutação [...] É por isso que todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros).

Nesses lugares educativos, temos a compreensão da natureza das próprias mutações. Conforme Josso (2007),

são esses dispositivos de formação que fazem aflorar preocupações existenciais dos aprendentes adultos. Desse modo, a formação apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que permeiam a vida social dos atores, de forma que se tornam porta-voz para assumirem problemas de grupos sociais que operam em suas vivências.

Durante a disciplina, era necessário rever os pré-projetos, realizar leituras e refletir sobre os direcionamentos. Era preciso ver a questão do sujeito, mas quem seria o sujeito? Essa era a minha angústia, de decidir entre o professor e o educando. De que forma a pesquisa poderá contribuir no processo de formação e (auto)formação do sujeito envolvido? De acordo com Ferreira (2002, p. 272), “rede de vários fios que se cruzam, que se rompem, que se unem, e dependendo do ponto de partida de cada texto se estabelecem diálogos e possibilidades”.

428

Foto 01 – Disciplina de Práticas Educativas - POSEDUC-
UERN



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Conforme leituras, reflexões e direcionamentos de minha orientadora, professora Dra. Normândia de Farias

Mesquita, cursei a disciplina de Mestrado Seminário de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Esta me ajudou muito, porque mergulhei nos escritos de Bondía, Bueno, Pollak, Clementino, dentre outros, que me encantaram pelo aroma dos seus escritos. As professoras responsáveis pela disciplina eram Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar e Dra. Giovana Carla Cardoso, as quais contribuíram também durante as discussões em sala de aula, o que, de certa forma, ratificou meu desejo em pesquisar sobre a reconstrução da minha história de vida e de minhas experiências, visando ligar, desligar e religar e nos permitindo refletir acerca da (auto)biografia, de minha liberdade de movimento e de minhas ligações formadoras, deformadoras e transformadoras (JOSSO, 2006).

Foto 02 – Disciplina do Mestrado: Seminário de Pesquisa- Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão

429



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As contribuições de Bondía ratificam minha paixão pela pesquisa (auto)biográfica, quando afirma que o sujeito, fabricado e manipulado pelo aparato da informação e

da opinião, é incapaz de experiência. É o que ele chama de periodismo, ou seja, a destruição da experiência pela opinião e pela informação. Essa leitura despertou o desejo de pesquisar minha própria vida, minhas experiências, os sabores e dissabores de uma viagem, por ter o estranhamento de minhas ações, que, por muitas vezes, foram fundamentalistas, tanto no campo social como no profissional. Trata-se de uma história de vida permeada por experiências de um professor que leciona ensino religioso. Em face disso, indago: essas experiências foram fabricadas, manipuladas, conscientes ou inconscientes? Na viagem investigativa, anseio por essas respostas. A respeito da experiência, Bondía (2002, p. 21) explicita:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência.

A informação é importante, pois é bom estar informado, mas informação com sabedoria. O que nos preocupava era a obsessão pela informação. Ser detentor de informações que provavelmente poderiam ser apenas letras mortas, letras frias, sem sentido, sem vida. Como dar sentido a esse desafio? Aceitamos o desafio com o direcionamento das leituras. Durante a viagem e o percurso das leituras, senti o aroma, o bálsamo que caía sobre a minha vida. Tive a experiência de ser transformado, de ser curado, de trazer à memória o passado como experiência de formação e (auto)

formação, de aprendizado, de aperfeiçoamento, de ser metamorfoseado. Nesse sentido, Bondía (2002, p. 21) aponta:

[...] exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido. Ou seja, não é somente “argumentar”, “calcular”, “raciocinar” como tem sido algumas vezes, mas é algo sobremodo excelente, é dar sentido ao que somos e o que nos acontece.

Dar sentido ao que somos pelas palavras e ao que nos acontece nos expondo é o diferencial da proposta da investigação. As experiências de um professor de ensino religioso, de mãos dadas com o educando, remetem-nos a possibilidades de saber pensar a educação a partir do par experiência e sentido. Narramos não somente o que é promissor, o que é válido, mas aquilo que não deu certo, como as angústias de não ter feito com esmero, como também as alegrias de ter alcançado vários indivíduos, os quais, em momentos de escuridão, encontraram luz para suas experiências, pois todas as experiências têm e fazem sentido. De acordo com Bueno (2002), quem narra a sua vida não narra a um objeto, mas, sim, a um indivíduo. Não é um relatório, mas experiências, evidências de caráter de intencionalidade comunicativa da narrativa autobiográfica.

Com orientações, discussões e direcionamentos das leituras, percebíamos a proposta de refletir sobre a experiência sentido/ação do professor e aluno, ou seja, sobre minha trajetória de vida como professor de ensino religioso, com doze anos de experiências dentro e fora de sala de aula. Então, pensávamos: de que forma a minha formação e (auto)formação contribuíram e de que forma essas expe-

riências facilitaram no processo de maturação e transformação dos sujeitos? As práticas de ação/sentido trouxeram reflexões e, conseqüentemente, ações de empoderamento para os educandos. O que eles narram?

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. O importante não é a maneira de oposição, imposição ou proposição, mas a forma de exposição. Nossa maneira de expormos, com tudo o que isso representa, traz vulnerabilidade e risco. De acordo com Bondía (2002, p. 25), “é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, acontece, sucede, toca, afeta, o ameaça, a quem nada ocorre”.

Referências

432

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, 2002.

BUENO, Belmira Oliveira. *O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade*. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2002.

FERREIRA, Norma Sandra. *As pesquisas denominadas “estado da arte”*. Educ. Soc., v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de história de vida. Educação. Porto Alegre/RS, ano XX, n.3, p.413-438. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. *As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras*. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2006.

RASCUNHOS DE SI: NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS (TRANS)FORMADORAS

Serjane de Queiroz Vale Dantas¹

Narrar sobre o percurso formativo da nossa própria história de vida é algo um tanto desafiador e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para se vivenciar e compreender o processo da formação percorrido até chegar no “lugar” e condição que atualmente nos encontramos. Aguiar (2015, p. 01) nos revela que “Cada autor ao narrar sua história abre-se para o conhecimento de si e do outro, abre-se para si, e ergue um caminho para abertura do outro”. Na perspectiva de fortalecimento dos vínculos e laços sociais, percebemos o quanto os outros são agentes fundamentais para compreendermos quem nós somos.

Importa ressaltar que as narrativas de formação não possuem apenas a finalidade de conhecer e revelar como se deu o nosso percurso formativo através das experiências ocorridas no transcurso da vida, mas é também um caminhar para a tomada de consciência e para o reconhecimento de que somos sujeitos ativos ou passivos na esteira da vida (JOSSO, 2004).

¹ Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora de Filosofia da Educação Básica do Estado do Rio Grande do Norte. É membro dos Grupos de Pesquisa “Educação, Memórias, (Auto) Biografia e Inclusão” (GEPEMABI/UERN) e Estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (GEPEPF/UFRN). E-mail: serjane@msn.com

As “marcas pessoais” (AGUIAR, 2015) que aqui apresento intentam traçar pequenos rastros dos caminhos trilhados desde o momento em que iniciei a vida estudantil na educação básica até o momento atual como aluna de pós-graduação. Simultaneamente ao tempo em que escrevo esta narrativa, busco compreender a mim mesma e refletir sobre os processos formativos e educacionais que foram/são construtores de minha subjetividade e identidade ainda em feitura; são experiências responsáveis pela escolha da docência e a configuração do desejo que me permitiu cursar o Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

434

O caminhar teve início quando emergi da bolsa uterina de mamãe aos vinte e nove (29) dias do mês de março do ano de 1979 na cidade de Caicó, Região do Seridó, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Norte. Sou neta de simples agricultores, a segunda a nascer do total de três filhos de Adnaldo e Linair, ambos funcionários públicos, meu pai agente bancário e minha mãe professora da Educação Básica. Agregada a muitos valores em nossa família, a educação formal começou desde cedo para meus irmãos e eu e, por essa razão, iniciei a vida escolar no ano de 1985 aos 05 anos de idade em colégio de freiras. Com a expectativa demasiada de aprender a ler e escrever, afirmo categoricamente: desde aquele tempo, fui enlaçada pela educação e nunca mais abandonei esse universo promotor de transformações que tanto acredito. Daquele ano até os dias atuais, consideráveis caminhos foram percorridos e conhecimentos diversos foram adquiridos tanto nos

espaços escolares e acadêmicos quanto nos espaços não formais.

Quando criança tive o desejo ingênuo de ser médica veterinária, acredito pela afeição que sempre senti pelos animais; porém, ao crescer, outras possibilidades surgiram em minha frente. Papai acreditava que eu seria enfermeira por constantemente tratar com cuidado de seus ferimentos decorrentes de quando o mesmo se machucava nas andanças pelo sítio ou até “jogando pelada”; mamãe idealizava que eu seria artista plástica por apresentar aptidões com as habilidades manuais. Mas eu, apesar de ouvir dos professores que “aluno dava muito trabalho”, me entusiasmava em ver minha genitora exercer o seu ofício com ares de satisfação, destreza e responsabilidade, do planejamento até o ato docente em sala de aula.

Ao final do ano de 1998 concluo os estudos na educação básica e tenho ciência de que adquiri alguns conhecimentos ofertados pela “grade curricular” da Base Comum, mas confesso que nas escolas por onde passei, pouca coisa aprendi sobre a vida, sobre mim mesma... Quem dera a escola de outrora abrisse espaços para as vozes e anseios dos estudantes, adentrasse em nossa realidade sociocultural, respeitasse os nossos saberes, instigasse o espírito criativo e investigativo, dialogasse conosco e nos compreendesse como sujeitos ativos e não como depósitos do saber de outrem (FREIRE, 2014, 2020). Tais fragilidades ainda hoje encontradas nas salas de aulas apontam para a necessidade formativa contínua dos professores mesmo após o período da graduação, situação que inúmeros profissionais da educação ainda não conseguem absorver e aceitar.

Com a ideia de dar prosseguimento aos estudos e me preparar para o mundo profissional na área da educação,

no ano seguinte, em 1999, realizei vestibular pelo Instituto Cardel Sales (ICS) para o curso de Filosofia, posteriormente assumido como Licenciatura pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e, dessa forma, inicio pelas veredas da vida acadêmica tão almejada. Não sei se por estar em fase de implantação e implementação, o curso naquele momento não correspondeu às minhas expectativas, pois apresentou lacunas, em especial, na relação da filosofia com o ensino-aprendizagem. Concluo a graduação quatro anos depois, no final de 2002.

Paralelamente ao curso de filosofia, ingresso no Curso Magistério no ano de 2000 e, posteriormente, vivencio as realidades educacionais com mamãe através das escolas onde ela trabalhava quando passo a frequentá-las em virtude dos estágios supervisionados. Terminado o curso do Magistério inicio um trabalho como professora substituta numa escola pública estadual e, em seguida, em uma outra na instância municipal. Foram momentos de descobertas, reflexões e as experiências ali compartilhadas nutriram uma forte inspiração e amor pela docência.

A vida profissional tomou outros rumos por algum tempo. Mas, no ano de 2005 fui aprovada em concurso público para professora de Filosofia pela Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC/RN). O retorno à sala de aula como docente trouxe expectativas e angústias diante da realidade encontrada. Ao me apresentar na escola, fui comunicada que não iria trabalhar apenas com o componente curricular de Filosofia, mas também outros três a fim de completar a carga horária exigida. Mesmo assim não recuei e aceitei o desafio caracterizado pela vontade de acertar e contribuir com o meu melhor em prol da escola e dos estudantes.

Em virtude das exigências profissionais passo a me dedicar às leituras sobre docência, ensino de filosofia, entre outros assuntos que me ajudariam no desenvolvimento do trabalho como professora. Ali se visualizava a continuidade do processo de constituição profissional iniciado anos atrás; o caminhar para si que é construído ao longo da vida num decurso consciente do que somos, fazemos e pensamos na relação consigo mesmo e com o outro (JOSSO, 2004).

A relação com o outro constitui um aspecto fundamental nos processos que servem de base ao ofício do professor uma vez que o saber desse profissional é um saber social (TARDIF, 2014). Ora, as experiências vivenciadas anteriormente na condição de estudante e professora da educação básica como, também, aquelas iniciadas com outros profissionais e discentes ao retornar à escola depois da convocação eram importantes referências para a construção da minha identidade profissional. A partir de então, cabia a mim transformar essas relações em aspectos relevantes para o fazer docente.

Considero fundamental a permanente qualificação profissional principalmente por parte de quem trabalha com a formação de pessoas. Fruto desses esforços na educação e reconhecendo que o trabalho educacional exige continuamente outras demandas e, conseqüentemente, novas formas de fazer educação, acredito que parte dos problemas educacionais serão minimizados quando buscarmos, dia após dia, ressignificações para os diversos contextos e realidades.

Trabalhar com a educação nos exige competência e responsabilidade uma vez que nos dedicamos à pessoas em processo de constituição de identidades. Educamos no

presente para formar uma geração futura na esperança de oportunizar conhecimentos que também contribuam com o devir, o senso de democracia e igualdade, a transformação. Em sua carta destinada aos professores, Paulo Freire (2021, p. 56) nos comunica que “[...] A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente”. Dessa forma, compreende-se que a atividade docente requer nossa preparação, formação e capacitação em um processo constante.

O desejo em cursar o Mestrado em Educação surgiu em 2014 quando iniciei como professora supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Filosofia pela UERN, campus de Caicó; uma experiência que contribuiu para a minha formação e oportunizou a aproximação com a pesquisa e a escrita acadêmica. Desde então, e a fim de cumprir algumas exigências do Programa, iniciei a participação em eventos científicos, estudos e discussões em grupos de pesquisas.

Apesar do anseio e do interesse em buscar uma pós-graduação *stricto sensu*, ainda não havia uma proposta definida sobre que pesquisa poderia nortear tais estudos, mas o sonho precisou ser adiado devido a alguns problemas em família; minha mãe foi diagnosticada com uma doença incurável que se agravou ainda mais com o passar do tempo e, em outubro de 2017, ela deixou de participar de nosso convívio nessa existência.

Em meados de 2017 recebo o convite do então diretor da 10ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (10ª DIREC), em Caicó/RN, para assumir o assessoramento pedagógico das escolas do campo daquela Regional. Senti que aquele seria mais um desafio e aprendizado na trajetória

profissional que abracei. A partir de então, deixei-me sensibilizar pelo contexto da Educação do Campo e, aos poucos, me envolvi por inteira com a realidade educacional e sociocultural do povo que vive no meio rural.

Na busca por melhorias educacionais, tanto para aquelas escolas quanto para todos os envolvidos naquelas conjunturas, iniciei algumas leituras que, somadas às observações das realidades campesinas, suscitaram o interesse em pesquisar sobre o currículo escolar associado aos contextos locais. Essa motivação se deu em razão de não ter identificado, no trabalho desenvolvido junto às escolas do campo, práticas educativas concatenadas com as realidades tão específicas dos seus sujeitos. Entretanto, ainda precisava ingressar como aluna regular no mestrado e encontrar uma orientadora que acreditasse na causa que eu estava disposta a defender, direcionasse os estudos e a pesquisa com sensibilidade e, mais ainda, tornássemos companheiras nessa trajetória que estava por vir.

O propósito era que em 2020 eu pudesse ingressar no mestrado pelo POSEDUC/FE/UERN e, por essa razão, acessava o *site* da instituição diariamente em busca do edital de seleção para ingresso no referido Programa como aluna regular. Sua publicação se deu em março do mesmo ano e, desde então, encarei sua leitura e releituras como a primeira etapa do processo. Estudei sobre as linhas de pesquisa, analisei com afinco o Currículo Lattes dos professores e das professoras do Programa e, após definidas as questões mencionadas, organizei a documentação para realizar a inscrição.

Feito isso, dar-se-ia início a outro momento, o estudo das referências indicadas para a realização da prova escrita. Primeiro, fiz o *download* das obras apontadas no edi-

tal: Sociedade do Espetáculo, escrita pelo filósofo e escritor francês Guy Debord, e o dossiê BNCC e formação de professores: concepções, tensões, atores e estratégias da Revista Retratos da Escola; depois, imprimir e organizei o material de estudo em uma pasta física junto com o edital, canetas e marcadores de texto.

A fase seguinte foi a elaboração de um cronograma de estudos em que determinei três horas diárias para leitura das referências propostas e escrita dos fichamentos que aconteciam durante os sete dias da semana. Por haver alguns colegas de trabalhos interessados no mestrado, criamos um grupo de estudos em que nos reuníamos aos sábados, das dezesseis às dezoito horas, para discussão dos textos.

Estava convicta que não seria um processo fácil haja vista a ampla concorrência e o número limitado de vagas. Porém, o desejo de realizar a pesquisa e contribuir com a educação de crianças e adolescentes que vivem e estudam no meio rural predominava mais que quaisquer sentimentos de impotência e/ou desistência. Busquei, portanto, realizar aquilo que dependia exclusivamente de mim, estudar para obter o melhor desempenho possível de acordo com minhas possibilidades e limitações.

Em consonância com o Edital nº 002/2020, a prova escrita estava prevista para acontecer no dia 23 de abril deste mesmo ano, não sendo possível sua realização em virtude da pandemia da COVID-19 ocasionada pelo novo coronavírus. Então, os demais celetistas e eu, aguardávamos retificação do edital com as novas datas do processo e especificidades que, porventura, surgissem.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reforçou algumas medidas sanitárias necessárias para evitar a pro-

pagação da doença. Com isso, o Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) aconselharam as diversas redes de ensino a reorganizarem os calendários e suas respectivas atividades. Tais medidas tiveram implicação direta no cronograma do processo de seleção para o mestrado e, portanto, precisou ser adiado devido o cumprimento do período de isolamento social.

Em maio de 2020 fiz alguns cursos preparatórios de espanhol e inglês instrumental e, no mês de julho, realizei exame de proficiência em Língua Inglesa na Universidade Regional do Cariri (URCA) obtendo aprovação e cumprindo mais um requisito obrigatório para o mestrado.

Na expectativa para entrar no Programa de pós-graduação e percebendo a importância de cursar disciplinas como aluna especial, participei do processo seletivo conforme edital lançado no segundo semestre do ano de 2020 e me inscrevi na disciplina Tópicos Especiais em Educação II: Memória, Subjetividade e Formação. Dessa maneira, eu poderia conhecer melhor a provável orientadora que eu havia escolhido no momento da inscrição do processo seletivo como aluna regular e, assim, conectar as ideias pensadas para o pré-projeto utilizando das referências disponibilizadas na referida disciplina. A experiência foi significativa, pois permitiu o inter cruzamento das ideias, das leituras, da escrita, da concepção de mundo, além de me aproximar do Programa.

O POSEDUC lança um termo aditivo ao edital da seleção no mês de setembro e informa que as provas aconteceriam ao final do mesmo mês. Daí em diante, intensifiquei a revisão dos textos mesmo ciente de que a prova seria realizada no conforto do lar, de forma *on line* em razão da pandemia.

Chegado o tão esperado dia, procurei relaxar e minimizar a ansiedade e, antes de iniciar a prova, fiz uma breve meditação. Abri o site do Programa pontualmente às oito horas, horário em que a mesma seria disponibilizada; li atentamente cada orientação; posteriormente, passei para a questão norteadora e procurei articular as ideias para dar início à escrita. Destinei o dia inteiro a esta etapa do processo e, durante a produção do texto, fiz uma síntese daquilo que melhor compreendi naquele momento.

Acreditando que as discussões apresentadas por mim não seriam satisfatórias para a aprovação, haja vista a autocobrança que eu carrego desde o início da adolescência e a ampla concorrência, me restava aguardar o resultado a ser divulgado no mês seguinte. Chegado o dia da publicação da relação dos aprovados na prova, precisei viajar e, toda vez que o sinal de internet ficava disponível no telefone, eu atualizava a página do POSEDUC para observar se a lista havia sido publicada. Em determinado momento quando disponibilizada, li o meu nome na relação dos contemplados e me senti alegre, feliz, esperançosa. Também refleti como pude, em partes, ter sido injusta comigo por, em algum momento, não acreditar que seria capaz, pois sabia de todo empenho, esforço e tempo dedicado aos estudos.

Uma nova etapa se iniciaria: a hora de organizar as ideias, a motivação, a intenção, os fundamentos e o passo a passo da pesquisa pensada para adequá-los ao modelo do pré-projeto exigido. Eu precisava defender uma causa, tanto humana quanto social; uma questão que envolve vidas, culturas, memórias, direitos, identidades e pertencimentos.

Outra vez organizei o cronograma de estudos, agora para realizar a escrita do pré-projeto a ser apresentado à

equipe avaliadora. Realizei uma revisão de literatura sobre Educação do Campo e currículo, tema que me propunha a pesquisar; depois selecionei alguns textos, referências bibliográficas consonantes com os estudos realizados pela professora da disciplina na qual estava matriculada como aluna especial, li dissertações de outros orientandos e, por fim, submeti o projeto para apreciação.

Após aprovado o projeto, a etapa seguinte seria sua defesa realizada através da plataforma *Google Meet*, situação ocasionada ainda em virtude da pandemia. Estava a postos para a entrevista uma hora antes do horário pré-determinado embora apresentasse certo grau de nervosismo, o que considerei algo comum, mas logo fui tranquilizada pelas duas professoras avaliadoras que me aguardavam na sala virtual. Criado um ambiente de diálogo, começamos nossa conversa sobre o projeto e minhas futuras intenções. Dias depois foram divulgados os nomes dos que obtiveram êxito na seleção e, para minha felicidade, meu nome estava naquela lista. A vontade era de sair correndo e contar a notícia para mamãe, pois ela seria a pessoa que mais me apoiaria naquele momento.

As etapas exigiram de mim esforço e compromisso em demasia; era um caminho percorrido na busca pela realização de um sonho, de um projeto pessoal e social. Sabia que, dali em diante, seria aluna regular do mestrado e, para tanto, esbocei objetivos para o novo ciclo que se iniciava; busquei e busco me doar com intensidade ao processo de formação desde o primeiro instante. Através da experiência do mestrado acadêmico, na relação com professores e colegas, quero que sejam acrescidas em minha vida, tanto pessoal quanto profissional, saberes e oportunidades que serão estendidos aos coletivos, pessoas responsáveis

também por essa partilha e pelo germinar de tantas outras aprendizagens.

Para a escrita desta narrativa, me servi de conhecimentos partilhados em algumas disciplinas cursadas no mestrado através da Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, tais como: - Tópicos Especiais em Educação II: Memória, Subjetividade e Formação; - Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica; e - Seminário de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Elas foram imprescindíveis para que eu conhecesse autores e referências que tratam das narrativas e histórias de vidas associadas ao processo de formação e conscientização do sujeito, e me possibilitaram o aprofundamento das ideias que motivaram as linhas traçadas neste artigo.

444

Por fim, após a seara de conhecimentos oportunizada pelo POSEDUC, e em especial a convivência com minha orientadora, a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, carrego a plena convicção que nunca mais serei a mesma pessoa nem a mesma profissional, haja vista as vivências, aprendizados e experiências no Programa. Tenho fortes indícios que lacunas antes existentes no percurso formativo foram parcialmente preenchidas através dessas experiências cognitivas e relacionais; que os estudos estão fincados em bases mais sólidas; que a reflexão sobre a prática profissional acontece de forma mais concreta; e que o transitar por novas veredas e a apropriação dos saberes inerentes ao percurso formativo que trilhei até aqui me presentearam com um olhar mais sensível e humano sobre as realidades diversas postas bem diante de mim.

Por estes motivos, deixo agradecimentos profundos e sinceros à UERN pela oportunidade de experienciar sabe-

res fundamentais para me constituir uma pesquisadora em formação e à professora Ana Aguiar pelos ensinamentos, generosidade, paciência e a forma como tem conduzido o meu processo de (trans)formação.

Referências

AGUIAR, A.L.O.; FRANÇA, M. C. F.; GADELHA, A. C. (Orgs.). *Sujeitos e Memórias: a formação na pesquisa (auto) biográfica*. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2015. *E-Book*.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 63ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

445

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ESCRITA DE SI NO PROCESSO FORMATIVO: REFLEXÕES SOBRE O CONSTITUIR-SE PESQUISADORA NO ÂMBITO DO POSEDUC/UERN

Thayse Mychelle de Aquino Freitas¹

A escrita deste texto está permeada por subjetividade, afeto, resiliência, ressignificação, aprendizagem, (in)certezas, sentidos e significados que se fizeram presentes no meu processo formativo no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Revisitar minhas memórias de mestranda é um presente e, ao mesmo tempo, uma oportunidade de aprender com o vivido, ao lançar um olhar crítico-reflexivo sobre as experiências de formação, de empoderamento e de descobertas. “Essa ação regressiva e progressiva é o que permite falar do ‘si mesmo’ com um ‘eu refletido’, reinventado pela ação da linguagem” (PASSEGI, 2010, p. 116). Diante disso, no ato de narrar, reside uma complexidade ímpar de perscrutar o vivido e transgredi-lo.

A singularidade daquilo que me passou, daquilo que senti e daquilo que experienciei está nas entrelinhas das discussões que serão tecidas, assim como os sujeitos que,

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestra em Educação e Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
E-mail: thayse_freitas2@hotmail.com.

com suas peculiaridades, fizeram parte do processo e das redes intersubjetivas a partir das quais aprendi e ensinei, formei e fui formada. Pollak (1992) afirma que a memória é construída socialmente. Nesse contexto, meu narrar “sobre” é sempre um narrar “com”, porque a minha solitude nunca foi sinônimo de solidão, e, sim, uma busca singular pela evolução pessoal, acadêmica e profissional, subsidiada por relações de ensino-aprendizagem e laços afetivos que foram sendo tecidos e fortalecidos. Afinal, como afirma Halbwachs (1990, p. 26), “[...] em realidade, nunca estamos sós”. Estamos, pois, em constante relação dialógica com outros sujeitos, saberes e fazeres que nos acompanham e nos condicionam a ser quem somos.

Isso posto, tenho por objetivo narrar experiências formativas vivenciadas no âmbito do POSEDUC, tanto como aluna especial (2017-2018) quanto como aluna regular (2018-2020). Vale destacar que integrei o corpo discente do programa por três anos consecutivos, período no qual (trans)formei saberes e conhecimentos, fortaleci minha identidade de pesquisadora, que ainda está em *devenir*, superei dificuldades, produzi trabalhos científicos, participei de eventos, projetos de pesquisa e extensão, integrei grupo de pesquisa, enfim, vivenciei o máximo do que a vida acadêmica pôde me oferecer. O POSEDUC é composto por professores excelentes, que, implicados com suas missões educativas, desempenham com maestria a docência. Instituído em 2011, o programa possui conceito 3, atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como área de concentração *Processos Formativos em Contextos Locais*, com atividades desenvolvidas em três linhas de pesquisa: Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente; Políticas e

Gestão da Educação; e Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão.

Nesta narrativa, busco evidenciar os momentos formativos que mais me marcaram e contribuíram com a construção do sujeito que sou hoje. Ademais, exponho aprendizagens e experiências que moldaram o meu ser/fazer de pesquisadora, que contribuíram para a percepção de que sou um ser inacabado, em constante metamorfose e, além disso, estou sempre condicionada pelos contextos – sociais, culturais, econômicos e políticos – nos quais me encontro inserida. A dimensão subjetiva e as relações intersubjetivas estabelecidas com os outros, suas complexidades e heterogeneidades fazem com que cada um seja único. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDIA, 2002, p. 21). Nessa perspectiva, o que mais importa são a significação e o sentido que o vivido assume no processo formativo, seja ele pessoal, seja profissional, seja acadêmico. Cada um de nós experiencia, sente e apreende de forma singular.

O texto, para fins de organização, está dividido em três eixos: o primeiro compreende os meandros do meu processo de formação inicial no curso de Pedagogia, que consubstanciou o desejo por prosseguir na vida acadêmica e ingressar no POSEDUC; o segundo compreende a minha experiência como aluna especial do programa em duas disciplinas (2017-2018), apontando, ainda, sentimentos despertados pela participação no processo seletivo para aluna regular; e o terceiro compreende as minhas vivências como aluna regular do programa (2018-2020), desvelando o meu percurso formativo.

Ao rememorar o processo de formação, o qual me dispus a narrar, percebo lacunas na memória, isto é, recordo-me com muito vivacidade de determinados momentos, a ponto de evocar os sentimentos que outrora eram a mim inerentes; de outros me lembro com opacidade e de modo superficial; e alguns parecem ter caído em completo esquecimento. Encontro a resposta para essas inquietações na teorização de Pollak (1992, p. 203), que afirma: “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”, assim como na perspectiva de Soares (2001, p. 40, grifo da autora): “A (re) construção do meu passado é seletiva: faço-a a partir do presente, pois é este que me aponta o que é importante e o que não é; *não descrevo*, pois; interpreto”. O desvelar de si é um grande desafio, pois pensar de forma crítica e reflexiva sobre nós mesmos, sobre nossas vivências e sobre nossas aprendizagens implica um alto grau de introspecção, chegando a colocar-nos como objetos de nossas próprias investigações. O caráter subjetivo eminente abre espaço para que adicionemos a ele o rigor científico, não aquele pautado nos princípios cartesianos e positivistas, e, sim, aquele qualitativo e hermenêutico, subsidiado na interpretação e na compreensão dos fatos e dos fenômenos situados contextual e socialmente.

449

Filha de agricultores e natural de Apodi, interior do Rio Grande do Norte (RN), comecei, em março de 2013, aos 17 anos de idade, o curso de Licenciatura em Pedagogia na UERN, *campus* central, situado em Mossoró/RN. Desse percurso na formação inicial, destaco dois pontos importantes que motivaram a minha aproximação com o POSEDUC e que foram caros para a minha evolução acadêmica.

O primeiro é a minha participação como aluna no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

(PIBIC) por três anos consecutivos, um deles como voluntária e os outros dois como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nessa seara, sob orientação da Profa. Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros, foram desenvolvidos os seguintes projetos de pesquisa: “Pais-professores e a educação escolar de seus/suas filhos/as” (2014/2015); “Gestão escolar e subjetividade” (2015/2016); e “Gestores escolares e subjetividade: as práticas cotidianas a partir de suas narrativas” (2016/2017). Estive, assim, imersa no universo da pesquisa científica do 3º ao 8º período do curso, experiência que mudou completamente a minha visão sobre o processo formativo e ampliou as minhas perspectivas, ao instigar o desejo pela pós-graduação. A possibilidade de estar na posição de pesquisadora desperta a necessidade de aprofundamento epistêmico e metodológico e corrobora a tessitura de um olhar, pensar e agir mais atentos aos procedimentos, às técnicas de pesquisa e à análise de dados. Na ocasião, produzi artigos, resumos expandidos e relatórios, assim como participei de eventos e outras atividades, por exemplo, mesas redondas e minicursos. Todas essas dinâmicas, atreladas às orientações recebidas, foram basilares para iniciar a construção da minha autonomia e para o entendimento acerca de como organizar o texto científico e adequá-lo às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A participação nos projetos de pesquisa se consagrou como gatilho motivacional para o ingresso na pós-graduação por dois motivos: forneceu-me subsídios teóricos e práticos para que eu adquirisse capacidade e confiança para escrever textos científicos e, além disso, oportunizou a presença em atividades nas quais alunos do POSEDUC estavam inseridos. Essa aproximação me fez perceber que

era possível que eu, ao concluir a graduação, pudesse ocupar uma das vagas de discente do programa, portanto, fiz disso uma meta.

O segundo é o Estágio Supervisionado III, realizado no setor acadêmico e pedagógico do Núcleo de Educação a Distância (NEaD), que coordena as ações de formação, na modalidade a distância, de uma Instituição de Ensino Superior Federal, por meio do apoio pedagógico e tecnológico aos departamentos ofertantes de cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* nessa modalidade de ensino. Na ocasião, tive a oportunidade de conhecer a atuação da coordenação pedagógica no ensino superior a distância, alargando minha percepção sobre o trabalho do pedagogo. Embora a experiência vivenciada não tenha sido na docência, identifiquei-me de imediato com o nível de ensino e, a partir de então, tive a clareza de que o ensino superior era o campo em que eu gostaria de exercer a minha atuação profissional.

451

Recordo-me com clareza da receptividade e da atenção com as quais a equipe do NEaD me recebeu. Havia um zelo em apresentar, em detalhes, como era engendrada a coordenação pedagógica, como ela se articulava a outros setores do núcleo, como se dava o apoio aos professores com relação ao planejamento das disciplinas, assim como o gerenciamento do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no qual era viabilizado o acesso às disciplinas, a realização de atividades e, além disso, permitia a interação entre os alunos, professores e tutores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Até o momento da escrita deste texto, eu não havia parado para pensar na importância de tais momentos, visualizando-os como atividades obrigatórias do curso. Porém, ao revisitá-los, vejo o quanto

foram necessários para a construção de sentidos acerca da minha identidade profissional.

Deparei-me, ao longo do meu processo formativo, com profissionais implicados com seus fazeres, que me mostraram a beleza de seus ofícios apesar das inúmeras dificuldades encontradas. Pessoas que inspiram, porque acreditam no poder da educação. Eu, que havia chegado ao curso de Pedagogia sem nenhuma certeza de que estava no lugar certo, descobri, naqueles que vieram para ensinar, que somos nós que construímos o nosso lugar no mundo. Estar ali implicava renúncias e somente agora compreendo a importância de cada uma delas, pois eu estava priorizando a minha formação, bem como construindo saberes, conhecimentos, sentidos e significados que integram o ser que sou hoje. Soares (2001, p. 37, grifos da autora) traduz o que sinto neste parágrafo: “Procuro-me no passado e ‘outrem me vejo’; não encontro *a que fui*, encontro alguém que *a que sou* vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo *aqui* e o *agora*”. Destarte, eu já havia decidido que iria enveredar pela pós-graduação e que isso seria substancial para que eu pudesse, posteriormente, atuar profissionalmente no ensino superior.

Passando, aqui, ao segundo eixo de discussão desta narrativa, dei o primeiro passo para o ingresso na pós-graduação ao cursar duas disciplinas como aluna especial do POSEDUC. A primeira disciplina, cursada no semestre 2017.1, intitulava-se “Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica”. Na época, eu estava na iminência da conclusão da graduação, cursando o 8º período do curso de Pedagogia. Na ocasião, pude partilhar da mesma sala de aula, das mesmas discussões e das mesmas atividades que os alunos

regulares. Foi uma experiência riquíssima, que me aproximou da dinâmica organizacional do programa, das leituras e da sistematização necessária para seu aprofundamento. Além disso, pude perceber o quanto eu me identificava com a rotina acadêmica, um universo do qual eu me sentia parte e que, certamente, teria muito a agregar na minha formação. Era um desafio que eu estava convicta de que queria enfrentar, e a participação na disciplina me trouxe essa reafirmação.

A segunda disciplina cursada foi “Tópicos especiais em educação I: gestão educacional e perspectivas epistemológicas contemporâneas”, no semestre 2018.1. As memórias que guardo dela são carregadas de significação, já que a relação ensino-aprendizagem estimulava o pensamento crítico e reflexivo, instigava a participação dos alunos nas discussões e valorizava a pluralidade subjetiva. As mãos frias, o coração acelerado e a voz trêmula denunciavam a quão tímida e ansiosa eu cheguei no primeiro dia de aula. Não conhecia nenhum dos alunos que ali estavam, mas pouco a pouco fui me aproximando e construindo laços. Os professores conduziram com muito rigor e zelo a escolha dos textos a serem discutidos.

Por conseguinte, os estudos foram pautados em diferentes abordagens epistemológicas presentes no campo da Gestão Educacional, considerando as perspectivas marxista, da teoria crítica, multiferrencial etc. Esse fato contribuiu para que eu aprofundasse a compreensão sobre a gestão escolar, seus engendramentos e seus elementos fundantes, suprindo, dessa forma, uma lacuna deixada pela formação inicial do curso de Pedagogia, que possui poucas disciplinas que abordam tais assuntos. A pós-graduação coloca os alunos em contato com óticas epistêmicas e metodológicas

que viabilizam a percepção crítica dos contextos sociais, políticos e econômicos nos quais eles se inserem e, consequentemente, contribui para uma ação mais autônoma e consciente na sociedade.

Dentre o material discutido, estava o livro *Administração educacional e racionalidade: o desafio pedagógico*, no qual Medeiros (2007) analisa a administração escolar a partir da teoria de Jürgen Habermas. Foi com essa leitura que eu me aproximei da teoria habermasiana e desencadeei o interesse pelos estudos da racionalidade comunicativa e seus pressupostos. A proposição de avaliação final da disciplina consistia na produção de um pré-projeto de pesquisa (alunos especiais) e um artigo científico (alunos regulares). Foi uma oportunidade excepcional para começar a pensar em uma proposta de pesquisa que poderia ser melhorada e utilizada no processo seletivo do POSEDUC. Nesse contexto, aprofundei-me nas leituras sobre a teoria habermasiana e produzi uma proposta de pesquisa que vislumbrava a possível relação entre a racionalidade comunicativa, a intersubjetividade e a gestão democrática. Em seguida, apresentei-a em sala de aula e recebi muitas contribuições da turma e dos professores. A esse respeito, Soares (2001, p. 70) afirma que “[...] a história de uma vida acadêmica e das ideologias que a foram informando se faz pela história do que se leu, ao lado da história do que se escreveu e da história do que se ensinou”. Estamos em constante devir. Sempre há algo novo para aprender, por isso, vamos nos moldando a cada nova experiência, vivência e aprendizagem.

A disciplina foi cursada no mesmo período em que ocorreu o processo seletivo para alunos regulares do POSEDUC. A seleção foi constituída pelas seguintes etapas:

prova escrita, análise do projeto de pesquisa, defesa do projeto de pesquisa, análise do *Curriculum Lattes* e prova de proficiência. O edital foi lançado em março de 2018 e eu estava decidida a concorrer, mas tinha a certeza de que seria um processo difícil e muito criterioso. A prova escrita foi o primeiro grande obstáculo, pois o referencial era composto pelo livro *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*, de Michel de Certeau, e um dossiê de artigos sobre a valorização docente na perspectiva do Plano Nacional de Educação (2014-2024). Li muito e fiz a prova. Os sentimentos preponderantes eram ansiedade e incerteza da aprovação. Dezoito dias depois, saiu o resultado da primeira etapa e o meu nome estava entre os aprovados. Mais um passo havia sido dado.

Nessa época, eu já estava com o projeto de pesquisa quase pronto. Então, finalizei e encaminhei dentro do prazo estabelecido para a segunda etapa. Arrisquei-me a escrever sobre a racionalidade comunicativa, que era uma perspectiva teórica nova para mim, em um campo de pesquisa que eu já vinha tecendo discussões desde a iniciação científica, que era a gestão escolar. Eu estava confiante, porque havia utilizado tudo o que tinha aprendido no decorrer do meu processo formativo sobre fazer pesquisa. Felizmente, fui aprovada na avaliação do projeto de pesquisa. Mais uma etapa havia sido vencida.

A terceira e última etapa eliminatória era a defesa do projeto perante uma banca avaliadora. Para tanto, estudei e me apropriei o máximo da proposta de pesquisa submetida, conseguindo apresentar e responder as perguntas que a mim foram feitas. Alguns dias depois, saiu o resultado e o meu nome estava entre os aprovados. Naquele momento, o sentimento era de gratidão a Deus, a todos aqueles que ha-

viam contribuído com a minha formação e à minha família, pelo apoio incondicional.

Após as fases subsequentes, de caráter classificatório, foi publicado o resultado final do processo seletivo no dia 23 de julho de 2018, quando passei a ser oficialmente aluna regular do mestrado em educação do POSEDUC, na linha de pesquisa *Políticas e Gestão da Educação*. A alegria e a emoção sentidas naquele instante foram indescritíveis. Além de ter alcançado uma meta, teria como orientadora a professora que mais me inspirou durante toda a minha formação: Profa. Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros.

Chego, então, ao terceiro eixo desta narrativa: minhas vivências como aluna regular do POSEDUC. As aulas iniciaram em agosto de 2018 e, ao final da primeira aula, pulsava em mim a convicção de que aquele era o meu lugar de formação e crescimento. Ao mesmo tempo, faziam-se presentes a ansiedade e o medo do novo e do desconhecido. Eu, ao contrário da maioria da turma, não possuía experiência profissional na educação, pois havia me dedicado exclusivamente aos estudos e à pesquisa durante a graduação, como bolsista PIBIC. O ponto positivo disso foi que cheguei à pós-graduação com uma bagagem acadêmica mais consolidada e familiaridade com os trâmites da pesquisa científica. O ponto negativo, que eu sentia carência de conhecimento acerca do mundo da vida escolar, inclusive, para confrontá-lo, criticamente, com as teorias estudadas. No mestrado, fui bolsista da CAPES apenas no segundo ano do curso, mas fiz esforços para, assim como na graduação, dedicar-me, integralmente, aos estudos, do início ao fim. Afirmo, diante disso, que esse é um fator que implica diretamente na qualidade da formação.

O processo formativo, considerando a participação nas aulas das disciplinas, nas orientações e nas reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estado, Educação e Sociedade (GEPEES) foi fundamental para a construção teórica e prática do ser pesquisadora. Esse processo requer assumir responsabilidade e ética pelo que se produz, criticidade pelo que se lê, responsividade e autonomia para lidar com as demandas acadêmicas, além de reflexividade e rigor para buscar uma articulação entre o teórico e o vivido.

Além disso, o pesquisador está implicado, subjetivamente, com a produção do conhecimento, não sendo, portanto, uma dinâmica neutra. De acordo com Mills (2009, p. 22), “o conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício”. Percebo que ser sujeito e ser pesquisador são indissociáveis, pois em ambos estão implícitas as nossas identidades e subjetividades, contudo, a pesquisa exige métodos e rigores que lhes são próprios. Durante o processo formativo, obtive conhecimentos e saberes que serviram para a minha formação como pesquisadora e futura profissional da educação, assim como para minha formação pessoal e identitária, o que implicou ressignificar inúmeras vezes valores e percepções sobre o outro e sobre o mundo, além de reformular modos de ser e de fazer.

Conforme Saviani (2010, p. 35), o “[...] elemento definidor da pós-graduação *stricto sensu* é a pesquisa, a qual determina o objetivo a ser alcançado para o qual o ensino concorre como uma mediação destinada a dispor e garan-

tir os requisitos para o desenvolvimento da pesquisa”. Do início ao fim do meu percurso no mestrado, percebi a ênfase do POSEDUC na formação do pesquisador por meio de estudos sobre os paradigmas epistemológicos da produção do conhecimento, as perspectivas metodológicas e técnicas de pesquisa e a análise de dados. Além disso, havia incentivo à produção científica, bem como a publicação em eventos e periódicos da área, objetivando a socialização do conhecimento produzido.

Diante disso, participei de vários eventos científicos, os quais trouxeram as seguintes contribuições: aprendizagens com pesquisadores renomados na área da educação em palestras e/ou minicursos, contato com pesquisas contemporâneas desenvolvidas em outros programas de pós-graduação e contribuições de grandes pesquisadores para os trabalhos apresentados. Essa troca de conhecimentos proporciona um crescimento do ponto de vista acadêmico, pois promove a interlocução com saberes e modos outros de fazer pesquisa, ampliando o universo e o vocabulário do participante.

O meu processo formativo aconteceu como uma via de mão dupla: por um lado, eu, como aprendiz, ciente de meus deveres de mestranda e orientanda, buscando desenvolver autonomia para a leitura e a escrita; por outro lado, minha professora orientadora, que forneceu todo aporte teórico e metodológico para o desenvolvimento da pesquisa, além de me conduzir, por meio do diálogo e da sua postura profissional, a desenvolver a percepção sobre o que é ser pesquisadora. Charlot (2006, p. 12) enfatiza a necessidade de “[...] passar do Eu empírico ao Eu epistêmico, ou seja, do indivíduo preso no movimento da vida coti-

diana ao indivíduo intelectualmente mobilizado, atento ao saber”. Esse processo não é linear e, no meu caso, não se encerrou no mestrado. Sigo, ainda, aperfeiçoando e ressignificando o que aprendi, descobrindo novas possibilidades e redescobrimo-me a cada nova experiência.

Nesse contexto, desenvolvi a pesquisa que resultou na dissertação intitulada “Racionalidade comunicativa e o Conselho Escolar: um diálogo possível”. Adotar Jürgen Habermas como fio condutor para o desenvolvimento do estudo se constituiu como um grande desafio, considerando sua densidade teórica e os poucos estudos que o articulavam ao meu objeto de estudo. Dentre todas as fases da pesquisa realizada no POSEDUC, as que considero mais desafiadoras foram: a apropriação do referencial habermasiano, pelos motivos já descritos, e a análise dos dados empíricos, por exigir um olhar sensível e crítico, embasado em pressupostos teóricos bem definidos. Paralelamente, eram realizadas as leituras e as atividades avaliativas das disciplinas, o que, em certos momentos, me sobrecarregava. Errei muitas vezes, fiquei ansiosa, estagnei na escrita, fiz e refiz, tive dificuldades na compreensão teórica e angustiei-me diante de muitas demandas e do pouco prazo. Não foi um processo “sofrido”, apesar de não ter sido fácil, afinal, fazer pesquisa e produzir conhecimento são grandes desafios que implicam ética e responsabilidade, “[...] pois não alcançamos o saber sem esforço, sem trabalho crítico” (CHARLOT, 2006, p. 12).

Nessa seara, considero que o movimento dinâmico e complexo do pesquisador consiste em: delinear objetivos; investigar um problema; construir dados teóricos, empíricos e/ou documentais; analisá-los; realizar inferências;

encontrar respostas; e, por meio delas, deparar-se com novas perguntas. Ser pesquisadora é lançar um olhar de estranhamento sobre o que já se sabe. Sempre tive prazer pela pesquisa, interesse-me por compreender aquilo que ainda não sei, pela tessitura de novos questionamentos e pela busca incessante por respostas, as quais são sempre passíveis de novos contornos.

Na defesa da dissertação, eu estava inundada por sentimentos diversos, que se misturavam e me deixavam em êxtase. Era o encerramento de um ciclo, para que outros pudessem vir. Lá, estavam presentes, embora virtualmente², pessoas importantes - amigos, professores e familiares -, que estiveram comigo durante todo o processo formativo e o tornaram mais leve. Da banca examinadora, recebi elogios e contribuições valiosas para a melhoria para o texto, consagrando-se, assim, mais um momento de formação e de aprendizado.

Orgulho-me dessa itinerância e sou muito grata à Profa. Dra. Arilene Maria Soares de Medeiros pela parceria, pela condução da pesquisa e por ser tão sensível e humana. A nossa relação orientadora-orientanda se firmou em confiança, respeito mútuo, responsabilidade e afetividade. Avante! Esse sempre foi o nosso lema, com o qual vencemos as dificuldades e concluímos o mestrado com a sensação de dever cumprido.

Para encerrar estes escritos narrativos, destaco a importância do POSEDUC para a formação do pesquisador e do profissional da educação, considerando sua relevância social e acadêmica, que extrapola os muros da universidade.

² Em virtude da pandemia ocasionada pela COVID-19, a defesa aconteceu, remotamente, via *Google Meet*.

de. Hoje, trilhando outros caminhos formativos – doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte –, a dinâmica complexa do meu ser pesquisadora segue em construção, mas com uma base sólida construída no POSEDUC.

Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p. 7-18, jan./abr. 2006.

461

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares. *Administração Educacional e Racionalidade: o desafio pedagógico*. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PASSEGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista (org.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992.

SAVIANI, Dermeval. O dilema produtividade-qualidade na pós-graduação. *Nuances: estudos sobre educação*, São Paulo, v. 17, n. 18, p. 32-49, jan./dez. 2010.

SOARES, Magda. *Metamemória-memórias*: travessia de uma educadora. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

O POSEDUC EM MINHA VIDA: ENTRELAÇAMENTOS, ESTRANHAMENTOS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Valdicley Euflausino da Silva¹



As linhas que ora escrevo/digito, revelam os entrelaçamentos, estranhamentos e as experiências formativas, de modo sucinto, acerca de minha vida pessoal e acadêmica, cuja importância é quase indescritível e inenarrável. Na impossibilidade de narrar todo o percurso de um dos momentos mais significativos em minha trajetória de vida, atrevo-me a contar as marcas exitosas deste percurso junto Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, localizada na cidade de Mossoró.

A necessidade de lembrar e recordar fatos, lugares e sujeitos de um passado ainda vivo foi uma das nuances que me motivaram a narrar as linhas seguintes. Importante sempre destacar que o ato de narrar a própria história se configura num constante e profundo desafio: a de contar histórias de vida a partir de si, ou seja, sendo sujeito e autor da história. Sendo assim, apresento-me: Sou Valdicley Euflausino da Silva, originário da Zona Norte de Natal, filho único de Valdice Euflausino da Silva. Sou bastante curioso, eterno amante da leitura e atual exerço a profissão de docente.

¹ Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Natal. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da UERN. E-mail: valdicley_bambucha@yahoo.com.br

Essa breve descrição não basta para me situar. Sendo assim, atravesso a temporalidade e destaco alguns episódios das minhas vivências enquanto ex-discente do POSEDUC. Após tantas idas e vindas entre Natal e Mossoró, com as famosas paradas obrigatórias em Lages, durante as etapas do processo seletivo, tive a agradável notícia da aprovação. Acabei ingressando no ano de 2014.

Da alegria ao choque. O resultado foi notoriamente um espanto. Isso porque, de formação acadêmica totalmente distinta, não aguardava tal resultado. Recém-formado em Ciências da Religião, pela UERN - Natal, realizei, naquele momento, as etapas com certo receio. A parte financeira pesava, e a incerteza que paira todes, todas e todos que realizam algum tipo de seletivo sempre permaneceu latente, chegando a tirar meu sono com certa frequência.

464

Passado esse momento e constatada a aprovação, veio outro choque. Com 24 anos e desempregado, deparei-me com a necessidade de mudança de cidade. Naquele momento entendi que essa jornada me exigia dedicação integral e resolvi encarar tal situação sem nenhuma perspectiva favorável a curto prazo. Esse fato se deu por eu não ter obtido, de início, uma bolsa de estudos. Mesmo diante dessa adversidade, ousei. Realizei a matrícula e fui morar na cidade de Mossoró.

O início das aulas me proporcionou diversos estranhamentos. A diversidade de pessoas e pensamentos, assim como as distintas formações dos/as ingressantes que estavam na mesma turma que eu, causou um significativo misto de alegria e receio. Alegria por não ser o único “intruso” e receio pelos possíveis caminhos que as discussões diante das aulas poderiam nos levar. Para além dos/

as formados/as em Pedagogia, havia pessoas formadas em Filosofia, Letras e uma pessoa formada em alguma área tecnológica, mas que não me recordo perfeitamente. Aqui, ousei destacar algumas das pessoas que dividiram a sala de aula comigo, na tentativa de minhas lembranças não me abandonarem e eu deixar alguém fora da lista. Umberto, Cláudia, Jailma, Benedito, Maquézia, Sheila, Nicácio, Diana, Gilberliane, Mauro, Maria de Fátima, Milene e Zacarias. Todos, todas e todos participaram, de modo significativo, dos atravessamentos experienciais.

As conversas antes, durante e depois das aulas eram na maioria das vezes agradáveis. Discutíamos sobre os textos, os/as autores/as, sobre a política, economia, estética, sexualidade, gênero, questões étnicas e raciais, qualificação e defesa de dissertação entre outros assuntos pessoais e banais de cada cotidiano. Refeições e lanches era um ponto importante, principalmente após as aulas que exigiam mais energia de nós. A saborosa comida da cantina de Jane, os dindins maravilhosos de Gerilda, consumidos nos corredores da Faculdade de Educação, e posteriormente o restaurante popular, proporcionaram, além de refeições e lanches, papos divertidos.

Dessa trajetória não posso esquecer dos/as professores/as que me permitiram uma formação acadêmica bastante especial. Ouso, novamente, mencionar nomes: Anadja, Normandia, Júlio, Silvia, Giovana, Arilene, Maria Antônia, Gilson, Maria Conceição. Neste percurso, destaco de modo especial o nome da minha orientadora, a professora Araceli Sobreira Benevides. Com extrema competência me designou a autonomia docente que carrego comigo até o presente momento na minha vida profissional.

A pujante e robusta construção de conhecimentos gerados a partir dos atravessamentos destas pessoas, proporcionaram a constituição intelectual que cultivo, em parte, até o presente momento de minha vida. Nesse sentido, mais do que professores/as, considero-os/as mentores de vida.

Não obstante, cabe um momento de destaque extremamente fundamental nessa trajetória de dois anos junto ao POSEDUC. Minha alocação na residência universitária acarretou sinceras amizades que carrego comigo até hoje. Erick, George, Lázaro, Gustavo, Gean e Dhiego foram/são companheiros que compartilhei as melhores resenhas estando em Mossoró. Para além da amizade, o incentivo de cada um foi de suma importância para que eu continuasse e concluísse em tempo hábil o mestrado.

466

Ainda nessa linha de amizades semeadas, cabe, também, as recordações de duas colegas de suma importância nessa trajetória e que guardo inúmeras lembranças. Uma, Aleksandra Nogueira. Sempre simpática e disposta ao diálogo, prezava sempre a troca de conhecimentos, ouvindo os demais ao redor. A segunda, Maria Cleonice. Pessoa que tenho um enorme apreço e consideração. Ambas foram essenciais nas trocas de experiências formativas durante o meu período no POSEDUC.

Destacado alguns pontos, lugares e sujeitos dessa trajetória, faz-se necessário os apontamentos das consequências formativas junto ao POSEDUC. A constelação dos aprofundamentos gerados em cada disciplina, por cada professor/a, habita em meu *eu-nós* enquanto marcas de minhas identidades pessoal e profissional.

Hoje, essas marcas são lembradas e ressignificadas em cada aula que ministro. Atualmente exerço a função

de professor do Departamento de Ciências da Religião, no Campus de Natal e posso afirmar, com veemência, que minhas ações-práticas-práxis pedagógicas possuem traços erigidos nas experiências formativas no POSEDUC. Com os dez anos do Programa, sinto-me feliz em ter passado e ter deixado marcas que hoje posso narrar com alguns detalhes.

Diante desse breve relato, encerro minhas considerações destacando a minha dissertação. Trabalhei com a ideia de Memórias docentes e a partir dessa construção epistêmica, menciono uma das passagens mais marcantes que li na obra de Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento*. Segundo o autor, preservemos a memória, seja de qualquer tipo “[...] porque amanhã será preciso não esquecer... de se lembrar” (RICOEUR, 2007. P. 48).

Referência

467

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

DO SONHO À REALIDADE: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DURANTE O MESTRADO ACADÊMICO NO POSEDUC/UERN

Zenileide Rejane de Azevedo¹

Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa (ROLAND BARTHES, 1993, apud JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002, p.91).

468

Escrever essa narrativa é trazer para o presente, momentos jamais esquecidos e vivenciados em diversas etapas da vida e diferentes situações. Começo minha narrativa com um pouco de minha história de vida, começando com meu nascimento em Natal, Rio Grande do Norte, em outubro de 1970. Primogênita, filha de pais humildes, onde apenas meu pai trabalhava para o sustento da família enquanto minha mãe se ocupava dos afazeres domésticos e a ajudar os filhos nas lições de casa, pelo menos até onde ela sabia, pois meus pais tinham pouco letramento, mesmo assim, tiveram sempre o cuidado de matricular os filhos na escola e incentivá-los a estudar. A família, com o passar dos anos, aumentou em mais dois irmãos, dentre nós três apenas eu consegui ir até o Mestrado e meu irmão do meio, fez a Graduação.

Iniciei a vida escolar aos 5 anos, em 1975, vem em mente as primeiras lembranças que tenho desse momento

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, sou Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

da minha vida escolar, quando iniciei fazendo o jardim de infância em uma escola particular, na época chamada de Chapeuzinho Vermelho, mas depois, por meu pai não ter condições de pagar a mensalidade, tive de sair, então comecei a estudar na escola pública chamada Escola Estadual Ambulatório Matias Moreira, que era dirigida, a mãos firmes por uma freira chamada Irmã Doninha. Ingressando nessa escola no pré-primário, estudei na mesma, até a conclusão da 4ª série em 1981, sempre no horário da manhã. Eu fazia o percurso casa-escola caminhando com outras amigas que estudavam comigo e também levava meus irmãos menores, que com o tempo, passaram a estudar na mesma escola, visto que era uma escola localizada no bairro próximo a minha casa. Eu era uma criança tímida e muitas vezes, ficava com dúvida durante a aula, mas tinha vergonha de perguntar, hoje percebo que isso afetou minha vida escolar.

469

Continuando a vida acadêmica, cursei na Escola Estadual Padre Miguelinho, no bairro do Alecrim, no período de 1982 a 1985, o 1º grau, na época era assim chamado e compreendia da 5ª série a 8ª série. Nesse período como a escola era longe de casa, tinha que ir de ônibus e também voltar, inclusive para a educação física, que era no contra turno. Ao iniciar a 8ª série também me escrevi na seleção para cursar o Pró-Técnico oferecido pela ETFRN para alunos que estavam cursando a 8ª série, esse curso ofertava uma revisão das matérias de português e matemática da 5ª a 8ª série, era oferecido à noite no horário das 19:00h às 21:30h de segunda-feira a sexta-feira, por um período de 10 meses e também era uma preparação para o exame de seleção para ingresso nos cursos técnicos oferecidos pela

Instituição. No ano de 1986, consegui entrar, após processo seletivo, na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte.

Comecei a frequentar as aulas no Curso Técnico em Edificações, no turno vespertino, no horário das 12:40h às 17:40h, sendo o ensino médio integrado ao curso profissionalizante, com duração de quatro anos, com o curso dividido em períodos, sendo oito ao todo, tendo o último chamado de estágio e concluindo o mesmo em 1989. Também ia de ônibus para a escola e dessa vez, eram dois ônibus na ida e dois ônibus na volta, pois além da escola ser longe, não tínhamos um ônibus que fosse direto da minha casa. No último ano de escola, trabalhei como estagiária e passava o dia lá, tinha almoço, lanche, vale transporte e também remuneração.

Em fevereiro de 2020, novamente voltei a estudar, após 11 anos de conclusão do ensino médio, iniciei a graduação em Ciências Contábeis, no turno noturno, na FACEX, mais um desafio em meu caminho, pois agora eu era casada, mãe, trabalhava o dia todo numa jornada de 40 horas/semanais e estudava a noite, saía de casa às 07:00h, iniciava o dia no trabalho às 08:00h, almoçava na rua, saía do trabalho às 17:00h, já ia direto para a faculdade, jantando no caminho para a aula, que começava às 19:00h e terminava às 21:40h, voltava para casa de ônibus e chegava por volta das 22:30h. Era uma jornada bem cansativa, me dividia entre família, trabalho, os estudos da faculdade e também tinha que ensinar minha filha, que já contava com seis anos, nas tarefas escolares, ainda usava o fim de semana e algumas madrugadas para estudar antes das provas e finalizar alguns trabalhos acadêmicos, conseguindo concluir com êxito o ensino superior em 2004. Sempre gostei de estudar e também fazia concursos públicos, tendo em 2013,

sido aprovada no concurso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, no cargo de Assistente em Administração, sendo nomeada para o *Campus* Nova Cruz/RN. Nomeação essa que foi uma mudança em nossa vida familiar, pois nos mudamos de Natal para morar em Nova Cruz.

A volta para a Instituição na qual sou ex-aluna, foi muito gratificante, voltei como servidora e me sentia em casa, tão a vontade estava para desempenhar meu trabalho, porém trabalhar numa escola também me despertou o desejo de voltar a estudar, ver tantos jovens buscando através da educação, do conhecimento, a realização de sonhos, também me fez sonhar depois de tantos anos e por que não? Já que estava numa casa de educação fazer algo relacionado a rotina do Instituto, ou dos alunos, então comecei pensando no projeto, o que vou pesquisar? Foi então que em 2015, participei da seleção para Mestrado Acadêmico, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC/UERN/*Campus* Mossoró/RN. Sabia que não seria fácil, muito a estudar e pouco tempo para se preparar para a prova da seleção, mas eu sempre pensei que se dependesse só do meu estudo para ser aprovada em algo que eu desejasse, eu me empenharia em estudar até conseguir e foi assim que me preparei, trabalhando durante o dia, estudando de noite e de madrugada, fiz uma prova escrita, uma prova de proficiência em Inglês, apresentei um pré-projeto e passei por uma entrevista presencial e, ao final dessa maratona, consegui a aprovação. Sempre digo que a gente se reinventa a cada dia, pois me vejo num novo desafio, o de morar em Nova Cruz e estudar em Mossoró, tendo que viajar toda semana em torno de 300 Km, não seria nada fácil a começar pelo deslocamento que seria de

ônibus, saindo de Nova Cruz até Natal, um trajeto em torno de duas horas e trinta minutos até a rodoviária, depois um ônibus de Natal até Mossoró, aproximadamente, cinco horas de viagem, chegar em Mossoró ir para um hotel, para descansar um pouco e ir assistir aula no dia seguinte, se deslocar de ônibus, de moto ou de carona até o Campus Central da UERN, enfrentando as despesas com alimentação, transporte e hospedagem, longe da família, tendo que viajar toda semana, retomando a vida acadêmica após 11 anos da conclusão da graduação e considerando, que o conteúdo das disciplinas seriam totalmente diferentes do que eu tive na graduação, pois terminei Ciências Contábeis e agora teria que estudar Paulo Freire, Vygotsky, dentre outros. Autores bem diferentes, posso dizer que é um mundo à parte do meu.

472

A entrada no POSEDUC da UERN, me proporcionou a realização de um sonho, grandes eram as expectativas do que iria vivenciar nesse tempo de 2 anos para a realização dos estudos, muitos eram os questionamentos de como seria esse retorno ao mundo acadêmico? Voltar a uma sala de aula depois de tanto tempo? Será que eu ainda continuaria a mesma depois dessa trajetória? Entrar em um Mestrado² em uma Universidade do porte da UERN, um quadro de professores todos Doutores, uma Instituição tão importante na região em que está inserida, ajudando a transformar sonhos em realidade, a transformar vidas e a mudar a realidade das pessoas através das suas aulas, dos seus cursos e do seu excelente corpo Docente e de Pesquisadores, enfim, foi com muito orgulho, gratidão por ter sido aceita como

² Mestrado: O Mestrado é um grau acadêmico atribuído por uma instituição de ensino superior. Na hierarquia dos graus acadêmicos este grau situa-se, em regra, na segunda posição ascendente. (Wikipédia).

orientando pelo meu professor orientador e com muita alegria que pela primeira vez, entrei na UERN, com o propósito de viver e (re)viver muitos aprendizados, (re)viver sim, porque ao longo do caminho, muitos sonhos ficam ali guardadinhos e no momento oportuno, eles se tornam realidade, como disse meu orientador, o Professor Doutor Joaquim Barbosa, que sabiamente soube respeitar o meu processo de formação do conhecimento, partilhou seus saberes em todos os momentos e encontro após encontro foi atribuindo forma a ideia. Em seu livro *Diário de Pesquisa* (2010), ele escreveu: “Há uma aprendizagem a ser reescrita em nosso inconsciente. A aprendizagem da própria escrita. Seja com o computador ou com a caneta, a escrita tem o seu lugar: o de organizar nossas sensações e nossos pensamentos e de organizar nosso mundo inconsciente”.

Foi com imensa satisfação que ingressei no Mestrado em Educação. Logo nos primeiros dias de aula, fui muito bem acolhida pela equipe Coordenadora do Mestrado e pelos professores, foi muito emocionante, um misto de alegria e de medo, o que esperar? Quantas angustias, dúvidas, nesse começo da realização de um sonho. Conhecer as pessoas da turma e os professores, embora fossemos uma turma relativamente grande, em torno de 40 alunos, sabíamos que no segundo semestre de curso, seríamos separados em virtude do objetivo da pesquisa de cada um. Iniciamos com as disciplinas: Pesquisa em Educação; Educação e Cidadania e Tópicos Especiais em Educação I: Mediação Educacional e Constituição do Sujeito. Tínhamos aulas na segunda-feira e na terça-feira. Passava o dia na UERN, pois eu ficava instalada em pousadas, então devido a Universidade não ficar muito próxima do centro e também que eu não conhecia a cidade, preferia passar o dia na Univer-

cidade, que dispunha de restaurante, lanchonete, gráfica, biblioteca e área de convivência.

Quando comecei fui me adaptando a essa nova perspectiva, a esse modo de olhar, pois sempre tive dificuldades com a escrita e de expressar os sentimentos, sempre fui uma pessoa objetiva e agora estou aqui, como uma página em branco, para construir a minha trajetória educativa, para me tornar uma pesquisadora, procurando através da escrita organizar meus pensamentos e sentimentos. Nesse primeiro semestre, o Mestrado foi se tornando algo surpreendente e apaixonante, os temas abordados nas disciplinas, as experiências vivenciadas mudaram a minha forma de pensar. Participei do evento: IV Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN - Cooperação Acadêmica no Ensino e na Pesquisa em Educação, em 2015, participei como ouvinte e também apresentei um artigo. O evento foi de suma importância, pois através dos conteúdos apresentados, mesmo ainda no começo dos trabalhos, me instigou a continuar pesquisando, sendo de suma importância na construção do trabalho de dissertação proposto. Aos poucos através das leituras trabalhadas dentro das disciplinas fui me empoderando do que eu realmente queria e definindo melhor minha trajetória, sempre com a devida orientação do Professor Joaquim Barbosa, ao longo do semestre.

No segundo semestre, tinha aula um dia por semana, continuava viajando no dia anterior a aula, ia de ônibus, de Nova Cruz para Natal e de Natal para Mossoró, agora por conhecer melhor a região, ficava hospedada numa pousada mais perto da Universidade. Cursei a disciplina Tópicos Especiais em Educação II: A Construção do *Habitus* e a disciplina de Seminário de Pesquisa - Política e Gestão da Educação, sendo nessa disciplina, o começo da construção

da dissertação propriamente dita, nela, através das aulas participativas e com discussão dos assuntos abordados, que me faziam refletir sobre o objetivo da pesquisa, que fiz algumas mudanças no objetivo inicial, que era falar sobre a evasão escolar e foi alterada para falar sobre o sucesso escolar, seguindo o caminho da pesquisa (auto)biográfica, optando pela pesquisa de campo através de narrativas, isso me deixou fascinada. A oportunidade de escrever, de partilhar através da escrita os sentimentos, os fatos e as histórias de vida, tentando com o estudo sugerido, de alguma forma, também entender o meu próprio percurso.

No terceiro semestre do Mestrado, comecei desafiando a mim mesma para conseguir vencer os meus desafios, superar meus medos, minhas aflições e angústias. Já me vejo como um indivíduo em evolução, as inquietações iniciais deram lugar a segurança e a trilhar uma trajetória diferente, eu já não era a mesma do início dessa trajetória. Nesse semestre tinha a disciplina de Dissertação I, ainda com as orientações do Professor Doutor Joaquim Barbosa. Já com os objetivos da pesquisa mais definidos, comecei nesse período o trabalho de campo, após a seleção dos participantes da pesquisa. Ouvindo através das narrativas dos jovens consultados, o que eles tinham a nos contar sobre a sua caminhada de sucesso, era uma história parecida com a minha, por isso o interesse devido a minha aproximação com o tema, por se tratar de uma escolaridade com dificuldades e enfrentamentos, mais no final com o êxito do sucesso escolar alcançado. Também passei a viajar para Natal, uma vez por semana, e participar do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades - GRIFARS, sobre a Coordenação

da Professora Doutora Conceição Passeggi, estudando e conhecendo melhor o método da pesquisa (auto)biográfica.

Em 2017, na reta final para a finalização da dissertação, já terminando as transcrições das entrevistas, ainda participei do evento: V Simpósio de Pós-Graduação em Educação da UERN, apresentei trabalho e participei do evento como um todo, foi ótimo, com palestras edificantes. chegou o tão esperado dia. O dia da apresentação da dissertação para a banca avaliadora, consegui levar minha família para assistir a defesa e foi muito emocionante, não tenho palavras para definir esse momento de tão importante que ele é na construção do ser, da pessoa que eu me tornei. Culminado com a conclusão do Mestrado Acadêmico em 2017, com a apresentação e aprovação, com louvor, no POSEDUC/UERN da Dissertação: ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO ESCOLAR: Estudo realizado com jovens do Agreste Potiguar através de Narrativas Autobiográficas. Através dos estudos efetuados durante o curso, fui entendendo minha própria história, o meu percurso educativo, tudo isso através da história do outro, compreendendo as realidades sociais dos outros e a minha, afinal, “Ao narrar a sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências, e nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011).

O curso ofertado pelo POSEDUC me propiciou muitas vivências novas, operando mudanças em mim e no meu modo de ver os caminhos percorridos e os caminhos ainda a serem percorridos, a conclusão do Mestrado é mais uma etapa vencida nesse caminho de escolarização trilhado por mim, na busca dessa longevidade escolar. Finalizada essa etapa, finalizado o Mestrado, porém não penso em parar, pesquisar me fez ver caminhos antes não vistos e

oportunidades de aprendizados muito interessantes, visto que aprendemos um pouco a cada dia, com a nossa história e com a história do outro. Posso me considerar um caso de sucesso escolar, visto que na família ninguém tinha ido tão longe, e o POSEDUC/UERN tem o seu lugar de honra na minha história, assim, como eu, sou muito honrada em fazer parte da história do POSEDUC/UERN, e quem sabe ainda continuar os estudos em outra perspectiva. Por fim, encerro essa narrativa com agradecimentos sinceros a todos que compõe a equipe do POSEDUC, desde o meu orientador, Professor Doutor Joaquim Barbosa e a todos os professores Doutores que compartilharam comigo do seu saber, contribuindo, assim, para meu percurso formador. Tenho uma história de vida bonita, sempre penso que não mudei muito, só cresci como pessoa, aprendi muito e superrei diversos obstáculos. Para as pessoas que não me entendem, que me chamam de louca por gostar de estudar, eu apenas respondo: “Eu não tenho tempo, não tenho limite, não tenho idade; eu sou o que eu quero ser, no meu tempo, no meu limite, na minha idade”.

477

Referências

AZEVEDO, Zenileide Rejane. BARBOSA, Joaquim Gonçalves. *ENSINO PROFISSIONALIZANTE E SUCESSO ESCOLAR: Estudo realizado com jovens do Agreste Potiguar através de Narrativas Autobiográficas*. Dissertação de Mestrado. POSEDUC/UERN. Mossoró/RN. p. 138. 2017.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. HESS, Remi. *O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.

GUSDORF, G. Lingnes de vie. Auto-bio-graphie. Paris: Odile Jacob, 1991. In: JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 90-113.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *A experiência em formação*. Revista Educação. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

